

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOCY GRACE PEREIRA SOARES

**O FENÔMENO SOCIAL CHAMADO VIOLÊNCIA SEXUAL: uma realidade de  
muitas crianças e adolescentes brasileiros.**

SÃO LUÍS – MA

2017

JOCY GRACE PEREIRA SOARES

**O FENÔMENO SOCIAL CHAMADO VIOLÊNCIA SEXUAL: uma realidade de  
muitas crianças e adolescentes brasileiros.**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como pré-requisito para a conclusão de curso (Monografia).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Claudia Aline Soares Monteiro.

SÃO LUÍS – MA

2017

JOCY GRACE PEREIRA SOARES

**O FENÔMENO SOCIAL CHAMADO VIOLÊNCIA SEXUAL: uma realidade de  
muitas crianças e adolescentes brasileiros.**

Monografia apresentada à Universidade  
Federal do Maranhão – UFMA, como pré-  
requisito para a conclusão de curso  
(Monografia).

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Cláudia Aline Soares Monteiro (Orientadora)

Doutora em Psicologia (UnB)

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof<sup>ª</sup>. Yram de Olinda Neves Miranda

Mestra em Ciências Empresariais (UFP – Universidade Fernando Pessoa)

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Marcio José de Araújo Costa

Doutor em Psicologia Social (UERJ)

Universidade Federal do Maranhão

---

Prof. Dr. Francisco de Jesus Silva de Sousa (Suplente)

Doutor em Psicologia Social (UERJ)

Universidade Federal do Maranhão

*Aos meus pais, José Raimundo Soares e Alciêne Pereira, por todo amor e esforço dedicados, meus exemplos de persistência e sabedoria.*

*À todos os jovens que fizeram parte do projeto Vira Vida, em especial aos alunos das turmas VV3, VV4 e VV5 de São Luís/MA, que acreditaram em si mesmos, enfrentaram os desafios diários com garra e conseguiram ter suas vidas transformadas.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Raimundo Soares e Alciêne Pereira, seres humanos de uma luz tão linda que, todos os dias, contribuem para eu me tornar uma pessoa melhor, motivando-me a viver intensamente em busca de meus objetivos.

A meu irmão, Ryan Gabriel, pelos bons momentos juntos, pelo companheirismo e pelas longas noites em claro ao meu lado, ajudando de sua maneira, a me manter firme e disposta a concluir mais essa fase de minha vida.

A todos os meus fiéis amigos que sempre estiveram na torcida, não me deixando desistir, em especial, a Isabelle Myzmann, Ilana Dandara, Laice Miranda, Camila Fernandes, Lidiane Collares, Kássia Danielle, Adriano Sousa e Maria Eduarda.

À Marcio Vinhais, Rosângela Alves, Fabíola Soares, Ana Paula Rabut, Huaina Ribeiro, Felipe Souza, Danielle Silva, Fábila Elina e Valéria Pereira – equipe do Vira Vida em São Luís/MA que me acolheu, ensinou e, sem dúvida, permitiu-me vivenciar uma das maiores experiências da minha vida, tanto pessoal quanto profissionalmente. Serei eternamente grata a todos.

Aos alunos do Vira Vida de São Luís/MA que me deixaram fazer parte de suas histórias de vida, permitiram-me conhecê-los e, acima de tudo, fizeram-me sentir querida e amada numa relação de reciprocidade. Aprendi muito com cada um. Jamais esquecerei o que vivi com todos.

À Prof<sup>ª</sup>. Claudia Aline Soares Monteiro por aceitar o meu convite e o desafio em construir esse trabalho, sensibilizando-se com as histórias desses jovens e me orientando de forma exemplar a respeito de uma temática tão complexa e intensa. Sou grata pela confiança e pela disponibilidade dedicada, haja vista o nosso pequeno contato durante o meu percurso acadêmico no curso de Psicologia.

Aos demais membros da banca, Prof<sup>ª</sup>. Yram Miranda, Prof. Márcio Costa e Prof. Francisco Sousa que reservaram e dedicaram seu tempo para contribuir com esse estudo.

A todos os professores do curso de Psicologia da UFMA, bem como aos servidores da Coordenação e do Departamento de Psicologia, em especial, Zilfa e Valdir, pela paciência e apoio em prol de me ajudar na resolução de pendências e sempre orientar da melhor forma possível.

E finalmente agradeço a Deus, pela inspiração e por todas as bênçãos proporcionadas à minha vida e à minha família.

*“Gente não nasce pronta e vai se desgastando;  
gente nasce não pronta, e vai se fazendo.”*

*Mario Sergio Cortella*

## RESUMO

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um tema que tem se tornado presente em diversas discussões no âmbito internacional e nacional, por representar uma violação dos direitos da população jovem. É um fenômeno social complexo e multidimensional que impacta diretamente no desenvolvimento humano. Por essa razão, o objetivo geral dessa pesquisa consistiu em analisar as implicações psicossociais da violência sexual sofrida na infância e/ou na adolescência para o desenvolvimento de adolescentes e jovens atendidos no Projeto Vira Vida/SESI. O referencial teórico utilizado para análise teve como fundamento os pressupostos da Psicologia Sócio-histórica e a teoria de Paul B. Baltes acerca do desenvolvimento ao longo da vida. Essa pesquisa documental foi realizada a partir da análise de conteúdo de doze relatos, reunidos em uma obra intitulada “VIRAVIDA: Histórias de Vidas Transformadas” do ano de 2013, em que jovens que sofreram violência sexual durante a sua infância e/ou adolescência contaram um pouco de suas histórias. Duas categorias emergiram da análise destes depoimentos: o reflexo da violência sexual no (e para) o processo de desenvolvimento e a realidade social de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual. Com a realização desse estudo, foram identificadas as implicações que essa prática ilegal provoca na vida das vítimas, representando marcas que, em muitos casos, são difíceis de superar, impactando no crescimento desses jovens e tendo reflexos em todas as suas relações sociais. Pode-se compreender a relação dessa problemática com o processo de exclusão social à medida que se analisou pontos como estrutura familiar e qualidade de vida desses jovens, assim como a falta de oportunidades que representem alternativas de mudança de vida. Observou-se, ainda, a questão do processo de construção identitária em meio à realidade social em que as vítimas de violência sexual (sobre)vivem.

**Palavras-chave:** Violência sexual. Crianças e adolescentes. Psicologia Sócio-Histórica. Vira Vida. Exclusão social. Construção identitária.

## ABSTRACT

Sexual violence against children and adolescents is a topic that has become present in many discussions at the international and national levels, since it represents a violation of the rights of the young population. It is a complex and multidimensional social phenomenon that directly impacts human development. For this reason, the general objective of this research was to analyze the psychosocial implications of sexual violence suffered in childhood and / or adolescence for the development of adolescents and young people assisted in the Vira Vida / SESI Project. The theoretical framework used for analysis was based on the assumptions of Socio-historical Psychology and Paul B. Baltes' theory about lifelong development. This documentary research was carried out from the content analysis of twelve reports, gathered in a work entitled "VIRAVIDA: Stories of Transformed Lives" of the year 2013, in which young people who suffered sexual violence during their childhood and / or adolescence counted a Bit of their stories. Two categories emerged from the analysis of these testimonies: the reflection of sexual violence in (and for) the development process and the social reality of children and adolescents victims of sexual violence. With the accomplishment of this study, the implications that this illegal practice provoke in the life of the victims were identified, representing marks that, in many cases, are difficult to surpass, impacting in the growth of these young people and having reflexes in all their social relations. We can understand the relationship between this problem and the process of social exclusion as we analyzed aspects such as family structure and quality of life of these young people, as well as the lack of opportunities that represent alternative life-changing. It was also observed the question of the process of identity construction in the midst of the social reality in which the victims of sexual violence (about)live.

**Keywords:** Sexual violence. Children and adolescents. Socio-Historical Psychology. Vira Vida. Social exclusion. Identity construction.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	Número de reclamações por divisão regional .....	25
Gráfico 2	Faixa etária das vítimas .....	26
Gráfico 3	Denunciados – Autores da violação .....	26
Quadro 1	PNEVSIJ – Eixo Prevenção .....	40
Quadro 2	PNEVSIJ – Eixo Atenção .....	40
Quadro 3	PNEVSIJ – Eixo Defesa e Responsabilização .....	41
Quadro 4	PNEVSIJ – Eixo Participação e Protagonismo .....	42
Quadro 5	PNEVSIJ – Eixo Comunicação e Mobilização Social .....	42
Quadro 6	PNEVSIJ – Eixo Estudos e Pesquisas .....	43
Figura 1	Projeto Rompendo o Silêncio .....	46
Figura 2	Fluxo de Atenção à Criança e ao Adolescente em situação de Violência Sexual de São Luís/MA .....	48
Tabela 1	Órgãos e os serviços realizados na área da Justiça e da Defesa de Direitos. ....	49
Tabela 2	Órgãos e os serviços realizados na área da Saúde .....	50
Tabela 3	Órgãos e os serviços realizados na área da Assistência Social .....	51
Tabela 4	Órgãos e os serviços de iniciativa privada de assistência às vítimas de violência sexual infantojuvenil. ....	52
Tabela 5	Órgãos e os serviços educacionais e do turismo que apoiam as vítimas de violência sexual infantojuvenil .....	53
Figura 3	Estrutura da Tecnologia Social Vira Vida. ....	56
Figura 4	Estrutura da Tecnologia Social Vira Vida. ....	58
Figura 5	Eixos formativos da Tecnologia Social Vira Vida.....	62
Figura 6	Modelo de matriz curricular proposta pelo programa Vira Vida.....	63
Figura 7	Atividades atribuídas ao técnico de empregabilidade do Programa Vira Vida ....	67
Quadro 7	Total de entrevistas realizadas pelo projeto VIRAVIDA .....	86
Quadro 8	Estrutura do Livro “VIRAVIDA: História de vidas transformadas” .....	87
Quadro 9	Capítulo 1 – Guerreiros: Nome fictício, gênero e orientação sexual.....	87
Quadro 10	Capítulo 1 – Guerreiros: Nome fictício, gênero e orientação sexual.....	88
Quadro 11	Apresentação das Categorias Finais, derivadas das Categorias Iniciais. ....	90

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**CDMP** - Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente Pe. Marcos Passerini

**CODEPPS** – Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde

**CONANDA** - Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente

**CMPMEVSCA-SLSMA** - Comitê de Monitoramento do Plano Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes de São Luís – Maranhão

**ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente

**ESCCA** - Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes

**PNEVSIJ** - Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil

**SDH** - Secretaria Especial de Direitos Humanos da República Federativa do Brasil

**SESI-CN** - Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria

**SINASE** - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

**SGD** - Sistema de Garantia de Direitos

**TEORIA SOC** - Teoria de seleção, otimização e compensação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: QUESTÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS NA CONTEMPORANEIDADE. ....</b>	<b>17</b>
2.1	Então o que é ser criança? O que vem a ser adolescência? .....	17
2.2	A Teoria do Desenvolvimento ao longo de toda a vida de Paul Baltes .....	20
2.3	Violência infantojuvenil e suas diversas expressões. ....	23
2.3.1	<i>A violência sexual em suas diversas formas .....</i>	<i>24</i>
2.3.1.1	<i>O abuso sexual.....</i>	<i>27</i>
2.3.1.2	<i>A exploração sexual comercial .....</i>	<i>30</i>
2.4	Publicações sobre a temática da violência sexual .....	32
<b>3</b>	<b>O SERVIÇO DE PROTEÇÃO E AS POLÍTICAS VOLTADAS PARA VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTOJUVENIL .....</b>	<b>34</b>
3.1	Legislações de proteção, assistência e cuidado à infância e à adolescência. ....	34
3.2	Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil (PNEVSIJ).....	38
3.3	O Sistema de Atendimento a Casos de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes e suas famílias em São Luís/MA. ....	44
3.3.1	<i>O fluxo e a matriz de órgãos e serviços de atenção a crianças e adolescentes e suas famílias em situação de violência sexual de São Luís/MA. ....</i>	<i>47</i>
<b>4</b>	<b>TECNOLOGIA SOCIAL VIRA VIDA .....</b>	<b>55</b>
4.1	Articulações e mobilizações.....	57
4.2	Inserção de candidatos .....	59
4.3	Processo Socioeducativo .....	61
4.4	Mundo do trabalho .....	66
<b>5</b>	<b>A PSICOLOGIA SOCIAL FRENTE AOS PROBLEMAS SOCIAIS. ....</b>	<b>69</b>
5.1	O processo identitário.....	69
5.2	Identidade e exclusão social. ....	74
<b>6</b>	<b>DESCRIÇÃO DA PESQUISA .....</b>	<b>82</b>
6.1	Informações e fontes .....	82
6.2	Instrumento e procedimentos de análise.....	82
6.3	Referencial teórico de análise .....	84

6.4	Cuidados éticos .....	85
7	RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	86
7.1	Seleção e caracterização do material.....	86
7.2	Categorização dos relatos .....	89
7.3	Inferência e interpretação dos dados categorizados.....	90
7.3.1	<i>O reflexo da violência sexual no (e para) o processo de desenvolvimento .....</i>	<i>91</i>
7.3.2	<i>A realidade social de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual.....</i>	<i>95</i>
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	105
	REFERÊNCIAS .....	108
	APÊNDICES.....	113
	ANEXOS.....	121

## 1 INTRODUÇÃO

Relatos como *“Por que você está fazendo isso comigo? (Julia, 8 anos)”*, *“Eu não pedi pra ele tocar em mim. (Alice, 10 anos)”*, *“Mas eu não pedi pra isso acontecer. (Marcos, 9 anos)”*, *“Eu fui tão machucada que tenho medo de ficar perto das pessoas (Luana, 6 anos)”*, *“Ele dizia: agora eu posso fazer o que eu quiser, porque a sua mãe não acreditou em você. (Carlos, 14 anos)”* fizeram parte de uma campanha iniciada em 2014 (e que prolongou durante todo esse ano e meados de 2015) pelo Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA) Interlagos, como forma de mobilizar e sensibilizar a população paulista acerca do silêncio que perpetua a violência sexual infantojuvenil. Violação esta que representa a realidade de muitas crianças e adolescentes espalhados em todo o Brasil.

Conforme dados do Disque 100, um serviço do governo federal brasileiro voltado para denúncias acerca de violações dos direitos humanos, entre o mês de janeiro e abril do ano de 2016, foram registradas quase cinco mil denúncias acerca do abuso e da exploração sexual de crianças e adolescentes, trazendo à tona a dimensão dessa problemática, pois, mesmo com a redução desse número em comparação com o apresentado no mesmo período no ano anterior (6.203 denúncias), há de se ressaltar os inúmeros casos em que a revelação não acontece e o silêncio ainda prevalece. Cenário este que, com imensa comoção e repulsão, comprova a presença marcante desse problema social no cotidiano brasileiro e nas relações sociais.

A violência sexual contra crianças e adolescentes representa uma transgressão dos direitos da população jovem, deixando sequelas profundas no processo de desenvolvimento das vítimas. Sendo um fenômeno mundial e social de grande complexidade, cuja manifestação ocorre em todos os lugares (comunidade, escola, família, instituições socioeducativas), independentemente de gênero, raça/etnia, orientação sexual e classe social, observa-se que a sua expressão tem demandado reflexões teóricas e conceituais no âmbito internacional e nacional (SANTOS, 2011), o que inclui a criação de leis e o desenvolvimento de políticas, programas e serviços direcionados ao enfrentamento dessa problemática.

Como avanços significativos frente ao combate e enfrentamento desse ato ilegal, destaca-se o dia “18 de maio” intitulado como o “Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes” a partir da aprovação da Lei Federal nº. 9.970/2000, em decorrência de um caso em que uma menina de oito anos foi sequestrada, violentada e cruelmente assassinada no Espírito Santo, cujos agressores nunca sofreram a devida punição, mesmo completados quarenta e três anos do ocorrido.

Além da punição dos culpados, outro ponto que merece destaque, e que norteia essa temática, consiste na importância voltada para o apoio e resgate das vítimas, exigindo sensibilidade e um cuidado especial, à medida que se apreende a reintegração social das mesmas como um processo complexo e doloroso por envolver exposição, medo, vergonha, recordação e até mesmo sentimento de culpa, ao se levar em consideração as diversas formas e situações em que a violência sexual acontece.

A motivação para a elaboração de um trabalho voltado para esse tema partiu de três experiências marcantes em minha vida: um filme, um livro e uma vivência de estágio. A primeira consistiu em uma cena do filme *“O caçador de pipas”*, no qual ocorre uma cena de estupro, fato que modifica radicalmente a amizade entre dois meninos: Amir e Hassan (filho de um empregado da família de Amir). Amir não possui uma relação tão afetuosa com seu pai, Baba, e sente ciúmes da relação de seu pai com Hassan, descobrindo, depois de adulto, que este é seu meio-irmão. Além disso, Hassan é um talentoso caçador de pipas e destaque no campeonato que marca o início do inverno em Cabul (capital do Afeganistão), apanhando as caídas como forma de exibi-las como troféu. Ao se tornar o vencedor do campeonato, Amir acaba conquistando credibilidade com seu pai. Por outro lado, um acontecimento marcou profundamente a relação de Amir com seu melhor amigo: ao correr para apanhar a última pipa, Hassan acaba sendo violentado por outro garoto, Assef. Amir ao ir em busca do seu amigo acaba testemunhando a violência, no entanto não tem coragem para intervir, preferindo manter segredo sobre o acontecimento, passando a sofrer com a culpa pela sua inatividade naquele momento. A partir disso, a relação de Amir com Hassan acaba tomando outro rumo e eles se afastam. Outra cena de abuso sexual também pode ser destacada no filme, pois, passados alguns anos, o filho de Hassan também acaba sendo vítima de violência sexual por Assef, então oficial do Taliban, que usa o garoto como escravo sexual e que Amir tenta resgatar e, com isso, libertar-se da culpa que carrega desde a infância. Nesse filme, o que me marcou foi a maneira como Hassan reagiu e se comportou depois do ato, foi algo perturbador e que me deixou incomodada e angustiada com tamanha crueldade para com uma criança, já que ele também não relatou para ninguém o que aconteceu, sofrendo calado com a sua dor.

O livro *“Meninas da Noite”* do jornalista brasileiro Gilberto Dimenstein representa uma forma de denúncia, um “mergulho” sobre a exploração sexual de meninas, na região norte e nordeste do Brasil. Por corresponder a um resultado de várias reportagens realizadas sobre a prostituição infantil, esse livro acaba por detalhar como é a vida real de meninas que entram nesse universo, o que as levou a optar por essa alternativa, os códigos e segredos da chamada “indústria de aliciamento”. Pode-se perceber que o detalhe de

informações que o livro proporciona, mesmo sendo publicado no ano de 1992, é de uma riqueza imensurável, com relatos marcados por ingenuidade e experiência. Depoimentos que chegam a emocionar e revoltar quando se coloca em pauta o “valor do corpo”.

Com relação ao terceiro ponto elencado como experiência impulsionadora desse trabalho destaco um estágio realizado na área de Psicologia Social em um projeto social chamado Vira Vida. Este foi criado em 2008 pelo Conselho Nacional do SESI e que até o ano de 2015 tinha sido implantado em dezenove Estados da Federação e do Distrito Federal (incluindo o Maranhão) e se constituído como uma oportunidade voltada a jovens vítimas de abuso e exploração sexual. Jovens que tiveram sua construção como sujeitos (e de direitos!) totalmente violada. Costumo dizer aos meus amigos e à minha família que a vivência obtida como estagiária nesse projeto foi a mais marcante em toda a minha formação acadêmica, haja vista a sensibilidade, a solidariedade e o amor envolvido mediante o drama e o sofrimento de jovens carentes de afeto e de perspectivas. O Vira Vida acaba representando uma nova família (ou mesmo, A família) que muitos não tiveram ou não puderam desfrutar.

São inúmeras as histórias que eu poderia citar aqui, mas, vou me restringir a uma, a de uma garota que, juntamente com a sua irmã, foi abusada sexualmente pelo pai quando ela tinha nove anos de idade. Apesar de não ter tido repercussão estadual e/ou nacional, assim como muitas outras, impactou e marcou profundamente a minha vida.

Certo dia, durante a realização de uma atividade denominada “Masculino e Feminino”, na qual orientávamos os jovens a se colocarem e, por conseguinte, apresentarem-se como sua mãe e seu pai, mencionando o que eles haviam herdado deles, eu, a psicóloga e a assistente social fomos surpreendidas pela iniciativa e coragem de uma menina a participar e compartilhar aquele momento com todos os outros colegas da turma dela, já que não era uma imposição e, muito menos, uma obrigação ir à frente e contar um pouco sobre si. Nós da equipe já sabíamos um pouco sobre como as coisas aconteceram, tendo em vista que tanto a instituição encaminhadora tinha explicado como a própria menina havia colocado na entrevista para a sua inserção no projeto. No entanto, naquele dia e a forma como ela mencionou o ocorrido foi uma situação angustiante e dolorosa, até mesmo para quem estava ouvindo.

Ela se levantou, direcionou-se para o centro do círculo e falou: *“Eu sou fulano de tal (pai dela), tenho tantos anos, fiz muito mal para minhas filhas (e começou a chorar)... primeiro eu fui preso na frente das minhas filhas. Ai eu fui solto e machuquei bastante as minhas filhas... Hoje eu sou fugitivo, não tenho lugar pra morar e fico me escondendo...”*. Em seguida ela se apresentou como a mãe. A última parte consistia em afirmar o que havia

herdado de cada um deles e colocou: *“Eu não sei o que herdei do meu pai. E eu não quero herdar nada dele. A única coisa que sei é que eu o perdoo. Não quero guardar mágoas dele!”*. A partir dessa declaração, uma explosão de sentimentos me envolveu naquele momento. Ao mesmo tempo em que sentia vontade de chorar (e afirmo que o fiz de forma discreta) por ter diante de mim um ser humano sensível, inocente e devastado, fiquei horrorizada e revoltada com tamanha injustiça e crueldade, além de impactada e admirada com a possibilidade do perdão, da vontade ou necessidade de não querer viver com aquela mágoa e aquele rancor. Seja como uma forma de “viver em paz e tentar esquecer o passado”, seja pela simples capacidade de perdoar de verdade, o que representa, hoje em dia, uma característica peculiar de poucos seres humanos.

Este relato, assim como inúmeros outros que eu pude ter conhecimento, despertou em mim muitas inquietações, angustias e interesse em investigar sobre a violência sexual de crianças e adolescentes, buscando dar voz a essas vítimas que permanecem em silêncio, sofrem e são obrigadas a conviver com essa situação extrema, tornando-se “invisíveis aos olhos” da sociedade. Uma sociedade baseada por relações pautadas em uma desigualdade de poder em todos os sentidos.

A partir desse contexto, não restam dúvidas de que violações como essas precisam, cada vez mais, serem denunciadas, ainda mais quando se coloca em discussão, por exemplo: como as pessoas identificam os sinais da agressão sexual em uma criança, se ainda há o mito de que criança mente? Como um adolescente vai ter coragem de denunciar o autor de um abuso sexual, sendo este um membro de sua família (pai, padrasto, avô, etc.), sem o apoio merecido, sem achar que vai perder seus pais ou causar discórdia no contexto familiar? Como um jovem que vive há muito tempo na exploração sexual vai conseguir se relacionar afetivamente com alguém, sem achar que este vai querer algo em troca? Ou ainda, como este jovem vai acreditar que ele não se resume a “essa vida” e que tem um grande potencial a ser descoberto? Enfim, quais são as oportunidades de mudança que as vítimas da violência sexual possuem? Essa situação é reversível ou não?

Esses pontos, além de trazerem à tona o caráter complexo, delicado e polêmico dessa temática, embasaram o seguinte questionamento: quais são as implicações psicossociais da violência sexual sofrida na infância e/ou na adolescência para o desenvolvimento de uma pessoa?

Por meio dessa inquietação, objetiva-se neste trabalho analisar as implicações psicossociais da violência sexual sofrida na infância e/ou na adolescência para o desenvolvimento de adolescentes e jovens atendidos no Projeto Vira Vida/SESI. Como



objetivos específicos, têm-se: descrever as diversas formas de violência sexual contra criança e adolescente; apresentar o sistema de atenção e atendimento às vítimas de violência sexual; analisar aspectos afetivos, emocionais e sociais da história de vida de jovens – alunos egressos do Projeto Vira Vida/SESI – que tiveram sua construção marcada pelo abuso e/ou pela exploração sexual.

Metodologicamente, esse trabalho corresponde a uma pesquisa documental, cujo material analisado, por meio da técnica denominada Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), foi composto por depoimentos de jovens presentes no livro “**VIRAVIDA: Histórias de Vidas Transformadas**” do ano de 2013. Esses jovens, além de vítimas da violência sexual durante a sua infância e/ou adolescência, fizeram parte do projeto social intitulado VIRAVIDA, uma iniciativa privada do Conselho Nacional do SESI direcionado ao atendimento à vítimas dessa problemática.

Quanto à organização da pesquisa, para um melhor entendimento do tema proposto, dividiu-se o trabalho em nove capítulos, estruturados da seguinte forma: inicialmente, tem-se a apresentação do tema de estudo. Em seguida, realiza-se uma caracterização acerca do que se trata a violência sexual infantojuvenil e todas as suas formas de expressão, destacando, ainda, conceitos sobre criança e adolescentes e, trazendo de forma sucinta, a teoria do desenvolvimento de Paul Baltes. O capítulo subsequente aborda o serviço de proteção e as políticas voltadas para as vítimas desse problema social, com ênfase nas legislações, no plano nacional de enfrentamento, no sistema de atendimento e no fluxo e na matriz de órgãos e serviços direcionados a esse público na cidade de São Luís/MA. O quarto capítulo destaca o projeto social VIRAVIDA e toda a sua estrutura frente ao combate e atendimento de jovens vítimas de abuso e/ou exploração sexual. Em seguida, realiza-se uma leitura acerca da Psicologia Social, dando ênfase aos construtos identidade e exclusão social. Posteriormente, há a descrição da pesquisa, explicando a metodologia utilizada. No sétimo capítulo, apresentam-se os resultados obtidos. O oitavo capítulo consiste nas considerações finais feitas sobre o tema estudado. E finalmente, têm-se as referências utilizadas.

Diante do exposto, faço um convite à reflexão sobre o tema da violência sexual, a partir do olhar e do relato de quem teve sua história de vida construída em meio a essa situação.

## **2 A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: QUESTÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS NA CONTEMPORANEIDADE.**

Mobilizar a sociedade em prol do combate contra a incidência da violência sexual infantojuvenil requer a ampliação do conhecimento acerca do que esse problema social, de fato, representa, assim como as formas como ele se manifesta no cenário brasileiro, e mesmo mundial.

Com base nisso, o presente capítulo tem como propósito, inicialmente, trazer a discussão sobre a ideia de criança e adolescente para, em seguida, discorrer sobre a violência sexual.

### **2.1 Então o que é ser criança? O que vem a ser adolescência?**

A construção da concepção de criança e de adolescente advém de diferentes pontos de vista. Por representarem etapas distintas do desenvolvimento humano, observa-se que a idade cronológica, a concepção, o papel e a própria vivência apresentam variações que vão se atualizando e, conseqüentemente, modificando-se de sociedade em sociedade, e dentro destas, de pessoa para pessoa.

Partindo-se da ideia de que infância e adolescência são categorias construídas historicamente, verifica-se que, nem mesmo em se tratando de limites cronológicos, há um consenso acerca das idades, sendo um elemento insuficiente para caracterizar a infância e a adolescência. Por exemplo, de acordo com o 2º artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Ministério da Saúde do Brasil e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) consideram que criança vai até os 10 anos e a adolescência vai dos 10 aos 20 anos, aproximadamente (SCHOEN-FERREIRA E COL, 2010). Já para Papalia (2013) a infância vai até os 11 anos, enquanto a adolescência compreende o período entre as idades de 11 a 19 ou 20 anos.

O mesmo se constata mediante a discussão sobre as diversas concepções apresentadas à ideia de criança e de adolescente. Tomando como referência a visão que a maioria possui, isto é, o senso comum, Frota (2007) elucida de forma brilhante que

De um modo geral, existe a compreensão de que ser criança resume-se em ser feliz, alegre, despreocupado, ter condições de vida propícias ao seu desenvolvimento, ou seja, a infância é considerada o "melhor tempo da vida". Já a adolescência se configura como um momento em que, naturalmente, o indivíduo torna-se alguém muito chato, difícil de se lidar e que está sempre criando confusão e vivendo crises. (FROTA, 2007, p.148)

No entanto, sabe-se que, na realidade, não é exatamente assim que acontece, principalmente, quando se apreende a distinção entre infância e criança, e adolescência de adolescente. Tanto infância quanto adolescência equivalem a construtos sociais sobre as idades da vida, ao passo que criança e adolescente são sujeitos empíricos, concretos e que vivenciam experiências na sociedade (SANTOS, 2014).

Portanto, não restam dúvidas de que, infelizmente, nem todos os sujeitos empíricos conseguem desfrutar da relação infância-criança e adolescência-adolescente, pois, o que se tem presenciado consiste em cada vez mais “meninos e meninas na rua, esmolando, se prostituindo, sendo explorados no trabalho, sem tempo para brincar, sofrendo violências de todos os tipos” (FROTA, 2007, p. 148) e tendo seus direitos violados.

Cenário este que vai de encontro com a naturalização da adolescência, na qual se espera algumas condutas consideradas “normais”, isto é, onde se acredita que todos os indivíduos passem pelas mesmas situações (universais) desta fase tida como complicada, deixando de lado os aspectos peculiares pertencentes e vividos, por exemplo, a cada indivíduo em seu contexto social.

Para o olhar da psicologia sócio-histórica, a adolescência

[...] é vista como uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural. (BOCK, 2007, p. 68).

Ainda de acordo com a autora

[...] o jovem não é algo “por natureza”. Como parceiro social está ali, com suas características, que são interpretadas nessas relações; tem, então, o modelo para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, os jovens têm então a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual. [...] A abordagem sócio-histórica, ao estudar a adolescência, não faz a pergunta “o que é a adolescência”, mas “como se constituiu historicamente este período do desenvolvimento [...]”. (BOCK, 2007, p. 68).

Observa-se que, para a compreensão do fenômeno da adolescência, este período do desenvolvimento deve ser interpretado como um processo social e, a partir do momento em que se retoma a gênese histórica e seu desenvolvimento, serão obtidos subsídios para o entendimento de como ele aconteceu (ou acontece) para cada pessoa.

Não há nada de patológico; não há nada de natural. A adolescência é social e histórica. Pode existir hoje e não existir mais amanhã, em uma nova formação social; pode existir aqui e não existir ali; pode existir mais evidenciada em um determinado grupo social, em uma mesma sociedade (aquele que fica mais afastado do trabalho) e não tão clara em outros grupos (os que se engajam no trabalho desde cedo e adquirem autonomia financeira mais cedo). Não há uma adolescência, enquanto possibilidade de ser; há uma adolescência enquanto significado social, mas suas possibilidades de expressão são muitas. (BOCK, 2007, p. 70).

Ao trazer a reflexão sobre a concepção de infância e adolescência para o contexto brasileiro, percebe-se claramente a relação desses períodos do desenvolvimento com o contexto social e cultural tomado como referência, como bem sinaliza Fontes (2005 apud FROTA, 2007, p. 152), “a história da infância no Brasil se confunde com a história do preconceito, da exploração e do abandono, pois, desde o início, houve diferenciação entre as crianças, segundo sua classe social, com direitos e lugares diversos no tecido social”.

Cenário que foi se modificando lentamente ao longo dos anos, tendo como marco o século XX, no qual através da implementação da Lei Federal nº 8.069 de 13 de julho de 1990, ou seja, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990, a preocupação, a compreensão e o cuidado com as crianças e adolescentes passou a obter maior atenção, passando a ser um tema mais presente nas discussões sociais, exigindo a criação de leis e códigos de proteção e direitos para esse grupo etário, como bem estabelece o ECA em seu 3º artigo ao enfatizar que

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 1990a).

Como consequência, à medida que o sentimento de infância foi ganhando espaço, o entendimento acerca da adolescência também começou a ser explorado, pois, representando uma fase de transição que possui suas peculiaridades, a necessidade de se compreender não apenas sob a ótica do aspecto fisiológico veio à tona já que, de acordo com Frota (2007, p. 155) “ser adolescente é viver um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais”, por

envolver crises, cobranças, escolhas, responsabilidades frente a um papel a ser desempenhado na sociedade.

Ao se propor uma discussão relacionada ao desenvolvimento saudável do grupo etário infantojuvenil, faz muito sentido mencionar e apresentar a Teoria do Desenvolvimento ao longo de toda a vida de Paul Baltes (1939-2006) que apresenta novas perspectivas acerca da compreensão de aspectos específicos acerca do desenvolvimento humano, tomando como base o artigo de Neri (2006), em virtude das poucas publicações que apresentam de forma tão completa a teoria citada.

## **2.2 A Teoria do Desenvolvimento ao longo de toda a vida de Paul Baltes**

O paradigma lifespan, assim como é chamada a Teoria de Baltes, tem um caráter pluralista, dinâmico, contextualista e transacional à medida que

compreende o desenvolvimento como processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças orquestrados por influências genético-biológicas e sócio-culturais, de natureza normativa e não-normativa, marcado por ganhos e perdas concorrentes e por interatividade entre o indivíduo e a cultura. (BALTES; SMITH, 2004 apud NERI, 2006, p. 19).

Com isso, os princípios que norteiam o paradigma lifespan direcionam-se para o entendimento de que o desenvolvimento passa por uma sequência de mudanças que são graduadas por idade, mudanças graduadas por história e influências não-normativas. Compreender, portanto, que essas três influências atuam em conjunto na construção de regularidades (e irregularidades) e de diferenças individuais nas trajetórias de vida, representa o fundamento do paradigma lifespan.

Definidas como “eventos que tendem a ocorrer na mesma época e com a mesma duração para a maioria dos indivíduos” (NERI, 2006, p. 19), as influências normativas graduadas por idade estão relacionadas às interações entre o organismo e o ambiente e não com a passagem do tempo, como se pode pensar. Em outras palavras, estando os eventos graduados por idade ligados ao processo de socialização, infere-se que há o estabelecimento de tarefas evolutivas, expectativas sociais, ecologias específicas, papéis e competências sociais próprias a cada idade e, dependendo do contexto em que se analisa, a trajetória do desenvolvimento pode ser mais flexível ou não. Consistem nas mudanças genético-biológicas, portanto, previsíveis e vivenciadas ao longo das idades como a puberdade e o climatério, por exemplo.

As mudanças graduadas por história são as mudanças psicossociais advindas do processo de socialização em que as pessoas estão sujeitas e que Baltes e Smith (2004 apud NERI, 2006, p. 20) conceituam como “eventos macro-estruturais experimentados ao mesmo tempo por todos os componentes de uma dada coorte [...] co-variam sistematicamente com classe social, gênero e etnia”. Nesse grupo, podem ser citados o ingresso na escola, o namoro, o casamento etc.

Como influências não-normativas compreendem-se as alterações imprevisíveis pelo biológico e social, aqueles eventos que além de não atingirem, ao mesmo tempo, todos os indivíduos de um grupo etário, a potencialidade de seus efeitos varia em conformidade com a experiência de incontabilidade que implicam, isto é,

Sua época de ocorrência é imprevisível. Podem ser de caráter biológico ou societal. Interrompem a sequência e o ritmo do curso de vida esperado, geram condições de incerteza e desafio e impõem sobrecarga aos recursos pessoais e sociais. Seus efeitos de longo prazo variam de acordo com o significado do evento para o indivíduo, sua condição de enfrentamento e seus efeitos sobre o *status* funcional, os papéis sociais e o senso de identidade. (BALTES; SMITH, 2004 apud NERI, 2006, p. 20).

Neste grupo, enquadram-se a viuvez na idade adulta, as doenças, a morte precoce, o trabalho infantil, a gravidez na adolescência e a própria sexualidade, pois, de acordo com o Comitê de Monitoramento do Plano Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes de São Luís – Maranhão (CMPMEVSCA-SLSMA)

A sexualidade manifesta-se no ser humano como um fenômeno biológico, psicológico e social que influencia o seu modo de estar, compreender e viver o mundo como ser sexuado [...]. Os comportamentos e as práticas sexuais, os sentimentos e os desejos estão inseridos e são influenciados pela forma como as sociedades se organizam e pelas relações estabelecidas entre as pessoas que dela fazem parte. (CMPMEVSCA-SLSMA, 2014, p. 11).

Sem dúvida, as mudanças genético-biológicas tendem a ocorrer de forma “natural”, no entanto, a sexualidade sendo algo que implica em um desenvolvimento não só biológico, mas psicológico e social, força-nos a refletir o que já foi colocado no tópico acima, em se tratando da ideia de que nem todos os sujeitos empíricos vivenciam de forma benéfica e esperada a relação infância-criança e adolescência-adolescentes, ainda mais quando se toma como referência a problemática da violência sexual infantojuvenil e o processo de desenvolvimento saudável dos sujeitos com essa faixa etária.

Somando-se a isso, tem se verificado, por exemplo, o envolvimento cada vez mais expressivo de adolescentes buscando vivenciar sua sexualidade, já que nessa fase da vida os sujeito estão

em um período de dúvida e afirmação, precisam criar uma nova identidade que sirva para colocar-se nos **papéis sexuais**, profissionais, religiosos, entre tantos outros da vida adulta, o que os leva aos inevitáveis conflitos, principalmente em uma sociedade como a nossa, cuja cultura oferece uma gama de oportunidade e opções (CARDOSO ET AL, 2009, p. 36, grifo nosso).

Dessa forma, levando-se em consideração que o desenvolvimento humano vai se direcionando em conformidade com a alocação de recursos nos diferentes momentos da vida, ocorrendo de forma bem sucedida ou não, o que cabe mencionar a relevância de dois conceitos propostos pela Teoria de Baltes, objetivando contribuir significativamente para esse estudo: a plasticidade comportamental e a Teoria de seleção, otimização e compensação (Teoria SOC).

Em conformidade com Baltes (1990 apud NERI, 2006, p. 21) “os ganhos e as perdas evolutivas são resultantes da interação entre os recursos da pessoa com os recursos do ambiente, em um regime de interdependência”, logo, ainda em um contexto marcado pela falta de perspectiva e oportunidades, pode-se identificar o potencial de mudança de um indivíduo e a sua flexibilidade para lidar com novas situações, o que o autor denominou de plasticidade comportamental.

O mesmo se observa se tomarmos como referência a Teoria SOC, pois, à medida que um indivíduo se ajusta ou desenvolve novas metas (seleção) através da aquisição e manutenção de recursos próprios e ambientais (otimização), adotando alternativas (compensação) como forma de sobrevivência e/ou estratégia de manejo de vida frente à sua história de vida marcada pela exclusão, preconceito e discriminação, na qual o que se espera dele, por exemplo, como pertencente a um determinado grupo social (filho de negro e pobre) são comportamentos inadequados (roubar, furtar, cometer homicídio, prostituir-se etc.), evidencia-se a sua potencialidade para enfrentar essa realidade, buscando mudar esse contexto e desconstruir essa “condição preestabelecida” pela sociedade.

De fato, não podemos generalizar essa postura, haja vista que optar pela mudança não consiste em algo imposto e obrigatório, e sim uma decisão individual. No entanto desmerecer, desacreditar e, com isso, não proporcionar possibilidades para que alguém possa tentar se reconstruir e enxergar suas habilidades que até então estavam “adormecidas” e desconhecidas equivale a um ato de hipocrisia e ignorância.

Feito esse paralelo, discutir-se-á, a partir de agora, sobre a violação dos direitos de crianças e adolescentes a fim de trazer à tona as diversas formas de expressão desse comportamento incorreto e ilegal, destacando um tipo específico de violência, a sexual, buscando, assim, proporcionar mais clareza e seriedade a essa questão.

### **2.3 Violência infantojuvenil e suas diversas expressões.**

Analisar a temática da violência contra crianças e adolescentes consiste em observar que esse fenômeno social e cultural tem ultrapassado civilizações e, conseqüentemente, a trajetória humana. Representando, ainda, uma realidade para muitos sujeitos desses grupos etários.

As formas mais cruéis e as mais sutis se expressam de maneira diversa, diante das características próprias de cada sociedade. Tomando como exemplo o contexto brasileiro, Minayo (2001) classifica esse tipo de violência em estrutural, social e delinquencial.

No Brasil podemos distinguir uma violência estrutural, cujas expressões mais fortes são o trabalho infantil, a existência de crianças vivendo nas ruas e em instituições fechadas; uma violência social, cujas mais vivas expressões se configuram na violência doméstica; uma violência delinquencial, na qual as crianças são vítimas e atores. (MINAYO, 2001, p. 91).

Conforme o autor em referência, a violência estrutural está relacionada às decisões histórico-econômicas e sociais que incidem diretamente sobre a condição de vida das crianças e adolescentes, isto é, seu crescimento e desenvolvimento, expressando-se através dos chamados “meninos e meninas de rua”, a exploração do trabalho infantil e a institucionalização de crianças e adolescentes.

Já a violência delinquencial direciona-se ao cumprimento de medidas socioeducativas em decorrência de mau comportamento, a infrações como tráfico de drogas, consumo de álcool, roubos/furtos, crimes violentos, dentre outros (MINAYO, 2001).

Em se tratando da violência social, também conhecida como violência doméstica e violência intrafamiliar, corresponde à violação dos direitos das crianças e adolescentes em sua esfera privada, manifestando-se em quatro expressões: violência física, negligência, violência psicológica e violência sexual (MINAYO, 2001).

Como violência física, tem-se “o uso da força física de forma intencional, não acidental, praticada por pais, responsáveis, familiares ou pessoas próximas, com o objetivo de ferir, provocar dano ou levar a criança ou o adolescente à morte, deixando ou não marcas



evidentes” (CODEPPS, 2007, p. 15). Ou, conforme Minayo (2001), a violência física compreende o uso da força física contra a criança e o adolescente objetivando causar desde leve dor à tentativa ou execução do homicídio, incluindo danos e ferimentos de média gravidade como fraturas, lesões, queimaduras, mutilações dos membros que podem implicar em invalidez permanente ou temporária.

A negligência diz respeito a “uma omissão em relação às obrigações da família e da sociedade de proverem as necessidades físicas e emocionais de uma criança” (MINAYO, 2001, p. 97), compreendendo privação de alimentos, vestimentas, cuidados escolares, afeto, atenção, apoio emocional, etc., sendo a expressão extrema de negligência, o abandono (CODEPPS, 2007).

A violência psicológica, que também é nomeada de tortura psicológica (Minayo, 2001), caracteriza-se por “toda forma de submissão da criança ou adolescente aos pais ou responsáveis por meio de agressões verbais, humilhação, desqualificação, discriminação, depreciação, culpabilização, responsabilização excessiva, indiferença ou rejeição” (CODEPPS, 2007, p. 17). Os maus tratos psicológicos, sem dúvida, implicam em consequências agravantes direcionadas ao crescimento e desenvolvimento podendo ocasionar depressão, baixa autoestima, tendências suicidas, dentre outras.

A última forma de violência doméstica a destacar consiste na violência sexual. Esta é conceituada por Minayo (2001, p. 97) como a “que se configura como todo ato ou jogo sexual, relação hétero ou homossexual entre um adulto (ou mais) e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimulá-los sexualmente e obter estímulo para si ou outrem”. Subdividindo-se em abuso sexual e exploração sexual (prostituição, pornografia e turismo).

### ***2.3.1 A violência sexual em suas diversas formas***

Representando uma violação dos direitos humanos, a violência sexual contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo quando se pensa nas múltiplas determinações que levam à sua prática, bem como na magnitude de seus danos, pois, como bem coloca Santos (2011)

A violência sexual é uma ameaça à sobrevivência, ao bem-estar e ao futuro de crianças e adolescentes e pode trazer graves consequências para seu desenvolvimento, sua saúde e sua capacidade de aprendizagem. Crianças e adolescentes são mais suscetíveis à violência sexual pelo simples fato de serem crianças e adolescentes, mas algumas dessas pessoas são ainda mais vulneráveis por

serem meninas pobres e/ou negras ou por terem deficiências. Quando crianças ou adolescentes sofrem qualquer tipo de violência e não recebem ajuda por parte da comunidade, da escola, ou mesmo da sociedade, internalizam a concepção de que a agressão é algo aceitável, assim perpetuando a espiral da violência. (SANTOS, 2011, p. 14)

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) também se posiciona, declarando

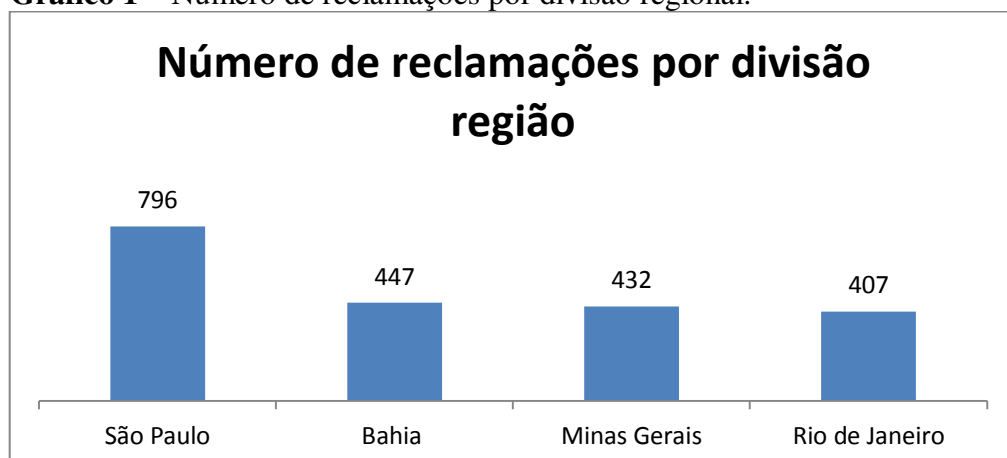
Dentre as formas de violência contra crianças e adolescentes, a mais perturbadora é, inegavelmente, a violência sexual, que, embora identificada com fenômeno antigo, só passou a ser considerada problema social a partir do século XX, quando foi inserida no contexto dos direitos humanos e considerada responsável por sérias consequências, como o comprometimento do desenvolvimento físico, psicológico e social de suas vítimas (CFP, 2009, p. 36).

Dito isto, a violência sexual

[...] costuma ocorrer de forma silenciosa e omitida tanto pelo agressor como pela vítima e muitas vezes pela própria família. Ela é muito mais frequente do que se imagina, do que costuma ser divulgado pelos meios de comunicação e pelo que as estatísticas sobre o assunto nos demonstram. (CARDOSO ET AL, 2009, p. 34).

Com relação a este último ponto, a Secretaria Especial de Direitos Humanos da República Federativa do Brasil (SDH) ao divulgar os números desse tipo de violação, até o mês de maio do ano de 2016, em se tratando de divisão regional deu-se da seguinte forma: São Paulo liderou com o número de reclamações, um total de 796 denúncias, seguido pela Bahia com 447 reclamações, Minas Gerais com 432 registros e o Rio de Janeiro com 407 casos registrados. O gráfico abaixo evidencia esses números.

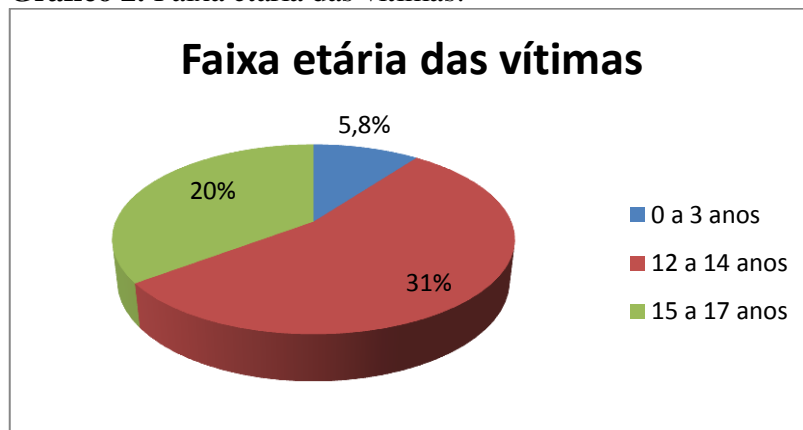
**Gráfico 1** – Número de reclamações por divisão regional.



**Fonte:** Elaborado pela autora com dados extraídos do Disque 100 (2016).

Ainda em se tratando dos dados obtidos no site da Secretaria Especial de Direitos Humanos da República Federativa do Brasil (SDH), foi identificado que diante das denúncias feitas até meados de maio de 2016 a maior parte das vítimas de violência sexual foi do sexo feminino e que os suspeitos, em sua maioria, homens (60%). A distribuição com relação à faixa etária teve como maior representação as denúncias desse crime contra adolescentes de 12 a 14 anos (31%), 20% direcionadas a adolescentes entre 15 e 17 anos e 5,8% voltadas a crianças entre 0 e 3 anos. Apesar dessa distribuição, percebe-se que esse crime acomete todas as faixas etárias.

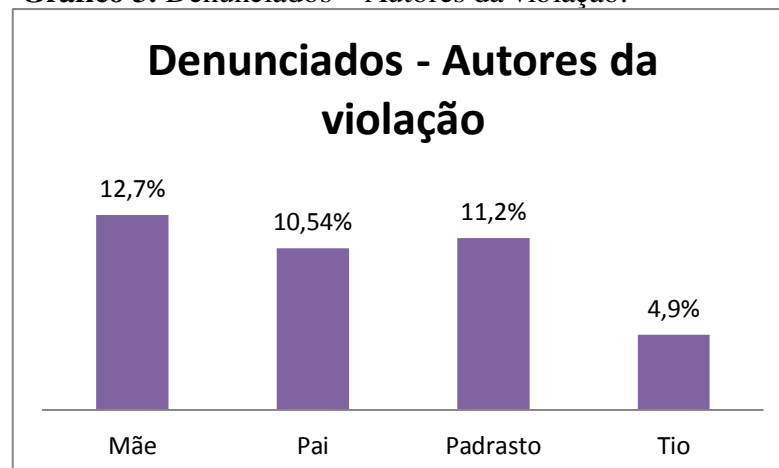
**Gráfico 2.** Faixa etária das vítimas.



**Fonte:** Elaborado pela autora com dados extraídos do Disque 100 (2016).

A maior parte das denúncias aponta que essa violação aconteceu no ambiente familiar, ou seja, os denunciados são a mãe (12,7%), o pai (10,54%), o padrasto (11,2%) ou um tio da família (4,9%). Sendo mencionados também, como suspeitos, em uma expressão menor, professores, cuidadores, empregados, líderes religiosos, dentre outros. (Gráfico 3).

**Gráfico 3.** Denunciados – Autores da violação.



**Fonte:** Elaborado pela autora com dados extraídos do Disque 100 (2016).

Como já foi mencionado, as duas principais formas de expressão da violência sexual contra crianças e adolescentes correspondem ao abuso e a exploração sexual.

A seguir, serão aprofundados os tipos de abuso e exploração sexual, com base na obra de Santos (2011) que, por sua didática, facilita a compreensão, a caracterização e a distinção dessas duas práticas ilegais.

### *2.3.1.1 O abuso sexual*

Especificar o abuso sexual é colocar em pauta que essa violação representa um dos grandes males da sociedade atual, particularmente o intrafamiliar (LIMA, 2011), representando uma marca da vida familiar não só dessa época, mas ao longo do tempo e que, além de se manter através do silêncio, em algumas situações, perpassa por várias gerações.

Fazendo um paralelo entre a história da infância e o abuso sexual, Deblinger e Heflin (1995 apud LIMA, 2011, p. 35) afirmam que “o abuso sexual infantil não é um fenômeno recente. Referências e registros históricos revelam reações sociais de extrema ambivalência que apontam desde a negação da existência do contato sexual entre adultos e crianças até a aceitação desse contato”.

Por ter sua ocorrência ligada a diferentes contextos sociais em que a criança ou o adolescente interage, e a figura do agente da violação sendo pessoas consideradas, na maioria dos casos, como importantes, queridas e de confiança pelas vítimas, verifica-se que o rompimento dos vínculos na rede relacional da criança ou do adolescente acaba sendo um elemento marcante decorrente dessa prática.

À luz dessas colocações, observa-se que o abuso sexual infantil está relacionado a qualquer forma de interação e/ou contato sexual envolvendo uma criança (ou adolescente) e um adulto (ou vários adultos), em que este último o faz por meio da coação, sedução ou sua posição de poder, com a finalidade de satisfazer a sua própria estimulação sexual, assim como a da criança ou de terceiros. Dito de outra forma,

Abuso sexual infantil é o envolvimento de uma criança em atividade sexual que ele ou ela não compreende completamente, é incapaz de consentir, ou para a qual, em função de seu desenvolvimento, a criança não está preparada e não pode consentir, ou que viole as leis ou tabus da sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado por estas atividades entre uma criança e um adulto ou outra criança, que, em razão da idade ou do desenvolvimento, está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder. (WHO, 1999 apud NEVES; CASTRO; HAYECK; CURY, 2010, p. 101).

Ocorrendo sob diversas formas, percebe-se que especificar o abuso sexual requer que haja a combinação entre o agente violador, o local e a modalidade de violação. E antes de tipificar essa violação, cabe reforçar um ponto que caracteriza esse tipo de crime, ou seja, a relação de assimetria de poder entre o agente violador e a criança ou o adolescente que, ao fazer uso dessa condição, acaba influenciando, de forma incorreta, a estimulação da sexualidade, a partir da manipulação dos desejos sexuais indo de encontro com o desenvolvimento saudável da sexualidade infantil. Em outras palavras,

O agente violador aproveita-se do fato de crianças e adolescentes estarem em processo de construção e de descoberta de sua sexualidade para manipular seus desejos. A criança sente-se culpada por sentir prazer e isso é usado pelo autor do abuso sexual para obter o seu consentimento e para consolidar a situação de acobertamento. (ABRAPIA, 2002 apud SANTOS, 2011, p. 64).

Caracterizando o abuso sexual e diferenciando-o da exploração sexual, parte-se para as diversas formas como ele se expressa no ambiente social.

A primeira forma elencada por Santos (2011) consiste no *abuso sexual intrafamiliar cometido por pais, parentes ou responsáveis legais*. Esse tipo também é denominado como abuso sexual incestuoso, já que sua ocorrência é marcada por acontecer no espaço social interno da família (biológica ou adotiva), envolvendo “um laço de parentesco consanguíneo (direto ou não) ou uma relação de responsabilidade” (ABRAPIA, 2002 apud SANTOS, 2011, p. 65), seja ela hierárquica, econômica ou afetiva. Observa-se que, nesse caso, a violação é realizada por uma pessoa que a criança ou o adolescente conhece, confia e, frequentemente, ama.

O segundo tipo é definido como *abuso sexual intrarrede social cometido por pessoas da rede de sociabilidade da família*. Essa forma de abuso sexual também ocorre no espaço social da criança ou do adolescente, no entanto, o que a difere da primeira modalidade é que o abusador é algum conhecido da família (vizinho, amigo, conhecido etc.). E essa proximidade acaba fazendo com que desenvolva algum tipo de confiança e admiração com a família e com as vítimas.

A forma seguinte corresponde ao *abuso sexual extrafamiliar cometido por agentes cuidadores e socializadores de crianças e adolescente*. Nesse caso, também há a característica marcante da figura do abusador como alguém próximo da criança ou do adolescente, isto é, alguém que conhece e confia e que faz parte do seu espaço de socialização como escola, igreja, ONG'S, consultório médico ou psicológico etc. Dessa forma, aqui entra como figura do abusador os educadores, médicos, líderes religiosos, dentre outros.

Existe também *o abuso sexual extrafamiliar cometido por desconhecidos* que, como o próprio nome evidencia, é aquele que tem como exemplo os casos de estupro em locais público, tendo como autor da violação pessoas totalmente desconhecidas e fora do espaço social da família e da criança ou do adolescente.

Por fim, ainda há *o abuso sexual institucional cometido por detentores de custódia legal em instituições de cuidados substitutivos da família* que “ocorre em instituições governamentais e não governamentais que detêm a guarda temporária da criança ou adolescente em unidade de abrigo e/ou de aplicação de medidas socioeducativas” (SANTOS, 2011, p. 66), diferenciando das demais por incidir num ambiente institucional em que as vítimas estão sob proteção legal e parental do Estado.

Levando-se em consideração as diversas formas de expressão do abuso sexual, cabe destacar também que esse tipo de violação pode ocorrer sem ou com o contato físico. Portanto, o assédio sexual, que implica na proposta de relação sexual através de chantagens e ameaças, assim como as conversas abertas sobre atividades sexuais, os telefonemas obscenos, o ato exibicionista e o voyeurismo são classificados como forma de *abuso sexual sem o contato físico* por representarem comportamentos inadequados, mesmo sem o uso do contato, com o objetivo de despertar o interesse de crianças e adolescentes para práticas sexuais (SANTOS, 2011).

Quando ocorre a presença de carícias, masturbação, sexo oral, penetração e tentativa de relação sexual, tem-se a tipificação de *abuso sexual com o contato físico*, subdividindo-se em sem e com conjunção carnal a depender da ocorrência de penetração peniana.

Com base nisso, entende-se como *abuso sexual sem conjunção carnal* quando o ato foi realizado através do sexo oral, toques nas partes íntimas, pressionando ou encostando-se ao corpo da criança ou do adolescente, ou mesmo induzindo-os a fazer.

#### Já o *abuso sexual com conjunção carnal*

[...] ocorre quando uma pessoa força outra a ter uma relação sexual com penetração vaginal ou anal, ou quando um adulto força a criança ou adolescente a realizar coito com animais, ou ainda quando permite que a criança ou adolescente pratique qualquer outra modalidade de atividade sexual mediante ação enganosa, ou outro meio violento, ou grave ameaça que impeça ou dificulte a livre manifestação da vontade da vítima. (SANTOS, 2011, p. 67-68).

Outro aspecto importante a ser considerado consiste nas características e dinâmicas das situações em que o abuso sexual acontece, destacando-se o processo de

sedução, o segredo/a não revelação do ato, a desproteção/o desamparo em meio à falta de confiança frente a um pedido de ajuda, o aprisionamento e a adaptação por falta de perspectiva para um desfecho imediato daquela circunstância, as implicações conflitantes da revelação e a própria retratação, que ocorre quando a criança e o adolescente desmentem a afirmação objetivando amenizar as possíveis consequências, tanto para ele próprio quanto para o abusador. (SANTOS, 2011).

Conhecendo as diversas expressões dessa prática ilegal nomeada como abuso sexual, direciona-se o estudo para a “dinâmica” da exploração sexual.

### *2.3.1.2 A exploração sexual comercial*

Iniciar a discussão em torno dessa prática ou da pior espécie de trabalho infantil, como ela é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), não implica em uma tarefa fácil, ainda mais quando se observa que a exploração sexual e o tráfico de pessoas “é um dos casos em que a história permanece atual, mas precisamente no caso do Brasil, onde grande parte da sua população foi traficada e as mulheres sempre tiveram seus corpos utilizados como objeto de prazer” (FARIA; OLIVEIRA; MENDES, 2007, p. 1115).

A exploração sexual comercial de crianças e adolescentes (ESCCA) tem como característica marcante a relação do abuso sexual e um respectivo pagamento/remuneração, por parte dos pais e/ou responsáveis, dos meros consumidores de serviços sexuais pagos ou de agenciadores (FALEIROS, 2004 apud MORAIS E COL, 2007), englobando todas as formas, sejam elas agenciadas ou não, de “prostituição de crianças e adolescentes”.

Dessa forma, o que difere uma prática da outra, isto é, a exploração do abuso sexual, tendo em vista que aquela também é considerada como abuso, consiste no caráter comercial e no lucro que marca a utilização de crianças e adolescentes no comércio sexual, o que torna a discussão acerca dessa temática ainda mais importante, já que a marginalização social e a desigualdade econômica são elementos que caracterizam o cenário brasileiro.

Antes de destacar as particularidades de cada uma das expressões da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes (ESCCA), deve-se estabelecer a diferença entre troca sexual e trabalho sexual, já que, como se observa, alguns consideram essa prática como uma forma de trabalho.

Em conformidade com Santos (2011), a troca sexual é uma prática na qual há uma oferta de sexo como forma de obtenção de diversos favores (como alimentação, vestimentas de marca, dentre outros), tendo caráter temporário, não equivalendo à única forma de

sobrevivência de muitas crianças e adolescentes, por exemplo. Já o trabalho sexual corresponde à venda de sexo, através da qual uma pessoa faz uso dessa atividade como única alternativa para sobreviver e obter seu sustento.

Esclarecer esses conceitos é de grande relevância para que se compreenda e se defina as principais modalidades de ESCCA, sendo elas, de acordo com Santos (2011): o trabalho sexual agenciado, o turismo com motivação sexual e/ou exploração sexual no turismo, o tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual (tráfico de pessoas) e a pornografia.

Com relação ao emprego do termo prostituição, diversas críticas têm sido direcionadas ao uso desse conceito quando se refere à exploração sexual infantojuvenil, haja vista que

[...] o mesmo relaciona-se a uma parcela de adultos que “escolheu” o comércio do sexo como uma profissão, o que não é o caso de crianças e adolescentes. Opta-se, assim, pela expressão “prostituídas” e “exploradas” a fim de romper com o estereótipo e culpabilização das crianças e adolescentes envolvidas nesse comércio sexual. (MORAIS E COL, 2007, p. 264).

Partindo para a especificação de cada modalidade, entende-se como *trabalho sexual agenciado* aquele em que a venda de sexo ocorre por meio da intermediação de uma ou mais pessoas (cafetões, cafetinas etc.) ou serviços, o que inclui bordéis, serviços de acompanhamento ou clubes noturnos (SANTOS, 2011), mediante o pagamento, pelo trabalhador sexual, de uma parte do que recebe a esses agenciadores em troca de moradia, alimentação, roupas, proteção, transporte e etc.

Já o *turismo com motivação sexual e/ou exploração sexual no turismo* (também conhecido como *turismo sexual* ou *sexo-turismo*) não consiste em uma forma de turismo legítima, mas, um crime sexual, dividindo-se em duas etapas, conforme Santos (2011, p. 114) “a organização de excursões turísticas com fins não declarados de proporcionar prazer sexual a turistas estrangeiros ou de outras regiões do País e o agenciamento de crianças e adolescentes para a oferta de serviços sexuais” atrelados ao turismo de férias, de negócios e de eventos festivos. Nesse tipo de exploração, percebe-se com frequência o papel de algumas agências de turismo, bem como funcionários de hotéis atuando como aliciadores nesse mercado do sexo.

O *tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual (tráfico de pessoas)* é elevado à categoria de uma das modalidades mais perversas de exploração sexual, pois, ao se estruturar como um crime organizado por redes locais e transnacionais que se



passam como agências de modelo, de turismo, de emprego etc., aliciando, raptando e fazendo o intercâmbio de crianças e adolescentes para o mercado do sexo, fazem uso de um discurso sedutor, baseado na promessa de mudança de vida (SANTOS, 2011). Com a esperança de alcançar sucesso, muitos jovens acabam aceitando e “agarrando” essas oportunidades e quando descobrem que foram iludidos, são obrigados/forçados a entrar no comércio sexual.

Por fim, tem-se a *pornografia* que é definida como “exposição em revistas, livros, filmes e, principalmente, na internet, de pessoas com suas partes sexuais visíveis ou da prática de sexo entre pessoas e/ou com animais” (SANTOS, 2011, p. 115). Crime este praticado tanto por quem fotografa quanto por quem mostra fotos, cenas pornográficas ou vídeos eróticos a crianças e adolescentes. O que difere a pornografia adulta da pornografia infantil corresponde à especificidade da demanda de mercado, no caso desta, compreende o público dos pedófilos.

A fim de exemplificar alguns dos aspectos da violência sexual infantojuvenil, cito pesquisas e trabalhos voltados para esse tema.

## **2.4 Publicações sobre a temática da violência sexual**

A temática da violência sexual tem ocupado espaço significativo no cotidiano social brasileiro, ganhando destaque em diversos espaços. No âmbito acadêmico, por exemplo, observa-se que tem ocorrido um crescente interesse pelo assunto, o que reflete diretamente através de publicações de artigos científicos, monografias de graduação, dissertações de mestrado e teses de doutorado, mediante o interesse em estudar, investigar e discutir sobre o mesmo.

Ao realizar uma análise sobre o direcionamento das pesquisas, percebe-se que vários são os aspectos abordados nos estudos da Psicologia a respeito da violência sexual infantojuvenil, podendo ser citadas pesquisas que buscaram analisar características relativas às vitimizações sexuais intrafamiliares (RIBEIRO; FERRIANI; REIS, 2004) que, ao direcionarem seu olhar para a violação contra esses grupos etários, conseguem ampliar o campo de percepção da situação, traçando o perfil das vítimas, bem como o perfil de agressores, a faixa etária mais vulnerável, o grau de parentesco do abusador, dentre outros pontos. Mostrando, de forma quantitativa, a expansão do problema.

Destacam-se, também, trabalhos direcionados à importância da perícia psicológica no abuso sexual de crianças e adolescentes (SHAEFER; ROSSETTO; KRISTENSEN, 2012), ressaltando a importância dessa avaliação, haja vista a presença de aspectos contraditórios e mesmo inespecíficos envolvendo a especificidade de cada situação. Dessa forma, a

inexistência de vestígios físicos, por exemplo, vai requerer dos profissionais que estão trabalhando no caso, uma postura ética e cuidadosa, no intuito de conseguir obter o máximo de informações e indicadores para, com o devido respaldo legal, adotar medidas protetivas urgente para as vítimas, bem como punições para os abusadores.

Ainda com relação à atuação profissional, reflexões acerca de uma ação interdisciplinar e intersetorial e que merecem ser levadas em consideração como um elemento indispensável para um bom desempenho do trabalho também representa tema de pesquisas (AZAMBUJA, 2013; FLORENTINO, 2014). Reforçando que a presença de profissionais de diversas áreas, dentre o serviço social, a pedagogia, a pediatria e a psicologia, devem fazer parte da equipe que responsável pela avaliação psicológica, o que requer dos mesmos uma postura livre de tabus, preconceitos, estereótipos e uma escuta que foque não somente nas vítimas, mas também na família, a fim de compreender a dinâmica de cada contexto. Tudo isso contribui para a realização de em um trabalho mais efetivo, o que não implica em dizer que será mais fácil de ser solucionado.

Estudos direcionados à rede de proteção e enfrentamento (HABIGZANG; AZEVEDO; KOLLER; MACHADO, 2006) dessas crianças e adolescentes também são observados, mostrando a necessidade de uma intervenção coordenada e harmoniosa através das diferentes instituições integrantes da rede de atendimento. O que sugere, também, a elaboração de meios que capacitem essa rede para que as conduções e intervenções sejam realizadas de forma adequada com base na responsabilidade de cada órgão.

Como se constata, o quantitativo de produções desenvolvidas sobre essa temática é bem expressivo visando a compreensão e a busca de alternativas para reduzir os números desse ato ilegal e estimular a mobilização social em prol da exigência do cumprimento dos direitos das crianças e dos adolescentes. Uma vez que, não desmerecendo as demais fases da vida, mas quando esse tipo de violação ocorre na infância e na adolescência, a questão se torna bem mais agravante, haja vista que são nessas fases em que o alicerce para a vida adulta é estabelecido, em que há a construção da visão de mundo, valores, crenças, juízos, relacionamentos, enfim, um amadurecimento físico, intelectual, emocional e social. (CARDOSO ET AL, 2009).

Partindo desse ponto, segue-se para o próximo capítulo, que apresentará a forma como a rede de enfrentamento da violência sexual infantojuvenil se estrutura.

### **3 O SERVIÇO DE PROTEÇÃO E AS POLÍTICAS VOLTADAS PARA VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTOJUVENIL**

Como já foi mencionado, o olhar sobre a criança e o adolescente como um ser que, sendo frágil e dependente, merece uma atenção mais focada e serviços que possam ampará-lo, protegendo os seus direitos frente à sociedade e à família, foi ganhando espaço num período não muito distante, no qual a necessidade de elaborar instrumentos legais em sua defesa foi sendo discutida nos mais diversos seguimentos.

A partir disso, será objeto de estudo do referente capítulo a rede de enfrentamento da violência sexual infantojuvenil à medida que se observa que ações isoladas e/ou específicas são insuficientes para lidar com essa problemática. A atuação isolada não consegue, por si só, prevenir o abuso sexual, responsabilizar o autor da violação, atender as vítimas e/ou apoiar as famílias no intuito de prevenir reincidências desse tipo de comportamento ilegal, sendo necessária uma articulação harmoniosa na prestação do atendimento a esse público.

#### **3.1 Legislações de proteção, assistência e cuidado à infância e à adolescência.**

Tomando como referência a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil (SDH) as principais peças da legislação que estruturam a política de proteção integral de crianças e adolescentes no contexto brasileiro são o Decreto nº 99.710 de novembro de 1990 que promulga a Convenção sobre os Direitos da Criança, a Constituição Federal da República Federativa do Brasil, a Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e a Lei nº 12.594 de 18 de janeiro de 2012 que institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), regulamentando a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescentes que pratiquem ato infracional entre outras providências.

Como o foco da pesquisa refere-se ao público de crianças e adolescentes vítimas de violência e exploração sexual, almeja-se pontuar, de forma sucinta, os principais aspectos que a Convenção sobre os Direitos da Criança, a Constituição da República de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) trouxeram a fim de colocar em evidência o olhar e as iniciativas do Estado buscando minimizar o sofrimento destes sujeitos negligenciados.

A Convenção sobre os Direitos da Criança representa um documento consolidado entre os países membros da ONU no ano de 1989 e firmado pelo governo do Brasil no ano de 1990, dando-lhe status de uma lei nacional, por se tratar de um instrumento de direitos

humanos voltado para as crianças de todo o mundo. Mencionar essa lei consiste em destacar, dois de seus artigos que acabaram contribuindo para um “avanço na proteção dessas pessoas contra a violência sexual” (SANTOS, 2011, p. 172), sendo eles

Art. 19

1. Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.

2. Essas medidas de proteção deveriam incluir, conforme apropriado, procedimentos eficazes para a elaboração de programas sociais capazes de proporcionar uma assistência adequada à criança e às pessoas encarregadas de seu cuidado, bem como para outras formas de prevenção, para a identificação, notificação, transferência a uma instituição, investigação, tratamento e acompanhamento posterior dos casos acima mencionados de maus tratos à criança e, conforme o caso, para a intervenção judiciária.

[...]

Artigo 34

Os Estados Partes se comprometem a proteger a criança contra todas as formas de exploração e abuso sexual. Nesse sentido, os Estados Partes tomarão, em especial, todas as medidas de caráter nacional, bilateral e multilateral que sejam necessárias para impedir:

- a) o incentivo ou a coação para que uma criança se dedique a qualquer atividade sexual ilegal;
  - b) a exploração da criança na prostituição ou outras práticas sexuais ilegais;
  - c) a exploração da criança em espetáculos ou materiais pornográficos.
- (BRASIL, 1990b).

Em conjunto, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, sendo a lei maior do nosso ordenamento jurídico, também trouxe em seu conteúdo artigos que tratam de benefícios à família, os quais passaram a ser garantidos, bem como direitos e deveres dos pais para com os filhos, ou seja,

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

§ 1º O Estado promoverá programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente e do jovem, admitida a participação de entidades não governamentais, mediante políticas específicas e obedecendo aos seguintes preceitos:

[...]

V - obediência aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento [...] (BRASIL, 1988)

Além destes, o § 4º do artigo em referência reforça a questão do amparo das crianças e adolescentes quanto à violência sexual, ao estabelecer que “A lei punirá

severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.” (BRASIL, 1988).

À medida que a proteção integral das crianças e dos adolescentes do país foi ganhando espaço na Constituição do Brasil de 1988, inaugurando, assim, uma nova concepção de direitos e deveres voltados a esses sujeitos, houve a necessidade de se pensar em uma lei que fosse direcionada a esse grupo em reação às péssimas condições de vida e de desenvolvimento a qual o segmento mais jovem era (e podemos dizer que, ainda está) submetido. E foi em meio à mobilização social que foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069 de 1990.

O Estatuto veio substituir, no contexto jurídico brasileiro, o Código de Menores de 1927 e 1979, um instrumento legal brasileiro também direcionado à proteção da população infantojuvenil, mas que

Se, no Código de Menores, o objeto era o menor; no Estatuto da Criança e do Adolescente, o objeto é a criança e o adolescente enquanto sujeitos de direitos. Inaugura-se uma nova identidade social categorizada como crianças e adolescentes. Não só as práticas são diferentes, assim como o objeto é outro. O Estatuto propõe a construção de um modelo de proteção integral às crianças e aos adolescentes, não se restringindo, apenas à atenção após os direitos serem violados, mas antecipando-se à violação. (LEMOS, 2008, p. 98).

Portanto, com a aprovação do ECA, a visão correccional e a infância categorizada como irregular foi substituída pela necessidade de se pensar em toda a diversidade desse público no Brasil.

Observa-se que, em seus 267 artigos, o Estatuto visa assegurar, independente de classe social, direitos e deveres básicos a todos e que deverão ser garantidos com absoluta prioridade pelo Estado, pela família e pela sociedade, discorrendo acerca das condições necessárias ao desenvolvimento saudável da criança e do adolescente, como se apresenta nos arts. 3º e 4º da referente Lei

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 1990a).

Afirma, ainda, em seu art. 5º que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990a) e que cabe a todos a função de prevenir a ocorrência de situações como essas, haja vista que a partir desse momento histórico, as denúncias de maus-tratos contra essa população passaram a ser obrigatórias (MARQUES apud DA SILVA Org, 2013).

E diante da ocorrência das mesmas, o Estatuto apresenta em seu art. 87, inciso III ações e linhas de ações concretas, articuladas como um conjunto de iniciativas governamentais e particulares, que fazem parte do que ele trouxe como inovação e que consistem na política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente. A título de exemplificação, como linha de ação têm-se os “serviços especiais de prevenção e atendimento médico e psicossocial às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão” (BRASIL, 1990a).

Além disso, o Estatuto ao criar os Conselhos Tutelares, conforme o seu art. 131, como “órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente” (BRASIL, 1990a) trouxe para a atualidade um novo mecanismo para reforçar o zelo e a exigência perante a promoção, proteção e defesa dos direitos desses sujeitos em cada município ao passo que, sendo um instrumento que se compõe por representantes da própria localidade, no caso, o município, subtende-se que estes conhecem a realidade daquela comunidade/contexto o que vem a facilitar a promoção e execução dos serviços com vistas ao fim proposto pelo Estatuto.

Entretanto, como bem coloca Lemos (2008, p. 98) “não podemos imputar a um conjunto de leis o poder revolucionário de mudar toda a realidade brasileira”, pois, mesmo com a sua implantação resultando em sensíveis conquistas direcionadas ao respeito e cuidado para com a infância e a adolescência, desconstruir uma postura que se faz presente em diversos momentos históricos do Brasil, não é algo que se obterá de forma tão rápida.

Sabe-se que muitas crianças e adolescentes ainda se encontram em condições de vida desfavoráveis e incompatíveis com o que se entende como crescimento e desenvolvimento saudáveis, haja vista, por exemplo, a falta de possibilidades e oportunidades dentro do universo a que pertencem, marcado pela desigualdade, autoritarismo, hierarquização que contribuem para o desrespeito e o prolongamento desse quadro.

Destarte, há de se admitir que através da Constituição Brasileira de 1988 e da implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, a discussão e a importância

para com a infância e a adolescência passaram a se tornar mais frequentes, correspondendo em pautas nas políticas públicas e em movimentos de direitos humanos. Porém, mais do que ser elevado à categoria de pauta é concretizar a execução desses instrumentos legais, desses direitos, colocá-los em prática, exigindo o cumprimento das obrigações.

E como desdobramento de ações nesse sentido, verifica-se, trazendo a discussão para a especificidade de presente estudo, a significativa mobilização da sociedade por políticas de enfrentamento da violência sexual infantojuvenil no país. Fato colocado por Santos (2011, p. 24) ao afirmar que “As vozes daqueles que se levantavam em oposição à violência sexual contra crianças e adolescentes, escassas no registro histórico dos séculos passados, se transformaram em um enorme coro de protesto e indignação no início da década de 1990”, o que só ratifica que foi, a partir desse momento, que esse segmento social passou a ter o direito de ter direitos.

Deste modo, assim como a Constituição Brasileira representa a Lei maior que serve de embasamento para as demais leis do ordenamento jurídico brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente passou a desempenhar o mesmo papel para nortear todos os instrumentos legais voltados para a defesa da infância e da adolescência.

Com isso, destaca-se o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil (PNEVSIJ), criado em julho do ano 2000 como uma política elaborada pelo governo federal, as ONGs e os organismos internacionais com a finalidade de conhecer os esforços e articular ações em prol de combater esse problema social (SANTOS, 2011).

### **3.2 Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil (PNEVSIJ)**

Falar em rede de enfrentamento da violência sexual infantojuvenil implica na ideia do compartilhamento de responsabilidades e reivindicações pelas diversas instituições envolvidas nessa temática, priorizando objetivos e compromissos em comum com o foco na consecução da política de atendimento às crianças e adolescentes vítimas desse crime.

Partindo desse ponto, e tomando como base os incisos I, II e III do art. 88 do ECA, observa-se que a política de atendimento à população infantojuvenil, sendo um resultado de articulações envolvendo ações governamentais e não governamentais no âmbito municipal, estadual e federal, tem como diretrizes a

- I – municipalização do atendimento;
- II – criação de conselhos municipais, estaduais e nacionais dos direitos da criança e do adolescente, órgãos deliberativos e controladores das ações em todos os níveis, assegurada a participação popular paritária por meio de organizações representativas, segundo leis federal, estaduais e municipais;
- III – criação e manutenção de programas específicos, observada a descentralização político-administrativa; (BRASIL, 1990a).

Percebe-se que o Estatuto menciona a criação de Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente que, ao serem órgãos deliberativos, possuem como duas de suas principais atribuições

Formular as diretrizes para a política de promoção, proteção e defesa dos direitos de crianças e adolescentes nos âmbitos federal, estadual e municipal, de acordo com suas respectivas esferas de atuação e promover a articulação entre os diversos atores que integram a rede de proteção a crianças e adolescentes, [...] (SANTOS, 2011, p. 157).

Portanto, ao elaborar as diretrizes básicas da política de atendimento, compreende-se que os Conselhos dos Direitos da Criança e do Adolescente acabam mapeando as instituições, que estão direcionadas a essa população, direcionando a elaboração de políticas sociais para as diversas áreas da infância e da adolescência.

No caso específico da violência sexual de crianças e adolescentes, o marco fundamental no processo de enfrentamento ocorreu com a aprovação, pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), e, conseqüentemente, implantação em julho do ano 2000 do Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil (PNEVSIJ), principal diretriz que norteia as ações da rede de enfrentamento e as políticas públicas nessa área. Vale ressaltar que o mesmo passou por um processo de revisão iniciado em 2003 e concluído em 2013.

Conforme Santos, Ippolito e Magalhães (2014, p. 116), o PNEVSIJ tem como objetivo geral “estabelecer um conjunto de ações articuladas que permitam a intervenção técnica, política e financeira para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes”, estruturando-se em torno de seis eixos organizado, em que cada um possui objetivos, ações e parcerias pertinentes.

Como inovação decorrente da última revisão, o processo de monitoramento e avaliação do PNEVSIJ passou a ser realizado mediante a construção de indicadores específicos que buscam apontar como o desenvolvimento das ações de cada eixo está a fim de garantir a execução e efetividade das mesmas ou buscar meios de correção e estratégias que as qualifiquem.



A título de conhecimento, apresentar-se-á, de forma resumida, o PNEVSIJ após a revisão realizada na primeira edição através dos quadros abaixo.

### Quadro 1. PNEVSIJ – Eixo Prevenção

EIXO: PREVENÇÃO
<p><b>OBJETIVO:</b> Assegurar ações preventivas contra o abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes, fundamentalmente pela educação, sensibilização e autodefesa.</p>
<p><b>DIRETRIZ DO PLANO DECENAL:</b> <b>EIXO 1 – PROMOÇÃO DOS DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b> <i>Diretriz 01 – Promoção da cultura do respeito e da garantia dos direitos humanos de crianças e adolescentes no âmbito da família, da sociedade e do Estado, considerada as condições de pessoas com deficiência e as diversidades de gênero, orientação sexual, cultural, étnico-racial, religiosa, geracional, territorial, de nacionalidade e de opção política.</i></p>

Fonte: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH) (2013, p. 27).

### O Eixo Prevenção tem como ações previstas a

Sensibilização da sociedade em geral e capacitação dos profissionais das áreas da educação, saúde e assistência social quanto aos riscos do abuso e/ou da exploração sexual facilitados pelo uso das ferramentas de tecnologias da informação e da comunicação (TICs), potencializando as formas do uso seguro dessas ferramentas;  
Implementação de programas de formação profissional e de inserção socioproductiva para adolescente, como estratégia preventiva às situações de abuso e/ou exploração sexual;  
Inclusão, nos programas de promoção da igualdade racial, das políticas para mulheres, dos segmentos LGBT e da juventude, do tema direitos sexuais e reprodutivos e de prevenção ao abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes. [...] (BRASIL, 2013, p. 28-30).

### Quadro 2. PNEVSIJ – Eixo Atenção

EIXO: ATENÇÃO
<p><b>OBJETIVO:</b> Garantir o atendimento especializado, e em rede, às crianças e aos adolescentes em situação de abuso e/ou exploração sexual e às suas famílias, realizado por profissionais especializados e capacitados, assim como assegurar atendimento à pessoa que comete violência sexual, , respeitando as diversidades de condição étnico-racial, gênero, religião cultura, orientação sexual etc.</p>
<p><b>DIRETRIZ DO PLANO DECENAL:</b> <b>EIXO 1 – PROMOÇÃO DOS DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b> <i>Diretriz 02 – Universalização do acesso a políticas públicas de qualidade que garantam os direitos humanos de crianças, adolescentes e suas famílias e contemplem a superação das desigualdades, afirmação da diversidade com promoção da equidade e inclusão social.</i> <i>Diretriz 03 – Proteção especial a crianças e adolescentes com seus direitos ameaçados ou violados, consideradas as condições de pessoas com deficiência e as diversidades de gênero, orientação sexual, cultural, étnico-racial, religiosa, geracional, territorial, de nacionalidade e de opção política.</i> <i>Diretriz 04 – Universalização e fortalecimento dos conselhos tutelares, objetivando a sua atuação qualificada.</i> <b>EIXO 5 – GESTÃO DA POLÍTICA NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b> <i>Diretriz 08 – Fomento e aprimoramento de estratégias de gestão da Política Nacional dos Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes fundamentadas nos princípios da indivisibilidade dos direitos, descentralização, intersetorialidade, participação, continuidade e corresponsabilidade dos três níveis de governo.</i></p>

Fonte: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH) (2013, p. 31).

Para a consecução do segundo eixo, Eixo Atenção, destaca-se o desenvolvimento de ações como

Universalização do acesso às políticas públicas de atendimento a crianças e adolescentes em situação de abuso e/ou exploração sexual e suas famílias, de forma integral e intersetorializada, com a qualificação de programas e profissionais, especialmente, das áreas de saúde, educação e assistência social, esporte e lazer, respeitando as diversidades;

Garantia de atendimento psicossocial a crianças e adolescentes em situação de abuso e/ou exploração sexual e suas famílias, assegurando, quando necessário, acompanhamento na saúde mental, observada a pertinência da medida protetiva, respeitando as diversidades;

Garantia do acesso e ampliação da oferta de formação profissional por meio de uma política específica, que assegure a inserção socioproductiva de adolescentes em situação de abuso e/ou exploração sexual, com reserva de vaga para adolescentes com deficiência, respeitando as diversidades;

Implementação de programas e serviços destinados ao fortalecimento e acompanhamento de famílias de crianças e adolescentes em situação de abuso e/ou exploração sexual, respeitando as diversidades;

Articulação dos serviços intersetoriais que realizam atendimento nos casos de abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes com os órgãos de investigação e responsabilização; [...] (BRASIL, 2013. p. 32-34).

### Quadro 3. PNEVSIJ – Eixo Defesa e Responsabilização

EIXO: DEFESA E RESPONSABILIZAÇÃO
<p><b>OBJETIVO:</b> Atualizar o marco normativo sobre crimes sexuais, combater a impunidade, disponibilizar serviços de notificação e responsabilização qualificados.</p>
<p><b>DIRETRIZ DO PLANO DECENTAL:</b> <b>EIXO 2 – PROTEÇÃO E DEFESA DOS DIREITOS</b></p>
<p><i>Diretriz 05 – Universalização, em igualdade de condições, do acesso de crianças e adolescentes aos sistemas de justiça e segurança pública para a efetivação dos seus direitos.</i></p> <p><i>Diretriz 13 – Cooperação internacional e relações multilaterais para implementação das normativas e acordos internacionais de promoção e proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente.</i></p>

Fonte: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH) (2013, p. 34-35).

Dentre as ações e atividades previstas para o terceiro eixo, Eixo Defesa e Responsabilização, citam-se

Implantação e implementação de delegacias e serviços de perícia especializados, com base em parâmetros definidos pelo MJ e em dados oriundos do SGD, em locais em que se justificar tal especificidade, observado o princípio da regionalização;

Aperfeiçoamento da responsabilização penal da pessoa que comete abuso e/ou exploração sexual, sem prejuízo das demais formas de responsabilização – civil, administrativa, política, disciplinar etc., por meio da criação e estruturação de Varas Criminais especializadas em crimes cometidos contra crianças e adolescentes, bem como promotorias e defensorias públicas especializadas, nas comarcas onde se justificar essa maior especificidade, com base em dados oriundos do SGD, observado o princípio da regionalização;

Capacitação de agentes dos sistemas de Segurança e Justiça responsáveis por realizarem a escuta de crianças e adolescentes em situação de abuso e/ou exploração

sexual de forma a evitar a revitimização, observando temas transversais como gênero, raça/etnia, orientação sexual etc.;

Implantação e implementação da notificação compulsória por parte dos profissionais da educação, saúde e assistência social com base nos artigos 13 e 245 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). [...]. (BRASIL, 2013. p. 36-38).

#### Quadro 4. PNEVSIJ – Eixo Participação e Protagonismo

EIXO: PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO
<p><b>OBJETIVO:</b></p> <p>Promover a participação ativa de crianças e adolescentes pela defesa de seus direitos na elaboração e execução de políticas de proteção.</p>
<p><b>DIRETRIZ DO PLANO DECENAL:</b></p> <p><b>EIXO 3 – PROTAGONISMO E PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b></p> <p><i>Diretriz 06 – Fomento de estratégias e mecanismos que facilitem a participação organizada e a expressão livre de crianças e adolescentes, em especial sobre os assuntos a eles relacionados, considerando sua condição peculiar de desenvolvimento, pessoas com deficiência e as diversidades de gênero, orientação sexual, cultural, étnico-racial, religiosa, geracional, territorial, nacionalidade e opção política.</i></p>

Fonte: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH) (2013, p. 39).

Como ações e atividades estabelecidas nesse eixo, Eixo Participação e Protagonismo, destacam-se:

Criação e fortalecimento de espaços organizados de participação proativa de crianças e adolescentes, assegurando a oferta de formação política, visando uma incidência qualificada e efetiva desse público na formulação, monitoramento e avaliação das políticas, programas e ações voltadas para o enfrentamento do abuso e/ou exploração sexual;

Envolvimento de crianças e adolescentes em atividades que valorizem as raízes e a cultura local, que promovam a construção de valores de respeito à diversidade, tais como, as manifestações culturais afro-brasileiras, indígenas e de comunidades tradicionais em espaços organizados para sua autoproteção e autoafirmação;

Construção de metodologias que promovam a participação e formação de crianças e adolescentes para sua autoproteção ao abuso e/ou exploração sexual e atuação qualificada como agentes multiplicadores. [...] (BRASIL, 2013, p. 40 e 41).

#### Quadro 5. PNEVSIJ – Eixo Comunicação e Mobilização Social

EIXO: COMUNICAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL
<p><b>OBJETIVO:</b></p> <p>Fortalecer as articulações nacionais, regionais e locais de enfrentamento e pela eliminação do abuso e/ou exploração sexual, envolvendo mídia, redes, fóruns, comissões, conselhos e outros.</p>
<p><b>DIRETRIZ DO PLANO DECENAL:</b></p> <p><b>EIXO 4 – CONTROLE SOCIAL DA EFETIVAÇÃO DOS DIREITOS</b></p> <p><i>Diretriz 07 – Fortalecimento de espaços democráticos de participação e controle social, priorizando os conselhos de direitos da criança e do adolescente e assegurando seu caráter paritário, deliberativo, controlador e a natureza vinculante de suas decisões.</i></p> <p><i>Diretriz 13 – Cooperação internacional e relações multilaterais para implementação das normativas e acordos internacionais de promoção e proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente.</i></p>

Fonte: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH) (2013, p. 41).

Para que se efetive o objetivo do quinto eixo, Eixo Comunicação e Mobilização Social, devem ser promovidas ações com vistas à

Promoção da integração dos diferentes conselhos nacionais, estaduais, municipais e distrital de direitos da criança e do adolescente e dos setoriais para a construção de políticas articuladas de enfrentamento ao abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes;

Estímulo ao fortalecimento e à descentralização das redes, comitês, fóruns, e comissões para o enfrentamento do abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes nos âmbitos municipal, estadual, distrital e federal;

Fomento e estímulo à pauta do tema abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes para o planejamento e monitoramento de ações inseridas nos Planos Nacionais temáticos, observando as diretrizes do Plano Decenal;

Fortalecimento das ações de mobilização do Dia 18 de Maio, reafirmando os direitos humanos sexuais de crianças e adolescentes e do símbolo da luta Flor e o Slogan “Faça Bonito – Proteja nossas Crianças e Adolescentes”;

Sensibilização e mobilização da mídia, com a qualificação dos profissionais de comunicação, para a construção e divulgação de ações positivas de enfrentamento ao abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes. [...] (BRASIL, 2013. p. 42-46).

#### Quadro 6. PNEVSIJ – Eixo Estudos e Pesquisas

EIXO: ESTUDOS E PESQUISAS
<p><b>OBJETIVO:</b></p> <p>Conhecer as expressões do abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes por meio de diagnósticos, levantamento de dados, estudos e pesquisas.</p>
<p><b>DIRETRIZ DO PLANO DECENAL:</b></p> <p><b>EIXO 5 – GESTÃO DA POLÍTICA NACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES</b></p> <p><i>Diretriz 12 – Produção de conhecimentos sobre a infância e a adolescência, aplicada ao processo de formulação de políticas públicas.</i></p>

Fonte: Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH) (2013, p. 46).

O atendimento quanto à finalidade desse eixo, Eixo Estudos e Pesquisas, prevê a realização de ações e atividades direcionadas à

Garantia de inclusão da temática direitos sexuais e reprodutivos e sobre abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes nas linhas de pesquisa e na destinação de recursos pelas agências de fomento à pesquisa;

Fomento à realização de pesquisas e estudos sobre o perfil da pessoa que comete abuso e/ou exploração sexual de crianças e adolescentes;

Elaboração e divulgação de estudos e pesquisas sobre tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual, sua dinâmica territorial, perfil de atores e interfaces com as demais expressões de violência, prioritariamente nos municípios propícios a maior incidência;

Desenvolvimento de estudos georreferenciados da incidência do abuso e/ou exploração sexual nas cinco regiões brasileiras.

Fortalecimento de estudos e pesquisas que contemplem a análise das perspectivas e cenários de vulnerabilidade e risco do abuso e/ou exploração sexual a partir da perspectiva do público foco, incluindo questões de gênero, sexualidade, educação, saúde, culturais, ambientais e habitacionais. [...] (BRASIL, 2013. p. 47-49).

Evidenciando-se a organização do plano nacional, conclui-se que o mesmo corresponde a um importante instrumento de referência tanto para os governos em todas as esferas, à medida que podem elaborar os planos estaduais e municipais em que os direitos

humanos sexuais das crianças e adolescentes sejam uma questão estruturante, quanto para a sociedade civil, em prol da organização de movimentos que objetivem mobilização, articulações e implementação do próprio PNEVSIJ.

Cabe ressaltar que o município de São Luís/MA possui um Plano Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual Infantojuvenil, tendo como instrumento de monitoramento e avaliação de ações e atividades o Comitê de Monitoramento do Plano Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes de São Luís – Maranhão (CMPMEVSCA-SLSMA) que está sob a coordenação do Conselho Municipal da Condição Feminina (CMCF), do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e do Conselho Municipal da Assistência Social (CMAS), os quais deliberam conjuntamente sobre políticas, exercendo o controle social sobre as ações dos órgãos gestores responsáveis pelas políticas sociais.

### **3.3 O Sistema de Atendimento a Casos de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes e suas famílias em São Luís/MA.**

Na década de oitenta, meninas virgens, com menos de 15 anos de idade, eram leiloadas em bares frequentados por homens de alta sociedade nas cidades maranhenses de Imperatriz e Humberto de Campos.

No início dos anos noventa as meninas em situação de rua, na cidade de São Luís, denunciavam a violência sexual sofrida em seus lares e nas ruas onde estavam convivendo. (CARDOSO ET AL, 2009, p. 11)

A história da violência sexual infantojuvenil no Maranhão, bem retratada através dessa citação, não representa algo diverso do que se observa no contexto brasileiro e mundial e como bem coloca da Silva (2013)

O Estado do Maranhão seguiu a tendência nacional com a criação de órgãos de proteção às crianças e aos adolescentes, infelizmente com um atraso de mais de uma década em relação ao ECA. No entanto, pode-se afirmar que alguns avanços foram obtidos neste campo de atuação. (DA SILVA Org, 2013, p. 20).

A luta pelos Direitos Sexuais de Crianças e Adolescentes, no Maranhão, tem como marcos o desenvolvimento do Projeto Ser Menina Mulher nesse contexto de Violência, entre os anos de 1992 a 1994, e a realização da Campanha contra o Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes que, juntamente com a ocorrência de dois casos no Estado, impulsionaram o movimento de defesa dos direitos da criança e do adolescente exigindo dos

órgãos responsáveis providências urgentes para a estruturação de um sistema de atendimento a casos de violência sexual em São Luís/MA.

Um dos casos mencionados ocorreu na cidade de Caxias no ano de 1999

[...] um caso de exploração sexual envolvendo 7 meninas entre 13 e 17 anos de idade. Algumas mães procuraram o Conselho Tutelar da cidade para denunciar que pessoas influentes estavam explorando sexualmente suas filhas. O Conselho Tutelar levou o caso ao Ministério Público que averiguou a situação e denunciou, entre outros, pessoas da alta sociedade do município, comandante da Polícia Militar, Juiz de Direito, Deputado Estadual e proprietário de bar. A grande repercussão do caso tornou a situação das famílias e das adolescentes vulnerável. O Ministério Público solicitou suporte das autoridades de São Luís e do movimento social para proteger essas adolescentes, evitar que o caso ficasse impune por falta de provas e sustentar a denúncia feita pelas famílias. (CARDOSO ET AL, 2009, p. 12-13).

#### O outro caso

Nos anos 90, o Maranhão foi marcado por um crime bárbaro e cruel, aparentemente sem solução: meninos entre treze e quinze anos estavam sendo encontrados mortos e com seus órgãos genitais decepados. O episódio ficou conhecido como “Caso dos Meninos Emasculados” e chocou a população, que exigiu uma resposta eficiente do poder público e, também, de algumas entidades de Direito. (CARDOSO ET AL, 2009, p. 15).

O fato é que a partir da ampliação do nível de informação por meio de campanhas educativas e informativas, a revelação e a denúncia de vários de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes nos mais diversos ambientes cresceram significativamente, impulsionando ainda mais a urgência em medidas de proteção para essa população maranhense.

E como resultado dessa forte pressão social, surgiu o projeto Rompendo o Silêncio, como uma iniciativa do Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente Pe. Marcos Passerini (CDMP), com a finalidade de mobilizar ações e estratégias para a elaboração e estruturação do Sistema de Atendimento a Casos de Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes de São Luís, já que

A partir daí, uma serie de campanhas e ações foram desenvolvidas em 03 (três) eixos de intervenção: conscientização, educação e repressão, valendo ressaltar que, em 1997 e 1998, o Ministério Público co-coordenou a campanha estadual contra o abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes e que contribuiu para a criação do Sistema Estadual de Enfrentamento. (CDMP, 2006, p. 05).

Na figura abaixo, serão apresentadas mais informações acerca da especificidade desse projeto.

Figura 1. Projeto Rompendo o Silêncio

**PROJETO**  
**Rompendo o Silêncio**

**DIGA NÃO**  
ao abuso e  
à exploração  
sexual de  
crianças e  
adolescentes

*Construindo o  
Sistema de Atendimento  
a Casos de  
Violência Sexual contra  
Crianças e  
Adolescentes*

**O QUE É**

**Rompendo o Silêncio** é um projeto que atua na defesa dos direitos infantojuvenis, especificamente no combate à violência e ao abuso sexual de crianças e Adolescentes, a partir de ações integradas nos âmbitos Governamental e não-governamental. O projeto visa construir o Sistema de Atendimento a Casos de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes em São Luís.

**OBJETIVO**

**Implantar e operacionalizar** o “Sistema de Atendimento a Casos de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes em São Luís”.

**AÇÕES DESENVOLVIDAS**

- Sistematização de rotinas internas das instituições que compõem o Sistema de Atendimento a Casos de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes.
- Capacitação dos profissionais das instituições que irão compor o Sistema.
- Implementação do reordenamento das perícias de casos de violência sexual contra crianças e adolescentes.
- Criação de um sistema de monitoramento permanente de gestão do Sistema.

**ENTIDADES ENVOLVIDAS**

- Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente.
- Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.
- Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente Pe. Marcos Passerini.
- Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.
- Fórum dos Direitos da Criança e do Adolescente.
- Ministério Público.
- Unicef.

**CONTATO**

Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente  
Pe. Marcos Passerini (CDMP).  
Rua Sete de Setembro, 208, Centro, São Luís/MA.  
CEP:65010-120.  
Fone: 231-1445 - cdmpslz@terra.com.br

Fonte: CDMP (2006)

E foi nesse movimento que, no ano de 1999, foi delineado e implantado o Sistema de Atendimento a Casos de Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes de São Luís, como uma política pública municipal de proteção voltada à infância e adolescência, bem como suas famílias, dentro do contexto da violência sexual, que vigora até os dias atuais, com as devidas adequações feitas anualmente diante do cenário e da demanda, pautado no Sistema de Garantia de Direitos (SGD), definindo princípios, diretrizes, fluxogramas e mecanismos voltados para orientar, monitorar e avaliar as ações implantadas para o atendimento. Esse sistema, ainda,

[...] tem como pressuposto a intercomplementariedade dos serviços nas áreas da Saúde, Assistência Social, Educação, Segurança Pública, Justiça e Ministério Público, com estabelecimento de responsabilidades e definição de fluxo de atendimento. Nesse sentido, podemos citar a criação da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA); do Centro de Perícias Técnicas para a Criança e o Adolescente (CTPCA), experiência única no Brasil; da criação da Promotoria e da Vara Especializadas em Crimes contra Crianças e Adolescentes e a ampliação do número de Conselhos Tutelares (CTs). (CMPMEVSCA-SLSMA, 2014, p. 25).

No geral, o Sistema de Atendimento de São Luís representa uma iniciativa envolvendo todas as instituições que são atuantes no contexto ludovicense objetivando

combater e interromper, de maneira ágil, eficiente e célere o ciclo da violência sexual infantojuvenil, a fim de garantir e proporcionar um serviço de atendimento coordenado, interdisciplinar e especializado às vítimas e às suas famílias.

### ***3.3.1 O fluxo e a matriz de órgãos e serviços de atenção a crianças e adolescentes e suas famílias em situação de violência sexual de São Luís/MA.***

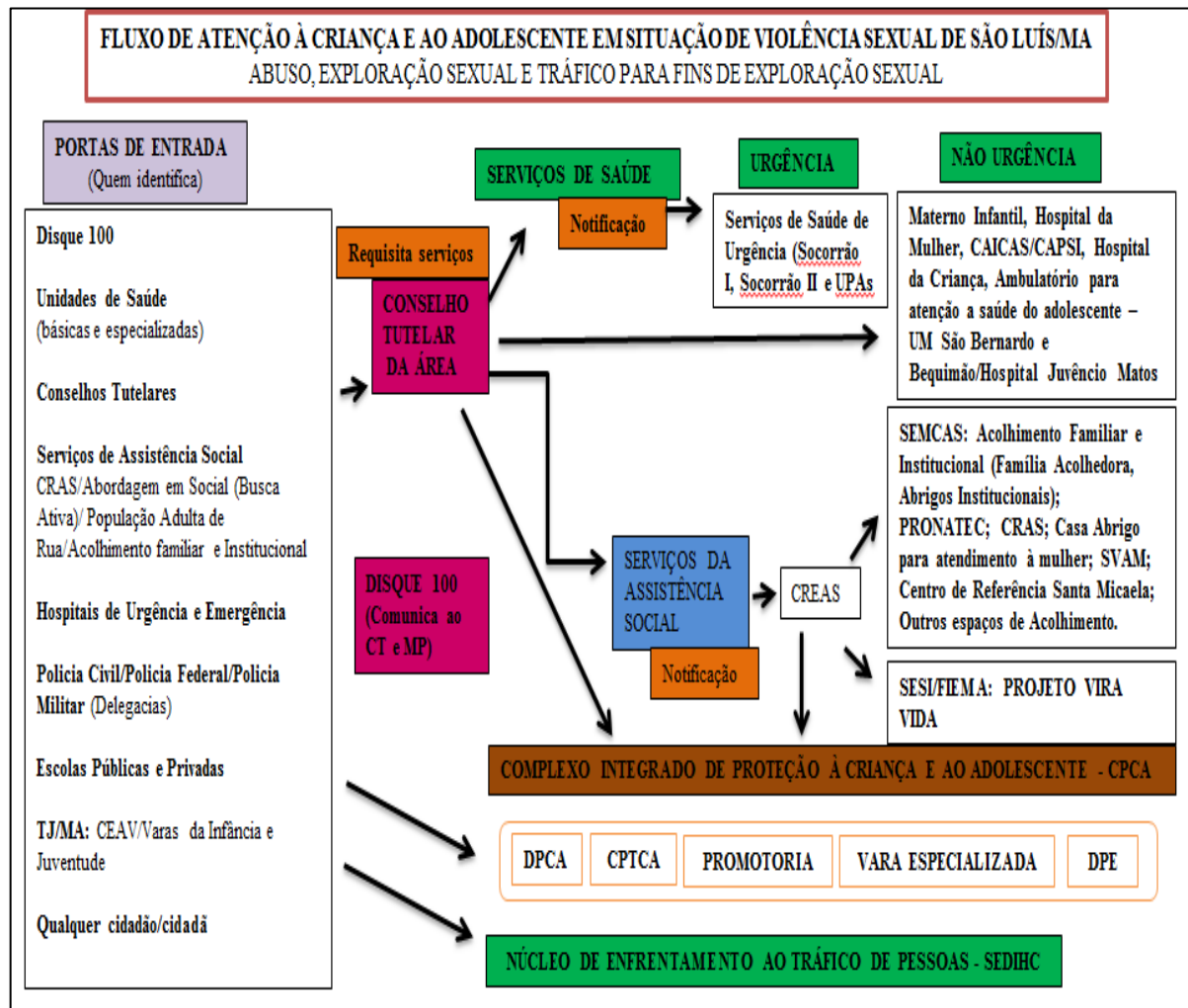
Assim que entra no Sistema de Atendimento uma denúncia de violência sexual, iniciam-se uma série de rotinas pré-estabelecidas que conduzirão e interligarão as diversas instituições, órgãos e serviços a fim de prestar o devido atendimento às vítimas, bem como dar suporte e orientação para as famílias e responsabilizar os agressores.

Em se tratando do município de São Luís, não há um fluxo de atenção à criança e ao adolescente em situação de violência sexual definido, apesar de que em junho de 2014, com a realização de uma oficina de rediscussão do fluxo de atenção, a qual contou com a presença de profissionais das mais diversas áreas – assistência social, saúde, educação, segurança, justiça e defesa de direitos, finalizou-se com a elaboração de um fluxo geral interligando e tendo interseção destas áreas almejando, assim, caracterizar o percurso institucional que a situação ou o caso de violência deve ou pode percorrer a partir da responsabilidade de cada instituição mediante a especificidade de seu serviço (CMPMEVSCA-SLSMA, 2014, p. 29).

Na figura a seguir, será apresentado o fluxo que ficou estabelecido como resultado da oficina que ocorreu no ano de 2014.



Figura 2. Fluxo de Atenção à Criança e ao Adolescente em situação de Violência Sexual de São Luís/MA



Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do CMPMEVSCA-SLSMA (2014, p. 30).

É importante ressaltar que, para que o fluxo, de fato, aconteça e as atividades do Serviço de Atendimento sejam desempenhadas com celeridade e eficiência, o papel e as responsabilidades de cada órgão e serviço devem estar bem delineados, como pode ser visualizado por meio da Matriz de Órgãos e Serviços de Atenção a Crianças e Adolescentes e suas Famílias em situação de Violência Sexual de São Luís apresentada abaixo, com base em informações extraídas do Comitê de Monitoramento.

A tabela 1 mostra os órgãos e os tipos de serviço realizado na área da justiça e da defesa de direitos.

Tabela 1. Órgãos e os serviços realizados na área da Justiça e da Defesa de Direitos.

	ÓRGÃO/SERVIÇO	TIPO DE SERVIÇO REALIZADO
<b>JUSTIÇA</b> <b>DEFESA E RESPONSABILIZAÇÃO</b>		
<b>Complexo de Proteção da Criança e do Adolescente (CPCA)</b> <b>Luís/MA</b>	Defensoria Pública do Estado do Maranhão (DPE/MA) - Núcleo da Criança e do Adolescente – 1ª Vara da Infância e Juventude	Garantir assistência jurídica, integral e gratuita, judicial e extrajudicial, a quem não pode contratar um advogado particular, prestando-lhe orientação e defesa em todos os graus e instâncias, de modo coletivo ou individual.
<b>Complexo de Proteção da Criança e do Adolescente (CPCA)</b>	Tribunal de Justiça do Maranhão (TJ -MA) – 9ª Vara Criminal Especializada em Crimes contra Crianças e Adolescentes de São Luís	- Instrução e julgamento do caso
<b>Complexo de Proteção da Criança e do Adolescente (CPCA)</b>	Ministério Público (MP) - 29ª Promotoria de Justiça Especializada em Crimes contra a Crianças e Adolescentes de São Luís	- Encaminha para Autoridade Policial ou para o Conselho Tutelar para adoção das medidas necessárias; - Acompanha os desdobramentos da notificação; - Oferece a denúncia e qualifica o crime.
	TJ/MA – Coordenadoria da Infância e Juventude - Centro Estadual de Apoio às Vítimas (CEAV)	Serviço para receber e escutar crianças e adolescentes vítimas ou testemunhas de violência física, sexual ou psicológica. O “Depoimento Especial” reserva a meninos e meninas o tratamento prioritário, sigiloso e seguro.
<b>CONSELHOS TUTELARES</b>	Conselho Tutelar (CT)	- Atender crianças e adolescentes nas hipóteses previstas nos arts. 98 e 105, aplicando as medidas previstas no art. 101, I a VII; - Atender e aconselhar pais ou responsáveis, aplicando as medidas previstas no art.129, I a VII; - Promover a execução de suas decisões, podendo para tanto: a) Requirir serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança; b)- Encaminhar à autoridade judiciária os casos de sua competência; - Expedir notificações; c) - Requirir certidões de nascimento e de óbito de criança ou adolescente quando necessário;
<b>SEGURANÇA PÚBLICA</b>	Secretaria Municipal de Segurança com Cidadania (SEMUSC)- Guarda Municipal de São Luís	Formula, implementa e avalia políticas de proteção social, prevenindo, proibindo, inibindo e restringindo comportamentos sociais desviantes que atentem contra os bens, serviços e instalações municipais, vigiando e protegendo o patrimônio ecológico, cultural, arquitetônico e ambiental, adotando medidas educativas e preventivas, além de mitigar as ocorrências de óbitos nos cenários de desastres, corroborando para o reestabelecimento da normalidade em tais cenários.  A Guarda Municipal é uma corporação uniformizada e armada, que tem por finalidade: I - atuar como órgão operacional da segurança pública municipal em atividades de prevenção do crime, criminalidade e desordem pública; II - apoiar a fiscalização do cumprimento às posturas municipais; III - realizar atividades de prevenção e salvamento nas praias, rios, lagoas, lagos e outras localidades do Município; IV - apoiar ações de Defesa Civil; V - realizar a proteção de bens, serviços e instalações municipais.
<b>Complexo de Proteção da Criança e do Adolescente (CPCA)</b>	Delegacia de Polícia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente(DPCA)	- Inicia a investigação; - Apresenta o relatório final do caso
<b>Complexo de Proteção da Criança e do Adolescente (CPCA)</b>	Secretaria de Estado da Segurança Pública do Maranhão (SSP/MA) – Centro de Perícias Técnicas para a Criança e o Adolescente (CPTCA)	Realiza perícias criminais, conta com uma equipe multiprofissional, nas áreas da medicina legal, psicologia e serviço social em crianças e adolescentes em situação/supostamente de violência (física, psicológica, sexual) e/ou negligência, auxiliando na investigação policial através da materialização das evidências e garantindo a proteção das vítimas.
	SSP/MA - Disque Denúncia Maranhão	Mobilizar a população a ajudar as autoridades no combate ao crime, a violência e a impunidade

Fonte: CMPMEVSCA-SLSMA (2014, p. 33-35).

Em se tratando dos órgãos e dos tipos de serviço realizado na área da saúde, a tabela 2 evidencia como a matriz está estruturada.

Tabela 2. Órgãos e os serviços realizados na área da Saúde.

SAÚDE		
<b>Secretaria Municipal da Saúde de São Luís- SEMUS</b>		Promover assistência médico -hospitalar, odontológica, de profilaxias, campanhas sanitárias e epidemiológicas de prevenção, bem como instituir o atendimento e acolhimento humanizado ao usuário da rede municipal de saúde, através da implementação do Sistema Único de Saúde (SUS).
	Hospital Municipal Djalma Marques- SOCORRÃO I	Atendimento de Urgência e Emergência de Média e Alta Complexidade
	Hospital Municipal Dr. Clementino Moura - SOCORRÃO II	Atendimento de Urgência e Emergência de Média e Alta Complexidade
	Centro de Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente – CAISCA/Filipinho	Ambulatório que assiste crianças e adolescentes até 17 anos e 11 meses, portadores de transtornos mentais e comportamentais, além de usuários / dependentes de substâncias psicoativas e em situação de violência sexual e doméstica, TDAH e outros problemas psicossociais.
	Centro de Atenção Integral à Saúde da Criança e do Adolescente CAISCA/Anjo da Guarda	Ambulatório que assiste crianças e adolescentes até 17 anos e 11 meses, portadores de transtornos mentais e comportamentais, além de usuários / dependentes de substâncias psicoativas e em situação de violência sexual e
	Hospital da Mulher	Atendimento de urgência e emergência e internação, de alta complexidade
	Hospital da Criança	Atendimento de urgência e emergência e internação, de alta complexidade
	Divisão de Agravos não Transmissíveis (DANTs) Superintendência de Vigilância Epidemiológica e Sanitária	Responsável por atividades relacionadas a promoção da saúde e prevenção das doenças não transmissíveis. Além de desenvolver ações educativas participa de campanhas de mobilização social para incentivo a prática de atividade
<b>Secretaria de Estado da Saúde do Maranhão – SES</b>		
	Hospital Infantil Juvêncio Matos	
	Maternidade Marly Sarney	Atendimento de urgência e emergência e internação, de alta complexidade
<b>Universidade Federal do Maranhão (UFMA)</b>	Hospital Universitário Materno Infantil (HUUFMA)	- Atendimento de urgência e emergência e internação, de alta complexidade - Formar profissionais da saúde e atender aos usuários do SUS, com qualidade.
	HUUFMA – Serviço de Obstetrícia e Ginecologia	
	HUUFMA – Serviço de Pediatria	

Fonte: CMPMEVSCA-SLSMA (2014, p. 36-37).

A organização da Assistência Social envolve os serviços, programas e projetos voltados à proteção dos direitos desse público e de suas respectivas famílias, como se observa na tabela abaixo.

Tabela 3. Órgãos e os serviços realizados na área da Assistência Social.

<b>ASSISTÊNCIA SOCIAL</b>  Secretaria Municipal da Criança e Assistência Social de São Luís – SEMCAS		Executa e coordena o Sistema Único de Assistência Social/SUAS, executa um conjunto de serviços, programas, projetos e benefícios organizados de forma hierarquizada e em níveis de complexidade (Proteção Social Básica e Proteção Social Especial de Média e Alta Complexidade), voltados à garantia de direitos de famílias, indivíduos e grupos em situação de exclusão e desvantagem pessoal e social.
	Serviço Especializado em <b>Abordagem Social e Rua/Busca Ativa</b>	Serviço ofertado, de forma continuada e programada, com a finalidade de assegurar trabalho social de abordagem e busca ativa que identifique, nos territórios, a incidência de trabalho infantil, exploração sexual de crianças e adolescentes, situação de rua, dentre outras.
	Serviço Especializado para <b>Pessoas em Situação de Rua</b>	Serviço ofertado para pessoas que utilizam as ruas como espaço de moradia e/ou sobrevivência. Tem a finalidade de assegurar atendimento e atividades direcionadas para o desenvolvimento de sociabilidades, na perspectiva de fortalecimento de vínculos interpessoais e/ou familiares que oportunizem a construção de novos projetos de vida.
	Serviço de Acolhimento Familiar e Institucional	Atende pessoas com vínculos familiares rompidos ou que precisam ser afastadas temporariamente de suas famílias. Proporciona proteção social através do acolhimento temporário, garantindo cuidados, alimentação, vestuário e acompanhamento psicossocial até que seja possível localizar a família, restabelecer os vínculos familiares ou até quando estiverem asseguradas a autonomia e a proteção. -Recebe crianças e adolescentes por demanda espontânea ou encaminhadas pelos Conselhos Tutelares e outros órgãos e entidades. -Realiza acompanhamento social, psicológico e pedagógico às pessoas abrigadas. -Realiza o recâmbio de pessoas abrigadas. -Desenvolve programas e projetos focados em ações de restabelecimento do vínculo familiar de origem ou estabelecimento de vínculos em família substituta.
	Abrigo Institucional <b>Luz e Vida</b>	- Acolhimento institucional na modalidade abrigo para adolescentes sob medida protetiva de abrigo; - Acolhe adolescentes em situação de rua, de abuso e exploração sexual, e outras situações de vulnerabilidades.
	Abrigo Institucional Casa de Acolhida Temporária	- Acolhimento institucional na modalidade abrigo, voltado para adultos, idosos e pessoas em situação de rua ou impossibilitadas de retornar ao lar.
	Programa Família Acolhedora	Incentiva famílias a abrigar, voluntária e temporariamente, crianças e adolescentes em situação de risco, até que a criança possa voltar para sua família de origem. A família solidária passa por capacitação e recebe apoio integral, através de uma equipe de psicólogos(as), assistentes sociais e conselheiros(as) tutelares.
	Centro de Referência Especializado da Assistência Social (CREAS) -	Serviço de referência para a oferta de trabalho social a famílias e indivíduos em situação de risco pessoal e social, por violação de direitos, que demandam intervenções especializadas no âmbito do SUAS.
Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Assistência Social e Cidadania do Maranhão – SEDIHC	Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento da Violência Sexual contra a Criança e o Adolescente – PAIR	Articulação e fortalecimento da rede de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.
	Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas	

Fonte: CMPMEVSCA-SLSMA (2014, p. 37-38).

Dentro da assistência social ainda podemos citar as organizações e instituições de iniciativa privada que também buscam criar alternativas visando reduzir a amplitude desse problema social.

Tabela 4. Órgãos e os serviços de iniciativa privada de assistência às vítimas de violência sexual infantojuvenil.

<b>ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL</b>	Sociedade Voluntária de Assistência ao Menor (SVAM)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acolhimento Institucional - Modalidade Abrigo de Alta Complexidade a Crianças e Adolescentes.</li> <li>- Atendimento Psicossocial a Crianças e Adolescentes.</li> <li>- Acompanhamento do Atendimento às necessidades básicas (Educação e Saúde).</li> <li>- Reinserção em família biológica, extensa ou substituta.</li> </ul>
	Grupo Solidariedade é Vida (SOLIVIDA)	Acolhimento institucional - Modalidade Abrigo e Casa de Passagem para mulheres e homens, crianças e adolescentes HIV positivas; crianças, adolescentes e adultos (da mesma família) em situação de rua, vítimas de violência doméstica, abuso e exploração sexual.
	Lar Calábria - 02 Casas Lares	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acolhimento institucional - Modalidade Abrigo/Casa Lar para adolescentes para crianças e adolescentes de ambos os sexos, em situação de rua, vítimas de violência doméstica e abuso sexual, de 07 a 18 anos.</li> <li>- Serviço de acolhimento institucional voltado a crianças e adolescentes que tiveram os vínculos familiares rompidos ou fragilizados. O atendimento acontece em pequenas unidades residenciais onde um casal atua como pai e mãe sociais, cuidando de até 10 crianças e adolescentes. O ambiente familiar e comunitário proporcionado pelas casas-lares busca resgatar a autoestima, a cidadania, a saúde física e emocional dos atendidos, em um local onde se sintam em casa, protegidos, amados e educados para um desenvolvimento saudável, até que possam retornar a sua família de origem ou até que sejam adotados ou, em último caso, até chegarem a maior idade.</li> </ul>
<b>NÃO GOVERNAMENTAL</b>	Irmãs Adoradoras do Santíssimo Sacramento - Irmã Micaela	Acolhimento Institucional - Modalidade de Abrigo para Crianças e Adolescentes de 10 a 16 anos em situação de rua que não seja usuário de substância psicoativa
<b>SISTEMA - FIEMA / SESI</b>	Projeto VIRA VIDA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Qualificação profissional;</li> <li>- Inserção no mercado de trabalho;</li> <li>- Atendimento psicossocial</li> </ul>

Fonte: CMPMEVSCA-SLSMA (2014, p. 39-40).

Estão inclusas, ainda, nesse grupo a Associação das Profissionais do Sexo do Maranhão (APROSMA), Centro de Formação para a Cidadania AKONI, o Grupo Lilás, o Grupo MEJ, dentre outros. (SEGTOWYCK, 2014).

Quanto aos órgãos relacionados ao contexto educacional e ao turismo, também presentes na Matriz de Órgãos e Serviços de Atenção a Crianças e Adolescentes e suas Famílias em situação de Violência Sexual de São Luís, a Tabela 5 vem destacando-os.

Tabela 5. Órgãos e os serviços educacionais e do turismo que apoiam as vítimas de violência sexual infantojuvenil.

EDUCAÇÃO		
Secretaria Municipal de Educação (SEMED)		Responsável pela viabilização da educação nos níveis infantil e fundamental e nas modalidades de educação especial (voltada para pessoas com deficiência), e de jovens e adultos que não concluíram o ensino fundamental. É responsável pela gestão das políticas públicas voltadas para a área da Educação do município de São Luís e por organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos sistemas de ensino.
Secretaria Municipal de Educação (SEMED)		Responsável pela viabilização da educação nos níveis infantil e fundamental e nas modalidades de educação especial (voltada para pessoas com deficiência), e de jovens e adultos que não concluíram o ensino fundamental. É responsável pela gestão das políticas públicas voltadas para a área da Educação do município de São Luís e por organizar, manter e desenvolver os órgãos e instituições oficiais dos sistemas de ensino, integrando-os às políticas e planos educacionais da União e dos Estados.
	Secretaria Adjunta de Ensino (SAE)	
	Superintendência da Área de Apoio ao Educando	
	Superintendência da Área da Educação Infantil (SAEI)	
	Assessoria Técnico-Pedagógica	
	Superintendência da Área de Educação de Jovens e Adultos (SAEJA)	
	Superintendência da Área de Ensino Fundamental (SAEF) -	
	Superintendência da Área de Educação Especial (SAEE)	
	Núcleo de Educação e Cultura Núcleo de Gênero	- Realização de atividades socioeducativas; - Acompanhamento sistemático de projetos voltados para crianças e adolescentes, mulheres em parceria com organizações não governamentais.
Secretaria Municipal de Turismo (SETUR)		Promover o turismo em São Luís de forma sustentável, participativa e transparente, proporcionando a todos geração de renda e melhoria na qualidade de vida.

Fonte: CMPMEVSCA-SLSMA (2014, p. 40-41).

Portanto, a importância em se expor acerca dos órgãos e da especificidade do serviço de cada um deles consiste em propiciar a viabilidade e rapidez tanto na notificação quanto no atendimento e, conseqüentemente, o acompanhamento da vítima por profissionais capacitados, a fim de que o vínculo seja favorecido bem como o tratamento iniciado e as devidas medidas tomadas, evitando-se a revitimização, isto é,

[...] a repetição de atos de violência pelo agressor ou a repetição da lembrança de atos de violência sofridos quando o relato do trauma necessita ser repetido para vários profissionais; é uma forma comum de violência. Isso pode acarretar prejuízo também para a justiça, pois a vítima, por cansaço, pode omitir fatos ou, por considerar que está chamando a atenção, pode aumentar os acontecimentos. Outras formas de revitimação é a peregrinação pelos serviços para receber atendimento ou, quando esse atendimento é sem privacidade, expor a dor e sofrimento diante de terceiros. Essa falta de sigilo pode estigmatizar a criança ou o adolescente como “abusada”, agravando o trauma. (CMPMEVSCA-SLSMA, 2014, p. 32).

Concretizada a apresentação, cabe destacar uma das instituições que já foi mencionada na matriz acima, o Projeto Vira Vida que tem como objetivo o atendimento psicossocial de adolescentes e jovens vítimas de abuso e exploração sexual no contexto maranhense e a inserção dos mesmos no mercado de trabalho a partir da qualificação profissional, buscando proporcionar a esta população uma nova oportunidade de ver e vivenciar a vida.

Cabe esclarecer que, diante das mudanças políticas que caracterizaram (e ainda caracterizam) o atual cenário brasileiro, o Projeto Vira Vida atendeu, exclusivamente, o público de violência sexual até o ano de 2015, passando, a partir do ano subsequente, a atender adolescentes e jovens em diversas vulnerabilidades sociais, como trabalho infantil, violência doméstica, adolescentes e jovens abrigados, entre outros.

#### 4 TECNOLOGIA SOCIAL VIRA VIDA

Em 2007, quando passava férias com minha esposa em Fortaleza, no Ceará, presenciei um fato na Praia do Futuro que, para as pessoas que ali passavam, não tinha a mínima importância. Notei que uma mulher falava com um grupo de turistas italianos sentados ao nosso lado, num quiosque. Enquanto isso, meninas de todas as idades aguardavam a distância. Aos poucos, a mulher ia distribuindo as meninas para aqueles turistas, como se fossem mercadorias. Aquilo me indignou. Fiquei revoltado.

Já tinha visto antes cenas como aquela, mas não tinha enxergado. Quando enxerguei, senti que não podia me calar sobre aquilo. Estava decidido a não ficar apenas no campo da indignação. Tínhamos que ir (SESI-CN, 2013).

O Projeto Vira Vida surgiu em 2008, em alguns Estados do Brasil, por meio de experiências construídas e efetuadas por quatro projetos pilotos - em Fortaleza, Recife, Natal e Belém (DIÓGENES, 2010), como uma iniciativa do até então presidente do Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria (SESI-CN), Jair Meneguelli que, idealizou um “projeto de educação profissional e inserção produtiva de adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social, vítimas de abuso e exploração sexual” (LOURENÇO; FONTES, 2014a, p. 20) e, juntamente com uma rede de parceiros, tornou-o realidade.

Tendo obtido êxito com a implantação dos projetos pilotos, o Vira Vida começou a ganhar e ocupar espaços nos demais estados brasileiros, o que inclui o Maranhão, no qual

[...] o processo de implantação do VIRAVIDA em São Luís ocorreu no período de janeiro a setembro de 2011, com o início da primeira turma no mês seguinte. Esse processo caracterizou-se pela mobilização junto à Rede local de Enfrentamento à Violência Sexual contra Criança e Adolescente para a apresentação do Projeto e formação de parcerias. (SEGTOUYCK, 2014, p. 68).

Representando uma estratégia de intervenção social, o Vira Vida tem como objetivo principal, conforme Lourenço e Fontes (2014a, p. 20) buscar “a inclusão socioproductiva de adolescentes e jovens entre 14 e 24 anos [...], promovendo a geração de emprego, melhoria da renda pessoal e familiar e fortalecendo os aspectos psicossociais: autoestima, vínculos familiares e comunitários”. Pontuando acerca desse aspecto, cabe ressaltar que, no contexto maranhense, a faixa etária do público atendido ainda se refere às idades entre 16 e 21 anos.

Partindo disso, o Vira Vida visa proporcionar aos alunos (como é chamado o seu público) a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades (como autonomia, autocontrole etc.) à medida que incentiva a mudança de vida através de novas oportunidades, dentre elas, a inserção no mercado de trabalho. Ou seja,



[...] é preciso proporcionar a estes adolescentes e jovens um processo de acolhimento, de construção de valores e de resgate da autoestima. Nosso papel é levar os candidatos a um processo de descoberta de suas potencialidades, pois, de modo geral, as violências físicas e/ou psicológicas silenciam os planos futuros e distorcem a percepção em relação a si próprio e ao mundo.

As ações socioeducativas do programa Vira Vida operam um processo de transformação: de migração da situação de domínio e subjugado para um novo plano de autoaceitação, autovalorização e pavimentação do seu caminho em direção à autonomia. Isso se dá pelo cultivo das competências, e também pela percepção de fazer parte de uma rede de proteção; isto é, pelo sentimento de pertencer a um grupo, um movimento, uma cidade e ao mundo do trabalho. (LOURENÇO; FONTES, 2014b, p. 9-10).

Estruturalmente, o Vira Vida se organiza em etapas. Estas, por sua vez, envolvem a preparação, a implementação e o monitoramento do processo socioeducativo. Sendo assim, a sistematização ou a estrutura analítica do projeto está subdividida em quatro etapas, definidas e caracterizadas na figura abaixo.

Figura 3. Estrutura da Tecnologia Social Vira Vida.



Fonte: LOURENÇO; FONTES (2014a, p. 21).

#### 4.1 Articulações e mobilizações

A etapa 1 está relacionada às Articulações e Mobilizações em prol da implantação do programa, haja vista que, como bem coloca Lourenço e Fontes (2014a, p 24) “o desenho de um programa social voltado a adolescentes e jovens em situação de exploração sexual assume, não apenas a lógica dos movimentos, como também a dinâmica de atuação em rede”.

Por isso, ações como *a sensibilização dos parceiros e o levantamento das instituições sociais* que atendem esse público são primordiais para a construção de relações de cooperação, de confiança e de corresponsabilidade entre todos os participantes envolvidos nesse processo de instauração, ainda mais quando se tem como realidade, diante das primeiras experiências, o fato de que

Um dos maiores desafios enfrentados pelo Vira Vida não se deu no campo financeiro ou técnico, mas político-institucional. O mais significativo diz respeito à produção de outra cultura institucional, capaz de alcançar e seduzir segmentos que se encontravam distanciados do social e difundir a lógica da abertura, da flexibilidade e da formação de redes no seio da política. (LOURENÇO; FONTES, 2014a, p. 24).

O *diagnóstico da realidade* implica na observância quanto às especificidades locais que deverão ser respeitadas e adaptadas mediante essa construção.

Já como *formalização das parcerias*, entende-se o momento em que se estreitam os contatos, buscando a proximidade e conquistar a adesão de empresários, para os futuros encaminhamentos quanto a oportunidades no mercado de trabalho local, e de instituições do Sistema S – SENAI, SENAC, etc., que darão sustentabilidade ao projeto em se tratando do oferecimento dos cursos de qualificação profissional gratuitos.

A partir daí, *elabora-se o pré-projeto* e, em seguida, o *Plano Operativo Local*, documentos formais que nortearão e viabilizarão a execução do cronograma físico-financeiro do projeto, incluindo os recursos materiais, humanos e todas as despesas necessárias para a instalação e manutenção do programa.

Nesse primeiro momento, há, ainda, *a formação da equipe local* do Vira Vida, composta por um assistente administrativo, um analista de mercado (também chamado de técnico de empregabilidade), um assistente social, um pedagogo, um psicólogo e o coordenador operacional cujas atribuições estão descritas na figura a seguir.

Figura 4. Estrutura da Tecnologia Social Vira Vida.

As principais atribuições dos profissionais da equipe operacional são:

**Assistente administrativo** — apoiar a equipe no acompanhamento dos jovens incluindo controle de assiduidade; controle do pagamento da bolsa aos alunos, atualização das fichas cadastrais, organização de documentos e prestação de contas, inclusão de dados no Sistema de Gestão Financeira (SGF) e também prestações de contas e termos de cooperação, entre outros documentos relativos à gestão do programa.

**Analista de mercado** — este profissional será responsável pela inserção dos alunos e formandos. Ele deverá atuar de forma integrada com a equipe, apropriando-se das informações sobre os cursos e promovendo relacionamento e negociações com empresas, com o objetivo de inserir os beneficiários do programa no mercado de trabalho.

**Assistente social** — analisar as condições de vida dos educandos, orientando e promovendo o acesso aos programas sociais. Situar os participantes sobre ética e valores necessários à convivência. Promover o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

**Pedagogo** — mobilizar, articular e pactuar com os parceiros (Sistema S, secretarias de educação, interlocutores do Pronatec) os serviços a serem realizados no ViraVida. Promover atividades que estreitem e valorizem o relacionamento entre os jovens e seus educadores.

**Psicólogo** — realizar processo de seleção dos jovens para inserção no projeto; desenvolver atividades psicossociais individuais e em grupo visando especialmente a elevação da autoestima e o fortalecimentos dos vínculos familiares; promover o acompanhamento psicossocial dos jovens.

**Coordenador operacional** — assegurar o cumprimento das diretrizes estratégicas, supervisionando a execução do Plano Operativo Local. Zelar pela integração das instituições parceiras. Promover a integração e sinergia entre membros da equipe, docentes e gestores.

Fonte: LOURENÇO; FONTES (2014a, p. 29).

A última ação desta etapa corresponde ao *seminário de lançamento* que, como o próprio nome evidencia, é um evento de inauguração do programa e consiste em uma estratégia para despertar a atenção da sociedade, oficializando a implantação do programa, influenciando o entrosamento dos parceiros e a apresentação da metodologia a ser utilizada.

Após o processo de implantação, o evento que a equipe local do Vira Vida elabora, antes do início de cada turma, denomina-se Café com a Rede, objetivando atrair novos parceiros, estreitar as relações com os antigos e apresentar a metodologia do programa, com as devidas modificações, caso tenham ocorrido.

## 4.2 Inserção de candidatos

A segunda etapa, Inserção de candidatos, desdobra-se em seis passos: *sensibilização dos parceiros quanto ao recorte de público e sua corresponsabilidade, identificação e mobilização de candidatos, inscrição e análise dos dados* (ficha de inscrição e relatório social), *processo de inserção, devolutiva para as instituições e matrícula e acolhimento*.

O primeiro passo, *sensibilização dos parceiros quanto ao recorte de público e sua corresponsabilidade*, relaciona-se ao diálogo da equipe técnica local com os parceiros acerca do perfil dos candidatos, reforçando o encaminhamento correto dos que serão indicados e o acompanhamento que eles (os parceiros) também deverão exercer, não ficando, apenas, sob a responsabilidade da equipe técnica local. Mediante qualquer situação que venha acometer o adolescente ou jovem, as decisões a serem tomadas deverão ocorrer de forma conjunta entre parceiro e equipe técnica.

Quanto à *identificação e mobilização dos candidatos*, entende-se como a análise quanto ao atendimento dos pré-requisitos estabelecidos ao perfil do público atendido, isto é, se o indicado

Estar em situação de exploração sexual;  
 Ter sofrido abuso ou outras formas de violência sexual (com eminência de exploração sexual);  
 Estar em situação de vulnerabilidade socioeconômica, capaz de impelir o jovem à situação de prostituição;  
 Apresentar escolaridade compatível ao curso profissionalizante oferecido;  
 Demonstrar motivação para a mudança;  
 Não apresentar dependência química. (LOURENÇO; FONTES, 2014b, p. 14-15).

Somando-se a esses pré-requisitos, os candidatos devem comprovar, também, que estão na escola e, caso não estejam, devem se comprometer a realizar a matrícula em uma instituição de ensino, seja ela regular ou através do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA). (LOURENÇO; FONTES, 2014). A questão da escolaridade compreende na preocupação quanto à capacidade desse adolescente ou jovem em acompanhar os conteúdos das aulas, a fim de que essa dificuldade não venha a representar mais uma frustração na vida desse sujeito, obrigando-o a desistir do curso, por exemplo.

Em se tratando da dependência química,

Esse filtro no processo seletivo deve-se ao fato do SESI não dispor de expertise para atuar especificamente com jovens nessa situação. No entanto, é notório que essa

situação demanda atenção especial e concentração de esforços na busca de alternativas, visando a não exclusão do jovem e sua inserção numa rede especializada de atendimento (DIÓGENES, 2010, p. 56).

Nessa segunda etapa também está inclusa a *inscrição do candidato*, feita pela instituição social por meio do preenchimento da ficha de inscrição (Anexo 1) em conjunto com o relatório social (Anexo 2). Sobre esses documentos,

As instituições parceiras devem preencher as fichas de inscrição com dados pessoais do participante e de seus familiares, além de descrições sobre sua renda, saúde, educação e formas de lazer. A este documento deve ser anexado o Relatório Social do candidato, em que serão evidenciados os seguintes aspectos: contexto sócio-familiar e econômico, histórico de violações de direitos e potencialidades dos jovens e de sua família. Esses documentos deverão ser assinados pelo coordenador e técnico da instituição responsável pelo encaminhamento. (LOURENÇO; FONTES, 2014b, p. 15).

Após, a sensibilização dos parceiros quanto ao perfil, identificação e inscrição do candidato, o próximo passo equivale ao *processo de inscrição* em si que, no caso do Vira Vida, envolve três metodologias de seleção: dinâmicas de grupo, redação e entrevista individual.

Em se tratando do momento das dinâmicas de grupo, mesmo já se tendo notícia acerca da história de vida dos candidatos por meio das fichas de inscrição e do relatório social, de acordo com Diógenes (2010) é por via da dinâmica de grupo que ocorre, de fato, o primeiro contato com a equipe multidisciplinar, no qual a subjetividade e os traumas vividos pelos adolescentes e jovens passam a vir à tona. Tomando como referência o perfil e a faixa etária desse público, sugere-se o uso do lúdico como instrumento para a interação, integração e troca entre os participantes.

A redação (Anexo 3) equivale a outro elemento presente no processo de seleção dos participantes, representando uma via de conhecimento em virtude da dificuldade que muitos apresentam em expressar, de forma verbal, suas histórias de vida. Além disso, possibilita analisar outros pontos como o real interesse pelo programa, os projetos de vida (caso possuam), comparar o nível de conhecimento com a escolaridade, dentre outros.

Em sequência, tem-se a entrevista individual (Anexo 4) que é caracterizada por ser um momento em que se busca conhecer um pouco mais o candidato, estabelecendo um diálogo e identificando reações, silêncios, enfim, comportamentos com “carga mais visível de emoções e afetos” (DIÓGENES, 2010, p. 58). Geralmente, fica a cargo do profissional da área de psicologia ou da área de serviços social ser o responsável pela entrevista dirigida.

Concluído o processo de seleção, tem-se a *devolutiva de resultados para os parceiros* para, em seguida, iniciar *as matrículas e o acolhimento*.

Na fase do *acolhimento*, destaca-se a semana de socialização que visa a integração entre os alunos e a equipe local do Vira Vida, por meio de uma programação de atividades voltadas à proposta de desenvolvimento humano como apresentações, depoimentos de ex-alunos (alunos egressos) e de membros da equipe, dinâmicas de entrosamento, oficinas que sensibilizem reflexão e a assinatura do Acordo de Convivência, no qual se discutem os direitos e deveres dos alunos, bem como as regras e os limites estabelecidos pela equipe local do Vira Vida para que seja estabelecida uma boa convivência.

### 4.3 Processo Socioeducativo

#### O Processo Socioeducativo, terceira etapa, objetiva

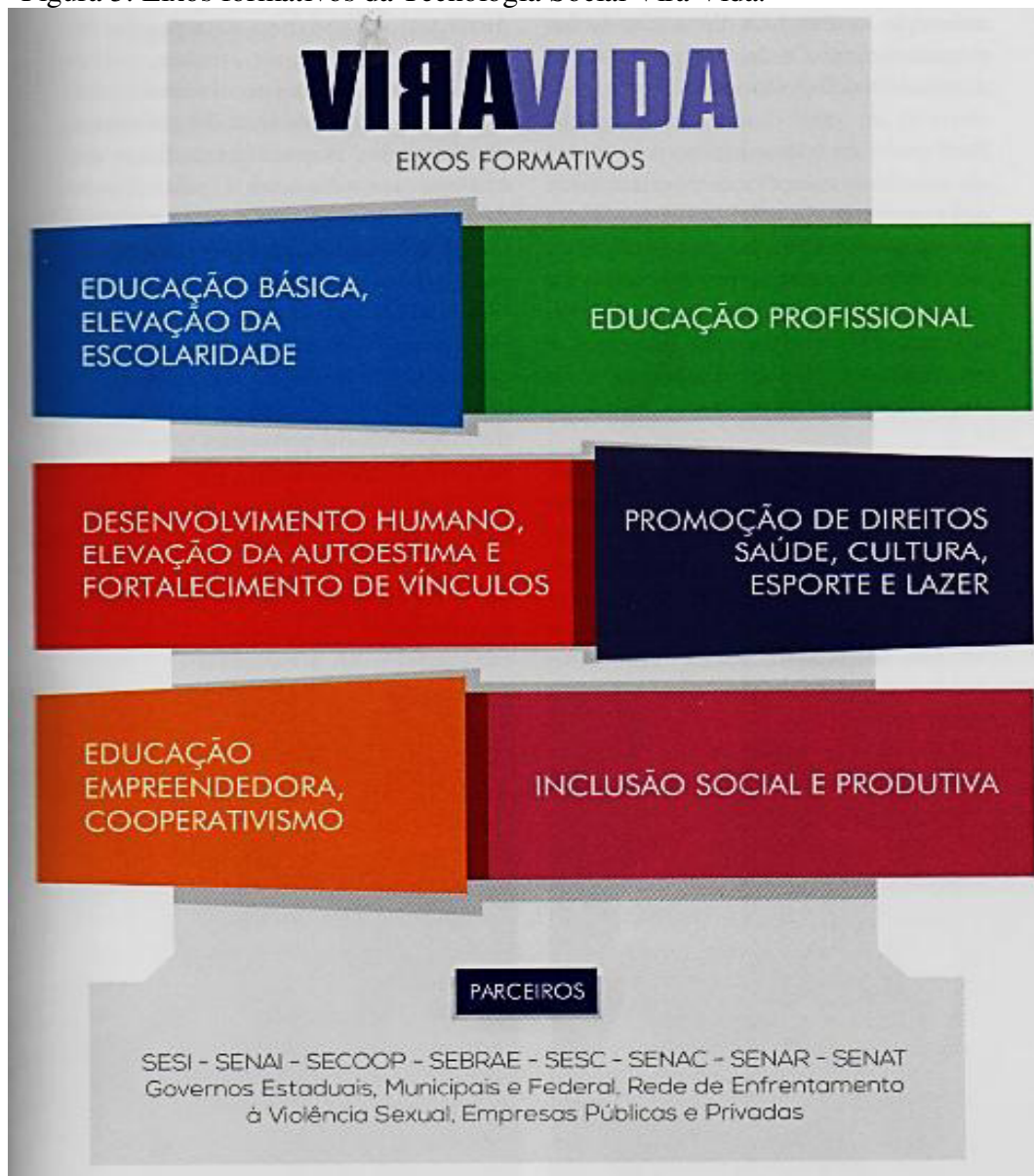
[...] contribuir para o desenvolvimento dos jovens a partir de uma estratégia de atendimento integral, que coordene educação básica e continuada, formação profissional, atendimento psicossocial, dinâmicas de elevação da autoestima e outras ações que propiciem autoconfiança e autonomia, base para que se tornem cidadãos solidários e profissionais competentes. (LOURENÇO; FONTES, 2014c, p. 10).

#### Além de

[...] está apoiado nos mesmos pilares preconizados pela Unesco: “Aprender a ser-fazer-conviver-conhecer”. A proposta do programa é perceber adolescentes e jovens como sujeitos de direitos com amplas perspectivas de desenvolvimento nos planos da afetividade, racionalidade, corporeidade e da espiritualidade. As metodologias utilizadas se fundamentam nos princípios humanistas e na educação para valores através de ações que desenvolvam o protagonismo, a autonomia, a autoestima e a formação de vínculos sociais. São complementadas por atividades de cultura e lazer que promovem o reconhecimento e respeito ao próprio corpo, a valorização da alimentação saudável, as dinâmicas de autoconhecimento e de engajamento em atividades sociopolíticas. (LOURENÇO; FONTES, 2014c, p. 12-14).

A partir disso, ressalta-se que a estrutura formadora proposta pelo Vira Vida é baseada em seis eixos (Figura 5): educação básica, educação profissional, desenvolvimento humano, promoção de direitos, educação empreendedora e inclusão social e produtiva, através dos quais, ao longo de todo o processo educativo, busca-se estimular o desenvolvimento do potencial humano do público atendido.

Figura 5. Eixos formativos da Tecnologia Social Vira Vida.



Fonte: LOURENÇO; FONTE (2014c, p. 13).

Todos os eixos possuem seu grau de importância no que tange ao processo de transformação dos adolescentes e jovens que fazem parte do Vira Vida. Da construção da proposta pedagógica, entrelaçada à escolha dos cursos de qualificação e orientação profissional, à promoção da qualidade de vida (lazer, atendimento à saúde).

As atividades educativas do Vira Vida devem ser organizadas de forma que possam integrar os eixos abordando conteúdos transversais e específicos, levando-se em consideração os objetivos do programa, os perfis de entrada e de saída dos educandos e os recursos disponíveis. Na figura abaixo, será apresentado um modelo de matriz curricular.

Figura 6. Modelo de matriz curricular proposta pelo programa Vira Vida.

Módulo	Abordagem*	Responsabilidade
Educação Básica e Continuada	Ensino regular	SESI ou Escola pública
	Educação de Jovens e Adultos (EJA)	DR SESI
	Turmas de aceleração	DR SESI
	Cursos de educação continuada	DR SESI
Educação Profissional	Cursos de educação profissional na indústria	SENAI
	Cursos de educação profissional no comércio	SENAC
Educação Empreendedora	Cursos de empreendedorismo	SEBRAE
Atendimento Psicossocial	Atendimento psicológico 1: individualizado	Equipe técnica DR
	Atendimento psicológico 2: terapia e rodas comunitárias	Equipe técnica DR
	Atendimento psicológico 3: visitas domiciliares	Equipe técnica DR
	Atendimento à saúde	Equipe técnica DR/ SESI DR
Qualidade de Vida	Esporte	SESC e/ou SESI
	Cultura	SESC e/ou SESI
	Lazer	SESC e/ou SESI
	Alimentação	SESI DR
Atendimento às Famílias	Oficinas de resgate de autoestima	Equipe técnica DR
	Atendimentos individuais aos pais e/ou responsáveis	Equipe técnica DR
	Rodas de conversa	Equipe técnica DR
	Encontros bimestrais	Equipe técnica DR
	Terapia comunitária	Equipe técnica DR
Capacitação e Suporte às Equipes	Pedagogia da presença & pedagogia da amor	SESI/CN
	Princípios norteadores pedagógicos do ViraVida	SESI/CN
	Cuidando do Cuidador	SESI/CN
	Seminários, workshops e eventos temáticos regionais e nacionais	SESI/CN

Fonte: LOURENÇO; FONTES (2014c, p. 18-19).

Cabe destacar, em decorrência da especificidade e complexidade da temática (violência sexual), o eixo do desenvolvimento humano considerado como o elemento-chave para a proposta de mudança defendida pelo programa. Nele está incluso o atendimento psicossocial, realizado pelo psicólogo apoiado pelo pedagogo e pelo assistente social e que se dá “tanto de forma individual (escuta qualificada) quanto coletiva e procura trabalhar a



autoestima, o restabelecimento dos vínculos afetivos, o fortalecimento de valores, as relações familiares e os projetos de vida” (LOURENÇO; FONTES, 2014c, p. 32).

Em outras palavras,

Projeto ViraVida propõe o atendimento psicossocial visando criar oportunidades para a vivência individual e coletiva dos jovens e a identificação de valores que lhes possibilitarão assumir uma postura de autonomia diante da vida. Devem ser estimulados também a avaliar com critério as suas ações e ser capazes de realizar escolhas lucidas diante das oportunidades apresentadas, sendo corresponsáveis pelos seus processos de crescimento pessoal e profissional. (DIÓGENES, 2010, p. 89).

No aspecto coletivo do atendimento psicossocial mencionado, destacam-se as rodas de conversa, a Terapia Comunitária (TC) e as vivências, as Oficinas de Resgate de Autoestima, as visitas domiciliares, o atendimento às famílias e o atendimento à saúde.

Assim sendo, por meio da escuta qualificada o profissional de psicologia da equipe multidisciplinar acaba conhecendo um pouco mais sobre o educando, sobre o atual momento deste, bem como identificar e compreender possíveis causas relacionadas ao insuficiente desempenho insuficiente nas atividades. Ressalta-se que não consiste em um atendimento clínico, no entanto, serve de ponte para que se possa traçar uma intervenção individualizada envolvendo todos os profissionais da equipe, fazer aconselhamentos e providenciar encaminhamentos, visando resgatar esse adolescente ou jovem, impedindo-o de desistir dessa oportunidade de mudança.

As rodas de conversa representam um espaço no qual os alunos acabam fazendo o exercício do autoconhecimento seja em decorrência de suas próprias demandas ou do compartilhamento em grupo. Com relação a essa metodologia

[...] tem como ponto de partida um assunto considerado relevante para o grupo, dentro do escopo da temática proposta pelo projeto. O tema poderá ser colocado na roda por meio de diferentes formas: uma pergunta bem fundamentada, uma notícia, o fragmento de um poema, uma cena de novela e uma situação-problema, entre outras coisas. As rodas abordam geralmente “temas da vida” . É um processo que se inicia nos percursos, nos encontros e desencontros e vão delineando capacidade de se enfrentar um leque de sentimentos diversos: medos, alegrias, certezas e incertezas. (DIÓGENES, 2010, p. 93).

Todas as atividades que estão inclusas no psicossocial tem como fundamento a Terapia Comunitária (TC). Uma metodologia de intervenção em comunidades que foi criada em 1987 pelo antropólogo e psiquiatra cearense Adalberto Barreto, equivalendo a uma abordagem preventiva voltada para as comunidades (LOURENÇO; FONTES, 2014). Ao defender que, através do compartilhamento de experiências e vivências em meio a encontros

comunitários, estimula-se a saúde e a elevação da autoestima, da autoconfiança e a valorização das histórias de vida dos participantes, abre espaço para o diálogo, para a compreensão das dificuldades e das vulnerabilidades sofridas, bem como para a busca de soluções, recusando-se qualquer tipo de julgamento, até porque o tema a ser discutido parte do próprio grupo, sendo, apenas, mediado pelo terapeuta comunitário.

[...] a Terapia Comunitária (TC) surgiu como uma ferramenta de cuidado nos programas de inserção e apoio à saúde mental da população. A TC é um espaço de acolhimento, para a partilha de sofrimentos e sabedoria de vida, que ocorre de maneira circular e horizontal. Constitui um espaço de escuta, reflexão e troca de experiências, criando uma teia de relação social entre os participantes, na busca de soluções para os conflitos pessoais e familiares. Beneficia as relações interpessoais, a formação de redes sociais solidárias e a utilização da cultura popular como subsídio para soluções de problemas vividos pela comunidade (ROCHA, 2009, p. 688).

Sendo assim, a TC possibilita

Ir além do unitário para atingir o comunitário;  
 Sair da dependência para a autonomia e a corresponsabilidade;  
 Ver além da carência para ressaltar a competência: o sofrimento vivenciado é uma grande fonte geradora de competência, que precisa ser valorizado e resgatado na própria comunidade, como uma forma de reconhecer o saber construído pela vida;  
 Sair da verticalidade das relações para a horizontalidade. Esta circularidade deve permitir acolher, reconhecer e dar o suporte necessário a quem vive situações de sofrimento;  
 Deixar a descrença para acreditar no potencial de cada um. O aprender coletivamente gera uma dinâmica de inclusão e empoderamento;  
 Ir além do privado para o público: A reflexão dos problemas sociais que atingem os indivíduos sai do campo privado para a partilha pública, coletiva, comunitária;  
 Romper com o isolamento entre o “saber científico” e o “saber popular”, fazendo um esforço no sentido de se exigir um respeito mútuo entre as duas formas de saber, numa perspectiva. (LOURENÇO; FONTES, 2014c, p. 34).

Dentro do atendimento psicossocial estabelecido no Vira Vida, também estão inclusas as Oficinas de Resgate da Autoestima que, estando embasadas em seis pilares “viver conscientemente, autoaceitação, auto responsabilidade, autoafirmação, intencionalidade e integridade pessoal” (LOURENÇO; FONTES, 2014c, p. 37), também finalizam despertar nos educandos o seu potencial. Ressalta-se que, para o uso da Terapia Comunitária e das Oficinas, a equipe técnica do Vira Vida recebe do Conselho Nacional do SESI cursos e treinamentos para que esteja habilitada a exercer.

Além destes, a equipe técnica realiza visitas domiciliares e faz atendimento às famílias (utilizando também das Rodas de Conversas, Oficinas, encontros, reuniões etc.) investindo também na assistência familiar, reforçando a importância de um ambiente

favorável que dê suporte às ações desempenhadas pelo Vira Vida em caráter de continuidade ao trabalho desenvolvido com os adolescentes e jovens.

Portanto, a construção de relações de confiança, a estimulação à participação, o diálogo, o envolvimento familiar, o respeito à diferença e as singularidades são elementos indispensáveis para o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários dos alunos do Vira Vida.

#### **4.4 Mundo do trabalho**

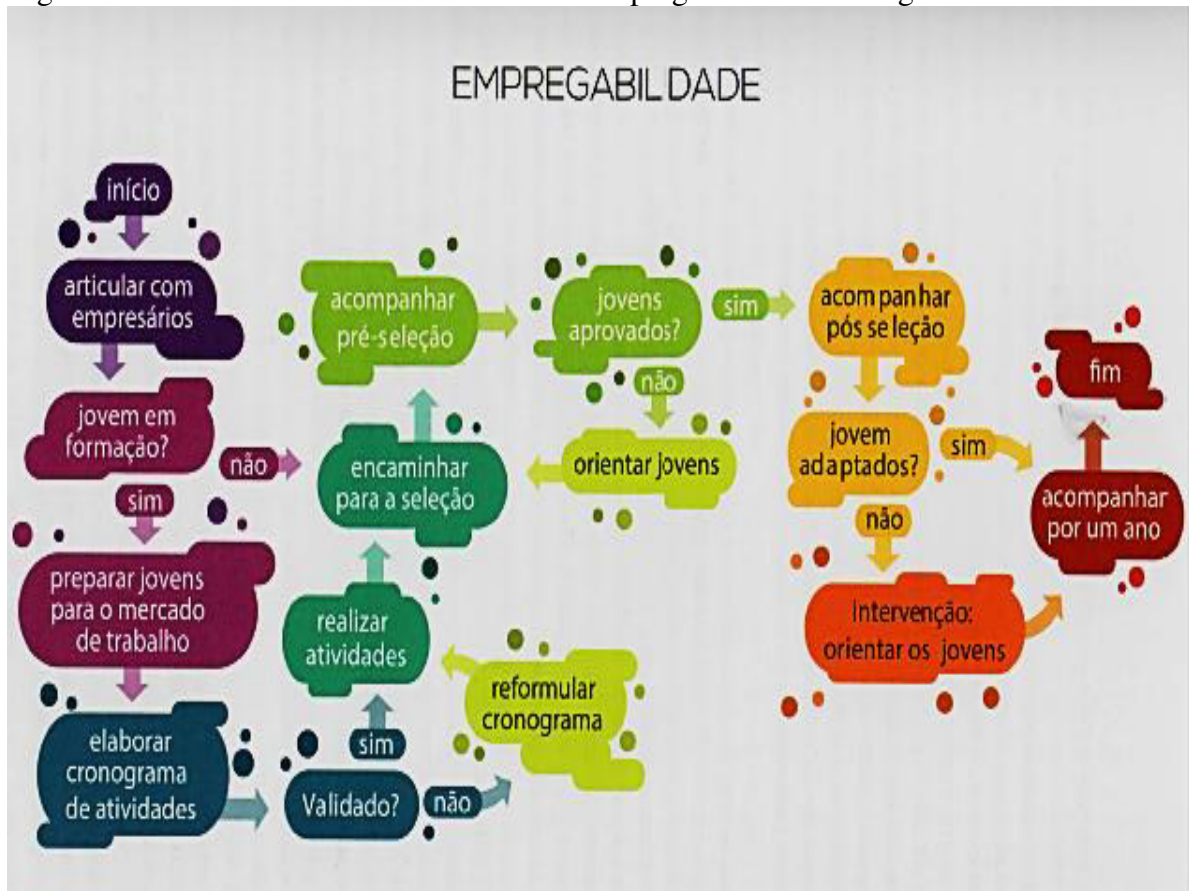
A última etapa, Mundo do trabalho, representa um dos maiores desafios do Vira Vida, tendo em vista que, além de se voltar para a preparação e o aperfeiçoamento profissional dos alunos, através do desenvolvimento de competências, o apoio especializado é imprescindível para a permanência e enfrentamento de obstáculos presentes no mercado de trabalho. Com isso, a inserção dos alunos no universo profissional

[...] assegura que o ciclo de transformação se consolide e se encerre, para dar lugar a uma nova jornada. Seu principal objetivo é propiciar caminhos para que os alunos conquistem o próprio espaço no mundo do trabalho, seja através de vagas de jovem aprendiz, estágio, emprego formal ou pequenos negócios (autogestão). (LOURENÇO; FONTES, 2014d, p. 9).

Como elemento primordial nessa etapa, a figura do técnico de empregabilidade, um profissional que, além de ter como atividades a orientação dos educandos sobre comportamento profissional adequado, a promoção de palestras e visitas técnicas, envolve a articulação e o estreitamento de parcerias, a sensibilização quanto ao empresariado local, objetivando estimular investimentos sociais, bem como criar oportunidades de colocação desses jovens no mercado de trabalho.

A forma como o fluxo de ações da empregabilidade é gerenciado, está detalhado na figura abaixo (Figura 7). Conclui-se, que o papel do técnico de empregabilidade representa o de um articulador, no qual de um lado estão o projeto e os alunos e no outro os empregadores e as oportunidades de vagas.

Figura 7. Atividades atribuídas ao técnico de empregabilidade do Programa Vira Vida.



Fonte: LOURENÇO; FONTES (2014d, p. 11).

Como o público atendido pelo Vira Vida corresponde àqueles que tiveram seus direitos violados, o técnico de empregabilidade deve sempre estar atento aos possíveis sinais que possam implicar no bloqueio à oportunidade de trabalho desses educandos.

Em virtude disso, há o acompanhamento, durante um ano, dos alunos egressos (aqueles que finalizaram o curso de formação), independentemente de terem conquistado uma vaga de emprego. Dessa forma, se estão inseridos, o técnico vai até o ambiente de trabalho obter informações sobre o desempenho deles, se ainda não conquistaram um espaço, o técnico continua buscando oportunidades de acordo com o perfil de cada um. Perfil este, identificado pelas diversas oficinas e atividades realizadas durante toda a permanência desses alunos no Vira Vida.

Feitas as devidas colocações a respeito da estrutura e do funcionamento do programa Vira Vida, não restam dúvidas de que, ao buscar proporcionar a seu público de atendimento vislumbrar um novo horizonte, no qual se priorizem melhores condições de vida e respeito aos direitos, representa uma oportunidade, uma chance que implica em um processo

de desconstrução-construção, sem deixar de lado a singularidade e o potencial desses adolescentes e jovens que, até então, podem ser desconhecidos para eles.

No entanto, o fato de ainda não ser elevado à categoria de política pública, faz com que a continuidade dos seus serviços prestados à sociedade, a esse público em específico que, mesmo tendo representatividade em todas as classes sociais, a desfavorecida é quem mais convive com essa realidade, acabe apresentando certa instabilidade e incerteza, já que a sua existência tem estreita ligação com o cenário político e econômico do país.

E como esse trabalho objetiva realizar uma discussão sobre as implicações psicossociais da violência sexual infantojuvenil, o capítulo seguinte abordará elementos conceituais propostos a partir da perspectiva da Psicologia Social, em específico a Psicologia Sócio-Histórica, a fim de refletir acerca dessa problemática no contexto brasileiro.

## **5 A PSICOLOGIA SOCIAL FRENTE AOS PROBLEMAS SOCIAIS.**

A escolha pelos pressupostos da psicologia social partiu da necessidade de buscar compreender a realidade social e cultural de muitos jovens brasileiros, levando em consideração as relações sociais, as formas de produção da sobrevivência e a cultura, enfim, o contexto social a que pertencem e suas histórias.

Uma das vertentes da psicologia social é definida como psicologia sócio-histórica (ou psicologia histórico-cultural) que tem como objeto de estudo a consciência (SILVA, 2009) e que servirá de base para a reflexão desse trabalho.

Partindo disso, proponho destacar conceitos como identidade e exclusão social a fim de compreender como a construção desses adolescentes se dá em meio a uma configuração social que é paralela ao fenômeno da violência sexual.

### **5.1 O processo identitário.**

Antes de falar acerca da identidade como categoria de análise, cabe, primeiramente, situar e caracterizar a psicologia sócio-histórica em comparação às demais abordagens psicológicas, trazendo à tona os seus principais pontos.

A perspectiva da psicologia sócio-histórica que tem como representantes Leontiev, Vygostky e Luria trouxe contribuições e discussões pertinentes ao campo da Psicologia Social no que tange ao estudo “da constituição social da subjetividade; da historicidade como noção básica nos processos de formação do sujeito; da consciência e atividade como categorias centrais para compreender o indivíduo/sociedade” (CALEGARE, 2010, p. 45).

Tendo como embasamento o materialismo histórico-dialético, a abordagem sócio-histórica buscou, portanto, inaugurar uma nova psicologia. Modelo este em que o indivíduo passasse a ser considerado em sua totalidade,

[...] articulando dialeticamente os aspectos externos com os internos, considerando a relação do sujeito com a sociedade à qual pertence. Assim, sua preocupação é encontrar métodos de estudar o homem como unidade de corpo e mente, ser biológico e ser social, membro da espécie humana e participante do processo histórico. Percebe os sujeitos como históricos, datados, concretos, marcados por uma cultura como criadores de ideias e consciência que, ao produzirem e reproduzirem a realidade social, são ao mesmo tempo produzidos e reproduzidos por ela. (FREITAS, 1996 apud FREITAS, 2002, p. 22).

Com base nessas informações, podemos elucidar de forma clara que um dos aspectos relacionados à psicologia sócio-histórica consiste na defesa de que “o fenômeno psicológico reflete a condição social, econômica e cultural em que vivem os homens” (BOCK, 2004, p. 6), ou seja, abordar o fenômeno psicológico implica, obrigatoriamente, em falar sobre a sociedade, pois é nela que esse homem se apresenta, diante da sua imersão nas relações sociais e culturais.

O mesmo se dá com relação à subjetividade, conceito que merece destaque nesta análise, à medida que contribui para o entendimento acerca do que consiste identidade.

A subjetividade, cuja origem está ligada às relações sociais do indivíduo, também faz parte do processo de constituição do psiquismo, isto é,

Falar da subjetividade humana é falar da objetividade onde vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos do mesmo movimento [...] o fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constituiu na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundirem. O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social. Conhecer o fenômeno psicológico significa conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo. [...] (BOCK, 2004, p. 6).

Cabe ressaltar que, sendo um componente do psiquismo e tendo sua construção advinda da relação com o meio social, como foi mencionado na citação acima, a subjetividade permite aos homens se apropriar das produções da humanidade (universalidade), por meio de determinadas condições de vida (particularidade), constituindo-se únicos (singularidades), mesmo quando compartilham a mesma particularidade (pertencente ao gênero humano) (SILVA, 2009). Ou “[...] no dizer de Merleau-Ponty (1962), concilia no homem os dois extremos: a consciência individual e o pensamento geral na síntese da consciência de si. Assim, subjetividade pode ser definida como o fundamento da identidade, social e individual” (EWALD; SOARES, 2007, p. 24-25).

A partir disso, então, o que é, portanto, isso que chamamos de identidade? Que nos faz igual e diferente de um e de muitos?

Esta é uma discussão indispensável e necessária a ser feita mediante os vários acontecimentos que refletem as atitudes e posturas cotidianas (e fora do cotidiano também) frente à ideia de igualdade e diferença sobre o processo de construção do ser humano, incluindo nessa reflexão a relação entre indivíduo e sociedade, bem como identidade e cultura.

A primeira noção que se tem acerca do termo identidade, remete “ao caráter do que é idêntico” (EWALD; SOARES, 2007, p. 24), uno de algo ou alguém. Este termo deriva do latim *idem*, tendo o “sentido de mesmo” (GALINKIN; ZAULI, 2011, p. 253). Nessa abordagem inicial, então, fica evidente que ao se falar sobre a identidade de alguém, direciona-se, de antemão, aos aspectos individuais referentes a essa pessoa e que buscam torná-la única em comparação às demais.

No entanto, ampliando essa discussão e trazendo o significado desse termo para a perspectiva da Psicologia Social, observa-se que a concepção da identidade ganha um “universo de sentidos e acepções”, quando, por exemplo, busca-se compreendê-la mediante três momentos históricos (ou contextos sociais específicos), descritos Hall (2004 apud GALINKIN; ZAULI, 2011): para o sujeito do iluminismo, para o sujeito sociológico e para o sujeito pós-moderno.

Para o sujeito do iluminismo, sua identidade, baseado na concepção de pessoa humana totalmente centrada e unificada, “emergiria no nascimento e permaneceria sempre a mesma, em processo contínuo durante toda a vida do indivíduo” (HALL, 2004 apud GALINKIN; ZAULI, 2011, p. 256). Essa primeira concepção caracteriza-se em um momento histórico no qual houve a necessidade de se desconstruir a ideia que predominava até então, isto é, a ideia de pessoa pautada no sentido medieval, na qual a identidade estava atrelada a uma forma de agrupamento social, fazendo com que esse indivíduo fosse totalmente destituído de autonomia e subordinado ao grupo social pertencente.

Em seguida, emerge-se a concepção de identidade para o sujeito sociológico que, vem de encontro com a primeira, ao defender, a partir da complexidade do mundo moderno, que “é nas interações sociais que se constituem os sujeitos e suas identidades” (GALINKIN; ZAULI, 2011, p. 256), deixando de lado a ideia de sujeito autossuficiente, dando merecimento ao meio social diante do processo de constituição pessoal. Porém, nessa acepção, a identidade vem apresentada como algo unificado e consolidado, ainda que seja decorrente da interação entre o eu e a sociedade.

Já a identidade do sujeito da pós-modernidade, reflete, justamente, as constantes mudanças e as rápidas transformações que caracterizam o cenário atual e toda a sua estrutura. Nessa concepção,

[...] a identidade é vista como sendo fragmentada e deixa de ser unificada ou estável. Em lugar de fazer referência a uma identidade, a perspectiva pós-moderna considera o sujeito com várias identidades, que podem ser contraditórias ou até mesmo não resolvidas. (GALINKIN; ZAULI, 2011, p. 257).



Verifica-se, portanto, que o sujeito pós-moderno possui diferentes identidades (contraditórias ou não), relacionadas aos diferentes contextos em que interage e que estarão em permanente transformação e construção, direcionando-os para várias direções, em prol da conveniência, da sobrevivência e do ajustamento necessário frente à variedade de ambientes e suas demandas, tendo em vista que, de acordo Ciampa (1992, p. 61), “há mudanças mais ou menos previsíveis, mais ou menos desejáveis, mais ou menos controláveis” e que também devem ser levadas em consideração nesse processo de constituição da identidade. Enfim, temos para esse momento histórico, o que faz muito sentido, o que podemos chamar de pluralidade de identidades que impactam, diretamente, na consciência fluida do indivíduo sobre si mesmo, bem como sobre o outro.

Ao tomarmos como referência a ideia de identidade para o sujeito pós-moderno, já que envolve a nossa realidade, é o que estamos vivenciando no presente, vários sentidos e significados podem ser apontados a esse termo por autores que compartilham do mesmo pensamento, ao ressaltar que a identidade tem um caráter relacional advinda da interação dos indivíduos em seus diversos contextos sociais, não equivalendo, conforme Galinkin e Zauli (2011, p. 255), à “essência do objeto ou do sujeito identificado, mas, um atributo que lhe é conferido, uma construção social que lhe é própria”.

Em relação a essa afirmação, Ciampa (1992) bem coloca que,

[...] embora não toda ela, eu contendo uma infinidade de humanidade (o que me faz uma totalidade), que se realiza materialmente de forma contingente ao tempo e ao espaço (físicos e sociais), de tal modo que cada instante de minha existência como indivíduo é um momento de minha concretização (o que me torna parte daquela totalidade), em que sou negado (como totalidade), sendo determinado (como parte); assim eu existo como negação de mim-mesmo, ao mesmo tempo que o que estou sendo sou eu-mesmo. (CIAMPA, 1992, p. 68-69).

Ressalta-se que essa infinidade parte dos diversos grupos (e ambientes) que o indivíduo vai fazendo parte, desempenhando papéis, ao longo do curso da vida, dando à identidade pessoal um vir-a-ser que estará sempre em construção, portanto, inacabado.

Voltando para a apresentação de algumas definições, destaca-se a de Lago (1996 apud MAHEIRIE, 2002, p. 40), para a qual a identidade está relacionada a “um ser que, no convívio com outros sujeitos, constrói a consciência da realidade física e social como também a consciência de si como sujeito, individualizando-se na medida em que se diferencia dos outros sujeitos”.

Souza Santos (1994 apud SAWAIA, 2013, p 124) afirma que identidade é “síntese de múltiplas identificações em curso e, portanto, não um conjunto de atributos permanentes”.

Já Maheirie (2002) ao abordar sobre a identidade, expõe que

A constituição da identidade tem a marca da ambiguidade, da síntese inacabada de contrários, daquilo que é individual e coletivo, daquilo que é próprio e alheio, daquilo que é igual e diferente, sendo semelhante a uma linha que aponta ora para um pólo, ora para outro. A utilização do conceito de identidade nos permite desvelar os indivíduos, grupos ou coletividades, localizá-los no tempo e no espaço, “identificando-os” como estes e não outros, mesmo em metamorfose. (MAHEIRIE, 2002, p. 41).

Das definições apresentadas, extrai-se a questão da autoidentificação, como algo que envolve um reconhecimento e uma diferenciação mediante as possibilidades que o indivíduo possui e que são propostas pelo contexto social, tendo em vista que, segundo Ferdman (2003), diversas são as fontes para a composição da identidade e que dão ao indivíduo, certa unicidade, além de situá-lo em um grupo social ou uma relativa categoria social.

[...] religião/espiritualidade, saúde, educação, habilidade física/mental, fatores geográficos e políticos, fenótipo/genética, ordem de nascimento, idioma(s), experiência de vida, raça/etnia, nacionalidade, gênero, família, orientação sexual, identidade profissional, classe social e idade, entre outras fontes. (FERDMAN, 2003 apud GALINKIN; ZAULI, 2011, p. 253).

Outro ponto que merece destaque e que se faz presente nas definições apresentadas de identidade, corresponde aos termos de igualdade e alteridade, semelhança e diferença e reconhecer-se e ser reconhecido. Todas essas relações ocorrem por meio da autoidentificação que se faz a partir de uma comparação e diferenciação com o outro. Eis o que podemos chamar de propriedade fundamental da identidade: seu caráter contrastivo e de oposição ou, segundo Ciampa (1992), diferença e igualdade é uma noção inicial de identidade.

Há que se destacar, também, a importância na relação entre a identidade e as relações intergrupais, ao passo que o valor e o significado emocional que os indivíduos dedicam e possuem perante as suas relações interpessoais (inserção e vivência em grupo) contribuem, significativamente, para o entendimento acerca do comportamento humano.

Defendendo a relevância da denominada identidade social, Tajfel (1978 apud GALINKIN; ZAULI, 2011, p. 258) adota “a perspectiva intergrupala da identidade social e considera a categorização como um sistema de orientação que vai ajudar cada sujeito a criar e

definir seu lugar na sociedade”. Para esse autor, tomar como reflexão as identidades construídas mediante as relações grupais, facilita a compreensão de muitos comportamentos e acontecimentos que marcam a atualidade, já que, além da vivência individual refletir as marcas do que acontece ao grupo a que se pertence, a convivência em grupo também influencia para a formulação de uma percepção positiva/produzida ou negativa/conflituosa daqueles que se consideram como diferentes. Cenário este que acaba sendo caracterizado por estereótipos, preconceito, discriminação e conflito em meio à heterogeneidade presente nesse jogo de oposição.

No mais, ao dizer que “não é possível dissociar o estudo da identidade do indivíduo da sociedade” Ciampa (1992, p. 72) reafirma o que vem sendo abordado até então, isto é, que o contexto social e histórico representa a base para as possibilidades e impossibilidades do homem. Em outras palavras, a base para as diferentes configurações de identidade.

E é seguindo esse raciocínio que será abordada a relação da identidade com a exclusão social.

## **5.2 Identidade e exclusão social.**

O estudo acerca do processo de exclusão social é um tema recorrente no meio social e acadêmico. Dessa forma, propor uma discussão acerca dele equivale a uma tarefa árdua.

Primeiramente, faz-se necessário entender em que consiste esse processo que têm seus reflexos presentes no modo de vida de toda sociedade, afetando-a em seus diversos aspectos: políticos, econômicos, sociais etc.

Muito se tem debatido acerca da definição de exclusão social, tomando como referência, apenas, determinações econômicas para tal explicação. No entanto, observa-se que esse processo apresenta uma complexidade ainda maior, por englobar a dialética inclusão/exclusão. Dito de outra forma, por equivaler a um

Processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do sistema. (SAWAIA, 2013, p. 9).

Ao se analisar o tema da exclusão, faz-se necessário que ele seja “contextualizado no espaço e no tempo ao qual o fenômeno de refere” (WANDERLEY, 2013, p. 19), a fim de que todas as especificidades da sociedade em questão sejam pontuadas em prol de uma análise e, conseqüentemente, um entendimento correto do mesmo.

A exclusão, por ter uma ligação direta com as transformações do mundo do trabalho e com os modelos e estruturas econômicas, é um fenômeno que reflete na qualidade de vida de uma ampla parcela da população mundial, o que não a restringe (e muito menos, a identifica), apenas, ao contexto de países pobres.

Direcionando a análise para o contexto brasileiro, com base em seu caráter heterogêneo,

a exclusão social manifesta-se de duas formas: a velha e a nova exclusão social. Em regiões geograficamente menos desenvolvidas, observam-se a permanência da pobreza absoluta, a baixa escolaridade e a desigualdade de rendimentos, inseridas em grupos familiares numerosos, correspondendo à forma de exclusão social mais antiga. Nos grandes centros, o desemprego generalizado e de longa duração, a ausência de perspectiva para uma parcela da população com maior escolaridade, o isolamento juvenil e a explosão da violência marcam o cotidiano de famílias pobres e monoparentais, vítimas das novas manifestações da exclusão (CAMPOS ET AL, 2004 apud GONTIJO; MEDEIROS, 2007, p. 120).

Ainda com relação ao caráter estrutural desse fenômeno em nosso país, como bem retrata Sposatti (1996),

A desigualdade social, econômica e política na sociedade brasileira chegou a tal grau que se torna incompatível com a democratização da sociedade. Por decorrência, tem se falado na existência da apartação social. No Brasil a discriminação é econômica, cultural e política, além de étnica. Este processo deve ser entendido como exclusão, isto é, uma impossibilidade de poder partilhar o que leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão inclusive, com violência, de um conjunto significativo da população, por isso, uma exclusão social e não pessoal. Não se trata de um processo individual, embora atinja pessoas, mas de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui **pobreza**, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública. (SPOSATTI, 1996 apud WANDERLEY, 2013, p. 21, grifo nosso).

O grifo feito na palavra pobreza teve como finalidade abrir espaço para fazer uma ressalva da relação entre a pobreza e a exclusão, pois,

A pobreza contemporânea tem sido percebida como um fenômeno multidimensional atingindo tanto os clássicos pobres (indigentes, subnutridos, analfabetos...) quanto outros segmentos da população pauperizados pela precária inserção no mercado de trabalho (migrantes discriminados, por exemplo). Não é resultante apenas da

ausência de renda; incluem-se aí outros fatores como o precário acesso aos serviços públicos e, especialmente, a ausência de poder. Nesta direção, o novo conceito de pobreza se associa ao de exclusão, vinculando-se às desigualdades existentes e especialmente à privação de poder de ação e representação e, nesse sentido, exclusão tem que ser pensada também a partir da questão de democracia. (WANDERLEY, 2013, p. 23).

Por ser considerada uma questão social que marca as sociedades contemporâneas, o fenômeno da exclusão vem apresentando um caráter de naturalização, considerado como algo normal e admissível.

Situação esta que coloca em evidência a fragilidade dos vínculos sociais, já que ao se promover o ciclo de reprodução dessa exclusão, contribui-se para torná-lo aceitável tanto a nível social quanto a nível individual, isto é, do próprio indivíduo excluído. O que se evidencia nos próprios discursos conformistas dos excluídos, ao desacreditarem numa modificação da atual situação vivenciada.

A exclusão contemporânea é diferente das formas existentes anteriormente de discriminação ou mesmo de segregação, uma vez que tende a criar, internacionalmente, indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais parece não haver mais possibilidades de inserção [...]. No caso do Brasil, consideradas as particularidades socioeconômicas, ideopolíticas e culturais, poder-se-ia dizer que estão sendo forjados, entre nós, personagens que são **incômodos politicamente** (a eles são atribuídos os males de nossa política); **ameaçadores socialmente** (são perigosos, pois não são simplesmente pobres, mas bandidos potenciais – a representação do pobre está se modificando entre nós: a sua identidade está cada vez mais relacionada à do bandido marginal) e **desnecessários economicamente** (uma massa crescente de pessoas que não têm mais possibilidade de obter emprego, pois são despreparados). (NASCIMENTO, 1995 apud WANDERLEY, 2013, p. 25, grifo nosso).

Partindo disso, quem seriam, então, esses excluídos socialmente? De antemão, cabe fazer alusão à ideia apresentada por Wanderley (2013, p. 18-19) que ao abordar sobre esse conceito afirma que “os excluídos não são simplesmente rejeitados física, geográfica ou materialmente, não apenas do mercado e de suas trocas, mas, de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural”.

Pensamento este compartilhado por Campos et al (2004 apud GONTIJO; MEDEIROS, 2007, p. 120), ao afirmar que

a exclusão social manifesta-se crescentemente como um fenômeno transdisciplinar que diz respeito tanto ao não-acesso a bens e serviços básicos, como à existência de **segmentos sociais sobranes** de estratégias restritas de desenvolvimento socioeconômico, passando pela exclusão dos direitos humanos, de seguridade e segurança pública, da terra, do trabalho e da renda suficiente. (CAMPOS ET AL, 2004 apud GONTIJO; MEDEIROS, 2007, p. 120, grifo nosso).

Eis aí a amplitude da complexidade que envolve o fenômeno da exclusão, ao se observar que os excluídos correspondem a uma parcela de grande expressividade da população.

Trazendo a análise da exclusão social para o âmbito da Psicologia Social, verifica-se que o objetivo desta acaba decorrendo na busca em “tentar compreender de que maneira as pessoas ou os grupos que são objetos de uma distinção são construídos como uma categoria à parte” (JODELET, 2013, p. 56).

Ao considerar, como já foi mencionado anteriormente, que a noção de exclusão tem uma amplitude grandiosa por englobar diversos fenômenos, justamente, por ter implicações nas relações interpessoais e intergrupais, não restam dúvidas de que, explorar processos psicossociais que acompanham esse fenômeno social, como o preconceito, o estereótipo e a discriminação, vêm somar para a apreciação dessa questão em prol do que caracteriza as relações sociais e a organização social.

Antes de entrar nos termos preconceito, estereótipo e discriminação, faz-se necessário pontuar a importância de se considerar os sentidos de categorização social e de pertencimento social, pois, através desses dois conceitos é que aqueles, comumente, vêm à tona. O pertencimento social remete à ideia de comportamento grupal ou, ao que já foi visto, à ideia de identidade social, para a qual os valores individuais, por exemplo, acabam refletindo aos do grupo o qual se está incluso. Já a categorização social “segmenta o meio social em classes cujos membros são considerados como equivalentes em razão de características, ações e intenções comuns” (JODELET, 2013, p. 62). Ora, estes conceitos apresentam inteira ligação com o fenômeno da exclusão, ainda mais quando se coloca em “xeque” a questão da diferença, da alteridade, através da comparação que, frequentemente, realiza-se e que reflete nos comportamentos perante o convívio social em grupo sob a forma de julgamentos preconceituoso, estereotipados e discriminatórios, principalmente, daqueles grupos tidos dominantes em relação àqueles grupos considerados como dominados.

Voltando à reflexão sobre os temas preconceito, estereótipo e discriminação. Habitualmente, observa-se que esses termos são empregados como sinônimo para o mesmo objetivo: julgar e inferiorizar algo ou alguém considerado diferente. Apesar do teor pejorativo que apresentam, haja vista significarem comportamentos que merecem ser estagnados das relações sociais quando utilizados, apenas, para implicar em ações negativas, fazem-se presentes nos mais diversos níveis sociais e educacionais da sociedade. Níveis em que norteiam a dominação, a segregação e o isolamento.

Com base nisso, cabe aqui diferenciá-los, até mesmo para ajudar na análise didática do presente trabalho. E, no intuito de tornar mais fácil essa tarefa, utilizar-se-á a sequência apontada por Pérez-Nebra e Jesus (2011) para descrever o que vem a ser estereótipo, preconceito e discriminação.

O primeiro passo, a categorização que fazemos, é o estereótipo. A segunda, de julgamento sobre o grupo, é a atitude, e veja, apenas a atitude negativa é chamada de preconceito. Finalmente a terceira, de comportamento baseado nesse preconceito, é a discriminação. (PÉREZ-NEBRA; JESUS, 2011, p. 223).

Em torno da discussão acerca da exclusão social, o preconceito é tomado como uma atitude negativa baseada na crença, um julgamento prévio, enquanto que a discriminação, seriam comportamentos que, em sua maioria, emanam as mais diversas expressões de violência (PÉREZ-NEBRA, JESUS, 2011).

O preconceito caracteriza-se então pelo conteúdo de uma atitude interior (no sentido de interno) de um sujeito que viola os atributos e os qualificativos em relação ao outro sujeito, estabelecendo o funcionamento cognitivo e os contatos perceptivos de forma equivocada, cindida e traumática; portanto, pondo sempre à prova (ou derrotando) as capacidades e os recursos simbólicos do outro. Quando essa atitude ou esse ato-pensamento denota ou estabelece a ‘distinção’ entre ou sobre o(s) outro(s), então configura-se a discriminação, pois, gera-se, necessariamente, o tratamento diferencial. (TAUSSIG, 1999 apud BANDEIRA; BATISTA, 2002, p. 129).

Almeja-se, para essa apreciação, direcionar uma atenção especial ao que vem ser estereótipo, já que eles representam, nas palavras de Rodrigues et al (1999 apud PÉREZ-NEBRA; JESUS, 2011, p. 223-224) “um componente pré-attitudinal”, portanto, ponto inicial de toda essa “sequência”.

Os estereótipos são tidos como “uma economia cognitiva e uma função do conhecimento, que domina os modelos atuais” (HAMILTON, 1981 apud JODELET, 2013, p. 61) e que correspondem à base do preconceito, pois, sendo uma crença ou a atribuição de crenças que são compartilhadas por pessoas e/ou grupos em relação aos demais indivíduos e os outros grupos, acabam aludindo a generalizações superficiais sobre estes.

Além de produzir categorizações e simplificações a respeito de um mundo social extremamente complexo, um ponto que merece destaque nessa reflexão, corresponde às implicações que os estereótipos possuem perante o processo de autoimagem pessoal, as quais refletem tanto nas interações sociais quanto na questão da identidade, uma vez que, em conformidade com Pérez-Nebra e Jesus (2011, p. 224), “as pessoas geralmente acreditam nos

estereótipos acerca delas mesmas e se comportam como se fossem verdadeiros, endossando os estereótipos grupais no sentido de os transformarem em descrições de suas identidades”. Retornamos, dessa forma, à finalidade desse tópico.

Discorrer acerca da relação entre identidade e exclusão social é citar o conceito de identidade apresentado por Sawaia (2013, p. 125), pois, de acordo com esse autor, a identidade é “uma categoria política disciplinadora das relações entre pessoas, grupo, ou sociedade, usada para transformar o outro em estranho, igual, inimigo ou exótico”. Extraindo dessa definição o caráter transformador que a identidade propõe e o seu papel frente a constituição de um modo de ser, chegamos ao limiar dessa questão.

À medida que fazemos essa reflexão, levando em consideração a atual conjuntura da sociedade – contemporânea, globalizada, marcada pelas transformações tecnocientíficas, pela exclusão social e por “uma mídia, envolvida na geração e manutenção de estereótipos e preconceitos que estigmatizam as populações mais pobres” (MELLO, 2013, p. 131) – que, em um ritmo acelerado, indivíduos, coletividades e territorialidades estão se redefinindo constantemente, não restam dúvidas de que há a busca incessante pela referência identitária ou mesmo, pela possibilidade de ter o direito de ser quem deseja, sem ter que sofrer pela sua escolha ou, ainda, tê-la imposta, atribuída, com base no que é considerado como correto, portanto, aceitável.

Para tanto, o que se verifica com essa configuração social é que, começam a se delinear modos de ser com referência ao que se denomina de identidade de etiqueta. Esta, podendo ser entendida como uma qualidade discriminadora da referência identitária, em que a luta e o respeito pela diferença acabaram se tornando uma obsessão por ela com vistas à permanência e defesa das relações de poder, numa perspectiva em que “a relação com a alteridade e a defesa do direito à diferença transformaram-se em luta contra o outro” (SAWAIA, 2013, p. 124). Isto é, ao passo que se tem e, conseqüentemente, propulsiona uma referência identitária como uma orientação, qualquer pessoa ou grupo que se distancia desta, merece ser discriminado, excluído e dominado.

Nesse sentido, o que se verifica é que, usada como mecanismo reforçador das relações de poder e estimulada pelo atual contexto - social, político, econômico e cultural - a referência identitária acaba distribuindo e segregando parcelas da população ao excluir, através da negação de direitos, e incluir, por meio da afirmação de privilégios, nesse confronto de dialética mesmo. Cenário este que marca significativamente a vida de muitos jovens brasileiros, ainda mais quando se evidencia esse contraste social diante da convivência



entre os segmentos sociais que, de um lado, estão os privilegiados e de outro, os desfavorecidos.

Melo (2013) ao abordar o tema da exclusão social e a população jovem, traz à tona dois questionamentos de grande valia para se pensar a respeito dessa problemática social, sendo eles:

Como conciliar a democracia com todas as violências e violações de direitos mais elementares que parecem constituir o cotidiano de alguns segmentos da população? Como construir e manter representações positivas de si mesmo, quando elas são sistematicamente depreciadas pela sociedade como um todo? (MELO, 2013, p. 131).

Essa autora aborda a relação da violência, da desigualdade social e a população jovem, e uma colocação que ela faz, que por sinal de grande merecimento, refere-se à conscientização dessas diferenças nos meios de interação entre as pessoas. De acordo com ela, a partir do momento em que ficam claras (por serem impostas e atribuídas quotidianamente pela sociedade excludente e desigual) as posições e os lugares que são (e deverão ser) ocupados pelos seus membros, a subjetividade e a identidade passam a ser marcadas profundamente por esse contraste.

A fragmentação geográfica, e também a das ocupações e das funções acaba por corresponder a uma fragmentação das experiências e à formação de identidades psicossociais complexas. **No caso das classes subalternas, a aquisição da identidade é problematizada pelo forte sentido de discriminação, vivido diariamente sob a forma da humilhação que situa seus integrantes**, em relação ao poder, como cidadãos de segunda categoria. (MELO, 2013, p. 135, grifo nosso).

A desigualdade, portanto, obtida por meio da diferenciação exacerbada, contribui para que a imagem distorcida que se constrói dos jovens, advindos da classe baixa, reflita tanto na forma como eles se veem quanto no olhar do outro. Deixando claro que, como a construção da identidade/referencial indentitário ligado ao contexto social em transformação não sofrerá distorções, sendo que este é caracterizado pela exclusão social e toda a sua estrutura (estereótipo, preconceito, discriminação, desigualdade)?

Assim sendo, em entender o real significado do que vem a ser identidade e demonstrar a sua utilidade, em prol de um sentido ético em que a dialética identidade/alteridade, isto é, igualdade e diferença podem caminhar juntas, como um elemento inerente das relações sociais e que possibilita o reconhecer-se e o reconhecimento do outro sem implicar em preconceitos e discriminação, representa um desafio a ser

enfrentado (e necessário) para o convívio, o bem estar da humanidade e o respeito à diversidade.

Usar a referência identitária para analisar os problemas sociais significa buscar orientações para recriar, neste mundo diminuído, desenraizado e desumanizado pela tecnociência, novos espaços de representação democrática das necessidades humanas, recuperando o homem rico de necessidade, com potencialidade de ação e emoção dos escombros da eficácia instrumental. Significa buscar lugares onde a identidade deixa de ser destino e consciência “em si”, para se tornar consciência “para si” e para o outro, sem perder o sentimento de ser único e, assim, poder dispor de si para si. (SAWAIA, 2013, p. 128).

Realizada essa leitura, o próximo capítulo apresentará a descrição da pesquisa e, em seguida, a análise dos dados do presente trabalho.

## 6 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Neste capítulo, propõe-se caracterizar a metodologia utilizada para alcançar o objetivo proposto com a realização deste trabalho, apresentando o material que foi utilizado para análise, descrevendo o instrumento adotado e os procedimentos realizados.

### 6.1 Informações e fontes

Para o presente trabalho, realizou-se uma pesquisa documental que, de acordo com Severino (2007) tem como fonte a concepção de documentos em seu sentido amplo, incluindo documentos impressos, filmes, jornais, gravações, fotos, documentos legais, livros, etc.

Como material de análise, esta pesquisa investigou depoimentos, acessíveis em uma publicação, os quais “os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2007, p. 123).

Dessa forma, foram analisados relatos de doze de vítimas de abuso e/ou exploração sexual, reunidos no livro “**VIRAVIDA: Histórias de Vidas Transformadas**” publicado em 2013, que faz parte do projeto *Memória, Histórias de Vidas Transformadas*, como uma forma de dar voz a jovens, de diversos estados do Brasil, que tiveram sua história de vida marcada pela violação de direitos, incluindo a violência sexual, e que fizeram parte do Projeto Vira Vida, um projeto social, idealizado pelo Conselho Nacional do SESI.

A escolha por analisar os depoimentos desse livro, partiu-se do contato com o projeto social em referência, diante da vivência sob a condição de estagiária. Inicialmente, o objetivo era fazer entrevista com alunos do Vira Vida de São Luís/MA. Porém, observou-se que, diante do contato e do vínculo estabelecido com os mesmos, seria mais complicado obter a neutralidade, o que não saberia precisar até que ponto isso poderia intervir na análise.

O fato é que, esses relatos que compuseram esse livro são reais e possuem uma riqueza significativa em prol do que se pretende com essa pesquisa.

### 6.2 Instrumento e procedimentos de análise

A análise dos relatos foi feita através da técnica denominada como Análise de Conteúdo que, na perspectiva de Bardin (1977) e que consiste em

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42).

De acordo com a referida autora, “enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (BARDIN, 1977, p. 9), o que implica na natureza qualitativa e quantitativa deste trabalho. Em outras palavras,

[...] a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação. Somente os índices é que são retidos de maneira não frequencial, podendo o analista recorrer a testes quantitativos: por exemplo, a aparição de índices similares em discursos semelhantes. Em conclusão, pode-se dizer o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a inferência - sempre que é realizada - ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual. (BARDIN, 1977, p. 115-116).

Por meio dessa metodologia, o tratamento e a análise dos dados/informações buscaram a compreensão crítica acerca do sentido das comunicações/discursos, sendo estes manifestos ou ocultos. Com isso, essa técnica “descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras” (SEVERINO, 2007, p. 122). O que torna viável e adequado o uso dessa técnica em minha pesquisa.

Sendo “um conjunto de técnicas de análise de comunicações” (SEVERINO, 2007, p. 121), a análise de conteúdo tem como a técnica mais utilizada a análise categorial que, segundo Bardin (1977, p. 153) “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos”, isto é,

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes às quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (BARDIN, 1977, p. 117).

Dessa forma, categorizar implica, inicialmente, em definir as unidades de registro que serão extraídas do texto, ou seja, da decomposição do texto, podendo ser uma palavra, uma frase, uma oração ou um tema.

Ainda em conformidade com a metodologia, Bardin (1977) assegura que a análise de conteúdo se estrutura em três passos que devem ser seguidos: pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na primeira etapa, realizou-se a pré-análise, na qual serão inclusas atividades que, mesmo não ocorrendo em uma sequência rigorosa e estruturada, estão voltadas para a organização ou esquema de como se vai trabalhar, tendo destaque a leitura flutuante. Como será o contato inicial do pesquisador com o material a ser analisado, evidencia-se a identificação de conteúdos que nortearão o desenrolar do trabalho e que serão abordados nas etapas subsequentes.

Em seguida, ocorreu a exploração do material, na qual houve a categorização dos conteúdos e “a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros” (BARDIN, 1977, p. 18), para que, a partir disso, possam ser agrupados diante do que apresentam em comum.

A fim de que essa etapa seja realizada de forma correta, a referida autora coloca que um conjunto, em que as categorias são tidas como boas, apresenta: a exclusão mútua, ou seja, as categorias devem ser construídas de forma que um elemento esteja vinculado apenas a uma; a homogeneidade, isto é, uma categoria deve possuir, somente, um princípio norteador; a pertinência, as categorias devem ser reflexo da investigação e estarem adaptadas ao material de análise; a objectividade e a fidelidade, as categorias têm que ser claras e precisas; e a produtividade, as categorias deverão proporcionar resultados férteis, favorecendo índices de referência, novas hipóteses e dados exatos (BARDIN, 1977, p. 120).

A última etapa compreendeu o tratamento dos resultados, momento em que foram realizadas a inferência e a interpretação dos dados categorizados. Tanto a inferência quanto a interpretação estão relacionadas à atividade de realizar análise das categorias a partir de pressupostos aceitos pelo pesquisador, diante do conhecimento teórico que se tem acerca do tema de estudo, no intuito de ampliar e atribuir, assim, uma amplitude e maior abrangência aos conteúdos que serão fonte de análise.

### **6.3 Referencial teórico de análise**

A base teórica que fundamentou o presente trabalho equivaleu aos pressupostos da Psicologia Social, destacando as conjecturas abordadas pela Psicologia Sócio-Histórica em se tratando dos construtos identidade e exclusão social.

Tomou-se como referência, ainda, a perspectiva presente na Teoria do desenvolvimento ao longo da vida proposta por Paul B. Baltes, por acreditar que esta também tem muito a contribuir para neste trabalho.

#### **6.4 Cuidados éticos**

Foram asseguradas às informações coletadas, isto é, aos relatos/depoimentos o cuidado com e na utilização dos registros, preservando-os em sua forma original/fidedigna a fim de que a análise seja realizada de forma correta e o tratamento e interpretação dos dados proporcionem reflexões concretas acerca da temática.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Serão apresentados, então, a análise dos relatos e as inferências obtidas.

### 7.1 Seleção e caracterização do material

Conforme já foi mencionado, o material utilizado consistiu em relatos de meninos e meninas que tiveram suas histórias de vidas marcadas pelas mais diversas formas de violação de direitos.

Compondo o livro **VIRAVIDA: Histórias de vidas transformadas**, que faz parte do projeto Memória, Histórias de Vidas Transformadas, idealizado pelo Conselho Nacional do SESI, os doze depoimentos de jovens que sofreram abuso e/ou exploração sexual, fizeram parte de entrevistas realizadas pelo projeto com jovens que sofreram com a negligência quanto a seus direitos, familiares desses jovens, profissionais da equipe técnica do ViraVida, representantes de instituições parceiras e representantes de empresa, em dezenove cidades do Brasil, totalizando noventa entrevistas distribuídas conforme quadro abaixo.

Quadro 7. Total de entrevistas realizadas pelo projeto VIRAVIDA

<b>TOTAL DE ENTREVISTAS REALIZADAS PELO PROJETO VIRA VIDA</b>	
Jovens	46
Familiares	11
Profissionais da equipe do Vira Vida	13
Representantes de Instituições Parceiras	14
Representantes de empresa	06
<b>TOTAL</b>	<b>90</b>

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do VIRAVIDA: Histórias de vidas transformadas (2013, p 9).

Do total de noventa entrevistas realizadas, foram selecionadas para a elaboração do livro, apenas, vinte e oito, organizadas em quatro capítulos, observados no quadro 8. Cabe ressaltar que o critério utilizado para a seleção dessas entrevistas não vem elucidado no livro.

Quadro 8. Estrutura do Livro “VIRAVIDA: História de vidas transformadas”.

<b>ESTRUTURA DO LIVRO</b> <b>"VIRAVIDA: Histórias de vidas transformadas"</b>	
Capítulo 1 - GUERREIROS	14
Capítulo 2 - HERANÇA	06
Capítulo 3 - TRAVESSIA	05
Capítulo 4 - CONQUISTAS	03
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do VIRAVIDA: Histórias de vidas transformadas (2013, p. 13).

Em relação à estrutura dos capítulos do livro, o capítulo um – Guerreiros - vem abordando os depoimentos dos jovens. O capítulo dois – Herança - está relacionado ao depoimento de familiares; o capítulo três – Travessia - contém relatos de profissionais da equipe técnica do ViraVida e de representantes de instituições parceiras; e o capítulo 4 – Conquistas – concentra os depoimentos de representantes de empresa.

O capítulo 1 – Guerreiros – que representa o material de análise mediante o objetivo proposto pela pesquisa, tem seus quatorze relatos distribuídos da seguinte forma: nove depoimentos de jovens do gênero feminino e cinco depoimentos de jovens do gênero masculino. Quanto à orientação sexual, são doze jovens heterossexuais e dois travestis. Todos intitulados por nomes fictícios a fim de preservar a imagem e intimidade de cada um.

Quadro 9. Capítulo 1 – Guerreiros: Nome fictício, gênero e orientação sexual.

<b>CAPÍTULO 1 - GUERREIROS</b>		
<b>NOME FICTÍCIO</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>
ELIANE	Feminino	Heterossexual
JÚLIA	Feminino	Heterossexual
GENILSON	Masculino	Heterossexual
DANIELLE	Feminino	Heterossexual
CARINA	Feminino	Heterossexual
DALVA	Feminino	Heterossexual
MATEUS	Masculino	Travestir
IVANEIDE	Feminino	Heterossexual
ÉMERSON	Masculino	Heterossexual
MARIA	Feminino	Heterossexual
POLI	Masculino	Travestir
TÂNIA	Feminino	Heterossexual
NILZA	Feminino	Heterossexual
JOSIEL	Masculino	Heterossexual

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do VIRAVIDA: Histórias de vidas transformadas (2013).



Desses quatorze depoimentos, diante de leituras feitas sobre os mesmos, verificou-se que dois – Êmerson e Tânia - não seriam inclusos na análise. Apesar de serem indivíduos que sofreram negligência durante o seu percurso de construção como pessoa, em seus relatos eles não aprofundaram situações marcadas pela violência sexual. No relato do Êmerson, ele, apenas, mencionou “*Sobreviver significava estar preparado pra fazer qualquer coisa: prestar favores sexuais, roubar, usar drogas, traficar, [...]*”. E no da Tânia, ela afirmou “*Pensei até em fazer programa pra manter o vício, mas nunca fiz, graças a Deus*”. Deste modo, somente doze relatos serviram de fonte para análise, mediante experiências de abuso e/ou exploração sexual vivida, como se constata no quadro abaixo.

Quadro 10. Capítulo 1 – Guerreiros: Nome fictício, gênero e orientação sexual.

<b>CAPÍTULO 1 - GUERREIROS</b>				
<b>NOME FICTÍCIO</b>	<b>GÊNERO</b>	<b>ORIENTAÇÃO SEXUAL</b>	<b>ABUSO SEXUAL</b>	<b>EXPLORAÇÃO SEXUAL</b>
ELIANE	Feminino	Heterossexual	X	X
JÚLIA	Feminino	Heterossexual	X	
GENILSON	Masculino	Heterossexual		X
DANIELLE	Feminino	Heterossexual	X	X
CARINA	Feminino	Heterossexual	X	X
DALVA	Feminino	Heterossexual	X	
MATEUS	Masculino	Travestir		X
IVANEIDE	Feminino	Heterossexual	X	X
MARIA	Feminino	Heterossexual		X
POLI	Masculino	Travestir		X
NILZA	Feminino	Heterossexual	X	
JOSIEL	Masculino	Heterossexual		X

Fonte: Elaborado pela autora com dados extraídos do VIRAVIDA: Histórias de vidas transformadas (2013).

Realizada a seleção dos doze relatos, todos os depoimentos foram inseridos nos Anexos 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 denominados de Relato 1 - Eliane, Relato 2 - Júlia, Relato 3 - Genilson, Relato 4 - Danielle, Relato 5 - Carina, Relato 6 - Dalva, Relato 7 - Mateus, Relato 8 - Ivaneide, Relato 9 - Maria, Relato 10 – Poli, Relato 11 – Nilza e Relato 12 – Josiel, respectivamente, neste trabalho.

## 7.2 Categorização dos relatos

Como já foi mencionado, a análise dos depoimentos será realizada através da Análise de Conteúdo de Bardin (1977). O primeiro dos três passos que devem ser seguidos, conforme entendimento da autora, a etapa da pré-análise, ocorreu no momento em que me propus a tomar os relatos de vítimas de abuso e/ou exploração sexual reunidos no livro de experiências de alunos do projeto Vira Vida. Então, antes mesmo de selecionar os depoimentos, lê-los foi algo que reafirmou em mim o desejo de escrever sobre tal tema.

Contudo, houve a necessidade de fazer releituras constantes, tanto para a escolha dos doze relatos quanto para melhor apreender seus conteúdos e aspectos relevantes e, por conseguinte, indispensáveis para a elaboração da etapa seguinte, a “Exploração do Material”.

Adquirir familiaridade com os testemunhos possibilitou extrair as unidades de registro de cada relato, realizando-se, na segunda etapa, a categorização propriamente dita. As unidades de registro dos doze depoimentos estão organizadas, para melhor visualização, no Apêndice A.

Deste modo, por meio da análise das unidades de registro foi possível definir dezessete categorias, denominadas como Categorias Iniciais. As mesmas representam o resultado do reagrupamento feito com as unidades de registro, em função de uma análise temática do universo de todos os doze depoimentos.

Sendo assim, as dezessete Categorias Iniciais foram nomeadas da seguinte forma:

1) Ambiente Familiar; 2) Qualidade de vida; 3) Gravidez precoce; 4) Pertencimento a um grupo; 5) Falta de perspectiva; 6) Sentimento de revolta; 7) Oportunidades; 8) A importância da escuta, da fala, do apoio e do acolhimento; 9) Silêncio, medo; 10) Sentimento de menos-valia; 11) Mudança; 12) O olhar do outro; 13) Uso de substâncias ilícitas e lícitas; 14) Rede de proteção aos direitos da criança e do adolescente; 15) Autoimagem; 16) Dificuldade de ligação afetiva e amorosa e 17) A questão da superação.

A demonstração do processo de agrupamento das unidades de registro de cada palestra nas dezessete Categorias Iniciais foi feita no Apêndice B.

Realizada a definição das Categorias Iniciais, um novo processo de reagrupamento foi feito a fim de chegar às duas Categorias Finais, nomeadas, dessa forma, por mim e que apresento no quadro abaixo.

Quadro 11. Apresentação das Categorias Finais, derivadas das Categorias Iniciais.

<b>CATEGORIAS INICIAIS</b>	<b>CATEGORIAS FINAIS</b>
1. Sentimento de revolta	<p style="text-align: center;">1</p> <p style="text-align: center;"><b>O REFLEXO DA VIOLÊNCIA SEXUAL NO (E PARA) O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO</b></p>
2. Silêncio, medo	
3. Uso de substâncias ilícitas e lícitas	
4. Dificuldade de ligação amorosa	
5. A questão da superação	
6. Gravidez precoce	
7. Sentimento de menos-valia	
8. Qualidade de vida	<p style="text-align: center;">2</p> <p style="text-align: center;"><b>A REALIDADE SOCIAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL</b></p>
9. Ambiente familiar	
10. Falta de perspectiva	
11. Autoimagem	
12. Pertencimento a um grupo	
13. O olhar do outro	
14. Rede de proteção aos direitos da criança e do adolescente	
15. Oportunidades	
16. A importância da escuta, da fala, do apoio e do acolhimento	
17. Mudança	

Fonte: Elaborado pela autora.

Há que se enfatizar que, todo esse processo de categorização descrito, foi de grande importância para o alcance das duas categorias que passaram a ser discutidas, com base no referencial teórico mencionado, dentro da terceira etapa da Análise de Conteúdo – “Tratamento dos Dados” – na qual se realiza o processo de inferência e interpretação, apresentada a seguir.

### **7.3 Inferência e interpretação dos dados categorizados**

Nesse momento, será apresentada cada uma das duas categorias de análise, obtidas a partir do conteúdo dos doze relatos selecionados. Essas categorias foram estabelecidas em relação direta com o objetivo deste trabalho que consistiu em analisar as implicações psicossociais da violência sexual sofrida na infância e/ou na adolescência para o desenvolvimento de adolescentes e jovens atendidos no Programa Vira Vida/SESI, sendo

elas: 1ª) O reflexo da violência sexual no (e para) o processo de desenvolvimento e 2ª) A realidade social de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual.

Estas categorias abordam assuntos que, sem dúvida, norteiam a problemática da violência sexual, seja diante das consequências que esse ato provoca ou do impacto que promove na construção identitária desses indivíduos em meio ao contexto social que vivem e que é marcado significativamente pela exclusão e falta de oportunidades.

Observa-se que, as temáticas presentes em cada uma das duas categorias obtidas têm representatividade, na maioria dos relatos dos jovens.

Serão expostos, a seguir, os resultados obtidos em relação a cada uma destas categorias, discutidos através do processo de inferência e interpretação proposto pela Análise de Conteúdo de Bardin (1977) em conjunto com os pressupostos da Psicologia Sócio-Histórica e da Teoria de Paul Bates. Utilizaram-se, também, trechos referidos a elas advindos dos depoimentos.

### ***7.3.1 O reflexo da violência sexual no (e para) o processo de desenvolvimento***

Pode-se verificar que essa categoria foi observada nos discursos de todos os jovens, sem exceção. São muitos trechos dos relatos em que podem ser identificadas as diversas consequências desse ato ilegal e que trazem à tona marcas para a história de vida de vítima. Alguns trechos são destacados:

Comecei a fumar maconha, mas não gostava, usava só por usar. Dos 12 aos 15 anos, foi só maconha. [...] Depois, comecei a usar maconha misturada com crack pra perder peso. Fui fumando, fumando, fumando... fiquei bem magrinha, bem bonitinha. Aí disse: “Tá bom, vou parar senão vou ficar magra demais e o pessoal em casa vai perceber.” Mas não consegui mais parar, já estava viciada. Por um bom tempo consegui sustentar meu vício apenas com o trabalho. Mas depois comecei a roubar, a me prostituir, a fazer tudo. [...] Vivia só para as drogas. (Relato 1 – Eliane)

Meu pai chegava em casa bêbado e ia dormir. Vinha sempre com uns amigos diferentes e eles abusavam de mim. [...] Teve um deles que chegava a dizer que não era pra contar pra ninguém, que era um segredo da gente, só da gente. [...] Ficava com medo de contar pra outras pessoas. Quando falei pro meu pai o que estava acontecendo, ele não acreditou. Disse que era imaginação de criança, que eu estava cheia de frescura e que mentia demais. (Relato 2 – Júlia)

Me pergunto como é que pode alguém fazer algo por você exigir sexo em troca? Dizer: “Só vou te ajudar se você transar comigo”. Alguém te violentar, fazer essas coisas com você! Eu acho que a pessoa, pra te ajudar, tem que ser de coração, não para ter algo em troca. Mas, infelizmente, tem muita gente que não pensa assim. (Relato 3 – Genilson)

Logo comecei a me drogar a pedido dos clientes, ou para ter estômago para enfrentá-los. Cheirava loló, fumava maconha com crack, tomava muitos comprimidos tarja preta porque, à vezes, não tinha condições de encarar o homem e satisfazer todos os seus desejos. (Relato 4 – Danielle)

A primeira coisa ruim foi que o melhor amigo da minha mãe me estuprou e tentou me matar. [...] A segunda coisa ruim que me aconteceu foi que mataram minha irmã. [...] Depois de tudo que aconteceu, eu fiquei uma pessoa muito revoltada. Entrei na vida errada. Abandonei a escola e arrumei um companheiro traficante que me colocou no tráfico. Comecei a cheirar pó, fumava maconha. (Relato 5 – Carina)

Me senti como se tivesse morrido algo dentro de mim. Me senti mal. No dia seguinte, passei a manhã inteira calada, com a cabeça baixa. Não comi durante o dia, tive febre alta. [...] fiquei com medo de falar pra ela e ela falar pra ele e acontecer novamente aquela situação. (Relato 6 – Dalva)

Conseguir drogas nunca foi problema: toda casa de cafetina tem alguém que abastece. Todo dia tem droga, porque as travestis têm que se drogar pra conseguir fazer o que fazem. [...] É difícil tirar a roupa pra uma pessoa que você nunca viu, uma pessoa que você não sabe de onde vem, que pode fazer qualquer coisa com você. (Relato 7 – Mateus)

[...] Trabalhava com sexo só se tivesse necessidade. Sempre me senti muito mal fazendo programas. Às vezes, os clientes nem te pagam, te deixam longe, no escuro, você fica sem saber voltar. Um dia, desesperada, peguei uma faca e cortei meus pulsos. Sobrevivi. [...] Ainda tenho dificuldade de ter um relacionamento, acho que todo homem me quer como objeto. (Relato 8 – Ivaneide)

Hoje, eu não tenho nada de bens materiais. Não tenho algo que eu possa dizer: “Isso eu consegui com o dinheiro que eu ganhei vendendo meu corpo.” (Relato 9 – Maria)

[...] Quando terminei o Ensino Médio, resolvi fazer tudo que um adolescente deseja. Só queria saber de festa, de sexo e drogas. Comecei a sair, fui conhecendo pessoa que queriam fazer programa comigo. Isso me levou às drogas, porque os caras pagavam mais pra usar junto com eles. Aí viciada. Comecei com maconha, depois cheirei loló, cocaína e acabei no crack. (Relato 10 – Poli)

A gente não sofria só de agressão física do meu pai. A verdade é que ele também abusava sexualmente de mim e de minha irmã. Comigo começou aos 4 anos. Nessa idade ele ainda não violentava a gente. Mas com uns 10 anos, por aí, ele já queria penetrar. [...] Sentia muito ódio naquela época. Ódio, tristeza e vontade de contar pra alguém. Mas ele sempre dizia que a gente não podia falar pra ninguém. (Relato 11 – Nilza)

Eu ganhava presente, ou eles me davam 30 reais, 20 reais... o que pra mim era bom, ajudava em casa [...] Eu ganhava dinheiro, chocolate, camisa, tênis, essas coisas. Eu acho que era para manter o meu silêncio que me davam isso. (Relato 12 – Genilson)

Os efeitos devastadores do abuso e da exploração sexual comercial para a vítima se assemelham bastante e, pela leitura e análise dos relatos, tomando, ainda, a colocação de Santos (2011), essas consequências que, não possuem uma determinação quanto à superação, são

sequelas advindas dos problemas físicos gerados pela violência sexual, dificuldade de ligação afetiva e amorosa, dificuldades no desenvolvimento de sexualidade saudável, tendência a sexualizar demais os relacionamentos sociais, estigmatização e

menos-valia, complexo de traição, consumo de substâncias lícitas e ilícitas e engajamento em trabalho sexual (prostituição). (SANTOS, 2011, P. 80-81)

Somando-se, ainda, o sentimento de revolta, tristeza, ódio, raiva, desespero, medo, ansiedade, baixa autoestima, insegurança, incapacidade, enfim, uma confusão de emoções, principalmente, para aqueles que não têm consciência e nem definição do que realmente aqueles episódio(s) representam (ou representaram) na sua vida. Ou seja, quando se fala acerca de uma indeterminação quanto à superação é porque cada indivíduo vivencia aquela experiência sob a sua forma, sua singularidade, sua vivência com todas as peculiaridades possíveis.

[...] Eu não me achava capaz. Eu não tinha capacidade de correr atrás das oportunidades e hoje aparecem tantas! (Relato 2 – Júlia)

Eu passei a sair com homens que eu nem sabia quem eram, como se meu corpo não tivesse valor. (Relato 6 – Dalva)

[...] eu achava que as coisas ruins só aconteciam comigo. (Relato 8 – Ivaneide)

Em virtude disso que Werneck, Gonçalves e Vasconcelos (2014) afirmam que buscar compreender ou identificar a dor dessa criança ou desse adolescente vítima requer uma tarefa um tanto quanto árdua, pois, alguns, expressam sua dor de forma subtendida e peculiar. Ao se referirem à forma como esses indivíduos podem elaborar essas consequências, esse trauma, colocam que,

Essa elaboração pode ser bem-sucedida ou não. Consideramo-la bem-sucedida quando a criança ou o adolescente, apesar da dor, conseguem impulsionar-se para a vida por meio da aceitação de novas relações e do estabelecimento de vínculos mais saudáveis que vão ajudá-los a retomar sua vida escolar, familiar e até mesmo profissional a fim de superar o ocorrido. Entretanto, há crianças e adolescentes e até mesmo famílias inteiras que não conseguem superar o trauma deixado pela experiência da violência sexual; não conseguem estabelecer novos vínculos e relações mais saudáveis. Estas crianças, estes adolescentes e suas famílias podem ser dominados pela angústia paralisante e ter muita dificuldade em retomar suas vidas. (WERNECK; GONÇALVES; VASCONCELOS, 2014, p. 78-79).

Fato que foi identificado em algumas falas que serão destacadas, como no Relato 2 – Júlia, no Relato 8 – Ivaneide, no Relato 10 – Poli e no Relato 11 – Nilza.

[...] mas meu sonho mesmo é ser feliz, esquecer tudo o que aconteceu no passado. (Relato 2 – Júlia)

Quando uma pessoa me toca, traz de volta lembranças do passado. [...] Aquela foi uma fase ruim, mas estou superando. (Relato 8 – Ivaneide)

[...] eu achei que não ia superar o drama que passei, eu achei que ia entrar realmente em depressão, porque foi horrível, horrível. (Relato 9 – Maria)

Não gosto de lembrar o meu passado; me machuca falar dele. (Relato 10 – Poli)

Hoje, aprendi a conviver com a minha história, a me acostumar com ela. [...] Não vou dizer que estou curada 100%. É um trauma que tenho, mas que eu olho pra trás e digo pra me dar mais força, pra seguir em frente: “Não, isso não deveria ter acontecido.” Mas aconteceu, eu não vou voltar mais atrás e me culpar por causa disso. (Relato 11 – Nilza)

Outro aspecto de suma importância que merece ser destacado consiste na questão da gravidez precoce. Dados obtidos por uma pesquisa realizada pela Childhood Brasil – uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) direcionada à proteção da infância - acerca da temática da violência sexual de crianças e adolescentes apontou resultados expressivos dessa população em foco.

30% das entrevistadas já haviam passado por um episódio de gravidez, das quais 17% já perderam um ou mais filhos em abortos naturais (6%) ou provocados (11%). Apenas 5,8% delas vivem com seus filhos. O preconceito foi o maior impacto sofrido pelas grávidas segundo esse estudo, seguido pelo sentimento de vergonha. Um terço das participantes disse ter parado de estudar em decorrência da gravidez, e 21,7% delas afirmaram que foram expulsas de casa. (WERNECK, GONÇALVES; VASCONCELOS, 2014, p. 80).

Situação que também foi evidenciada em relatos do público em estudo.

Aos 17 anos, engravidei e parei de usar drogas. Quando minha filha completou 1 ano e 1 mês, voltei ao crack. [...] Fiquei grávida novamente. Foi com o homem que eu tinha feito o meu primeiro programa [...] Durante a gravidez, continuei usando droga, ao contrário da primeira gravidez. (Relato 1 – Eliane)

[...] engravidei de um cliente. Mesmo grávida, segui fazendo programas. [...] Fiquei grávida porque o cliente não quis usar camisinha. O cliente não quer que aconteça quase sempre. [...] Como a gente estava ali a troco de alguma coisa, a gente tinha que fazer o que eles bem queriam. Naquele momento, a mulher que tá no meio da prostituição não tem o que escolher: “ou vai ou racha”. (Relato 4 – Danielle)

Conheci o pai da minha primeira filha quando eu tinha 12 anos e ele 17. [...] Quando eu engravidei, aos 14 anos, ele me deixou. Arrumou outra. Eu, em nenhum momento, pensei em abortar. Trabalhei na rua até o final da gravidez [...] Fiquei grávida desse meu companheiro, o traficante. Foi a minha segunda gravidez. Mesmo grávida, me envolvi em assalto. Trafiquei até o meu filho nascer. (Relato 5 – Carina)

Retomando, para a discussão, um dos princípios da Teoria de Paul Baltes, a de que o desenvolvimento também é caracterizado por influência de ocorrência imprevisível pelo biológico e pelo social, “interrompendo a sequência e o ritmo do curso de vida esperado” (BALTES; SMITH, 2004 apud NERI, 2006, p. 20), verifica-se que tanto a violência sexual,

diante de seu “potencial devastador”, quanto a gravidez precoce (como um exemplo de consequência desse ato ilegal) estão inclusas como influências não-normativas que impactam significativamente na vida e na construção dos indivíduos.

De fato, não há como generalizar que todas as vítimas de violência sexual não possuem amadurecimento e conscientização a fim de evitar, por exemplo, ocorrências como essa (uma gravidez indesejada), ainda mais quando o público é de exploração sexual. Entretanto, estamos falando de uma população jovem – infantojuvenil – e vulnerável que, como foi ratificado no Relato 4 – Danielle, para aqueles que estão nesse contexto, não há o que escolher e sim aceitar todas as condições impostas pelos clientes, naquela relação, desigual e desproporcional, de negócio, salientando-se assim nomear.

E como se defender da violência sexual? Já que, o simples fato de serem crianças e adolescentes já deixa esses indivíduos numa posição de suscetibilidade? Ainda mais quando se fala de um público carente?

O desenvolvimento humano, para Baltes, direciona-se de acordo com a alocação de recursos frente aos diferentes momentos da vida. No entanto, o que se tem verificado é que essa relação apresenta um caráter de complexidade ainda maior frente ao público que sofre negligência, simplesmente por ser frágil e não ter como se defender. E mais ainda, por estar envolvido por um contexto social marcado por vulnerabilidade, descaso, portanto, exclusão.

### ***7.3.2 A realidade social de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual***

Essa categoria, assim como a anterior, foi observada em todos os relatos. De uma forma ou de outra, as questões que serão ressaltadas aqui perpassam (e/ou perpassaram) a vida de todos os jovens que contaram um pouco da sua história de vida na obra tomada como referência.

Dando destaque ao contexto social em que vivem, temas como estrutura familiar, qualidade de vida, processo identitário, a importância da atuação de rede de enfrentamento e a necessidade de oportunidades como alternativas de mudança estiveram presentes, de forma bem enfática, nos depoimentos dos jovens. Enfim, nos relatos tomados como análise, os jovens trouxeram à tona, elementos que se interligam, característicos das realidades, reais e sociais, em que (sobre)vivem.

O primeiro tema que será abordado consiste da estrutura familiar. Apontado também, segundo Leal (2001 apud WERNECK; GONÇALVES; VASCONCELOS, 2014, p.



80), como um indicador que tem ligação direta com as diversas expressões de violência sexual. Os relatos a seguir, demonstram a descrição dos jovens acerca de suas famílias.

[...] Eles (meus pais) se separaram quando eu tinha 11 anos. Ele tinha muito ciúme de minha mãe e ficava ameaçando todo o tempo. Às vezes, a gente não podia nem dormir em casa, com medo das ameaças dele. (Relato 1 – Eliane)

Sou a mais velha de três irmãs. Estou deixando para trás uma vida de problemas, abusos e abandono que sofri dos meus pais. [...] Amor de mãe, a gente nunca teve, nunca conhecemos. Quando a gente era bem pequena, meus pais brigaram e se separaram. Minha mãe foi embora. [...] Meu pai é alcólatra, tinha uma vida complicada. Quando ele brigava com a minha vó, saía de casa e levava as filhas. Durante o tempo em que a gente ficava longe da casa da minha avó, às vezes por semana, a gente vivia na rua, na casa de parentes e de desconhecidos. Não tomava banho, comia mal. (Relato 2 – Júlia)

Quando nasci, fui abandonado pelos meus pais naturais e adotado por uma família, também muito pobre. [...] esse meu pai de criação logo virou alcólatra e a minha mãe, a mulher dele, começou a se prostituir. [...] Quando eu tinha 10 anos, eles já estavam separados. (Relato 3 – Genilson)

Desde meu tempo de criança, meu pai já trabalhava no tráfico e consumia drogas. Minha mãe, além de viciada e traficante, também se prostituía. (Relato 4 – Danielle)

Eu não sei onde eu nasci. Minha mãe não tinha condições de criar a gente. Quando eu fiz 2 anos, ela me botou no orfanato, onde já estava a minha irmã. Fomos criadas lá. (Relato 5 – Carina)

Minha família era meu pai, minha mãe e quatro irmãos. Eu sou a mais velha. Ele (meu pai) era camponês, tinha uma roça. [...] e por qualquer motivo, ele nos espancava. Minha mãe, que também sofria agressões, ficava sempre quieta na dela quando ele nos espancava. Além de bravo, meu pai era muito ignorante. (Relato 6 – Dalva)

[...] Minha casa sempre foi de muita briga, porque meu pai achava que homossexualidade não existia. (Relato 7 – Mateus)

[...] Eu morava com a minha mãe e meus quatro irmãos. [...] Eu não tenho nenhuma lembrança do meu pai morando conosco. [...] Sempre fomos muito pobres, e a minha mãe nunca trabalhou. Ela sempre dependeu de homem. [...] Minha mãe se juntou com um traficante. [...] Éramos eu, meus quatro irmãos. (Relato 8 – Ivaneide)

Meus pais são agricultores, mas também conseguem trabalho fora da roça, minha mãe de cozinheira e o meu pai como vendedor de peixes. Nós somos nove filhos, eu sou a mais nova. (Relato 9 – Maria)

Minha família, que é evangélica, nunca me rejeitou por eu ser diferente. [...] Quando eu não estava na escola, eu cuidava dos meus irmãos menores, pra minha mãe trabalhar. Comecei a me travestir aos 12 anos e não parei mais. (Relato 10 – Poli)

Minha mãe é dona de casa, mas sempre trabalhou em restaurantes, pois cozinha muito bem. Meu pai, no momento, eu não sei o que ele está fazendo. Tenho três irmãos, sou a mais velha. (Relato 11 – Nilza)

[...] Minha mãe é dona de casa e meu pai é vigia portuário. Ele se separou da minha mãe muito cedo, e ela partiu pra outro casamento. O meu pai também. Eles nunca conseguiram manter seus casamentos, estavam sempre trocando de relacionamentos.

Em cada relacionamento, vinham mais filhos. Somos dez irmãos se somarmos todos.  
(Relato 12 – Josiel)

Somando-se a esse primeiro aspecto, então, como a qualidade de vida desses jovens? Em que condições de vida eles viviam com suas famílias?

Por um bom tempo consegui sustentar meu vício apenas com o trabalho. Mas depois comecei a roubar, a me prostituir, a fazer de tudo. Fui morar nas ruas quando meus pais descobriram. (Relato 1 – Eliane)

Ali onde eu morava era um local muito carente. [...] E sempre procurava alguma coisa na rua pra fazer, algum trabalho, mas não conseguia achar nada. Eu não conseguia nada, ainda falava com minha tia que eu ia desistir, que eu não ia querer mais procurar trabalho. Só ia ficar em casa, dando aula. Mas o dinheiro que eu recebia não dava condições de me sustentar, de ajudar a família. (Relato 2 – Júlia)

[...] morei com meu pai em uma casa de barro. [...] era bem simples, não tinha energia elétrica, não tinha fogão, não tinha nada. [...] Fui obrigado a trabalhar catando latas e papelão para vender. [...] Como não aguentava mais os maus-tratos, as surras constantes [...], aos treze anos resolvi viver definitivamente nas ruas. (Relato 3 – Genilson)

Depois que fui estuprada, passei a ter medo de encarar a rua, passei a fazer programas eventuais e a ajudar meu pai e minha mãe a traficar. (Relato 4 – Danielle)

A casa da minha mãe não tinha nada. Tudo na caixa de papelão, nossa roupa, comida, tudo era na caixa, tudo. Só tinha um vaso sanitário, uma pia pra lavar pratos, uns pratinhos. A gente dormia no único colchão que tinha. Dormia eu, minha irmã, minha mãe e o nosso padrasto. [...] Foi só sair do orfanato pra minha mãe botar a gente pra trabalhar na rua. [...] A gente vendia de tudo um pouco: meias, lápis, caneta, capa de celular, brinco, bolsa... Tudo! (Relato 5 – Carina)

Nossa casa ficava num sítio. Era muito simples, humilde. Sempre foi. Nunca teve muitas coisas, muito móveis. (Relato 6 – Dalva)

[...] Todo dia tinha que ir pra rua fazer 30 reais pra pagar a casa, com direito ao almoço. sabia que tinha que ganhar os 30 e mais o dinheiro da janta. (Relato 7 – Mateus)

Da minha infância eu lembro da minha casa. Eram dois cômodos. [...] A casa era de madeira compensada e chovia muito dentro dela. Na casa não tinha banheiro; o banheiro que a gente usava era superlonge, lá perto da casa da minha tia, num beco. [...] Eu tinha que ir pra rua pedir dinheiro e era tudo difícil. [...] Com a história desse meu padrasto traficante morando com a gente, o movimento na minha casa também aumentou. Toda hora tinha gente lá para comprar pedra de crack. (Relato 8 – Ivaneide)

[...] minha mãe tinha que comprar as coisas pra se virar, tinha que trabalhar e batalhar mesmo. Meu pai sempre achou que se tivesse comida dentro de casa, era suficiente. Ele nunca ligou pra parte material da vida, roupas, essas coisas. No máximo era uma roupa, ou uma outra coisa, uma vez no ano. Minha mãe, por ter quatro filhos, não ajudava muito financeiramente, ela só ganhava mais ou menos de 100 a 150 reais por mês, não dava pra sustentar quatro filhos com isso. (Relato 9 – Maria)

Passei a viver uma vida sem limites, não tinha medo. [...] Até já entrei em boca de fumo pra comprar droga em meio a um tiroteio entre facções rivais. [...] passei a ser ameaçada de morte pelo traficante. (Relato 10 – Poli)

O meu cotidiano quando criança era muito simples, era de casa pra escola, da escola pra casa. [...] O bairro onde eu morava era muito perigoso. [...] o índice de criminalidade era grande. (Relato 12 – Josiel)

Com uma estrutura familiar fragilizada e condições de vida insuficientes para o atendimento de suas necessidades mínimas, a alternativa encontrada para suprir as carências básicas foi: a prostituição.

É interessante ressaltar, nesse momento, que as causas apontadas pela literatura como norteadoras para a ocorrência da violência sexual, no sentido de reforçar, assim como foi feito acerca das consequências desse ato durante a apresentação da categoria anterior, são derivadas de diversos indicadores – sociais, políticos, econômicos, gerais e/ou específicos - variando de caso a caso.

Dessa forma, ao se considerar uma amplitude de aspectos que influenciam crianças e adolescentes a essa situação de risco, no que tange ao universo da exploração sexual comercial, por exemplo, destacam-se a estimulação independente e voluntária ou forçada e agenciada em decorrência de conflitos culturais e outras situações familiares, o uso desse serviço como estratégia para a sua inclusão na “sociedade” de consumo e como opção de sobrevivência seja diante da falta, omissão e/ou insuficiência das políticas sociais públicas ou mesmo diante da ausência de perspectiva quanto ao atendimento de suas próprias necessidades básicas e de sua família. (SANTOS, 2011).

Elementos estes presentes nos Relatos 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10 e 12, como justificativa para tal atitude. Cabe ressaltar que essa questão não foi observada nos Relatos 2, 6 e 11 por corresponderem a depoimentos de jovens que sofreram, apenas, abuso sexual.

Quando ninguém me aguentava mais, o jeito foi sair de casa. Me separei do pai da minha filha, porque a gente já estava brigando por droga. [...] Não tinha mais de onde tirar dinheiro e eu vi que, se fosse roubar, ia ser pior pra mim. [...] A única saída que encontrei foi me prostituir. (Relato 1 – Eliane)

Comecei a me prostituir porque precisava de dinheiro pra minha alimentação, pra ter um lugar pra dormir. Às vezes, eu ia com os caras, mas não era nem pelo dinheiro, era pra ter um lugar pra dormir, um lugar seguro, onde não ia ter que dormir no chão, onde ia dormir numa cama. Um lugar que, quando eu chegasse, o cara ia me dar um almoço, uma janta, ia ligar a TV. Fiz programa até os meus 17 anos, mas não me arrependo, não. Não gostava do que fazia, mas fazia para sobreviver. (Relato 3 - Genilson)

Eu também queria ganhar dinheiro, comprar roupas, sapatos, bijuterias, maquiagem... Ter o que elas tinham. (Relato 4 – Danielle)

Pra não entrar mais nessa de assalto, eu resolvi me prostituir. Foi quando uma amiga da minha mãe me convenceu. Ela disse: “Tu é bonita. Vamos pra praia ganhar dinheiro.” Mas eu só comecei na prostituição no dia em minha mãe me disse bem assim: “Prefiro ver você se prostituindo do que traficando.” (Relato 5 – Carina)

Para me manter, passei a me prostituir. [...] No início foi muito difícil. [...] Conheci muita gente, fiz muita coisa, aprendi muita coisa, ganhei muito dinheiro. (Relato 7 – Mateus)

Com 12 anos, comecei a fazer favorzinho em troca de dinheiro. Eu deixava os caras me alisarem, me tocarem, me beijarem. [...] Com 13 anos, passei a fazer programas nos carros, nos táxis, nas ruas, nas casas dos clientes. [...] Cheguei ao fundo do poço. [...] mas era por necessidade mesmo que eu fazia aquelas coisas. Se eu vendesse o corpo, não morria de fome e ainda ajudava em casa. Pra juntar dinheiro, pra comprar um bujão de gás, tinha que ter vários clientes. (Relato 8 – Ivaneide)

Quando a gente chega aos 11 anos e começa a adolescência, a gente começa a querer ser independente e vê as amigas comprando as coisas, tendo isso, tendo aquilo, aí não dá mais pra se conformar e aceitar a situação. [...] Por querer ter dinheiro e não depender dos meus pais, eu comecei a trabalhar. [...] Eu comprava as coisas que eu sempre tive vontade de comprar. [...] eu já tinha 16 anos. Aí uma pessoa me propôs sair do interior e me prostituir na capital. (Relato 9 – Maria)

A primeira vez que sai por dinheiro foi estranho, mas ganhei 60 reais e gastei tudo com cigarro e álcool. Passei a viver uma vida sem limites. [...] Tudo o que ganhava, gastava com farra, com roupas. (Relato 10 – Poli)

[...] Seduzido pelo dinheiro, que as pessoas se aproveitaram de mim. [...] Eu não me sentia muito bem, mas continuava. (Relato 12 – Josiel)

Através da análise e identificação desses três temas iniciais – estrutura familiar, qualidade de vida e causa – consegue-se inferir a complexidade da violência sexual, bem como subsídios que a tornam um problema social que, por conseguinte, apresenta inteira ligação com o processo de exclusão social.

À medida que “a existência de crianças e adolescentes em um contexto de abandono, miséria e violência extremas reflete uma das faces mais cruéis do processo de exclusão social vivenciado pela população brasileira” (GONTIJO; MEDEIROS, 2007, p. 119), fica evidente essa relação ao se fazer jus ao conceito de violência sexual, compreendendo-o como um fenômeno que é sustentado por um contexto sociocultural em que as relações de desigualdade e de poder o caracterizam significativamente, embasando todas as relações sociais. Em outras palavras, a violência sexual é uma violação fruto de um contexto histórico, cultural e social marcado pela desigualdade em sua maior amplitude.

A violência sexual é uma violação de direitos humanos, consubstanciada como um problema de saúde pública complexo, multifacetado e endêmico, que se **estrutura no estabelecimento de relações de desigualdade e de poder sustentadas geralmente por um contexto sociocultural** sexista e machista. Essa violência acontece em todas as classes sociais, independentemente de gênero, de raça e de etnia, estruturando-se com base em uma dinâmica arbitrária entre agressor, crianças

e adolescentes, envolvendo a família e **danificando todo o tecido social**. (WERNECK, GONÇALVES; VASCONCELOS, 2014, p. 72, grifo nosso)

E esta realidade reflete sobremaneira no modo como esta população se vê (ou passa a se ver) depois do acontecimento, bem como na forma como é vista (ou passa a ser vista) pelos outros, pois, se o processo identitário por si só, é algo complexo, haja vista o seu aspecto fluido e plural com base nas diversas possibilidades de construção propostas pelo contexto social, imagine quando ele se refere a indivíduos que, além de pertencerem a uma classe social desfavorecida, passaram por um episódio de extrema violência, como é um ato de violência sexual.

[...] Se eu for contar tudo pra uma pessoa que nunca passou por isso, ela pode me olhar com preconceito. (Relato 3 – Genilson)

Algumas pessoas desconfiavam que eu também fazia o mesmo, só que nunca tiveram certeza. Aí foi que todo mundo teve certeza. Então, eu fui o alvo da cidade. Todo mundo falava, todo mundo me julgava, como até hoje algumas pessoas julgam. Todo mundo falava mal de mim. (Relato 9 – Maria)

[...] Nesse tempo, a mãe vendeu a casa onde a gente morava, fomos morar num bairro do lado, onde nem todo mundo sabia, mas eu e minha irmã tínhamos vergonha de sair na rua, porque todo mundo olhava pra gente com desprezo. (Relato 11 – Nilza)

[...] esses jovens têm medo de todo mundo, porque a sociedade os discrimina. (Relato 12 – Josiel)

Dessa forma, não tem como desmerecer o impacto que esse acontecimento provoca na consciência e no processo de autoidentificação, quando termos de igualdade e alteridade, semelhança e diferença e reconhecer-se e ser reconhecido estão imersos em um contexto social marcado pela exclusão social, em que comportamentos de estereotipia, preconceito e discriminação são tão reforçados.

Hoje eu ouço muita gente dizer: “Você não vai conseguir, vai dar tudo errado!”. (Relato 5 – Carina)

Na minha vida, sempre sofri muito com o preconceito, mesmo dentro de casa [...] fui violentamente espancada por seis homens quando voltava de um programa. Me deixaram cicatrizes no corpo e na alma. [...] surra homofóbica. (Relato 7 – Mateus)

Ressalta-se, também, a relevância e o cuidado dessa construção identitária mediante as relação grupais, sociais derivadas do universo dessa população, pois, como ficou claro em trechos do Relato 1 – Eliane e do Relato 4 – Danielle, o envolvimento com drogas e

a inserção no universo da prostituição, respectivamente, foram, significativamente influenciados pelo grupo a que pertenciam e pelas figuras que tinham como referência.

Quando completei 12 anos, fui estudar na escola estadual [...] Comecei a me envolver com pessoas mais velhas. Elas usavam droga e eu me sentia na obrigação de usar também. Não queria ser diferente. (Relato 1 – Eliane)

Comecei a seguir os passos de minha mãe e da minha irmã, ainda com 13 anos de idade. [...] De manhã ia pra escola, mas de tarde, com a desculpa de fazer trabalhos em grupos, ganhava dinheiro num bordel no centro da cidade. Eu também queria ganhar dinheiro. (Relato 4 – Danielle)

Assumindo a violência sexual infantojuvenil como problema social, cabe abordar, portanto, a importância dos instrumentos legais e da mobilização social que buscam combater essa problemática a fim de que os direitos das crianças e dos adolescentes sejam respeitados e protegidos.

Essa relevância esteve presente nos relatos analisados, quando os alunos entrevistados pelo projeto fizeram alusão a órgãos pertencentes ao serviço de proteção às vítimas, cuja apresentação e descrição foi dedicada em um capítulo deste trabalho, como importantes para a mudança em suas vidas.

Uma vez, a psicóloga me chamou para ir num evento de jovens, uma discussão do Estatuto da Criança e do Adolescente. [...] eu nem sabia que tinha gente lutando pelos nossos direitos. (Relato 2 – Júlia)

A minha vida começou a mudar quando procurei o Conselho Tutelar da Infância e do Adolescente e uma conselheira pediu meu endereço e prometeu ajudar. (Relato 4 – Danielle)

[...] fui mandada para o Conselho Tutelar, que não me recolheu no abrigo, mas me ajudou. (Relato 8 – Ivaneide)

[...] foi um conselheiro tutelar que se interessou pelo meu caso e sugeriu que eu passasse pela seleção do projeto Vira Vida. (Relato 10 – Poli)

Nós (Ela e a irmã abusadas pelo pai) passamos pelo Programa Sentinela, que oferece assistência a jovens vítimas de violência, abuso e exploração sexual. [...] Depois encaminharam a gente para a Casa de Zabelê, que é um projeto social. [...] Depois do Zabelê surgiu o Vira Vida. (Relato 11 – Nilza)

Entrei no Vira Vida através do Aproce. Fiquei sabendo que estava tendo inscrição para os cursos profissionalizantes, através do projeto Vira Vida. (Relato 12 – Josiel)

O mesmo se deu mediante a participação como aluno no projeto Vira Vida. Fato considerado, conforme se extrai de alguns depoimentos, como uma oportunidade para sair daquela vida marcada pela falta de perspectiva, pelo abandono, pela negligência, por tanto

sofrimento, maus-tratos vivido, fome, miséria, pobreza, enfim, uma “luz no fim do túnel” (Relato 7 – Mateus).

Quando eu fui selecionada, foi uma coisa muito boa, porque eu já estava querendo sair das drogas, aí eu vi como uma chance. O Vira Vida foi uma chance pra eu sair daquela vida. (Relato 1 – Eliane)

Foi quando ouvi falar do Vira Vida. Eu sabia que um dia ia ter que sair do abrigo. E aí? Eu ia voltar pra rua de novo? Então eu vi no Vira Vida a oportunidade que apareceu pra minha vida e eu agarrei. A oportunidade veio até mim e eu não deixei escapar. Segurei e foi daí que as coisas foram acontecendo. (Relato 3 – Genilson)

Aí apareceu o Vira Vida, que foi a luz no final do túnel pra mim. (Relato 7 – Mateus)

Quando entrei para o Vira Vida, achei as primeiras semanas uma chatice, não estava empolgada. Mas depois comecei a fazer curso de Informática, de Dança e o de Auxiliar Administrativa. E vi que ali estava a oportunidade de um novo começo. (Relato 8 – Ivaneide)

Quando fui chamada para me inscrever no projeto Vira Vida, foi o começo de tudo de bom na minha vida. [...] foi o começo de uma mudança. O Vira Vida na verdade devolveu a minha autoestima (Relato 9 – Maria)

Entrei no projeto Vira Vida decidida a deixar a prostituição. [...] No Vira Vida, eu aprendi a respeitar as pessoas, porque eu não respeitava ninguém. (Relato 10 – Poli)

Refletindo acerca do atendimento às vítimas da violência sexual, percebe-se que tem ocorrido um avanço expressivo mediante as articulações entre legislação e diversos órgãos, entretanto o mesmo não se observa perante a elaboração de políticas, públicas ou privadas, como o Projeto Vira Vida, direcionadas a esse público específico.

O projeto Vira Vida, além de representar uma oportunidade de mudança a nível econômico, com todos os benefícios direcionados aos alunos (poupança, alimentação, lazer, auxílio transporte, etc.), marcou a vida desses jovens, justamente, pelo apoio e acolhimento oferecidos.

Teve um momento, já no curso, que tive uma recaída, mas só foram dois dias. [...] Tava com dinheiro e gastei todinho só de droga. Depois eu pensava que as pessoas iam se afastar de mim novamente, que eu seria expulsa do Vira Vida. [...] Mas não. Todo mundo do curso me apoiou, todo mundo chorou. Eles falavam: “Pelo amor de Deus, Eliane, não volte pras drogas não!” Aí eu vi que pra que voltar pras drogas, se eu estava tão bem, todo mundo gostando de mim? [...] Eu me senti muito querida e vi que não ia valer a pena desistir. (Relato 1 – Eliane)

Ai começou o curso. [...] Não conseguia me adaptar. A pedagoga dizia: “Olha, Júlia, você tá aqui no canto sozinha?” Todo dia ela me via e falava: “Você tá aqui no canto, não tem ninguém não?” Quando chegou um dia, eu disse: “Poxa, velho, eu não acredito! Já vai fazer dois meses que eu tô aqui no Vira Vida e eu não conheci ninguém!”. [...] Um dia eu resolvi mudar aquilo. (Relato 2 – Júlia)

[...] Mas no Projeto a gente tem aulas de autoestima, a gente tem uma equipe que usa muito a autoestima. Então, me fez esquecer o passado e pensar no presente e no futuro. (Relato 4 – Danielle)

No Vira Vida passei a gostar de estar perto das pessoas. Só em falar um “oi”, bater um papo, pra mim já era tudo. As pessoas do Vira Vida abraçavam a gente, como se fôssemos filhos. [...] No início, eu ficava meio desconfiada. Era muita coisa para eles darem de graça pra gente. E me perguntava: “Será que mereço ficar aqui, será que não mereço?” Fui descobrindo que merecia. (Relato 6 – Dalva)

Eu participo de todas as atividades do Vira Vida. Gosto muito da “roda comunitária”. É assim, você conta o seu problema e no final e no final você fala: “O grupo me apoia?”, e o grupo responde: “Nós lhe apoiamos, Mateus.” É bem legal, porque todo mundo fala dos seus problemas, mas o que se fala ali, fica ali. (Relato 7 – Mateus)

Converso muito com a coordenadora. Quando estou precisando de colo, de atenção, de carinho, ela me dá. (Relato 8 – Ivaneide)

Quando comecei mesmo a participar do Vira Vida, eu já não estava mais me prostituindo. No início foi difícil me adaptar à rotina. Faltava às aulas, chegava atrasada. Mas fui aprendendo a me organizar [...] Quando tinha a psicóloga, com as aulas que a gente tinha que falar sobre a nossa vida, eu já me sentia a vontade pra falar, porque todos estavam passando pela mesma coisa que eu. (Relato 10 – Poli)

No começo, eu não gostava. Sempre falava de família, e eu não gostava, porque eu não considerava que eu tinha uma família. Mas eles diziam que, se eu não me desse liberdade de querer conversar, de dizer o que eu estou sentindo com a minha mãe, eu nunca daria liberdade pra ela voltar a ter aquela amizade de novo. (Relato 11 – Nilza)

O pessoal do Vira Vida recebe a gente super bem, porque sabe que os jovens que são encaminhados para o Vira Vida precisam de carinho. (Relato 12 – Josiel)

Juntamente com essa postura acolhedora, deve-se pontuar a importância da escuta das vítimas, pois, “Acreditar na criança ou no adolescente acolhê-los e encaminhar o caso para os serviços e para as pessoas preparadas para escutá-los e ajudá-los a simbolizar o ocorrido é essencial para a superação do trauma” (WERNECK; GONÇALVES; VASCONCELOS, 2014, p. 79).

A possibilidade de falar, ainda que implique em vergonha e medo, para alguns, significa uma espécie de libertação, amenizando o sofrimento. O que esteve presente, de forma bem enfática, em dois relatos: o Relato 6 – Dalva e o Relato 7 – Mateus.

Quando contei tudo [...], senti uma sensação de alívio, como se eu estivesse me libertando de algo. Mesmo tendo a sequela, mesmo tendo as marcas, foi aquela sensação de alívio. (Relato 6 – Dalva)

A dor não é tão grande quando você compartilha. Dói, mas não dói tanto. (Relato 7 – Mateus).



Portanto, esse olhar dos profissionais que atendem essa população, portanto, é um elemento que faz diferença nesse processo de reconstrução desses jovens e influencia positiva ou negativamente na forma como a própria criança ou o adolescente se percebe, o que pode contribuir para diversos comportamentos sejam eles autodestrutivos, sem perspectiva e descrença, assim como propulsores de mudanças e transformações positivas.

[...] Fui ver quem era a Dalva no Vira Vida. (Relato 6 – Dalva)

[...] Aqui aprendi que a Ivaneide é forte, inteligente, batalhadora. (Relato 8 – Ivaneide)

No Vira Vida, eu logo percebi que a maior mudança que estava acontecendo em mim foi o passar a acreditar mais em mim; eu vi que podia mudar a minha vida. (Relato 12 – Josiel)

Com isso, retomando o conceito proposto por Souza Santos (1994 apud SAWAIA, 2013, p 124) em que assegura que a identidade é “síntese de múltiplas identificações em curso e, portanto, não um conjunto de atributos permanentes”, os relatos desses jovens demonstram exatamente isso nessa relação identidade e contexto social, pois, ao passo que são dadas a eles oportunidades de mudança, em que possam crescer e se desenvolver de forma digna, sem dúvida, passam a desempenhar papéis diferentes, contrários aos que estavam atrelados à imagens estereotipadas, preconceituosas e discriminadas como, por exemplo, indivíduos sem perspectiva.

Perspectiva de vida, sem dúvida, é o que não lhes falta, ainda mais quando observa que, mesmo carregando sequelas que poderão nunca ser superadas e esquecidas, buscam deixar esse sofrimento de lado em prol de um futuro melhor.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre a dinâmica da violência sexual como uma violação de direitos, concretizada como um problema de saúde pública complexo, multicausal, multidimensional e endêmico, que afeta muitas crianças e adolescentes, consiste em um trabalho revoltante, difícil, intenso e sensível. Revoltante e difícil por ter que aceitar que essa prática caracteriza a vida de uma significativa parcela da população que tem (ou teve) o seu direito a um desenvolvimento saudável comprometido. Intenso e sensível pela dificuldade em dimensionar o seu reflexo mediante as suas diversas expressões e manifestações que ocorrem em todas as classes sociais, sem diferenciação de gênero, raça e etnia.

Quando se refere à dificuldade em dimensionar o reflexo dessa prática ilegal, direciona-se às implicações que ela provoca na vida das vítimas e que impactam em todas as relações sociais a que estão (e estarão) submetidas e envolvidas ao longo de seu caminhar. Fazendo alusão a algumas das implicações, destacam-se o medo, o desespero, a revolta, o sentimento de menos-valia, a inserção no mundo das drogas, a falta de confiança, a gravidez precoce, a questão da superação, enfim, consequências que exigem um grande esforço das vítimas perante a necessidade de aceitar essa situação como algo que aconteceu e que, mesmo fazendo parte de sua história de vida, deve ficar no passado, pois, não as define e nem as faz ter menos potencial em comparação àqueles que não vivenciaram essa experiência.

Observa-se, portanto, que cada um expressa e enfrenta suas dores de forma peculiar e única, o que torna árdua a tarefa em identificar os sinais dessa violação. No entanto, estimular e ensinar esses jovens a lidar com essas consequências é algo indispensável a fim de que venham a ter consciência de seus reais papéis na sociedade e possam encontrar suas próprias motivações para mudar de vida e continuar enfrentando as barreiras impostas pela arte que é viver. Resgatando, assim, o sentido de suas vidas ou mesmo buscando novos sentidos.

Partindo da relevância em contextualizar o fenômeno da violência sexual, consegue-se inferir a relação desse problema com o processo da exclusão social à medida que se toma como referência a estrutura familiar, a qualidade de vida e as causas que influenciam e contribuem para a sua ocorrência, principalmente no que diz respeito à exploração sexual comercial.

Entendendo a exclusão social como um processo que tem ligação direta com o modelo econômico, político e social, no qual estão inclusas a pobreza, a desigualdade social e as diversas formas de vulnerabilidades como elementos marcantes, e considerando a violência

sexual como um problema social cuja “estrutura” e expressões se organizam em torno desses elementos, fica mais do que evidente essa relação.

As situações de risco social e pessoal decorrentes do processo de exclusão que marca a vida de muitas famílias e cidadãos brasileiros, além de tornar essa população vulnerável, o que incide diretamente no seu processo de desenvolvimento e crescimento em todos os sentidos, afeta, sem sombra de dúvidas, a qualidade de vida de muitos que, por falta de perspectivas, acabam se submetendo a péssimas circunstâncias em prol de sua sobrevivência.

Incluindo nesse cenário, a presença de muitas crianças e adolescentes que, estando sob essas condições, utilizam o seu corpo como uma alternativa para obter uma alimentação ou mesmo um lugar para dormir que não seja em seus lares - marcados por brigas, confusões e maus-tratos, ou no relento e perigo das ruas.

Verifica-se, assim, que os efeitos da relação entre a violência sexual com o processo de exclusão social podem ser visualizados em todos os aspectos da vida em sociedade, como no processo identitário, isto é, na autoidentificação, no reconhecimento pelo outro, enfim, na referência identitária.

Construir-se é um processo complexo e, a partir do momento em que se compreende a identidade como algo que está em constante transformação, até mesmo para que se possa acompanhar o ritmo das transformações sociais, nada impede as pessoas de fazerem suas escolhas mediante o sentido de liberdade defendido, bem como a partir das diversas fontes que possuem. Entretanto, quando se avalia essa construção em associação com o processo da exclusão social e do fenômeno da violência sexual, ressalta-se a importância do cuidado no olhar para essa população (vítimas), pois, sendo potenciais “protagonistas” desse cenário, acabam sendo estereotipados e tendo que conviver com atitudes preconceituosas e comportamentos discriminativos, por serem vistos como sem iniciativa e destituídos do desejo de mudança. Quando, na realidade, é exatamente o contrário. São jovens que foram obrigados a se acomodar e a se adaptar a um meio em que a negligência e a falta de perspectivas estão presentes e limitantes.

Não se pode desconsiderar que o Brasil possui um ordenamento jurídico que, atualmente, tem se direcionado para a defesa e atendimento das vítimas da violência sexual. No entanto, ao se comparar a quantidade de órgãos voltados para o atendimento e defesa dessas vítimas com a quantidade de políticas, públicas e/ou privadas, criadas para promover oportunidades de mudanças reais para a vida dessa população, conclui-se que ainda há muito que fazer para reverter esse quadro.

Refletir sobre essa questão é observar que ainda há, sim, certa desinformação por parte da grande maioria acerca de como se posicionar frente à realidade do abuso e da exploração sexual comercial, o que dificulta o combate e a prevenção desse tipo de prática ilegal.

Desse modo, conscientizar e tentar trazer à tona a amplitude desse problema para a população e para os gestores das políticas, no intuito de reforçar a importância e a necessidade da elaboração de oportunidades direcionadas a essas crianças, adolescentes e suas famílias, representam desafios que são enfrentados diariamente e que atravessam essa temática.

O mesmo se dá em se tratando de um atendimento qualificado. Crianças e adolescentes necessitam de uma boa educação, de oportunidades, de uma vida digna e, diante desse tipo de violação, de um atendimento em que possam ser ouvidas, acolhidas e resgatadas, o que requer a ação especializada de vários profissionais, incluindo a do psicólogo. À medida que um dos princípios fundamentais presente em seu Código de Ética consiste na promoção da saúde e da qualidade de vida das pessoas e da coletividade a fim de contribuir para eliminar quaisquer formas de exploração, violência, crueldade, opressão, etc., entende-se que sua atuação deve pautar pela promoção de práticas emancipatórias e comprometidas com a transformação da realidade. Com isso, ao fazer uso de estratégias que envolvam uma escuta qualificada e de acolhimento, nesse caso, representa uma grande diferença na orientação e ajuda perante o enfrentamento e superação desse sofrimento.

Por fim, e fazendo uso do trecho de um dos relatos (Relato 1 – Eliane) em que a jovem coloca *“Hoje eu vejo que as pessoas já me olham diferente, dizem: ‘Como ela tá diferente, nem parece...’* reforço a importância desse olhar para esse público, um olhar acolhedor, como foi mencionado e relacionado às equipes do Projeto Vira Vida, a fim de que se desconstruam a imagem pejorativa que se têm para com esse indivíduos que, seja diante do sofrimento advindo de uma prática de abuso sexual ou da submissão a alternativas de sobrevivência, como a exploração sexual comercial, eles não merecem carregar a culpa por tais atos e, assim como qualquer cidadão, possuem direitos a serem defendidos, sonhos a serem conquistados e merecem oportunidades dignas para melhores condições de vida.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, M. R. F. A interdisciplinaridade na violência sexual. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 115, p. 487-507, jul./set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n115/05.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.

BANDEIRA, L.; BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressão de violência. **Revista Estudos Feministas**. vol. 10 no. 1. Florianópolis. Jan. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRPEE)**. (Impr.) vol.11 no.1 P. 63-76. Campinas Jan./June 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la psicologia atual. **Revista de la Unión Latinoamericana de Psicología**. n.1 p 1-10, México fev. 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psilat/n1/n1a02.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 17 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA**. Brasília, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069Compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069Compilado.htm)>. Acesso em: 20 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Decreto n 99.710, de 21 de novembro de 1990. **Convenção sobre os Direitos das Crianças**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D99710.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D99710.htm)>. Acesso em: 28 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça e da Cidadania. Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH). **Disque 100 – Disque Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/noticias/2016/maio>>. Acesso em: 18 maio. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Justiça e da Cidadania. Secretaria Especial de Direitos Humanos (SDH). **Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes**. Disponível em: <<http://www.sdh.gov.br/assuntos/bibliotecavirtual/criancas-e-adolescentes/publicacoes-2013/pdfs/plano-nacional-de-enfrentamento-da-violencia-sexual-contra-crianca-e-adolescentes>>. Acesso em: 18 maio. 2016.

CALEGARE, M. G. A. Abordagens em Psicologia Social e seus ensinios. **Revista Transformações em Psicologia**. vol3. n2. p 30-53. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/transpsi/v3n2/a03.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

CARDOSO, A. V. B et al (Coord). **Centro de Perícias Técnicas: uma experiência na perícia criminal em casos de violência contra crianças e adolescentes**. São Luís: Gráfica Aquarela, 2009.

CENTRO DE DEFESA DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE Pe . MARCOS PASSERINI (CDMP). Projeto Rompendo o Silêncio. **Vídeo Conferência Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes: uma questão de Políticas Públicas**. São Luís, 2006.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. T. M. (Orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 10. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Serviço de Proteção Social a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência, Abuso e Exploração Sexual e suas Famílias: referências para a atuação do psicólogo**. Brasília: CFP, 2009.

DA SILVA, R. G. L et al (Org). **Perícia psicológica de crianças e adolescentes vítimas de violência no Estado do Maranhão**. São Paulo: Scortecci, 2013.

DIÓGENES, G. **Vira Vida: uma virada na vida de meninos e meninas do Brasil**. Serviço Social da Indústria. Brasília: 2010.

EWALD, A. P.; SOARES, J. C. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. **Estudos de Psicologia**. (Natal) . 2007, vol.12, n.1, pp.23-30. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a03v12n1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

FARIA, T. D; OLIVEIRA, P. A. F de.; MENDES, R. O enfrentamento à exploração sexual de crianças e adolescentes: desafios e caminhos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, vol 12 n. 5, p.1110-1127. Set/Out, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n5/03b.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

FLORENTINO, B. R. B. Abuso sexual, crianças e adolescentes: reflexões para o psicólogo que trabalha no CREAS. Fractal, **Revista de Psicologia**, v. 26 – n. 1, p. 59-70, Jan./Abr. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v26n1/v26n1a06.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora de pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, São Paulo, julho/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2017.

FROTA, A. M. M .C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, Abr. 2007. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf>>. Acesso em: 25 maio. 2016.

GALINKIN, A. L.; ZAULI, A. Identidade social e alteridade. In: In: TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (Orgs). **Psicologia Social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

GONTIJO, D. T.; MEDEIROS, M. Crianças e adolescentes em processo de exclusão social. **Estudos**. v. 34., n 1/2 p. 119-133, jan./fev., Goiânia, 2007. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/estudos/article/viewFile/311/252>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

HABIGZANG, L. F.; AZEVEDO, G. A.; KOLLER, S. H.; MACHADO, P. X. Fatores de Risco e de Proteção na Rede de Atendimento a Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 19 (3), 379-386, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v19n3/a06v19n3.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAYA, B. (Orgs). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LEMOS, F. C. S. O Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil atual. **Revista Psicologia Política**. Vol. 8. nº 15, São Paulo, pp. 93-106, Jan-Jun 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v8n15/v8n15a07.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

LIMA, C. M de. **Infância ferida: os vínculos da criança abusada sexualmente em seus diferentes espaços sociais**. Curitiba: Juruá, 2011.

LOURENÇO, M; FONTES, M. Tecnologia Social ViraVida. **Componente 1 – Articulação e Mobilização**. Brasília: SESI-CN, 63p. Geração Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. Tecnologia Social ViraVida. **Componente 2 – Inserção e Acolhimento**. Brasília: SESI-CN, 55p. Geração Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. Tecnologia Social ViraVida. **Componente 3 – Processo Socioeducativo**. Brasília: SESI-CN, 67p. Geração Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. Tecnologia Social ViraVida. **Componente 4 – Inserção Produtiva**. Brasília: SESI-CN, 47p. Geração Editorial, 2014.

MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **INTERAÇÕES**, vol. VII, n 13, p. 31-44, JAN-JUN, São Paulo 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

MELLO, S. L. A violência urbana e a exclusão dos jovens. In: SAWAYA, B. (Orgs). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MINAYO, M. C de S. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. **Revista brasileira de saúde materno infantil**, Recife, 1(2):91-102, maio-ago., 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v1n2/v1n2a02.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

MORAIS, N. A. de; CERQUEIRA-SANTOS, E; MOURA, A. S; VAZ, M; KOLLER, S. Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: um estudo com caminhoneiros brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Jul-Set 2007, Vol. 23 n. 3, pp. 263-272. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n3/a04v23n3.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2016.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em Psicologia**, v.14, n.1, Ribeirão Preto, jun. 2006, pp 17-34. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v14n1/v14n1a05.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

NEVES, A. S.; CASTRO, G. B. de; HAYECK, C. M.; CURY, D. G. Abuso sexual contra a criança e o adolescente: reflexões interdisciplinares. **Temas em psicologia**, vol.18, nº 1, Ribeirão Preto, 99-111, jun. 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a09.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

PÉREZ-NEBRA, A. R.; JESUS, J. G. Preconceito, estereótipo e discriminação. In: TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (Orgs). **Psicologia Social: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed**, 2011.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(2): 456-464, mar-abr, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v20n2/13.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ROCHA, I. A.; BRAGA, L. A. V.; TAVARES, L. M.; ANDRADE, F. B.; FILHA, M. O. F.; DIAS, M. D.; SILVA, A. O. A Terapia Comunitária como um novo instrumento de cuidado para a saúde mental do idoso. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília 2009 set-out; 62(5): 687-94. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v62n5/06>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

São Luís (Cidade). **Comitê de Monitoramento do Plano Municipal de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes de São Luís - Maranhão (CMPMEVSCA-SLSMA)**. Rotinas Institucionais de Atendimento a Crianças e Adolescentes e suas famílias em situação de Violência Sexual de São Luís – Maranhão. 3ª ed. São Luís: 2014.

São Paulo (Cidade). Secretaria da Saúde. Caderno de violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes. **Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde - CODEPPS**. São Paulo: SMS, 2007.

SANTOS, B. R.; IPPOLITO, R.; MAGALHÃES, M. L. Políticas públicas, rede de proteção e os programas e serviços voltados para crianças e adolescentes em situação de violência sexual. In: SANTOS, B. R. et al (Org). **Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos. Guia para capacitação em depoimento especial de crianças e adolescentes**. Brasília, DF: EdUCB, 2014.

\_\_\_\_\_. **Guia escolar: identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes**. Seropédica, RJ: EDUR, 2011.

SAWAYA, B. Exclusão ou inclusão perverse?. In: SAWAYA, B. (Orgs). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. Identidade – Uma ideologia separatista?. In: SAWAYA, B. (Orgs). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.



SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Abr-Jun 2010, Vol. 26 n. 2, pp. 227-234. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n2/a04v26n2.pdf>>. Acesso em: maio. 2016.

SEGTOUYCK, M. A. O. **O Enfrentamento à exploração sexual comercial de crianças e adolescentes (ESCCA): uma análise da atuação do Projeto Vira Vida em São Luís/MA**. São Luís, 2014.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SHAEFER, L. S.; ROSSETTO, S.; KRISTENSEN, C. H. Perícia Psicológica no Abuso Sexual de Crianças e Adolescentes. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Abr-Jun 2012, Vol. 28 n. 2, pp. 227-234. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/11.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SILVA, F. G. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 28, 1º sem. 2009, pp. 169-195. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

**VIRAVIDA: Histórias de Vidas Transformadas**. Serviço Social da Indústria. Brasília: SESI-CN, 2013.

WANDERLEY, M. B. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: SAWAYA, B. (Orgs). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WERNECK, A. F.; GONÇALVES, I. B.; VASCOCELOS, M. G. O. M. O essencial é invisível aos olhos: impactos da violência sexual na subjetividade de crianças e de adolescentes. In: SANTOS, B. R. et al (Org). **Escuta de crianças e adolescentes em situação de violência sexual: aspectos teóricos e metodológicos. Guia para capacitação em depoimento especial de crianças e adolescentes**. Brasília, DF: EdUCB, 2014.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A** - Quadro com as unidades de registro definidas a partir de cada um dos doze relatos selecionados.

Nº	UNIDADES DE REGISTRO
<b>Relato 1 Eliane</b>	<p>Os pais se separaram em função do ciúme e ameaças do pai            Morou nas ruas            A primeira gravidez ocorreu aos 17 anos            O envolvimento com pessoas mais velhas e usuárias de droga, obrigou o uso para não ser considerada diferente            A única saída encontrada para sustentar o vício foi se prostituir            A falta de esperança e o arrependimento            O Vira Vida foi uma chance para a saída daquela vida            Diante de uma recaída, pensou-se que as pessoas iriam se afastar, mas todo mundo deu apoio para não volta para as drogas            Hoje, as pessoas olham diferente            Vivia para as drogas</p>
<b>Relato 2 Júlia</b>	<p>A vida era um problema: sofreu abusos e abandono dos pais            Ali onde morava, era um local muito carente, procurava trabalho, mas não conseguia achar nada            Os amigos do pai abusavam dela. Medo de contar e quando falou, ele não acreditou            Não achava que era capaz, que tinha capacidade de correr atrás de oportunidades            Todo mundo que a conhece vê que mudou            Os adolescentes têm os direitos deles em relação à educação, à saúde            Tem coisas que acontecem na vida que são para esquecer</p>
<b>Relato 3 Genilson</b>	<p>Quando nasci, fui abandonado pelos meus pais naturais e adotado por outros, também muito pobres            Morou nas ruas            Para sobreviver, vendia o corpo em troca de comida ou cama para dormir            A pessoa para ajudar a outra tem que ser de coração e não exigir algo em troca            Viu no Vira Vida a oportunidade que apareceu pra sua vida e aí as coisas foram acontecendo            Sofreu pra caramba, mas não mudaria nada, cresceu com tudo            Se contar tudo pra uma pessoa que nunca passou por isso, ela pode olhar com preconceito</p>
<b>Relato 4 Danielle</b>	<p>Desde o tempo de criança, os pais eram traficantes e drogados e a mãe, ainda, prostituta            Traficava e se prostituía            Aos 18 anos engravidou de um cliente            Começou a fazer como a mãe: programas            Queria ganhar dinheiro e ter como comprar as coisas            Começou a se drogar a pedido dos clientes ou mesmo para enfrentá-los e satisfazer seus desejos            A vida começou a mudar quando procurou o Conselho Tutelar            Hoje se vê como uma guerreira</p>
<b>Relato 5 Carina</b>	<p>A mãe não tinha condições de criar, passou a morar num orfanato onde apanhava por tudo            A casa da mãe não tinha nada, tudo era na caixa de papelão            Engravidou aos 14 anos            Passou a se prostituir quando a mãe disse que preferia vê-la se prostituindo a traficando</p>

	<p>Acredita que vai dar tudo certo</p> <p>Apesar de tudo que já aconteceu, amo a mãe, a irmã e a filha</p> <p>Já foi de tudo um pouco e sabe que tudo o que fez não é futuro</p> <p>Hoje ouve muita gente dizer que não vai conseguir</p> <p>Ficou uma pessoa revoltada, começou a usar droga e traficar</p>
<b>Relato 6 Dalva</b>	<p>O pai controlava tudo, por qualquer motivo, espancava</p> <p>Sua casa era muito simples, humilde. Sempre foi. Nunca teve muitas coisas</p> <p>Quando contou, sentiu uma sensação de alívio</p> <p>As pessoas do Vira Vida abraçavam a gente, como se fôssemos filhos</p> <p>Tinha medo de contar e acontecer novamente</p> <p>Sentiu como se tivesse morrido algo nela e, desse dia em diante, não foi mais a mesma</p> <p>Começou a sair com homens, como se seu corpo não tivesse mais valor</p> <p>Ficava meio desconfiada "Será que mereço ficar aqui?"</p> <p>Pra esquecer o que tinha acontecido na infância, passou a beber na adolescência</p> <p>Antes do Vira Vida não se conhecia, foi ali que passou a se conhecer</p>
<b>Relato 7 Mateus</b>	<p>Sempre foi de muita briga em casa</p> <p>Viveu, por quatro anos, em um bordel</p> <p>Para se manter, passou a se prostituir e se drogar</p> <p>O Vira Vida foi a luz no final do túnel</p> <p>A dor não é tão grande quando se compartilha</p> <p>Gosta muito da "roda comunitária", falam os problemas e o grupo responde que apoia</p> <p>Hoje sente que alguma mudança aconteceu consigo</p> <p>Sempre sofreu muito com o preconceito, levou uma surra homofóbica</p> <p>Uso constante de drogas</p>
<b>Relato 8 Ivaneide</b>	<p>Não se recorda do pai ter morado com ela. A mãe se juntou com um traficante.</p> <p>Da infância, lembra da sua casa, eram dois cômodos, de madeira e chovia muito dentro dela</p> <p>Teve que ir pra rua pedir dinheiro</p> <p>Era por necessidade. Se vendesse o corpo, não morria de fome e ajudava em casa</p> <p>Viu no Projeto Vira Vida, a oportunidade de um novo começo</p> <p>Tinha medo que a irmã mais nova fosse pra rua ser abusada</p> <p>Achava que as coisas ruins só aconteciam com ela</p> <p>Tem sonhos que não tinha antes</p> <p>Numa época muito difícil, foi encaminhada para o Conselho Tutelar que a ajudou</p> <p>Aprendeu que a Ivaneide é forte, inteligente, batalhadora</p> <p>Até hoje sente nojo do seu corpo e ainda tem dificuldade de ter um relacionamento</p> <p>Aquela foi uma fase ruim, mas está superando</p>
<b>Relato 9 Maria</b>	<p>Os pais são agricultores e sempre teve muito atrito e muitas confusões em casa</p> <p>A mãe sempre teve que se virar, ganhava pouco para o sustento de quatro filhos.</p> <p>Por dinheiro e querer as coisas que os pais não podiam dar, resolveu se prostituir</p> <p>Não tem nada de bens materiais frutos de quando se prostituía</p> <p>Quando foi chamada para se inscrever no Vira Vida foi o começo de uma mudança</p>

	Achou que nunca iria superar o drama que passou quando todo mundo soube o que fazia
	Se vê como uma pessoa valorizada e quer dá orgulho para os pais
	Algumas pessoas desconfiavam do que ela fazia e quando tiveram certeza começaram a julgar
<b>Relato 10 Poli</b>	Cuidava dos irmãos pra mãe trabalhar
	Vivia perigosamente.
	Saia por dinheiro
	Entrou no projeto Vira Vida decidida a deixar a prostituição
	Aprendeu a se dar valor e recuperou os valores que perdeu quando era adolescente
	Foi a primeira travesti contratada na história da empresa onde trabalha
	Preconceito mesmo, somente na escola e no bairro
	Sua adolescência foi marcada por festas, sexo e drogas
	Um conselheiro tutelar se interessou pelo caso dela e a encaminhou para o Vira Vida
	Não gosta de lembrar do passado
<b>Relato 11 Nilza</b>	Sua mãe é dona de casa
	Por não querer mais lembrar tudo o que aconteceu, se revoltou
	Sentia muita vontade de contar
	Seu sonho é fazer Medicina, arrumar um emprego e dar uma vida digna para a mãe
	Tinha vergonha de sair na rua, porque todo mundo olhava com desprezo
	Passou pelo Programa Sentinela, Casa de Zabelê e foi para o Vira Vida
	Se vê uma pessoa muito diferente, guerreira, valorizada
	Não está curada 100%, é um trauma
<b>Relato 12 Josiel</b>	Seu pais são separados e foi criado pela avó sob condições de vida muito simples
	Morava em um bairro muito perigoso
	A necessidade de trabalhar e ter dinheiro o impulsionaram a se prostituir
	Ganhava dinheiro, chocolate... achava que era para mantê-lo em silêncio
	No Vira Vida, percebeu que a maior mudança estava acontecendo nele mesmo
	A sociedade discrimina muito os jovens dessa vida
	Através do APROCE conheceu o Vira Vida

**APÊNDICE B** - Quadro com as categorias iniciais definidas com base na análise temática das unidades de registro extraídas dos doze relatos selecionados.

CATEGORIAS INICIAIS	UNIDADES DE REGISTRO
<p style="text-align: center;"><b>1</b> <b>Ambiente Familiar</b></p>	Os pais se separaram em função do ciúme e ameaças do pai ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	A vida era um problema: sofreu abusos e abandono dos pais ( <b>Relato 2 – Júlia</b> )
	Quando nasci, fui abandonado pelos meus pais naturais e adotado por outros, também muito pobres ( <b>Relato 3 – Genilson</b> )
	Desde o tempo de criança, os pais eram traficantes e drogados e a mãe, ainda, prostituta ( <b>Relato 4 – Danielle</b> )
	A mãe não tinha condições de criar, passou a morar num orfanato onde apanhava por tudo ( <b>Relato 5 – Carina</b> )
	O pai controlava tudo, por qualquer motivo, espancava ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	Sempre foi de muita briga em casa ( <b>Relato 7 – Mateus</b> )
	Não se recorda do pai ter morado com ela. A mãe se juntou com um traficante. ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	Os pais são agricultores e sempre teve muito atrito e muitas confusões em casa ( <b>Relato 9 – Maria</b> )
	Cuidava dos irmãos pra mãe trabalhar ( <b>Relato 10 – Poli</b> )
	Sua mãe é dona de casa ( <b>Relato 11 – Nilza</b> )
	Seu pais são separados e foi criado pela avó sob condições de vida muito simples ( <b>Relato 12 – Josiel</b> )
<p style="text-align: center;"><b>2</b> <b>Qualidade de vida</b></p>	Morou nas ruas ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	Ali onde morava, era um local muito carente, procurava trabalho, mas não conseguia achar nada ( <b>Relato 2 – Júlia</b> )
	Morou nas ruas ( <b>Relato 3 – Genilson</b> )
	Traficava e se prostituía. ( <b>Relato 4 – Danielle</b> )
	A casa da mãe não tinha nada, tudo era na caixa de papelão ( <b>Relato 5 – Carina</b> )
	Sua casa era muito simples, humilde. Sempre foi. Nunca teve muitas coisas ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	Viveu, por quatro anos, em um bordel. ( <b>Relato 7 – Mateus</b> )
	Da infância, lembra da sua casa, eram dois cômodos, de madeira e chovia muito dentro dela ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	Teve que ir pra rua pedir dinheiro ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	A mãe sempre teve que se virar, ganhava pouco para o sustento de quatro filhos. ( <b>Relato 9 – Maria</b> )
	Vivia perigosamente. ( <b>Relato 10 – Poli</b> )
	Morava em um bairro muito perigoso ( <b>Relato 12 – Josiel</b> )
<p style="text-align: center;"><b>3</b> <b>Gravidez precoce</b></p>	A primeira gravidez ocorreu aos 17 anos ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	Aos 18 anos engravidou de um cliente ( <b>Relato 4 – Danielle</b> )
	Engravidou aos 14 anos ( <b>Relato 5 – Carina</b> )
<p style="text-align: center;"><b>4</b> <b>Pertencimento a um grupo</b></p>	O envolvimento com pessoas mais velhas e usuárias de droga, obrigou o uso para não ser considerada diferente ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	Começou a fazer como a mãe: programas ( <b>Relato 4 – Danielle</b> )
	A única saída encontrada para sustentar o vício foi se prostituir ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	Para sobreviver, vendia o corpo em troca de comida ou cama para dormir ( <b>Relato 3 – Genilson</b> )
	Querida ganhar dinheiro e ter como comprar as coisas ( <b>Relato 4 – Danielle</b> )

<b>5</b> <b>Falta de Perspectiva</b>	Passou a se prostituir quando a mãe disse que preferia vê-la se prostituindo a traficando ( <b>Relato 5 – Carina</b> )
	Para se manter, passou a se prostituir e se drogar ( <b>Relato 7 – Mateus</b> )
	Era por necessidade. Se vendesse o corpo, não morria de fome e ajudava em casa ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	Por dinheiro e querer as coisas que os pais não podiam dar, resolveu se prostituir ( <b>Relato 9 – Maria</b> )
	Saia por dinheiro ( <b>Relato 10 – Poli</b> )
	A necessidade de trabalhar e ter dinheiro o impulsionaram a se prostituir ( <b>Relato 12 – Josiel</b> )
<b>6</b> <b>Sentimento de revolta</b>	A falta de esperança e o arrependimento ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	A pessoa para ajudar a outra tem que ser de coração e não exigir algo em troca ( <b>Relato 3 – Genilson</b> )
	Não tem nada de bens materiais frutos de quando se prostituía ( <b>Relato 9 – Maria</b> )
	Por não querer mais lembrar tudo o que aconteceu, se revoltou ( <b>Relato 11 – Nilza</b> )
<b>7</b> <b>Oportunidades</b>	O Vira Vida foi uma chance para a saída daquela vida ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	Viu no Vira Vida a oportunidade que apareceu pra sua vida e aí as coisas foram acontecendo ( <b>Relato 3 – Genilson</b> )
	O Vira Vida foi a luz no final do túnel ( <b>Relato 7 – Mateus</b> )
	Viu no Projeto Vira Vida, a oportunidade de um novo começo ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	Quando foi chamada para se inscrever no Vira Vida foi o começo de uma mudança ( <b>Relato 9 – Maria</b> )
	Entrou no projeto Vira Vida decidida a deixar a prostituição ( <b>Relato 10 – Poli</b> )
<b>8</b> <b>A importância da escuta, da fala, do apoio e do acolhimento</b>	Diante de uma recaída, pensou-se que as pessoas iriam se afastar, mas todo mundo deu apoio para não voltar para as drogas ( <b>Relato 1 – Eliane</b> )
	Quando contou, sentiu uma sensação de alívio ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	As pessoas do Vira Vida abraçavam a gente, como se fôssemos filhos ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	A dor não é tão grande quando se compartilha ( <b>Relato 7 – Mateus</b> )
	Gosta muito da "roda comunitária", falam os problemas e o grupo responde que apoia ( <b>Relato 7 – Mateus</b> )
<b>9</b> <b>Silêncio, medo</b>	Os amigos do pai abusavam dela. Medo de contar e quando falou, ele não acreditou ( <b>Relato 2 – Júlia</b> )
	Tinha medo de contar e acontecer novamente ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	Tinha medo que a irmã mais nova fosse pra rua ser abusada ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	Sentia muita vontade de contar ( <b>Relato 11 – Nilza</b> )
	Ganhava dinheiro, chocolate... achava que era para mantê-lo em silêncio ( <b>Relato 12 – Josiel</b> )
<b>10</b> <b>Sentimento de menos-valia</b>	Não achava que era capaz, que tinha capacidade de correr atrás de oportunidades ( <b>Relato 2 – Júlia</b> )
	Sentiu como se tivesse morrido algo nela e, desse dia em diante, não foi mais a mesma ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	Começou a sair com homens, como se seu corpo não tivesse mais valor ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	Ficava meio desconfiada "Será que mereço ficar aqui?" ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	Achava que as coisas ruins só aconteciam com ela ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )

<b>11</b> <b>Mudança</b>	Hoje, as pessoas olham diferente <b>(Relato 1 – Eliane)</b>
	Todo mundo que a conhece vê que mudou <b>(Relato 2 – Júlia)</b>
	Sofreu pra caramba, mas não mudaria nada, cresceu com tudo <b>(Relato 3 – Genilson)</b>
	Acredita que vai dar tudo certo <b>(Relato 5 – Carina)</b>
	Apesar de tudo que já aconteceu, amo a mãe, a irmã e a filha <b>(Relato 5 – Carina)</b>
	Já foi de tudo um pouco e sabe que tudo o que fez não é futuro <b>(Relato 5 – Carina)</b>
	Hoje sente que alguma mudança aconteceu consigo <b>(Relato 7 – Mateus)</b>
	Tem sonhos que não tinha antes <b>(Relato 8 – Ivaneide)</b>
	Aprendeu a se dar valor e recuperou os valores que perdeu quando era adolescente <b>(Relato 10 – Poli)</b>
	Seu sonho é fazer Medicina, arrumar um emprego e dar uma vida digna para a mãe <b>(Relato 11 – Nilza)</b>
	No Vira Vida, percebeu que a maior mudança estava acontecendo nele mesmo <b>(Relato 12 – Josiel)</b>
<b>12</b> <b>O olhar do outro</b>	Se contar tudo pra uma pessoa que nunca passou por isso, ela pode olhar com preconceito <b>(Relato 3 – Genilson)</b>
	Hoje ouve muita gente dizer que não vai conseguir <b>(Relato 5 – Carina)</b>
	Sempre sofri muito com o preconceito, levou uma surra homofóbica <b>(Relato 7 – Mateus)</b>
	Algumas pessoas desconfiavam do que ela fazia e quando tiveram certeza começaram a julgar <b>(Relato 9 – Maria)</b>
	Foi a primeira travesti contratada na história da empresa onde trabalha <b>(Relato 10 – Poli)</b>
	Preconceito mesmo, somente na escola e no bairro <b>(Relato 10 – Poli)</b>
	Tinha vergonha de sair na rua, porque todo mundo olhava com desprezo <b>(Relato 11 – Nilza)</b>
A sociedade discrimina muito os jovens dessa vida <b>(Relato 12 – Josiel)</b>	
<b>13</b> <b>Uso de substâncias ilícitas e lícitas</b>	Vivia para as drogas <b>(Relato 1 – Eliane)</b>
	Começou a se drogar a pedido dos clientes ou mesmo para enfrentá-los e satisfazer seus desejos <b>(Relato 4 – Danielle)</b>
	Ficou uma pessoa revoltada, começou a usar droga e traficar <b>(Relato 5 – Carina)</b>
	Pra esquecer o que tinha acontecido na infância, passou a beber na adolescência <b>(Relato 6 – Dalva)</b>
	Uso constante de drogas <b>(Relato 7 – Mateus)</b>
	Sua adolescência foi marcada por festas, sexo e drogas <b>(Relato 10 – Poli)</b>
<b>14</b> <b>Rede de proteção aos direitos da criança e do adolescente</b>	Os adolescentes têm os direitos deles em relação à educação, à saúde <b>(Relato 2 – Júlia)</b>
	A vida começou a mudar quando procurou o Conselho Tutelar <b>(Relato 4 – Danielle)</b>
	Numa época muito difícil, foi encaminhada para o Conselho Tutelar que a ajudou <b>(Relato 8 – Ivaneide)</b>
	Um conselheiro tutelar se interessou pelo caso dela e a encaminhou para o Vira Vida <b>(Relato 10 – Poli)</b>
	Passou pelo Programa Sentinela, Casa de Zabelê e foi para o Vira Vida <b>(Relato 11 – Nilza)</b>
	Através do APROCE conheceu o Vira Vida <b>(Relato 12 – Josiel)</b>



<p style="text-align: center;"><b>15</b> <b>Autoimagem</b></p>	Hoje se vê como uma guerreira ( <b>Relato 4 – Danielle</b> )
	Antes do Vira Vida não se conhecia, foi ali que passou a se conhecer ( <b>Relato 6 – Dalva</b> )
	Aprendeu que a Ivaneide é forte, inteligente, batalhadora ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	Se vê como uma pessoa valorizada e quer dá orgulho para os pais ( <b>Relato 9 – Maria</b> )
	Se vê uma pessoa muito diferente, guerreira, valorizada ( <b>Relato 11 - Nilza</b> )
<p style="text-align: center;"><b>16</b> <b>Dificuldade de ligação afetiva e amorosa</b></p>	Até hoje sente nojo do seu corpo e ainda tem dificuldade de ter um relacionamento ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
<p style="text-align: center;"><b>17</b> <b>A questão da superação</b></p>	Tem coisas que acontecem na vida que são para esquecer ( <b>Relato 2 – Júlia</b> )
	Aquela foi uma fase ruim, mas está superando ( <b>Relato 8 – Ivaneide</b> )
	Achou que nunca iria superar o drama que passou quando todo mundo soube o que fazia ( <b>Relato 9 – Maria</b> )
	Não gosta de lembrar do passado ( <b>Relato 10 – Poli</b> )
	Não está curada 100%, é um trauma ( <b>Relato 11 – Nilza</b> )

**ANEXOS**



**ANEXO 2 – Instrumental Vira Vida: modelo de diagnóstico social**



**DIAGNÓSTICO SOCIAL**

**I - IDENTIFICAÇÃO**

- 1) Nome: \_\_\_\_\_
- 2) Gênero: Masculino ( ) Feminino ( ) Orientação sexual: \_\_\_\_\_
- 3) Data Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_
- 4) Estado Civil: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_
- 5) Filhos: Sim ( ) Não ( ) Quantidade ( ) Idade: \_\_\_\_\_
- 6) Endereço: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_
- 7) Ponto de Referência: \_\_\_\_\_
- 8) Telefones: \_\_\_\_\_
- 9) E-mail: \_\_\_\_\_
- 10) Responsável: \_\_\_\_\_ Contato: \_\_\_\_\_
- 11) Grau de Parentesco: \_\_\_\_\_
- 12) Renda Familiar: \_\_\_\_\_
- 13) Instituição Encaminhadora: \_\_\_\_\_
- 14) Religião / Prática Religiosa: \_\_\_\_\_
- 15) Já esteve em situação de rua ou abrigo? \_\_\_\_\_
- 16) Falde fatos marcantes em sua vida / Falde um pouso da sua infância e adolescência: \_\_\_\_\_

**III - SAÚDE**

- 18) Faz ou já fez uso de alguma substância: Cigarro ( ) Alcool ( ) Outros: \_\_\_\_\_
- Há quanto tempo: \_\_\_\_\_
- Faz algum tratamento médico específico?: Sim ( ) Não ( ) Qual? \_\_\_\_\_

**IV - HISTÓRICO DE VIDA**

- a) Como está sua vida hoje? O que você faz nas horas de lazer? \_\_\_\_\_
- b) Como você se vê? Quais suas qualidades e seus defeitos? \_\_\_\_\_
- c) Quais são as suas expectativas para o futuro, seus sonhos? \_\_\_\_\_
- d) O que você espera do VIRAVIDA? \_\_\_\_\_

**V - RELACIONAMENTO INTERPESSOAL**

- 19) ( ) Conflitos familiares \_\_\_\_\_
- 20) ( ) Violência Física \_\_\_\_\_
- 21) ( ) Violência Doméstica \_\_\_\_\_
- 22) ( ) Violência Psicológica \_\_\_\_\_
- 23) ( ) Violência Sexual \_\_\_\_\_
- 24) ( ) Abuso Sexual \_\_\_\_\_
- 25) ( ) Trabalho Infantil (PETI) \_\_\_\_\_

**VI - ENCAMINHAMENTOS**

- 26) ( ) CREAS ( ) CRAS ( ) Conselho Tutelar ( ) Vara da Infância ( ) Defensoria Pública
- 27) ( ) MPMA ( ) UPA ( ) Posto de Saúde ( ) Programa de Saúde da Família

**RELATÓRIO**

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

São Luís/MA, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_  
 Técnico Responsável: \_\_\_\_\_

**17) Configuração do Núcleo Familiar:**



Nome	Data Nasc.	Grau de Parentesco	Escolaridade	Profissão	Emprego

**II - EDUCAÇÃO**

- a) Escolaridade: \_\_\_\_\_
- b) Escola Atual: \_\_\_\_\_
- c) Turno: \_\_\_\_\_ Série \_\_\_\_\_



ANEXO 4 – Instrumental Vira Vida: modelo da entrevista dirigida

 <b>PROJETO VIRAVIDA</b> Virando uma página na vida de nossos jovens	
<b>ENTREVISTA PSICOSSOCIAL</b>	
<b>1. DADOS PESSOAIS</b>	
1.1. Nome:	
1.2. Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino	
1.3. Data de nascimento:	Idade:
1.4. Naturalidade:	
1.5. Estado Civil: ( ) Solteiro(a) ( ) Casado(a) ( ) Divorciado(a) ( ) Vive com o (a) companheiro (a) ( ) Outros	
Religião:	
1.6. Endereço residencial:	
1.7. Telefone:	
1.8. Instituição que o (a) encaminhou:	
1.9. Esteve ou está em situação de acolhimento institucional? ( ) Sim ( ) Não	
1.10. Já evadiu? ( ) Sim ( ) Não	
1.11. Há quanto tempo?	
1.12. Qual é a Instituição de Abrigo?	
1.13. Motivo do acolhimento institucional?	
1.14. Já esteve em situação de rua? ( ) Sim ( ) Não	
1.15. Qual o motivo?	
1.16. Como conseguiu se manter?	
1.17. Está ou esteve em outro Programa Social? ( ) Sim ( ) Não Quais?	
1.18. Recebe algum benefício social? ( ) Sim ( ) Não Quais?	
1.19. Nome dos pais ou responsáveis (para acompanhamento do projeto):	
<b>2. DOCUMENTAÇÃO PESSOAL</b>	
2.1. ( ) RG	
2.2. ( ) CPF	
2.3. ( ) Histórico Escolar	
2.4. ( ) Título de Eleitor	
2.5. ( ) Carteira Reservista	
2.6. Pendências na documentação:	
<b>3. SITUAÇÃO ESCOLAR</b>	
3.1. Estuda: ( ) Sim ( ) Não	
3.2. Escola/ Instituição de Ensino:	
3.3. Série:	Turno:
3.4. Tem possibilidade de mudança de turno? ( ) Sim ( ) Não	
 <b>PROJETO VIRAVIDA</b> Virando uma página na vida de nossos jovens	
3.5. Houve abandono? ( ) Sim ( ) Não	Ano em que deixou de estudar:
3.6. Em que série:	Qual série? Quantas vezes?
3.7. Já repetiu de ano? ( ) Sim ( ) Não	
3.8. Motivo do abandono e/ou da repetição:	
3.9. Apresenta alguma dificuldade escolar? ( ) Sim ( ) Não Qual (is)?	
<b>4. HISTÓRICO DE VIDA</b>	
<b>4.1. INFÂNCIA</b>	
4.1.1. Como foi a sua infância?	
4.1.2. Com quem você morava?	
4.1.3. Como era a sua relação com estas pessoas?	
4.1.4. Você brincava quando criança? Quais eram as brincadeiras de sua preferência?	
4.1.5. O que foi mais marcante nesta etapa da sua vida?	
<b>4.2. ADOLESCÊNCIA</b>	
4.2.1. Como foi sua adolescência?	
4.2.2. O que você mais gostava de fazer nesta época? (loais onde gostava de ir)	

PROJETO <b>VIRAVIDA</b> Virando uma página na vida de nossos jovens	
4.2.3. O que foi mais marcante nesta época de sua vida? _____ _____ _____	6.4. Como é o seu relacionamento com estas pessoas? (Vínculos Fortes, Fragilizados ou Rompidos?) _____ _____ _____
4.2.4. Com que idade começou a namorar (ficar)? Como foram esses relacionamentos (idade dos parceiros)? _____ _____ _____	6.5. Caso não more com seus pais, como é o seu relacionamento com eles? Possui outros vínculos familiares? (Vínculos Fortes, Fragilizados ou Rompidos?) _____ _____ _____
<b>5. ASPECTO TOXICOLÓGICO</b>	
5.1. Alguém na sua família consome ou consumiu algum tipo de substância psicoativa? Em caso positivo, qual substância e as consequências deste uso para a convivência. _____ _____ _____	6.6. No relacionamento com sua família de convivência, você já sofreu e/ou presenciou algum tipo de violência? (psicológica, física, sexual) _____ _____ _____
5.2. Você já usou ou faz uso de substâncias psicoativas? ( ) Sim ( ) Não	6.7. Tem irmãos? ( ) Sim ( ) Não Quantos? _____
5.3. Quantos anos você tinha quando experimentou pela primeira vez? _____	6.8. Como é a sua relação com os seus irmãos? _____ _____ _____
5.4. Qual (is) substância (s) psicoativa (s) usou? _____	6.9. Tem filho (s)? ( ) Sim ( ) Não Quantos? _____
5.5. Com que frequência? _____	6.10. Idade do (s) filho (s): _____
5.6. Em que lugares? _____	6.11. Mora (m) com você? ( ) Sim ( ) Não
5.7. Há quanto tempo? _____ Fez Tratamento? ( ) SIM ( ) NÃO	6.12. Como é a sua relação com o (s) seu (s) filho (s)? E como o é a relação com o pai (s) do (s) seu (s) filho (s)? _____ _____ _____
5.8. Tipo de tratamento? _____	6.13. Você está namorando? Como é o seu relacionamento amoroso? Qual a idade do(a) parceiro(a)? Você mora com ele(a)? _____ _____ _____
5.9. Instituição: _____	6.14. Quais são as suas atividades diárias? _____ _____ _____
<b>6. MOMENTO ATUAL</b>	
6.1. Com quem você mora? _____ _____ _____	
6.2. Quantas pessoas trabalham na sua casa? Em que trabalho? _____ _____ _____	
6.3. Qual a renda mensal aproximada da família? _____ _____ _____	

PROJETO <b>VIRAVIDA</b>	Virando uma página na vida de nossos jovens
	6.15. O que você gosta de fazer nas horas de lazer? _____ _____
	<b>7. Auto Estima e Projetos de Vida</b>
	7.1. Após visitar sua infância e adolescência, como você avalia que está a sua vida hoje? _____ _____
	7.2. Como você se vê? Que características destacariam em você? Você gosta de você? _____ _____
	7.3. Algumas perguntas sobre Auto Estima: Você sente que é respeitado pelos outros? SIM ( ) Não ( ) Você reconhece suas limitações? SIM ( ) Não ( ) Você é capaz de expressar e assumir seus desejos, pensamentos e opiniões? SIM ( ) Não ( ) Você sente que é reconhecido e aprovado pelo que faz? SIM ( ) Não ( ) Você sabe e insiste no que quer? Você reflete sobre sua vida? SIM ( ) Não ( ) _____ _____
	7.4. Quando você se sente magoado(a), ofendido(a), injustiçado(a), humilhado(a), tem com quem partilhar? Em caso positivo, com que compartilha? _____ _____
	7.5. Quais as suas expectativas para o futuro? Quais os seus sonhos? _____ _____
	7.6. O que você gostaria de fazer profissionalmente? _____ _____
	7.7. O que você espera com o Projeto ViraVida? (Qual a ViraVida que você quer dar na sua vida?) _____ _____

PROJETO <b>VIRAVIDA</b>	Virando uma página na vida de nossos jovens
	<b>8. ATENDIMENTO PSICOLÓGICO/PSIQUIÁTRICO</b>
	8.1. Já foi submetido a algum atendimento psicológico ou psiquiátrico? ( ) Sim ( ) Não
	8.2. Motivo do tratamento: _____ _____
	8.3. Qual foi o período do(s) atendimento(s)?
	8.4. Qual o(a) profissional que o(a) atendeu?
	8.5. Qual a instituição de atendimento?
	<b>9. UNIFORME</b>
	9.1. Tamanho da camisa: ( ) P ( ) M ( ) G ( ) GG
	9.2. Tamanho da calça: ( ) P ( ) M ( ) G ( ) GG
	9.3. Número do sapato: _____
	<b>10. RELATO DA ENTREVISTA</b> _____ _____ _____ _____ _____
	<b>11. ENCAMINHAMENTOS</b> _____ _____ _____ _____ _____ _____
	Cidade, _____ de _____ de 2017.
	_____ Técnico Responsável pela Entrevista



## ANEXO 5 – Relato 1 - Eliane

### Eliane,

24 anos, é aluna egressa do projeto VIRAVIDA. Hoje trabalha como vendedora.



Fico feliz quando as pessoas dizem que sou parecida com minha mãe. Porque minha mãe é uma mulher muito bonita. Minha mãe é uma coroa de parar qualquer trânsito! Ela tem uma loja de confecção, uma lojinha de bairro. O meu pai é motorista de uma lavanderia industrial. Eles se separaram quando eu tinha 11 anos. Ele tinha muito ciúme de minha mãe e a ficava atacando todo o tempo. Às vezes, a gente não podia nem dormir em casa, com medo das ameaças dele. Mas, graças a Deus, ele viu que realmente não dava mais pra continuar vivendo daquele jeito. Aí foi morar com outra mulher. Minha mãe também foi viver com outra pessoa e tudo se normalizou.

Quando completei 12 anos, fui estudar na escola estadual. Era uma escola maior, com mais de mil alunos. Comecei a me envolver com pessoas mais velhas. Elas usavam droga e eu me sentia na obrigação de usar também. Não queria ser diferente. Comecei a fumar maconha, mas não gostava, usava só por usar. Dos 12 aos 15 anos, foi só maconha. Aí comecei a engravidar porque só comia e dormia. Fui ficando muito gorda e aquilo mexeu comigo. As pessoas faziam piada. Depois, comecei a usar maconha misturada com crack pra perder peso. Fui fumando,

fumando, fumando... Fiquei bem magrinha, bem bonitinha. Aí eu disse: "Tá bom, vou parar, senão vou ficar magra demais e o pessoal em casa vai perceber." Mas não consegui mais parar, já estava viciada.

Por um bom tempo consegui sustentar meu vício apenas com o trabalho. Mas depois comecei a roubar, a me prostituir, a fazer de tudo. Fui morar nas ruas quando meus pais descobriram. Aos 17 anos, engravidei e parei de usar drogas. Quando minha filha completou 1 ano e 1 mês, voltei ao crack. Queimava as mãos, os lábios, o nariz, a boca. A fissura era tanta! Nem percebia que estava me queimando. Não comia, não dormia. Vivía só para as drogas. O pai da minha filha também começou a usar, aí ficou pior.

Nessa época fui morar com meus avós. Minha avó quebrou o fêmur e precisava de ajuda. Eu e meu companheiro consumíamos crack dia e noite. Para conseguir a droga começamos a roubar as coisas de dentro da casa, pra vender e comprar mais droga. A situação chegou ao limite. Foi um choque muito grande pra minha mãe.

Quando ninguém me aquecia mais, o jêto foi sair de casa. Me separei do pai da minha filha, porque a gente já estava brigando por droga. Se eu tivesse mais do que ele, já queria me bater. Não tinha mais de onde tirar dinheiro e eu vi que, se fosse roubar, ia ser pior pra mim. Uma vez, na rua, eu e outra menina fomos tomar a bolsa de uma mulher. Não deu certo. A polícia veio, só não levou a gente porque ela decidiu não prestar queixa. A única saída que encontrei foi me prostituir. Quando as pessoas não sabiam pra que era, davam até um dinheiro legal, 70 reais, 50 reais. Mas quando todo mundo ficou sabendo que eu era drogada, ninguém queria dar mais do que 10 reais por um programa. Foi ficando difícil. Dormia numa boca hoje e amanhã em outra. Não tinha mais um canto fixo.

Meus clientes eram homens de mais idade, que moravam sozinhos. Às vezes eram os vigias de rua, porque eu andava muito na madrugada. Eram 24 horas em busca da droga. Usava uma e já ia atrás de mais. Só fazendo programa mesmo que eu conseguia dinheiro pra me drogar. Eram 100 reais por dia, em média. Uma pedra custava 10 reais. Se você for com 9 reais e 50 centavos, os traficantes te humilham, não veem um viciado como ser humano. Veem como objeto, como bicho.

Todas as vezes que meus pais me levaram pra centros de recuperação, eu fugi. Uma vez, minha mãe foi à polícia e pediu autorização pra me amarrar dentro de casa e eles deram. Ela me algemou, mas meu braço estava tão magrinho que consegui tirar a algema, abrir a porta do quarto e pular de um muro altíssimo. Eu fazia coisas inexplicáveis nos momentos de loucura!

Já não tinha esperança, a vida não fazia sentido. Perdi minha filha. Minha mãe não me queria por perto. Comecei a dever ao traficante e a ser ameaçada de morte. Fumava sempre com um menino. Uma vez, ele me pegou à força. Me estuprou e pronto. Fiquei com medo, andava com uma faca, parecendo uma doida. A gente usa a droga, mas quando acaba vem a angústia, a depressão, o arrependimento. Todo viciado tem esse sentimento. Estava arrependida daquela vida, porque antes eu tinha uma vida boa. De repente, estava morando na rua. Chorava. Não podia ver

minha filha. Estava tão debilitada, tão magra, tão suja que tinha vergonha de ir pra casa e enfrentar minha mãe e as pessoas conhecidas.

Fiquei grávida novamente. Foi com o homem que eu tinha feito o meu primeiro programa. Ele gostava muito de mim e sempre me procurava. Ele sempre dizia: "Vem morar aqui comigo, sai dessa vida! Vem morar aqui." Mas eu nunca aceitei, não sei por quê. Durante a gravidez, continuei usando droga, ao contrário da minha primeira gravidez. Quando tive a minha menina, eu parei, mas dessa vez, não. Continuei usando, me drogando. O pai da criança dizia: "Ah, meu Deus do céu, o que eu vou fazer? Essa criança vai nascer doente! Minha irmã, que sempre gostou de conversar comigo, que hoje é evangélica, falava: "Eliane, tu já vai ter duas crianças, o que vai ser dessa criança que tá pra nascer? Uma, 'mainha' cuida; a outra quem vai cuidar, Eliane?" "Aí botou aquilo na minha cabeça. Foi quando uma amiga minha que estava no Vira Vida me procurou. Ela disse: "Eliane, tem um projeto que é bom que só por que tu não vai fazer inscrição?" Ela me explicou o que era o projeto Vira Vida. Quando ela falou em dinheiro, eu gostei e me inscrevi mais pelo dinheiro. Eu pensei: "Oxe, eu vou ter 400 reais todo mês, tá ótimo! Vai dar pra eu usar droga 'até umas horas"! Quando eu fiz a inscrição, fazia pouco tempo que a primeira turma tinha entrado. Eu pensava que não seria mais chamada.

Quando o menino nasceu, fazia 12 dias que eu não usava droga. Eu achei impressionante, porque eu não tive de pensar: "Ah, hoje eu queria..." Não tive mesmo. Porque a criança estava substituindo aquele vazio que eu sentia. Eu sofri muito por não ter cuidado da minha menina, aí eu queria fazer diferente com meu novo filho.

Quando ele completou 6 meses, o Vira Vida me chamou. Na seleção, perguntaram sobre a minha vida, eu falei tudo, aí fui selecionada. Quando eu fui selecionada, foi uma coisa muito boa, porque eu já estava querendo sair das drogas, aí eu vi como uma chance. O Vira Vida foi uma chance pra eu sair daquela vida.

Sempre gostei de tirar notas boas, sempre fui uma boa aluna e aqui, no Vira Vida, não foi diferente. Na primeira semana, foi aquele grupão. Eu ficava assim: "Aí meu Deus, tem tanta gente que eu não vou com a cara aqui, como vai ser?" Mas não. Parece que Deus escolheu as pessoas certas pra estarem na minha sala. E eu me dou bem com todo mundo e todo mundo se dá bem comigo, nunca tive intriga com ninguém.

Com o dinheiro que recebi da bolsa do Vira Vida, eu comecei a investir em mim, comecei a voltar a vender produtos de beleza. Eu vendia aqui pra todo mundo. Eu vendi a todos os alunos, funcionários... Comecei a voltar a viver novamente. Uma das primeiras coisas que eu fiz foi procurar uma babá pra tomar conta do meu filho. Até hoje, tem a menina que toma conta dele. Já faz um ano, desde que eu entrei no projeto Vira Vida.

passou dois dias fora de casa. Tava com um dinheiro e gostei todinho só de droga. Depois eu pensava que as pessoas iam se afastar de mim novamente, que eu seria expulsa do Vira Vida. Porque, quando minha mãe ficou sabendo, imediatamente, ela ligou pra o Vira Vida: "Olha, suspenda a bolsa dessa salada, que ela voltou a usar droga!" Mas não. Todo mundo do curso me apoiou, todo mundo chorou. Eles falavam: "Pelo amor de Deus, Eliane, não volte pras drogas, não!" Aí eu vi que pra que voltar pras drogas, se eu estava tão bem, todo mundo gostando de mim?" Eu vendo todo mundo chorando, eu digo: "Meu Deus do céu, como eu sou querida aqui, todo mundo chorando por mim!" Eu nunca tinha faltado às aulas. Naquele dia, eu falei por causa da recaída. Os alunos que estudavam comigo não foram à aula, foram atrás de mim. Eu me senti muito querida e vi que não ia valer a pena eu desistir: "Pra que eu voltar pras drogas?", pensei. Aí pronto. Teve só esse momento mesmo e espero que fique lá no passado.

Foi mesmo uma vitória, porque é tão difícil um viciado em crack sair, muito difícil. Hoje em dia eu passo, vejo os meninos lá vendendo, não sinto mais nada. Eu olho e tenho pena. Essa turma, quando me vê, fica tirando onda: "Piá santinha, a 'noladinha' santinha." Eles que estão lá, né? Fazendo a mesma coisa que eu fazia, por nada.

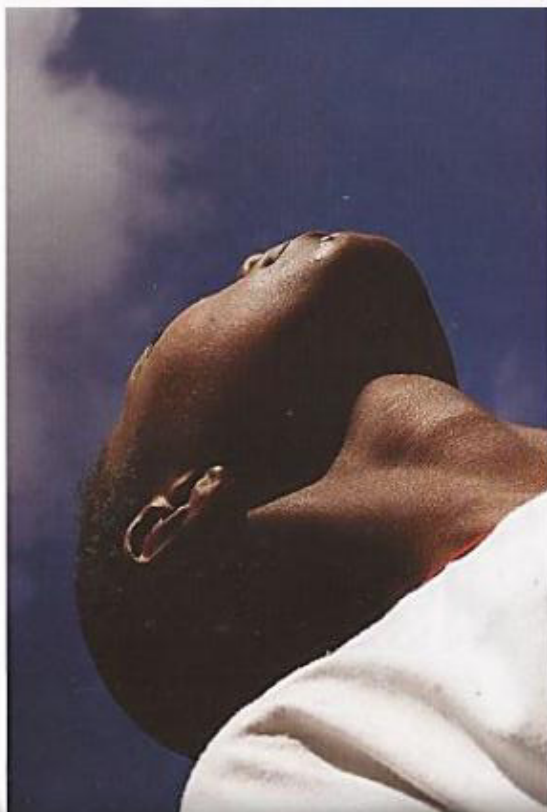
Meu dia a dia é isso. Vivo com meu filho, meu marido. Juntei um dinheiro, investi em perfume, comprei mais de mil reais em mercadoria e vendi no Dia dos Pais. Quando eu for rependo aquele dinheiro, vou comprando mais. Porque eu compro na promoção, aí com uma promoção, por exemplo, um perfume é 80 reais, eu compro numa promoção de 60, já ganho 20 e, com minha porcentagem, eu vendo pelo preço normal e divido para o cliente. Aí dá pra ganhar uma grana boa. O sonho de consumo é ter uma moto, porque eu tenho muitos clientes e atualmente só ando de bicicleta ou a pé. Meu sonho de consumo é esse, mas meu sonho mesmo é ser feliz, esquecer tudo o que aconteceu no passado.

Hoje eu vejo que as pessoas já me olham diferente, dizem: "Como ela tá diferente, nem parece..." Já chegou uma vez de eu estar no ônibus, com o uniforme do Vira Vida, e uma mulher ficou olhando, olhando, olhando... Aí eu disse: "Tudo bem?" Ela: "Tu é filha da Marlene?" Eu disse: "Sou." "Aquele que era bem magrinha?" Eu respondi: "Aquele mesma."

## ANEXO 6 – Relato 2 – Júlia

### Júlia,

20 anos, é aluna egressa do projeto VIRAVIDA, atualmente está cursando o Ensino Médio e trabalhando como Jovem Aprendiz.



Sou a mais velha de três irmãs. Estou deixando para trás uma vida de problemas, abusos e abandono que sofri dos meus pais.

Tudo começou a se perder na minha vida, e na das minhas irmãs, quando a minha avó morreu. Ela era o porto seguro da família. Era quem cuidava da gente, nos dava amor e algum conforto. Amor de mãe, a gente nunca teve, nunca conhecemos. Quando a gente era bem pequena, meus pais brigaram e se separaram. Minha mãe foi embora, conheceu outro homem e formou outra família.

Meu pai é alcoólatra, tinha uma vida complicada. Quando ele brigava com minha avó, saía de casa e levava as filhas. Durante o tempo em que a gente ficava longe da casa da minha avó, às vezes, por semanas, a gente vivia na rua, na casa de parentes e de desconhecidos. Não tomava banho, comia mal. Só voltava pra casa quando a minha avó encontrava a gente.

Lembro da minha avó, de como ela cuidava de mim e das minhas irmãs. Lembro da feijoada, do caruru, da paqueca, do siri, daquele purê de batata que ninguém sabe fazer igual.

Ela arrumava a gente, dava banho, comida. O papel de mãe quem sempre teve foi ela. Lembro bastante tudo o que aconteceu naquela época. Só fui feliz na infância quando ela estava viva. Eu queria que voltasse aquele tempo. Com ela, a gente se sentia protegida.

Quando minha avó se foi, minha vida perdeu o rumo. Eu e minhas irmãs fomos separadas. As pequenas ficaram morando com uma das minhas tias e eu fui levada pra casa de outra. Fiquei com essa tia por pouco tempo. Não aguentei, ela me batia muito e me tratava mal. Então, fui morar com o meu pai. Eu só tinha sete anos.

Meu pai chegava em casa bêbado e ia dormir. Vinha sempre com uns amigos diferentes e eles abusavam de mim. Quando eu estava lá, no quarto, sozinha, eles iam lá pra querer ficar comigo. E meu pai dormindo... Não tinha como eu gritar nem fazer nada. Tive um deles que chegava a dizer que não era pra contar pra ninguém, que era um segredo da gente, só da gente. Ele tirava minha roupa e ficava lá a noite toda. Quando chegava no outro dia, eles iam embora. E meu pai acordava, ia tomar banho e trabalhar. Quando vinha o outro dia, a mesma coisa: ele chegava bêbado, com outros colegas dele. Nem sempre eram os mesmos.

Ficava com medo de contar pra outras pessoas. Quando falei pro meu pai o que estava acontecendo, ele não acreditou. Disse que era imaginação de criança, que eu estava cheia de frescura e que mentia demais. Fiquei quase um ano morando com ele, e isso sempre aconteceu.

Quando não aguentei mais os abusos, criei coragem e procurei ajuda de outra tia. Quando cheguei na casa dela, minha tia me perguntou o que tinha acontecido. Falei só o necessário, não queria lembrar de tudo. Ficava chorando pelos cantos, deprimida, sem vontade pra sair de casa.

Minha tia prestou queixa à polícia e o meu pai fugiu. Não queria que nada de ruim acontecesse com ele, mas não aguentava mais viver daquele jeito. Tinha nojo daqueles homens e de mim também.

Até hoje moro com essa tia, que acabou recebendo a minha irmã menor também. A minha irmã do meio, que também sofreu abuso, foi viver na casa de minha mãe por um tempo. Brigou com o padrasto e foi morar na vizinha. Se casou com um traficante fugitivo da polícia e teve um filho aos 15 anos. Sempre incentivou ela a fazer as coisas certas. Graças a Deus, não aconteceu mais nada de ruim com ela.

Nunca quis ficar perto da minha mãe, ela nunca se importou com a gente, não dava a mínima. Atualmente, perdemos o contato. Ela não me procura, nem eu. Não gosto dela, não perdoo. Hoje, ela faz de tudo pelo marido e os dois filhos que teve com ele, e da gente ela nunca cuidou. Eu sempre me perguntei: "O que a gente fez de errado pra ela tratar a gente assim?"

A minha tia sempre teve dificuldades de dinheiro, mas ela botava as coisas em casa. A gente ia pra escola, pra igreja e eu fui crescendo. Quando eu já estava adulescente, dava aula particular. Já fiquei cinco meses dando aula pra crianças que não sabiam ler. Mas era uma situação em que a gente não podia cobrar caro. Ali onde eu morava era um local muito carente, eu sempre cobrava

conforme a condição deles. E sempre procurava alguma coisa na rua pra fazer, algum trabalho, mas não conseguia achar nada. Eu não conseguia nada, ainda falava com minha tia que eu ia desistir, que eu não ia querer mais procurar trabalho. Só lá ficar em casa, dando aula. Mas o dinheiro que eu recebia não dava condições de me sustentar, de ajudar a família.

Até que a minha tia ficou sabendo desse curso do Vira Vida. Ela me falou do Projeto, que era pra me inscrever. Foi lá, disse o que acontecia, que eu não estava conseguindo encontrar nada. Porque eu queria fazer alguma coisa e não tinha condição. A moça falou pra trazer os documentos. Nessa época eu não tinha documento nenhum, só o documento de identidade. Comecei a correr atrás pra fazer minha carteira de trabalho, meu título de eleitor. Com 18 anos eu não tinha título, não tinha votado ainda. Teve a eleição e eu não votei.

Depois que entreguei todos os documentos no SESI, fiquei telefonando querendo saber quando ia começar a seleção das pessoas inscritas. Toda semana eu ligava e minha tia me dava boa sorte. Dizia que não era para eu desistir, que eu ia conseguir aquilo de que eu estava correndo atrás. Um dia eu estava no colégio, minha tia me ligou. No telefone ela falou: "Eu disse pra você correr atrás, insistir e ficar ligando pro SESI. Mas você não fez isso. A moça do Vira Vida ligou e disse que você não tá no perfil, que a vaga não é sua. Ela lamenta muito por isso e deseja boa sorte e que na próxima você consiga."

Eu comecei a chorar. Me sentia derrotada, sentia que não era capaz de conseguir nada. Eu fiquei chorando ali, com o telefone na mão. As meninas ao meu lado perguntando o que tinha acontecido. De repente minha tia começou a dar risada e disse pra mim: "É brincadeira, você entrou! E meus parabéns, porque você mereceu esse esforço, você correu atrás, você conseguiu, foi atrás do sonho que você desejava pra se tornar alguém!" Naquela momento eu comecei a chorar de novo, mas de alegria.

Aí começou o curso. No começo foi um pouco difícil, porque eu não conhecia ninguém. Todo mundo já tinha um entrosamento, uma turminha, só eu que não conhecia ninguém. Não conseguia me adaptar. A pedagoga dizia: "Olha, Júlia, você tá aqui no canto sozinha?" Todo dia ela me via e falava: "Você tá sozinha aqui no canto, não tem ninguém, não?" Quando chegou um dia, eu disse: "Poxa, velho, eu não acredito! Já vai fazer dois meses que eu tô aqui no Vira Vida e eu não conheci ninguém!" Eu só ficava sozinha, ia lanchar sozinha, ia embora sozinha. Um dia eu resolvi mudar aquilo, sai de casa, fui pro Vira Vida e, na entrada, encontrei com duas meninas. A gente começou a conversar e virou aquela amizade toda.

Uma vez, a psicóloga me chamou para ir num evento de jovens, uma discussão do Estatuto da Criança e do Adolescente. Eu fiquei quatro dias indo pra lá. Conheci pessoas novas, da minha idade. Nos entrosamos, conversamos, eu nem sabia que tinha gente lutando pelos nossos direitos. A gente começou a ficar próximo nesses dias, tivemos muitas experiências boas. Quando foi o último dia, choramos, porque a gente não queria que acabasse. Adolescentes conversando, compartilhando, uma sala inteira conversando. Foi uma vivência muito importante. Pois os adolescentes têm os direitos deles em relação à educação, à saúde.

Hoje eu já terminei o curso. Estou trabalhando com carteira assinada como Jovem Aprendiz. Eu não me achava capaz. Eu não tinha capacidade de correr atrás das oportunidades e hoje aparecem tantas! Todo mundo que me conhece vê que eu mudei. Saio, tenho amigos. Não sou mais aquela que vivia triste, deprimida, sozinha num canto.

Só que 100% feliz eu não sou. Tem coisas que aconteceram na vida da gente que são pra esquecer. Mas, pra mim, a felicidade só vai ser completa quando não só eu estiver feliz, mas minhas irmãs também. Quando elas conseguirem o objetivo delas, viverem felizes com a família delas, cada uma seguindo seu rumo, com sua família. Que elas possam seguir a vida delas sozinhas, sem medo de enfrentar a vida, sem medo de seguir em frente. Só assim eu vou ser feliz, quando a minha vida toda estiver certa também e eu for capaz de ajudar outras pessoas, outras crianças que sofrem como eu sofri.

## ANEXO 7 – Relato 3 – Genilson

### Genilson,

22 anos, é aluno egresso do projeto VIRAVIDA, concluiu o Ensino Médio e está trabalhando como recepcionista em uma instituição bancária.



A minha expectativa era só de mudança de vida, mudar, conhecer outro lugar. Ter uma vida diferente com a minha avó, meu avô, com o meu pai. Eu pensei: "Eu vou chegar lá, vou estudar!", que até então eu não tinha estudado. "Vou conhecer outras pessoas, vai ser diferente!" E, quando eu cheguei, foi tudo novo, tudo novo mesmo! Por exemplo, eu nunca tinha conhecido uma escada rolante. Ai, na rodoviária, eu vi aquele treco subindo, que o degrau levanta, um no outro assim... Eu quase levei uma queda e, ai, a minha tia me deu um beliscão: "Fica quieto, menino!" A rodoviária era enorme. As pessoas eram diferentes, a conversa era diferente, o jeito de se vestir era diferente. Eu fiquei bem contente com o local. Eu não fui morar na região central, mas sim num lugar bem afastado, onde não tinha asfalto, esgoto, colégio.

Logo que cheguei, passei a contribuir com o sustento da casa. Foi obrigado a trabalhar catando latas e papelão para vender. Quando entrei na escola, não foi nada fácil aprender a ler e a escrever, porque só comecei a primeira série quando cheguei do Nordeste. As crianças eram todas pequeninhas, eu era o maior da série. Eles caçoavam de mim. Foi barra-pesada.

As surras que eu levava do meu pai embriagado passaram a ser cada vez mais constantes. Eu fugia de casa quando meu pai me batia, porque eu apANHAVA sem motivo. Ele chegava bêbado, dizia coisas que um pai não deve falar para um filho e me batia. Então, eu fugia, passava dois, três meses na rua. Pra me sustentar, pedia esmola, as pessoas me ajudavam. Em casa, eu sofria tanto que não acreditava que as coisas pudessem melhorar. Na rua, me sentia mais seguro do que em casa.

Estudei até a terceira série. Como não aguentava mais os maus-tratos, as surras constantes do meu pai, da minha tia, dos meus avós, aos treze anos resolvi viver definitivamente nas ruas. Para sobreviver, vendia meu corpo em troca de comida ou uma cama para dormir.

Morei por um breve tempo na rodoviária da cidade, mas, como apANHAVA dos meninos veteranos que viviam como eu nas ruas, passei a dormir embaixo das árvores do parque da cidade. Foi a minha casa por oito anos. No parque, frequentava uma escola pública, que aceitava alunos que viviam na rua.

Quando comecei lá, conheci algumas pessoas que me deram apoio. Eles fizeram por mim o que minha família não fez. Conversavam comigo, me ensinaram onde conseguir comida. Eram três pessoas. Um me ensinou a ler direito, a ter gosto de pegar um livro. Os outros dois me deram muito apoio moral. Viviam repetindo que eu ia sair dessa vida, que seria capaz de construir um futuro diferente.

Nessa época, eu dormia atrás do cemitério, às vezes em cima do banheiro, porque as pessoas passavam e ninguém me via. Mas, quando chovia, era bem complicado. Eu dormia na parada de ônibus ou dentro do banheiro do parque. Imagine você dormir num banheiro público! Por volta das sete da noite, eles fechavam a porta com cadeado, mas tinha um buraco na parede e eu era bem magrinho, então eu passava pra dentro e dormia. Só que ninguém podia saber, senão os seguranças do parque me expulsavam

Quando nasci, fui abandonado pelos meus pais naturais e adotado por uma família, também muito pobre. Esses pais de criação eu sempre considereí meus verdadeiros pais, mas esse meu pai de criação logo virou alcoólatra e a minha mãe, a mulher dele, começou a se prostituir. De lá, não guardo rancor do tempo em que vivi com ela. Só me lembro das longas noites em que ficava sozinho em casa, quando ela saía para trabalhar nos bares, em busca de clientes.

Quando eu tinha 10 anos, eles já estavam separados e eu passei a morar com meu pai em uma casa de barro, na beira da praia. Foi por pouco tempo, mas foi um período feliz, que ficou em minha memória. A gente saía de madrugada, corria na areia da praia e era uma coisa bem família, de pai pra filho. Foi uma parte da minha vida que me toca muito, que eu fico feliz de ter acontecido. A gente tinha uma casinha, era bem simples, não tinha energia elétrica, não tinha fogão, não tinha nada. A única coisa que a gente tinha era um rádio a pilha e mais nada. Mas foi uma parte da minha infância que eu vivi e que me marcou. Só que depois, meu pai, para fugir de um pedido de pensão alimentícia, resolveu mudar de cidade e foi para a capital de outro Estado da região central do Brasil, onde morava a família dele.

Comecei a me prostituir porque precisava de dinheiro pra minha alimentação, pra ter um lugar pra dormir. Às vezes, eu ia com os caras, mas não era nem pelo dinheiro, era pra ter um lugar pra dormir, um lugar seguro onde não ia ter que dormir no chão, onde ia dormir numa cama. Um lugar que, quando eu chegasse, o cara ia me dar um almoço, uma janta, ia ligar a TV. Fiz programa até os meus 17 anos, mas não me arrependo, não. Não gostava do que fazia, mas fazia pra sobreviver.

A primeira vez? Foi quando eu era bem pequeno, uns 9 anos. Um cara chegou e me convidou para jogar videogame na casa dele. Ele não me mostrou o videogame, não. O jogo dele era outro. Ele queria sexo mesmo. Foi horrível, nunca vou esquecer. Você fazer algo que não quer fazer. Foi enganado, achando que alguém ia me dar uma coisa por caridade, para ser bonzinho.

Me pergunto como é que pode alguém fazer algo por você e exigir sexo em troca? Dizer: "Só vou te ajudar se você transar comigo." Alguém te violentar, fazer essas coisas com você! Eu acho que a pessoa, pra te ajudar, tem que ser de coração, não para ter algo em troca. Mas, infelizmente, tem muita gente que não pensa assim.

A primeira vez que me prostituí, na cidade onde fui morar com a família do meu pai, foi com um senhor de uns 40 anos. Ele me viu catando latinha na rua e me perguntou quanto eu ganhava. Eu disse que tirava 13 reais por quilo. Ai ele me ofereceu 110 reais pra sair com ele. Aceitei, estava precisando de dinheiro. Eu devia ter uns 13 anos e, como sempre, foi difícil, mas aprendi que fazia parte da minha vida. Ou eu fazia, ou no próximo dia ia acordar com fome, com a cara inchada de quem dorme no chão. Ai ele me levou pra casa dele. Dormi lá.

Um dia eu tava na rua catando latinha, papelão, e aí eu vi um jornal com a foto do Cristo Redentor. "Que bonito! Ai do nada veio aquela coisa." Vai pro Rio de Janeiro, vai que o negócio lá é melhor, é diferente! Eram 3 horas da tarde. Deixei num canto as latinhas, o papelão e, do mesmo jeito que eu estava, fui pro Rio de Janeiro.

Sai a pé em direção ao Rio de Janeiro. Depois de 15 dias de caminhada, achei que não ia dar mais. Vi um caminhão parado no posto, ele estava indo para lá. Então pensei: "Não vou pedir carona porque eu tenho certeza de que ele não vai me dar." Mas eu entrei embaixo do caminhão e fiquei entre o eixo e as rodas, sentei e fui ali, embaixo do eixo do caminhão. Quando eu cheguei lá foi que me dei conta de que, se eu caísse, ia morrer. Foi uma coisa muito doida. Então, disse pra mim mesmo que nunca mais ia fazer aquilo de novo.

No Rio de Janeiro, conseguia comida que era servida por freiras numa igreja. Depois que eu conheci o Cristo Redentor, acabei sendo acolhido na casa de uma senhora em Belford Roxo. Mas, quando descobri que ela era um travesti e que sua intenção não era me ajudar, eu fugi e acabei parando num abrigo, do qual fui mandado de volta para a minha cidade natal, no Nordeste.

Quando voltei pra casa de minha mãe, eu cheguei a pensar que poderia ter um recomeço em minha vida, mas acabou sendo tudo de novo. Ela estava morando num bairro muito violento, tinha se tornado catelina e vivia com um bandido.

Acabei sendo envolvido em uma briga, no bar que a minha mãe administrava, que atraiu a polícia. O cara com quem minha mãe vivia falou que, se eu não saísse de lá, ia me matar e ia matar minha mãe. Ai, pra não ter confusão e salvar minha mãe, eu fugi. Andei a pé 2 mil e tantos quilômetros e voltei pra mesma capital onde vivia antes de ir pro Rio.

Mas logo passei a morar em um abrigo e voltei a frequentar aquela escola que atendia os meninos de rua no parque. Foi quando ouvi falar do Vira Vida. Eu sabia que um dia ia ter que sair do abrigo. E aí? Eu ia voltar pra rua de novo? Então eu vi no Vira Vida a oportunidade que apareceu pra minha vida e eu agarrei. A oportunidade veio até mim e eu não deixei escapar. Segurei e foi daí que as coisas foram acontecendo.

Quando começou, muitos meninos de rua que entraram no projeto eu já conhecia, isso ajudou, porque eram pessoas que passaram pelos mesmos problemas que eu passei, então nós víamos uma família: "Eu te fortaleço e você me fortaleço", entende? Essas pessoas me entenderam, porque já tinham passado por isso. Se eu for contar tudo pra uma pessoa que nunca passou por isso, ela pode me olhar com preconceito. Essas pessoas não, elas me trataram bem e um foi dando força para o outro, foi uma nova família que me acolheu.

Foi um ano de formação, de estudo, batalhando. Foi uma alegria total a primeira vez que assinaram minha carteira. Eu nunca tinha trabalhado formalmente. Meu Deus, o primeiro trabalho você consegue em uma empresa tão conhecida...

Agora quero cursar Sociologia. Esse sonho de ser sociólogo veio da rua, onde conheci um sujeito que me ajudou muito. Ele era sociólogo formado na PUC do Rio de Janeiro, que acabou na rua por causa das drogas.

Eu sofri pra carãmba, mas não mudaria nada na minha vida. Acredito que tudo tem um porquê, um significado. Mesmo que a gente não entenda, deve ter uma razão naquele sofrimento. Uma força maior, que nos fez viver aquilo para o nosso crescimento. Eu cresci com tudo o que aconteceu comigo.

Aprendi que, quando a gente cai, mesmo que sejam várias vezes, não pode ficar deprimido. Muitas pessoas olham só pra trás. Pensam: "Não vou fazer isso ou aquilo porque já me dei mal." "Não vou ajudar aquela pessoa, porque quem eu ajudei me passou a perna." Nada a ver. Se você caiu, beleza, levanta de novo e vai, mesmo se for rasgando, segue em frente, que um dia vai ter a recompensa. Se caiu, levanta e segue, não deixa a peteca cair. Chuta a bola e é gol.

## ANEXO 8 – Relato 4 – Danielle

## Danielle,

24 anos, é aluna egressa do projeto VIRAVIDA, concluiu o Ensino Médio e está empregada como ajudante de serviços gerais.



Desde meu tempo de criança, meu pai já trabalhava no tráfico e consumia drogas. Minha mãe, além de viciada e traficante, também se prostituía.

Minha avó e minha tia, que me criaram desde quando nasci, pra me manter longe daquele ambiente, me incentivavam dizendo sempre que eu era uma boa menina, uma boa aluna. Que, se eu estudasse, me tornaria uma advogada. Acho que elas tinham razão, pois eu gostava de estudar e era apaixonada pela língua portuguesa, mas acabei seguindo outro caminho.

Comecei a seguir os passos da minha mãe e da minha irmã ainda com 13 anos de idade. Comecei a mentir para minha avó e minha tia. De manhã ia pra escola, mas de tarde, com a desculpa de fazer trabalhos em grupo, ganhava dinheiro num bordel no centro da cidade. Eu também queria ganhar dinheiro, comprar roupas, sapatos, bijuterias, maquiagem... Ter o que elas tinham.

Minha vida passou a ser assim, dividida entre o modo de vida de minha mãe prostituta, viciada e traficante, e o da minha avó e minha tia, evangélicas. Graças a elas eu me mantive na escola e consegui cursar o Magistério até o terceiro ano. Cheguei até a fazer estágio numa escola privada pra dar aula pra crianças do primeiro grau.

Me lembro direitinho da primeira vez que me prostituí. Foi com um coroa, um homem de uns 35 anos de idade, advogado. Me levou pra uma pensão no centro da cidade e me perguntou se eu estava mesmo disposta a me perder com ele. Não consegui perder a virgindade nesta vez, foi só na terceira ou quarta tentativa, sempre com o mesmo cara. Ele me prometeu o céu e a terra, mas foi tudo ilusão! Não me pagava em dinheiro. Me levava no shopping e comprava coisas pra mim. Na primeira vez, lembro que escolhi um par de patins, uma jaqueta. Fiz programa também com o filho dele. Depois de um tempo, ele sumiu.

Logo comecei a me drogar a pedido dos clientes, ou para ter estômago para enfrentá-los. Cheirava loiô<sup>1</sup>, fumava maconha com crack, tomava muitos comprimidos tarja preta porque, às vezes, não tinha condições de encarar o homem e satisfazer todos os seus desejos.

Passel a fazer ponto<sup>2</sup> junto com minha irmã e minha mãe. Algumas vezes fazíamos programa juntas. Quem acertava era minha mãe. Não sei quanto cobrava. Eles contratavam as três juntas. Era horrível, não gosto nem de lembrar! Numa das vezes que sai para um programa com minha irmã, acabamos sendo esturpadas por seis homens em um matagal. Ameaçaram de nos matar. O que a gente podia fazer? Fizeram tudo que se pode imaginar, depois nos abandonaram no meio da noite. Caminhamos no escuro um bom tempo e, quando encontramos a polícia, nem carona nos deram. Conseguimos chegar na cidade quando pegamos um ônibus.

Tive proposta de ir pra Alemanha, Itália, Portugal, mas não aceitei. Os turistas alemães são muito espertos. Quando chegam ao Brasil, já trazem intérprete pra se comunicar com a gente. Os estrangeiros são os melhores clientes, pagam em euro, um dinheiro bom. Hoje, seria algo em torno de 800 a 1 mil reais o programa.

Depois que fui esturpada, passei a ter medo de encarar a rua, passei a fazer programas eventuais e a ajudar meu pai e a minha mãe a traficar.

A minha vida foi assim dos 13 aos 18 anos, quando engravidei de um cliente. Ai a casa caiu! Foi um choque para minha avó e minha tia! Mesmo grávida, segui fazendo programas.

Fiquei grávida porque o cliente não quis usar camisinha. O cliente não quereria aconchegar quase sempre. Tem uns que queriam e outros não. Como a gente estava ali a troco de alguma coisa, a gente tinha que fazer o que eles bem queriam. Tinha que ser tudo do jeito que eles queriam. Naquele momento, a mulher que tá no meio da prostituição não tem o que escolher: "ou vai ou racha". E foi com um desses que não aceitaram usar camisinha que eu engravidei, tive uma filha.

O rapaz do quem eu engravidei era casado. Eu consegui registrar a minha filha com o nome dele. Ele aceitou registrar, mas não queria contribuir com nada.

1 Loiô: substância química classificada como entorpecente, à base de clorobutano e éter, produzida de forma clandestina por meio de droga e sulfato.

2 Fazer ponto: trata-se de uma expressão popular que, no ambiente de prostituição, significa buscar clientes na rua, bares, bares e casas noturnas.

Eu entrei na justiça. Tive uma série de problemas porque ele não queria... Primeiro ele disse que não era dele, queria exame de DNA, aí eu falei: "Eu faço, basta você pagar." Ele pagou. Deu positivo, a menina é a cara dele. Passou um tempo, ele estava assumindo a posição da menina, certinho, depois parou. Eu botei ele na justiça. E, hoje em dia, ele dá quando quer.

Mas eu consigo dar tudo pra minha filha. Tudo o que uma criança precisa. Basicamente, tudo o que eu não tive eu dou à minha filha.

A minha vida começou a mudar quando procurei o Conselho Tutelar da Infância e do Adolescente e uma conselheira pediu meu endereço e prometeu ajudar. O auxílio nunca chegou, mas consegui uma vaga em um projeto social que me encaminhava para o projeto Vira Vida. Eu e outras meninas com quem trabalhei em uma boate.

Quando eu comecei no Vira Vida continuei fazendo programa, mas só com aqueles clientes já certinhos. Depois de uns três meses não quis mais. Deixei a minha vida de prostituta para trás. Comecei a ir pra igreja com minha avó, aceitei Jesus na igreja, e disse: "Basta. Deus não quer isso pra mim, não!" Aí pronto, foi quando dei um fim. E até hoje, graças a Deus, nunca mais.

A primeira atividade no Vira Vida é redigir uma redação sobre a vida da gente. Contei tudo. Descobri que nunca é tarde para sair das ruas, das drogas e da exploração sexual. A vida que eu levava não é vida pra ninguém. É preciso agarrar seu sonho e lutar por ele. O meu agora é ter uma casa, me formar e dar um bom estudo para minha filha. Por isso estou batalhando.

Uma coisa que me marcou no Vira Vida foi uma aula que motivava a gente a se lembrar das brincadeiras que tínhamos na infância. Minhas colegas lembraram de ter jogado vôlei, de ter brincado de amarelinha e várias outras coisas. Essa aula me deixou deprimida, porque eu queria lembrar de alguma coisa de que eu tivesse brincado, mas não conseguia e não lembrava de nada. Eu pensei: "Poxa, tantas coisas que eu não tive e que eu havia perdido na minha infância." Mas no Projeto a gente tem aulas de autoestima, a gente tem uma equipe que usa muito a autoestima. Então, me fez esquecer o passado e pensar no presente e no futuro. É o que eu penso hoje em dia.

Eu me vejo hoje como uma guerreira. Porque eu superei todos os obstáculos. Então eu sou mais do que vencedora. Nunca é tarde pra agarrar o sonho da sua vida, porque eu acho que a vida é um sonho. E os meus sonhos são: ser como uma Ana Neri, a enfermeira brasileira pioneira da enfermagem, ter a minha casa e ver a minha filha com um bom estudo. É pra isso que eu luto. São os meus três sonhos.



## ANEXO 9 – Relato 5 – Carina

### Carina,

17 anos, é aluna do projeto VIRAVIDA e está no Ensino Fundamental.



Eu não sei onde eu nasci. Minha mãe não tinha condições de criar a gente. Quando eu fiz 2 anos, ela me botou no orfanato, onde já estava a minha irmã. Fomos criadas lá. A visita das mães era só uma vez no mês. Chegou época de minha mãe não ir visitar a gente por três meses. Eu ficava querendo crescer logo pra sair de lá. Eu ia pro portão do orfanato, ficava esperando minha mãe... Passava horas lá e minha mãe não chegava.

De bom no orfanato é que tinha escola que era frequentada pelas internas, junto com outras meninas de fora. Tinha muita comida e também tinha aula de música para cantar na igreja.

De ruim tinha muita coisa: as crianças eram espancadas constantemente pelas internas mais velhas. As mais velhas eram responsáveis por cuidar das menores e de manter a limpeza. Então, elas obrigavam a gente a fazer todo o serviço. Era como estar num presídio. A gente nunca saía, a gente não conhecia a rua. Pra assustar as crianças, a "tia" falava que a rua era cheia de monstros e coisas ruins. A primeira vez que sai foi pra ir ao hospital. Foi porque me espancaram, quebraram meu braço porque uma Bíblia tinha sumido. A gente apanhava de tudo:

de cabo de vassoura, de cipó... Apanhava porque não queria dormir, não queria lavar louça, lavar roupa.

Tinha uma menina lá que obrigava a gente a fazer sabão com ela, que é sexo com mulher. Só que o orfanato não sabia. A gente era criança, tinha medo de dizer, tinha medo de falar, insegurança de acontecer alguma coisa. Depois de muito tempo descobriram: essa menina foi pra fora do orfanato. Vi de tudo lá, só não vi a morte.

Minha mãe sabia o que acontecia lá. A gente pedia pra nos levar embora dali, mas ela não levava. Isso só aconteceu quando o orfanato fechou e a minha mãe foi forçada a buscar a gente. Eu tinha 10 e a minha irmã 11 anos.

A casa da minha mãe não tinha nada. Tudo na caixa de papelão, nossa roupa, comida, tudo era na caixa, tudo. Só tinha um vaso sanitário, uma pia pra lavar prato, uns pratinhos. A gente dormia no único colchão que tinha. Dormia eu, minha irmã, minha mãe e o nosso padrao, que minha mãe expulsou de casa porque ele começou a passar a mão em mim quando eu estava dormindo. Hoje ele mora na rua.

Foi só sair do orfanato pra minha mãe botar a gente pra trabalhar na rua, no centro da cidade. A gente vendia de tudo um pouco: meias, lápis, caneta, capa de celular, brinco, bolsa... Tudo!

Perdi a minha virgindade quando eu tinha 11 anos. Foi com um cara numa pensão no centro da cidade. Nem conhecia ele direito. Fiz por fazer, por falta de conselho. Se tivesse sido criada com minha mãe por perto, não tinha acontecido nem metade do que me aconteceu.

Conheci o pai da minha primeira filha quando tinha 12 anos e ele 17. Fiquei três anos com ele. Foi o único homem que amei. Era doída por ele, brigava muito de ciúmes. Quando engravidei, aos 14 anos, ele me deixou. Arrumou outra.

Eu, em nenhum momento, pensei em abortar. Trabalhei na rua até o final da gravidez vendendo DVDs piratas e fugindo da polícia. Depois que a nenê nasceu, duas coisas ruins aconteceram, tudo na mesma época.

A primeira coisa ruim foi que o melhor amigo da minha mãe me estuprou e tentou me matar com uma facada no meu pescoço. A cecatriz que ficou eu vou carregar pra toda vida. Nesse dia, eu estava muito contente, tinha vendido bastante, o movimento tinha sido muito bom. Eu dei o dinheiro pra minha mãe: "Tome mãe, ganhei isso. Compre fralda pra minha filha." Quando eu fui descendo pra minha casa, senti uma sensação ruim. Senti aquele negócio no pescoço, ele botou a faca no meu pescoço. Ele disse: "Não olha pra mim, não." Só que eu reconheci a voz dele. Ele começou a me beijar, como um drogado – ele era viciado em droga e aquele lugar era um ponto de usuário de droga. Ele falou: "Me beija!" Eu comecei a beijá-lo. Eu chorava que só. Depois que ele fez tudo o que ele queria... Foi no mato, num cantinho perto da ponte. Depois que ele fez tudo o que ele queria, começou a me apertar, me apertar. Ai a falta de ar... nessa hora eu só pensava em Deus: "Meu Deus, eu vou morrer agora!", isso na minha mente. Eu já fechando o olho:

"Meu Deus, me leve pro céu, eu nunca fiz mal a ninguém. Se for me livrar, me livre." Foi na hora que um cachorro começou a latir. Outro drogado, que estava passando, viu e gritou: "O que é que é isso?" Ele já tinha passado a faca em mim, mas se distraiu. Eu me livre dele e corri. Eu corri, corri, quando eu não aguentei mais, me dei. Já tava na favela, todo mundo: "O que é isso?" Um bocado de gente, muita gente, muita gente, segurando o meu pascoço. Na favela, a polícia acompanha tudo que acontece com câmeras. Logo chegaram os policiais e eu fui pro hospital. A polícia conseguiu pegar ele e ele foi preso.

Depois disso, fiquei indo pra psicólogo, ficava fazendo exame. No mesmo dia eu tomei a Benzetaci, mais dois remédios e a injeção antissifilis. Tomei um monte de remédio. Eu fiquei com medo. Se um dia eu descobrir que tenho aids, eu me mato. A partir desse dia, eu não sou uma pessoa normal. Eu sou um pouco estressada. A pessoa quando conhece a ruindade, conhece a vida errada, não quer saber mais nada.

Quem passou pela morte, não tem mais medo de morrer. Pode me matar, porque se for pra ser estuprada eu prefiro morrer, eu prefiro que me matem. Depois desse dia, eu saí da casa da minha mãe, não quis mais ficar lá porque todo dia eu tinha que passar pelo mesmo caminho. Eu olhava, chorava de pisar no mesmo lugar. É uma coisa que a pessoa carrega pro resto da vida, pra onde ela for.

A segunda coisa ruim que me aconteceu foi que mataram minha irmã. Ela tinha 28 anos. Morreu com oito tiros. Estava envolvida com drogas. Essa minha irmã engravidou com 11 anos. Ela deixou oito filhos, todos de pais diferentes. Ela era muito revoltada. Sempre foi da vida errada. Morreu na vida errada.

Recebi a notícia de que mataram minha irmã quando eu estava fazendo uma prova da Olimpíada de Matemática das escolas públicas. Foi a única que passei na seleção da minha escola. Estava fazendo a segunda fase, de que participavam os alunos de todas as escolas que tinham passado na primeira fase. Era num sábado. Larguei a prova, peguei um ônibus, fui embora. Minha irmã estava lá, grávida de mais um filho, com aquele barrigão, estirada no chão. Morreu agarrada no pacote de foidas, que estava com um rombo de bala. O policial me segurou e disse que eu não poderia abraçá-la. Fiquei chorando e vendo ela lá no chão. Chela de tros.

Deixou oito filhos. Os filhos todos viram. Quando aconteceu, ela segurava no colo a filha que ia fazer um ano. Os caras tiraram a menina dos braços dela e meteram bala nela. Hoje os filhos dela são todos revoltados também.

Quando eu larguei a prova de matemática, eu marquei as alternativas de respostas das questões de qualquer jeito. A mulher que aplicava a prova olhou aquilo e disse: "Olhe, você vai se arrepende pro resto da sua vida. Você quer outra prova? Eu lhe dou!" Sem pensar em nada, fui embora. Hoje eu gostaria de fazer aquela prova da Olimpíada, só não sei se terei outra oportunidade.

Depois de tudo que aconteceu, eu fiquei uma pessoa muito revoltada. Entrei na vida errada. Abandonei a escola e arrumei um companheiro traficante que me colocou no tráfico. Comecei a cheirar pó, fumava maconha. Nunca fumei crack, porque eu sempre fui uma pessoa de mente forte. Eu via na favela que as pessoas

viciadas nessa droga moriam. Ai eu disse: "Eu vou vender crack por dinheiro, pra comprar as coisas pra mim, mas fumar eu nunca vou, porque eu sei que vou morrer." Mas na verdade, quem tem a vida errada morre de todo jeito. Porque é aquele negócio, ou morre pela polícia ou morre pelos próprios amigos.

Fiquei grávida desse meu companheiro, o traficante. Foi a minha segunda grávida. Mesmo grávida, me envolvi em assalto. Trafiquei até o meu filho nascer. Quando ele nasceu, o meu companheiro estava preso.

Num dos assaltos que fizemos em ônibus, eu ainda estava grávida de quatro meses do meu filho. Eu botei um casaco para esconder o revólver. Dentro do ônibus, gritamos: "Olha é um assalto! Todo mundo pro chão!" Com medo, uma mulher escondeu o dinheiro dela. O meu marido viu, foi matá-la aí eu disse: "Não, mata não!" Ai ele: "Oxe, essa merece morrer. Se ela fizer isso outra vez, eu vou meter bala!", aí eu disse: "Deixa pra lá!" Ele ficou com raiva de mim porque eu não deixei matar. Eu já passei por tanta coisa, mas nunca deu uma maldade no meu coração. Nunca tirei a vida dos outros. É mais fácil os outros tirarem a minha do que eu tirar a vida dos outros.

Para não entrar mais nessa de assalto, eu resolvi me prostituir. Foi quando uma amiga da minha mãe me convenceu. Ela disse: "Tu é bonita. Vamos pra praia ganhar dinheiro." Mas eu só comecei na prostituição no dia que minha mãe me disse bem assim: "Prefiro ver você se prostituindo do que traficando." Foi no dia que ela me viu apalhando da polícia. Eles tomavam dinheiro da gente, batiam que só! Depois que minha mãe me falou isso, eu disse pra mim mesma: "Eu vou me prostituir." No meu primeiro dia, ganhei quase 800 reais! Fiquei animada, abandonei os assaltos.

Também parei de traficar, porque o meu melhor amigo tentou me matar. Pensou que eu estava ficando com um policial. Ele me deu um tiro, sai correndo, fui morar em outro lugar. Meu ex-companheiro, pelo mesmo motivo, também me ameaçava. Dizia que ia me matar. Morreu primeiro.

Na prostituição, pensei que ficaria livre da violência, mas minha vida seguiu cheia de histórias de perigo. Tive um delegado que colocou uma pistola na minha cara porque eu não quis fazer programa com ele. Uma vez, entrei no carro de um cara pra fazer um programa. Depois que ele fez o serviço, ele me assaltou. Levou meu celular, meu dinheiro e me abandonou na BR- de madrugada.

Quando o cara é bonito, ainda vai, mas tem cada homem nojentão! Você fica na praia, ouve cada coisa! Jogam pedra, ovo. Até já esgucharam extintor de incêndio na cara da minha amiga!

Na prostituição, às vezes, o dinheiro vem fácil, mas é amaldiçoado. Tem homem que é carente, chega dizendo que só quer carinho, massagem. A gente pula de alegria quando acontece. Mas tem outros que gostam de bater, puxam o cabelo, xingam de todos os palavrões.

1. BR: sigla utilizada para nomear as rodovias federais.

Tem dois meses que desisti de fazer programa, não vale a pena. Já sai do tráfico pra não morrer e não quero morrer na rua, na estrada. Tenho amiga minha que já mudou, comprou casa, comprou tudo, se casou com um gringo, foi pra Espanha, viajou. Só eu que nunca tive essa sorte. Outra amiga minha teve o contrário, morreu na praia. O cara meteu bala na cara dela. Era uma menina de 15 anos, linda. Morreu na nossa frente. O cara sumiu e ela ficou lá, estrada no chão.

Apesar de tudo que já aconteceu comigo, eu amo minha mãe e minha irmã. Amo minha filha que vive com minha mãe. Sei que sou distante dela. Tenho medo que meus filhos cresçam e não me reconheçam como mãe deles. Isso já acontece com a minha filha mais velha, que só me chama pelo nome.

Eu aprendi uma coisa: que dinheiro, nessa vida, não é o mais importante, não! Aprendi que o importante é atenção, carinho. Já vivi situação complicada. Toda vez que a fome apertou e não tinha o que comer, nem onde dormir, pensei em desistir de tudo. Mas aprendi que a pessoa tem que ter muita força de vontade, fé em Deus e perseverança para seguir em frente.

Eu não quero acabar como o meu primo, que foi preso na semana passada. Ele e o pai dele foram roubar um carro, trocaram tiros com a polícia. O pai morreu. E ele, agora preso, tem que dar graças por estar vivo. Antes preso do que morto!

Eu já vi de tudo. Vi uma amiga se matar. Já tentei me matar também. Mas quando meu filho, menor de 8 meses, saiu da UTI, prometi que ia mudar. Ainda tava nisso tudo quando soube do Vira Vida. Ai as meninas falaram: "Vem com a gente pro Vira Vida, Carina!" Primeiro eu fui pro psicólogo no CRIAR. Depois eu acabei aceitando entrar pro Vira Vida, porque queria uma coisa pra distrair a minha mente. Ai tudo foi encaixando. Agora estou fazendo o curso pra ter uma profissão. Quando eu não venho pro curso, dá vontade de fazer tanta coisa errada!

De vez em quando, tem palestra de autoestima e eu participo muito. Já contei a minha vida a todos. Digo que a pessoa tem que ter fé, tem que ter perseverança. É aquele negócio: "Eu vou conseguir" É um ano, um ano e meio o curso. Dá pra chegar lá! Eu já entrei em todas as vidas, já fui de tudo um pouco e sei que tudo o que fiz não é futuro, não.

Meu sonho é ser advogada, mas eu tô fazendo esse curso, curso de imagem pessoal. Eu gosto de fazer unha, fazer cabelo... Eu quero ter uma profissão, ter o que dar pros meus filhos, criar meus filhos e um dia ter minhas coisas. Quando eu passar do oitavo ano do Ensino Fundamental, eu faço o primeiro, o segundo e o terceiro do Ensino Médio em um ano só. Vou terminar meus estudos com 20 anos. Depois faço uma faculdade. Tudo o que a pessoa quer, a pessoa consegue. Tudo.

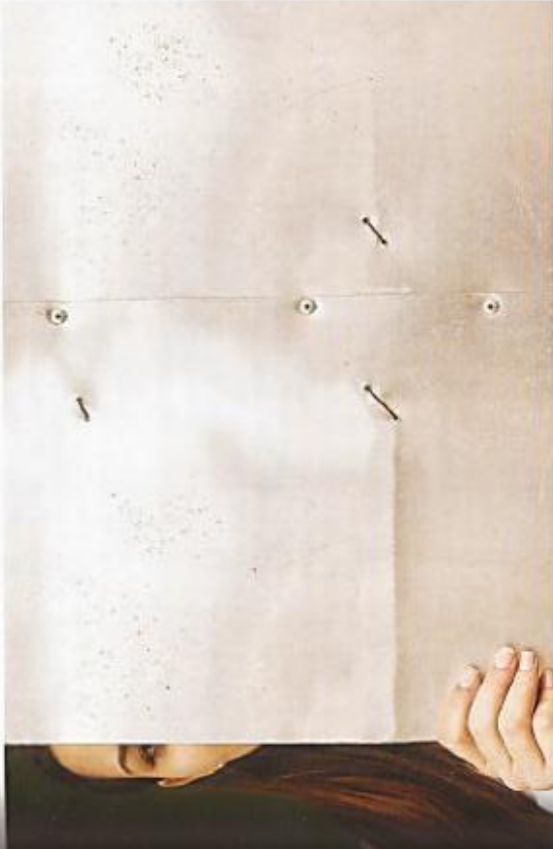
A minha história pode servir de exemplo, de lição para outros jovens que, como eu, acreditaram no caminho errado. Hoje, eu digo: usar droga, se entregar ao tráfico, à prostituição, não é futuro. Dinheiro amaldiçoado, dinheiro fácil, vai embora fácil. O único futuro que a gente tem é com o dinheiro do nosso suor, do nosso trabalho. Por isso, temos que estudar, lutar até o fim.

Hoje eu ouço muita gente dizer: "você não vai conseguir, vai dar tudo errado!" Eu respondo: "Vai nada, vai dar tudo certo!" Eu vou conseguir porque tem atleta paralítico que vai pra Olimpíada e ganha medalha. A gente tem dois braços, dois pés, duas mãos. Por que a gente não pode conseguir?

## ANEXO 10 – Relato 6 – Dalva.

### Dalva,

21 anos, é aluna egressa do projeto VIRAVIDA e está empregada como depiladora.



Minha família era meu pai, minha mãe e quatro irmãos. Eu sou a mais velha. Nossa casa ficava num sítio. Era muito simples, humilde. Sempre foi. Nunca teve muitas coisas, muitos móveis. Nela, meu pai guardava as ferramentas de trabalho. Ele era camponês, tinha uma roça.

Eu gostava muito de ler a Bíblia. Sempre gostei de ler e de estudar. Pegava os livros e ficava estudando ou brincando de professora. Como irmã mais velha, eu tinha que ter muita responsabilidade, cuidar dos irmãos, tomar conta da casa. Eu era o segundo pai, a segunda mãe, tinha que cuidar deles quando meus pais saíam pra trabalhar na roça. Quando chegava a época de fazer a colheita da roça, do feijão, do milho, ou de fazer o roçado, a gente tinha que ir junto, pra ajudar também.

Quando era pequena, eu e meus irmãos não podíamos brincar na rua, nem fazer amizades na escola. Meu pai controlava tudo e, por qualquer motivo, ele nos espancava. Minha mãe, que também sofria agressões, ficava sempre quieta lá de lá quando éramos espancados. Além de bravo, meu pai era muito ignorante. Agredia a gente por nada. Tínhamos que fazer as coisas do jeito dele, senão...

Se um dos meus irmãos caísse da linha com ele, eu também pagava pelo erro por ser a mais velha.

Ele vendia banana e macaxeira na feira da cidade e me levava junto nas sextas-feiras, depois da aula. Na cidade, dormíamos numa casa que era da gente. Numa dessas vezes, quando eu tinha 8 anos de idade, ele falou pra mim: "Vamos brincar!" Quando ele falou: "Vamos brincar", não entendi. Ele me apertou e me abraçou. Começou a fazer cócegas e tirar minha roupa. E eu: "Não, não quero, não quero brincar!" E ele: "Vamos, vamos! Cala a boca e vamos brincar." Ai ele fez assim: ele pôs a mão na minha boca e fez o ato. Ele praticou comigo à força. E eu chorando, porque não queria mais brincar, queria que ele parasse, estava doendo.

Me senti como se tivesse morrido algo dentro de mim. Me senti mal. No dia seguinte, passei a manhã inteira calada, com a cabeça baixa. Não comi durante o dia, tive febre alta. À tarde, uma senhora, que era amiga da minha mãe, passou na feira e falou: "Essa menina está doente." Ai ela perguntou: "O que você tem?" Eu comeci a chorar. Ela me levou pra casa dela, me vestiu uma blusa, me enrolou numa coberta e eu tomei remédio. Ela disse: "O que tá acontecendo?" Mas eu fiquei com medo de falar pra ela e ela falar pra ele e acontecer novamente aquela situação.

Na noite do dia seguinte, quando voltávamos pra casa, tentei dar um fim em minha vida. Pra gente chegar na casa, na roça, a gente ia na carroceria de um caminhão e linha que atravessava um rio. Tava chovendo, o rio encheu demais e o caminhão não podia passar. A gente ficou porado, sem poder atravessar o rio. A gente tava na carroceria do caminhão, eu, meu pai e uns amigos, que também trabalhavam na roça. Eram só homens e eu de menina. Eu fiquei lá, nessa situação. Como não podíamos atravessar com o caminhão, um dos rapazes disse: "Vamos seguir sem o caminhão, com a criança. Os adultos ficam e podem continuar no dia seguinte. A criança tem que atravessar, senão vai passar fome e frio." Meu pai foi comigo. Quando a gente tava atravessando o rio, soltei a mão dele pra água me levar. Não queria mais viver. Ele me puxou pela blusa, começou a gritar e todos correram pra ajudar. Conseguimos chegar à outra margem. Cheguei em casa com febre, tremendo, chorando. Minha mãe pensou que eu tava com medo por causa do rio.

Desse dia em diante, não fui mais a mesma. Não conseguia conversar com meus irmãos, com minhas coleguinhas. Ficava calada, afastada das pessoas. Olhava pra minha mãe e começava a chorar. Ai meu pai me puxou num canto e falou: "Cala a boca, senão tu vai apunhar e eu mato a sua mãe!" Ele mostrava várias vezes o facão, dizia que ia rasgar minha mãe no meio. Eu sabia que ele já tinha cortado a barriga de uma ex-mulher dele e pensei que faria o mesmo com minha mãe. Por isso, não revidava.

A partir de então, toda semana ele queria me levar pra cidade. Eu não queria ir. Ele me deu uma surra. Implorou pra minha mãe: "Pelo amor de Deus, diga a ele que não quero ir!" Então, ele ameaçou: "Se você não for, apunha você e sua mãe." Ele sempre batia na minha mãe pra me incomodar. Sabia que aquilo mexia comigo. Eu fazia de tudo pra ele não machucar minha mãe.

Quando eu contei tudo pra ela, senti uma sensação de alívio, como se eu estivesse me libertando de algo. Mesmo tendo a sequele, mesmo tendo as marcas, foi aquela sensação de alívio, por estar longe dele, por não estar vendo o rosto dele. Bom, essa amiga da minha tia não guardou segredo e contou tudo pra ela. Aí minha tia contou pra minha avó. Elas choraram muito. Ficaram abaladas, passando mal. Minha avó dizia: "Eu vou matar ele!" Ela ficou desesperada, minha tia também.

Depois, minha tia procurou saber o lugar certo para ir denunciar. Ela me levou pra delegacia. Lá pediram pra eu falar tudo novamente pro delegado. Minha tia olhou pra mim e disse: "Daíva, pelo amor de Deus, se isso for tudo mentira, eu vou ser presa. Eu vou ser presa e seu pai vai te matar com uma surra, você sabe que ele é muito ignorante!" Depois me mandaram fazer os exames. Eles viram que o hímen estava rompido. A parte de trás tava toda rasgada, tudo cortado, machucado mesmo. No outro dia, mandaram prender meu pai.

Eu fiquei muito ansiosa, muito nervosa. Não conti, não dormi nesse dia. Fiquei esperando só a hora dele ser preso. Quando chegou a tarde do outro dia, eram cinco ou seis horas, ligaram pra mim e disseram: "Ele está sendo preso agora, sua mãe está em estado de choque, chorando muito. Ele, por enquanto, vai ficar na cadeia da cidade esperando julgamento." Meu pai teve a sentença de 15 anos de prisão, mas saiu depois de cumprir cinco anos, por bom comportamento.

Foi bem complicado esse tempo, porque eu achava que a casa da minha tia não tinha segurança. E, mesmo meu pai estando preso, eu vivia com muito medo. Eu pensava que os irmãos e o pai dele viriam fazer alguma coisa pra se vingar. Foi uma fase que eu tive que passar por psicólogo. No tratamento com o psicólogo, eu tinha que conversar, desenhlar, explicar o que estava acontecendo, porque mesmo eu estando bem por ele estar preso, eu, a todo momento, pensava que ele poderia ser solto ou que alguém iria se vingar por ele.

Uma vez, minha avó e minha tia quiseram que eu fosse visitar a minha mãe. Foi num dia de Natal. Eu não queria de jeito nenhum. Tinha vergonha de encarar a minha mãe e os meus irmãos. Eu fui. Quando caminhava em direção da casa de minha mãe, naquela hora eu sentia que todo mundo olhava pra mim. Eu fui caminhando de cabeça baixa. "Aí, meu Deus do céu", pensei. Me sentia pequeninha, sem força pra nada, nem pra andar. Sabia que todo mundo da rua conhecia a minha história. "E agora, o que eu faço?", eu pensava. Soltei o cabelo, escondi meu rosto e segui de cabeça baixa até chegar à casa da minha mãe.

Quando entrei na casa, pedi a bênção a minha mãe, mas ela não respondeu. Olhou pra mim e disse: "Desapareça da minha casa!" Daí eu perguntei: "Por que, mãe?" "Você é a rapariga do meu marido, você é uma puta do meu marido." Aí eu sai do sério, daí do meu controle: "Como a senhora entende tudo errado! A senhora via que estava acontecendo alguma coisa comigo e a senhora nunca teve coragem de me defender!" E ela: "Não quero ver sua cara, desapareça!" Naquele Natal eu almocei na casa de uma vizinha. Quando cheguei de volta na casa da minha tia, contei o que tinha acontecido, fiquei doente e tive que voltar pro psicólogo novamente.

Acho que minha mãe nunca percebeu. Se sabia, não teve coragem de falar. Ficava sempre calada, também tinha medo dele. Ele agredia muito ela. Meus irmãos também não percebiam nada. Ele sempre dava uma de santo, dizia que a gente tinha que ser educado daquela forma, porque senão a gente ia dar pra ser puta ou os meninos pra ser verdores. Ele repetia que a gente não podia sair da linha. Quería que eu fosse professora. Ele fingia ser um bom pai na frente da minha mãe. Só que, por trás, era um verdadeiro monstro. Quando ela saiu pra buscar leite, ele aproveitava esse momento, me chamava no quarto: "Daíva, venha apanhar isso aqui!" No início, eu não sabia o que era. Ia até o quarto e ele me obrigava a tirar a roupa e a fazer o que ele queria. Tinha vontade de me matar, de contar às partes do meu corpo onde ele tocava.

Uma vez, assistí na televisão uma criança que pedía pra denunciar quando acontecesse isso. Eu achei que o que acontecia comigo era o mesmo que ela tinha falado, igual ao que ela tava passando. Eu lembrava também que, na cidade, aconteceu a mesma coisa, uma menina denunciou e o pai foi preso. Ela era da mesma idade que eu, mas o pai foi solto em poucos dias e eu pensei: "Não vai dar certo. Pra onde eu vou? Eu vou ficar aqui. Se ele for solto, vai fazer a mesma coisa ou talvez me matar, vai matar a minha mãe." Eu achava que aquilo que ele estava fazendo era errado e que tinha que ser preso. Ele tinha que pagar pelo que estava fazendo, mas eu não tive coragem de ir à delegacia, com medo também daqueles policiais. Então, eu comecei a provocar ele. Provocava, dizendo que eu tava namorando. Eu achava que com isso ele ia me mandar pra casa da minha avó, que morava com minha tia em outra cidade. Assim, ele me mandaria pra casa delas pra esquecer o namorado, porque elas eram muito rígidas. Deu certo, ele me mandou pra lá e disse: "É só pra você esquecer esse negócio de namorado."

Quando fui preparar a minha mala, estava rindo à toa no quarto com a minha vó, que foi me buscar. Ele entrou no quarto e disse: "Não fique tão feliz, não. Daqui a alguns dias, você volta." E pediu pra eu levar pouca roupa. Foi quando ele tirou algumas da minha mala. Quando ele saiu do quarto, eu coloquei a roupa de novo na mala e escondi debaixo da cama.

Às 4 horas da manhã, eu acordei pra pegar o ônibus. Me arrumei e disse pra minha avó: "Bora vó, vamos sair daqui!" Minha vó disse: "Calma, por que isso? Pra que tanta pressa?" "Vamos, vamos, vó!" Estava feliz. Ele acompanhou a gente até o ponto de ônibus. Quando cheguei no ponto de ônibus, deixei a sandália velha com ele, empoeirada e tudo, e entrei no ônibus descalça. Quando partimos, calcei a sandálinha nova e fiquei feliz! Conversando com a minha avó, rindo à toa, eu disse: "Vó, eu tenho uma coisa pra contar, mas só em sair daqui eu estou feliz!" Eu olhava pra trás na estrada e dizia: "Nunca mais eu volto aqui! Nunca mais eu volto aqui!" Minha vó perguntou: "O que você tá falando?" Eu respondi a ela: "Depois a senhora vai entender." Não consegui dormir durante a viagem, estava muito feliz e ansiosa.

Quando cheguei, minha tia disse logo: "É, seu pai teve que mandar você pra cá por causa de namorado. Espero que você não me dê trabalho aqui." No outro dia, eu contei tudo pra uma amiga da minha tia, que estava na casa, e pedi pelo amor de Deus pra que não atendesse as ligações de telefone dele.

Continuei morando com minha tia e minha avó. Mas, por tudo que eu tinha passado, não queria nada com a vida. Quando virei adolescente, passei a sair com amigas, só queria ficar na rua, curtir a vida. Não demorou muito, comecei a beber... Quanto mais eu bebia, mais eu tinha o momento em que esquecia de tudo. Eu esquecia o que tinha acontecido na infância. Foi nesse período que tive o risco de me prostituir, usar drogas. Eu chegava na escola, não tinha paciência mais pra ouvir nada, não tinha vontade de ouvir aqueles professores falando. Eu ficava agoniada. Eu passei a sair com homens que eu nem sabia quem eram, como se meu corpo não tivesse valor.

Até que um dia, a psicóloga me falou do projeto Vira Vida. Disse que eu devia tentar, pois a minha tia já não me aguentava mais, queria me devolver pra minha mãe. Era tudo o que eu não queria. Fui selecionada pro Vira Vida. Logo no início, eu gostei, pois percebi que os outros alunos estavam na mesma situação que eu, uns estavam nas drogas, outros na prostituição. Era quase idêntica a situação de todos.

No Vira Vida passei a gostar de estar perto das pessoas. Só em falar um "oi", bater um papo, pra mim já era tudo. As pessoas do Vira Vida abraçavam a gente, como se fôssemos filhos. A forma como elas conversavam com a gente era de mãe pra filha mesmo. Aos poucos, elas me fizeram ver as coisas boas que tinha dentro de mim, e me ajudaram a lutar contra aquilo de ruim que estava me impedindo de ser feliz.

No projeto Vira Vida, cada dia era um momento em que eu me conhecia mais. Foi uma experiência mágica na minha vida, porque eu, antes do Vira Vida, não me conhecia. Foi ali que eu passei a me conhecer. Com minha família, meu pai e minha mãe, eu poderia ter descoberto quem eu era de verdade. Mas não tive essa sorte. Fui ver quem era a Dalva no Vira Vida.

Com o tempo, fui aprendendo a participar dos eventos, ter momentos de lazer. No início, eu ficava meio desconfiada. Era muita coisa pra eles darem de graça pra gente. E me perguntava: "Será que mereço ficar aqui, será que não mereço?" Fui descobrindo que merecia, sim, assim como outros jovens que passaram pela mesma situação que eu passei. Eles também mereciam.

Terminei o curso, aprendi uma profissão. Me lembro muito bem de quando tive a notícia do emprego. Foi pelo telefone, eu estava limpando a casa. Ah, eu pulsei tanto. Larguei a vassoura. Eu pulava tanto, peguei minha carteira profissional assim... Olhei, eu beijava minha carteira. Eu levei pra eles assinarem. Voltei pra mostrar pras minhas amigas a minha carteira assinada como depiladora. Eu já tinha um namorado e, agora, eu tinha a minha carteira assinada!

Meu sonho agora é poder continuar estudando. Antes queria ser professora. Agora quero ser alguma coisa ligada aos direitos humanos. Tipo ser advogada na área da infância. Eu quero trabalhar nessa área pra mostrar pras pessoas o que é certo e o que é errado. Quero trabalhar pra ajudar pessoas a superarem o medo, a mesma dificuldade que eu tive. Quero ajudar as pessoas a terem coragem de denunciar alguém que as esteja prejudicando. É isso. Quero ajudar as pessoas, estar ali trabalhando com elas.

## ANEXO 11 – Relato 7 – Mateus.

## Mateus,

21 anos, é aluno do projeto VIRAVIDA e está cursando o Ensino Médio.



Na minha vida, sempre sofri muito com o preconceito, mesmo dentro de casa. Em casa, por ser homossexual. Na escola e na rua, por ser negro, pobre e, também, pela minha homossexualidade.

Estudar sempre foi um sonho pra mim! Apesar do preconceito que sofria, gostava da escola, porque tinha amigos. Minha casa sempre foi de muita briga, porque meu pai achava que homossexualidade não existia. "É safadeza", ele dizia. Então, foi muito difícil!

Durante anos, levei a minha vida de forma muito errada. Só parei pra pensar na vida e no meu futuro quando fui espancado quase até a morte por seis homens. Dois meses no hospital me fizeram pensar numa mudança radical em minha vida. Mas o que era a minha vida?

Com 13 anos, me vesti de mulher pela primeira vez. Quando cheguei em casa um dia, no final da noite, meu pai me deu uma surra e me botou pra fora de casa. Ele falou assim: "Se quer ser veado, tu pode ser, mas debaixo do meu teto, não!". Minha mãe não queria que eu fosse embora, só que naquele momento ela ficou do lado do meu pai e eu fui.

Sai de casa levando a roupa da minha mãe. Era o que eu tinha no corpo: um sapatinho no pé, uma bolsa, uma coberta e raiva, muita raiva, raiva a ponto de querer bater na primeira pessoa que encontrasse. Queria bater em alguém até matar! Porque eu achava que não podia ter sido tratado daquele jeito. A minha homossexualidade não era um problema, era uma opção minha.

Sem saber para onde ir, procurei uma amiga travesti que eu admirava. Ela morava no interior de São Paulo. Liguei pra ela, contei o que estava acontecendo e ela me chamou para ir pra sua casa. Peguei carona em três caminhões para chegar até a sua cidade. Tive que pagar com favores sexuais. Tive que fazer sexo oral, sexo anal... Me senti um lixo, mas foi o jeito, não tinha dinheiro, não tinha nada. Quando cheguei, fui viver na casa de um travesti "cafetino". Por quatro anos vivi ali. Para me manter, passei a me prostituir, eu e outras 14 companheiras de ofício. Vivíamos na mesma casa. Dormíamos em beliches, trocando a noite pelo dia e eu me drogando.

No início foi muito difícil, mas não vou mentir, porque depois eu passei a gostar daquela situação. Conheci muita gente, fiz muita coisa, aprendi muita coisa, ganhei muito dinheiro. Todo dia tinha que ir pra rua fazer 30 reais pra pagar a casa, com direito ao almoço. Sabia que tinha que ganhar os 30 e mais o dinheiro da janta. O dono da casa era transexual operado e bem louco mesmo! Mas por um tempo foi divertido viver ali.

Era obcecado pela ideia de ter minha própria casa, de onde ninguém poderia me expulsar. Trabalhei duro e nunca cai no conto do "cafetino", que dizia para eu colocar silicone industrial e contrair dívida com ele. Essa dívida não fiz, mas, para aguentar a dureza do trabalho nas ruas, acabei viciado em drogas e devendo para os traficantes.

Os clientes paravam, perguntavam o preço, sempre tentavam negociar, queriam mais barato. Às vezes, a gente saía porque estava precisando, às vezes, não. Entrava no carro do desconhecido e ia, como se fôssemos dois melhores amigos, namorados. O preço era 20 reais pelo sexo oral e 50 por um programa de uma hora.

Naquela época, não tinha medo. Pra mim era supnatural, porque estava iludida pelo dinheiro. Quando a gente é nova, 13, 14 anos, todo mundo quer. Depois, vira carne de vaca. Teve noite de eu fazer 15 programas. Porque a vida da prostituição é lucrativa, mas é muito prejudicial também. E muita droga, cliente pagando pra você se drogar... E aí você se ilude, se droga porque é o que tem na hora. Você acha isso normal, mas não é.

Comecei a fumar maconha com 15 anos, quando ainda não bebia. Da maconha fui pra cocaína. Fiquei um bom tempo na cocaína. Mas chegou um momento em que a cocaína não fazia mais efeito. Aí veio o crack, o grande vilão da história, porque fiz coisas de que até Deus duvida. Pelo crack, a gente se dá por

1. Cafetino(a), referência ao termo catedão e alguém que agencia clientes para uma prostituta (mulher ou travesti), em benefício ou na prestação de rua, de modo a ganhar uma parte de seus rendimentos.

qualquer preço, quaisquer 5 reais já são lucro. Roubei coisas da minha casa, vendi coisas minhas, fiquei devendo pra traficante, quase morri. Foi bem difícil.

Conseguir drogas nunca foi problema: toda casa de cafetina tem alguém que abastece. Todo dia tem droga, porque as travestis têm que se drogar pra conseguir fazer o que fazem. A gente não precisava buscar, eles traziam. E quando você não queria, eles insistiam, diziam: "Depois você me paga." E aí você afunda cada vez mais. É difícil tirar a roupa pra uma pessoa que você nunca viu, uma pessoa que você não sabe de onde vem, que pode fazer qualquer coisa com você. Eu só vivia pra isso. Chegava às 5 da manhã em casa e sala às 5 da tarde. Quase não comia.

Lembro do medo que a droga me provocava. Tinha medo de tudo, aquilo me paralisava, me impedia de trabalhar. Tudo começou a mudar depois que fui violentamente espancada por seis homens quando voltava de um programa. Me deixaram cicatrizes no corpo e na alma. Fiz duas cirurgias no cérebro, fiquei nove dias em coma, dois meses no hospital numa cadeira de rodas. Foi horrível! Foi aí que vi que tudo aquilo não existia, era uma ilusão. O que você ganha, gasta com maquiagem, roupa, droga... Então parei, tinha que parar. Deus me deu uma nova chance e eu pretendo fazer a coisa certa daqui pra frente.

Minha mãe, quando soube do que tinha acontecido comigo, largou o emprego pra ficar cuidando de mim. Acho que, de tão arrependida que ficou por deixar meu pai me expulsar de casa, ela se separou do meu pai e me acolheu novamente. Aí apareceu o Vira Vida, que foi a luz no final do túnel pra mim.

Tenho duas amigas que fazem curso aqui no Vira Vida, são também travestis. Trabalhávamos juntas na rua, quase na mesma esquina. Quando souberam o que aconteceu comigo, falaram: "Ó bicha, por que você não vai no SESI conhecer o projeto Vira Vida?" Eu falei: "Estudar e ainda receber uma bolsa de 400 reais, onde é isso?" Eu não acreditei. Até que um dia minha mãe pediu e eu liguei pro SESI.

No começo, estava assustada, porque é aquela velha questão: "veado" e escola, né? Eu falei: "Meu Deus, vou ter que pegar ônibus todo dia." Eu não andava de ônibus, não! Pensei: "Como é que eu vou fazer? Será que o povo vai gostar de mim? Vai ter professor chato?" Mas aí cheguei, vi que não era nada daquilo. Eu não falttei nenhum dia até hoje.

Eu participo de todas as atividades do Vira Vida. Gosto muito da "roda comunitária". E assim: você conta o seu problema e no final você fala: "O grupo me apoia?", e o grupo responde: "Nós lhe apoiamos, Mateus." É bem legal, porque todo mundo fala dos seus problemas, mas o que se fala ali, fica ali. O problema que eu contei foi a surra homofóbica que sofri. Eu achei que os outros iam achar graça, que iam tir de mim, mas todo mundo se sensibilizou. "Por que fizeram isso com você, por quê?" Foi bom compartilhar isso. A dor não é tão grande quando você compartilha. Dói, mas não dói tanto.

Hoje eu já sinto que alguma mudança aconteceu comigo. Eu sou uma pessoa muito melhor, mais alegre. Porque eu era uma pessoa que dormia até 2 da tarde, acordava de novo, comia alguma coisa e deitava de novo. As 5, 6 horas da

\*tarde eu me arrumava e ia para a rua. Agora é totalmente diferente. Eu estudo aqui o dia inteiro, saio e vou para casa. Eu como alguma coisa bem rápido, faço uma coisa aqui e ali e já saio para a escola à noite. Eu sou superpopular, tanto na escola do Vira Vida, quanto no curso que faço à noite. Eu estou gostando de tudo o que está acontecendo comigo.

Sei que perdi a minha juventude. Se tivesse como voltar no tempo, eu nunca teria ido embora da minha cidade, nunca teria virado travesti. Eu seria homossexual, não travesti. Eu nunca teria entrado nas drogas, nem teria parado de estudar, porque, quando a gente é nova, está na essência, no pique de estudar. E agora eu estou com um pouquinho de dificuldades, mas vou chegar lá.

A minha mãe tem muito orgulho de mim, nem sei como explicar. Ela não tinha mais expectativa em mim, porque eu era drogada, travesti, uma pessoa que não queria saber de nada. Agora estou estudando, pegando firme e voltando a ser quem eu realmente deveria ter sido.



## ANEXO 12 – Relato 8 – Ivaneide.

### Ivaneide,

20 anos, é aluna do projeto VIRAVIDA e está cursando o Ensino Médio.



Da minha infância eu lembro da minha casa. Eram dois cômodos. Eu morava com a minha mãe e meus quatro irmãos. A casa era de madeira compensada e chovia muito dentro dela. Na casa não tinha banheiro; o banheiro que a gente usava era superlonge, lá perto da casa da minha tia, num beco. Tinha que passar por todo o beco para ir ao banheiro. E disso que eu lembro. Eu não tenho nenhuma lembrança do meu pai morando conosco. Ele tinha outra mulher. Com essa mulher do meu pai, eu tenho uma irmã que tem quase a minha idade.

Sempre fomos muito pobres, e a minha mãe nunca trabalhou. Ela sempre dependeu de homem. O meu pai de vez em quando aparecia. Como ele tinha duas famílias, ele ficava 15 dias com a gente e, nos outros 15 dias, com a outra família. Nesses 15 dias que ele ficava com a gente, era tudo de bom. Ele botava comida dentro de casa. Mas, quando ele sumia, nós passávamos fome. Eu tinha que ir pra rua pedir dinheiro e era tudo muito difícil. Às vezes, em época de Natal, ano-novo, Páscoa, eu botava uma plaquinha assim: "Colabore com o meu Natal", e erguia nos semáforos quando os carros paravam. Eu ganhava bastante. Num posto de gasolina, tinha uma freguesia que se chamava Ana. Ela sempre me dava alguma coisa para comer, em época de Páscoa ela me dava ovo.

Na escola, eu sempre gostava de desenterrar casa que tinha banheiro, comida na mesa, com pai, mãe, cheia de felicidade e amor, o que eu nunca tive. Depois as coisas mudaram. Minha mãe se juntou com um traficante que tinha apelido de "Lixo". Ele veio morar conosco e trouxe mais um amigo dele pra morar nos nossos dois cômodos. A minha mãe dormia no quarto. O outro cômodo era a cozinha, onde dormíamos no chão, num colchão de casal. Éramos eu, meus quatro irmãos e mais esse amigo do meu padrasto, chamado Jail. Eu já estava criando corpo na época, então ele dormindo lá... Ele começou a me alisar, a passar a mão, começou depois a querer coisas a mais.

Com a história desse meu padrasto traficante morando com a gente, o movimento na minha casa também aumentou. Toda hora tinha gente lá para comprar pedra de crack. Até que um dia o meu padrasto morreu de overdose dentro de casa, no colo da minha mãe.

Com 12 anos, comecei a fazer favorzinho em troca de dinheiro. Eu deixava os caras me alisarem, me tocarem, me beijarem. Sentava no colo deles, fazia massagem. No ponto de táxi, os motoristas me davam uns trocadinhos. Um dia, com 13 anos, passei a fazer programas nos carros, nos táxis, nas ruas, nas casas dos clientes. Não tinha lugar certo, fazia onde me levavam. Cheguei ao fundo do poço. Até hoje, sinto muito nojo do meu corpo, mas era por necessidade mesmo que eu fazia aquelas coisas. Se eu vendesse o corpo, não morria de fome e ainda ajudava em casa. Pra juntar dinheiro, pra comprar um bujão de gás, tinha que ter vários clientes.

Um dia eu pensei que estava grávida. Tentei me matar e fui parar numa clínica. Lá na clínica, comecei a fazer tratamento psicológico e a psicóloga disse que o melhor era eu ir para um abrigo. Então, fui mandada para o Conselho Tutelar, que não me recolheu no abrigo, mas me ajudou. Conseguiu me colocar num colégio interno, um colégio particular. Eu fiz a prova e passei. Chegando lá, eu era a única negra no meio de um monte de brancos. Eu fiz a sétima e a oitava e depois eu resolvi voltar para casa. Eu não achava justo com meus irmãos eu estar lá, no bem-bom, e eles passando por aquela situação. Eu tenho minha irmã mais nova, que se chama Maria. Na época, eu tinha 14 e ela deveria ter uns 11 ou 10 anos. Eu tinha medo que ela passasse por toda a situação que eu passei – e que ela fosse para a rua ser abusada. O meu medo maior era esse. Então, eu voltei para casa.

Com 16 anos, comecei a trabalhar de estagiária numa creche e a estudar de noite. Trabalhava com sexo só se tivesse necessidade. Sempre me senti muito mal fazendo programas. Às vezes, os clientes nem te pagam, te deixam longe, no escuro, você fica sem saber voltar. Um dia, desesperada, peguei uma faca e cortei meus pulsos. Sobrevivi. Agora estou em tratamento e tomo remédio.

Quando a minha psicóloga ficou sabendo do projeto Vira Vida, me indicou. Nessa época eu trabalhava com carteira assinada como auxiliar de serviços gerais. Em dezembro do ano passado, eu tive uma crise e fui internada de novo com depressão. Nesse período, eu fiquei encostada pelo INSS. Quando os médicos

me liberaram, eu voltei a trabalhar e comecei a participar do projeto Vira Vida. No começo, era só pra não ficar em casa sem fazer nada. Só que agora eu vi que, através do projeto Vira Vida, eu posso dar uma grande virada na minha vida, porque eu faço curso de Auxiliar Administrativa e o meu trabalho é de limpeza. Eu não iria subir nunca, ia ser sempre auxiliar de serviços gerais. Então, eu decidi que eu vou largar o meu emprego e vou ficar no Projeto.

Quando entrei para o Vira Vida, achei as primeiras semanas uma chatice, não estava empolgada. Mas depois comecei a fazer curso de Informática, de Dança e o de Auxiliar Administrativa. E vi que ali estava a oportunidade de um novo começo. Conversei muito com a coordenadora. Quando estou precisando de colo, de atenção de carinho, ela me dá.

Antes, eu achava que as coisas ruins só aconteciam comigo. Mas descobri que muita gente passa pelas mesmas coisas que eu passei. Ainda tenho dificuldade de ter um relacionamento, acho que todo homem me quer como objeto. Quando uma pessoa me toca, traz de volta lembranças do passado.

Aquela foi uma fase ruim, mas estou superando. Hoje, tenho minha casa e faz dez meses que estou limpa, não faço mais programa. Aqui aprendi que a Ivaneide é forte, inteligente, batalhadora. Tenho sonhos que não tinha antes. Quero concluir o Ensino Médio, fazer Psicologia. Há dez meses não achava importante estudar. Hoje vejo que meu futuro depende do meu empenho.

Eu gosto de escrever, eu escrevo o que eu estou sentindo. Eu escrevo essas coisas em que eu fico me perguntando o porquê. Pra mim, escrever é como se eu estivesse me libertando. Me dá um alívio. Eu fico com aquela angústia no peito, escrevo e me liberto. As pessoas dizem que é um dom. Não é um dom, é uma questão de necessidade mesmo. Eu tenho essa necessidade de escrever, escrever e escrever. No dia em que eu li um texto na aula, as professoras começaram a chorar. Eu fiquei preocupada com elas, porque estavam chorando. Eu falei: "Professoras, isso tudo que eu contei é coisa do passado, é uma coisa que eu já superarei. Não precisa ficar triste, já passou!"

## ANEXO 13 – Relato 9 – Maria.

### Maria,

20 anos, é aluna egressa do VIRAVIDA e trabalha como depiladora.



Meus pais são agricultores, mas também conseguem trabalho fora da roça, minha mãe de cozinheira e o meu pai como vendedor de peixes. Nós somos nove filhos, eu sou a mais nova.

Meu pai foi casado com outras mulheres, então os filhos dele não moravam lá em casa. Minha mãe também teve um primeiro casamento, em que teve quatro filhos, desses só um morava comigo. Então na minha casa, de filhos, morávamos eu e um irmão, filho da minha mãe do outro casamento.

Meu pai era meio namorado, então sempre teve muito atrito em casa. Quando minha mãe estava grávida de mim, ele tinha outra mulher, que ele levava pra nossa casa. Teve muitas confusões, porque minha mãe tinha que comprar as coisas pra se virar, tinha que trabalhar e batalhar mesmo. Meu pai sempre achou que, se tivesse comida dentro de casa, era suficiente. Ele nunca ligou pra parte material da vida, roupas, essas coisas. No máximo era uma roupa, ou uma outra coisa, uma vez no ano.

Minha mãe, por ter quatro filhos, não ajudava muito financeiramente, ela só ganhava mais ou menos de 100 a 150 reais por mês, não dava pra sustentar quatro filhos com isso.

Quando a gente é pequena, a gente vê que as pessoas têm as coisas e não sabe por que a gente não tem. A gente aceita isso e pronto. Mas, quando a gente chega aos 11 anos e começa a adolescência, a gente começa a querer ser independente e vê as amigas comprando as coisas, tendo isso, tendo aquilo, aí não dá mais pra se conformar e aceitar a situação. A gente passa a querer também comprar as coisas.

Por querer ter dinheiro e não depender dos meus pais, eu comecei a trabalhar ajudando a minha mãe em casa, depois fui ajudar no trabalho, fora de casa. Depois, passei a trabalhar por minha conta. Trabalhei de babá, ajudante de cabeleireiro, em casa de família e de vendedora em loja de roupa.

Depois que eu passei a trabalhar por minha conta, eu não pedia mais dinheiro para minha mãe, eu comprava minhas coisas, tinha meu dinheiro. E sempre que saía de um emprego, arranjava outro. Eu pagava as minhas contas e comprava roupa, comprava sapato, comprava as minhas coisas, o xampu do jeito que eu queria, meu sabonete do jeito que eu queria, o meu creme dental... Eu comprava as coisas que eu sempre tive vontade de comprar.

Quando sai da loja de roupa, eu fiquei com algumas dívidas, eu já tinha 16 anos. Ai uma pessoa me propôs sair do interior e me prostituir na capital: "Você é muito bonita, vai se dar bem, ganhar muito e tal." Essa pessoa enfeitou minha cabeça, ela dizia: "Olha, tem meninas que compraram carro, apartamento..." Eu ganhava 100 reais por mês; lá eu ia ganhar 200 reais, 250 por dia ou em uma hora, ia dar pra eu fazer muita coisa. Foi daí que eu deixei a minha família no interior e vim morar na capital.

Foi pelas mãos desse aliciador, que era da minha cidade, que eu cheguei na capital. Cheguei ainda menor de idade e comecei a fazer coisas erradas, sem os meus pais sabermos, coisas que eu não deveria fazer. Eu, antes, desfilava lá na minha cidade, às vezes fazia alguns trabalhos de modelo. Então, eu falei para os meus pais que eu vinha ser modelo, vinha desfilar pra uma agência. E foi aí que começou tudo de ruim que poderia acontecer na minha vida.

O meu sonho de criança sempre foi vir pra capital estudar. Eu via muitas pessoas vindo. Então, eu tinha esse sonho de vir pra cá estudar no melhor colégio, fazer uma boa faculdade. Era esse meu sonho.

Eu fui pra uma casa onde nós pagávamos uma taxa por semana pra ficar. Acho que 200 reais por semana. Eu ficava nessa casa, dormia lá, comia lá, essas coisas. Éramos eu e muitas meninas, só que eu era a única menor. Só quem sabia era o dono da casa, porque as outras meninas não podiam saber, esse meio é muito falso. Elas, com medo da concorrência, detonam você. Eu tinha um documento falso, então eu falava que era maior de idade.

A primeira vez que eu fui fazer o ato sexual por dinheiro nessa casa, eu fiquei meio assim, mas logo depois eu achei uma relação normal. Eu pensava: "Se eu me deitava com meu ex-namorado, eu posso me deitar com esse homem também." Eu achava normal, não achava estranho e fazia. Lógico que tem aqueles velhos asquerosos... A maioria das pessoas acha que os clientes são todos velhos, mas não. Tem muito boyzinho, muitas pessoas da sociedade

mesmo, homens jovens, jovens bonitos. Os velhos eram mais os estrangeiros e de outros Estados.

Como eu era novidade, eu era a única "minhinha", a única menininha da casa, teve semana que eu fiz 2 mil reais. Em três dias, eu fazia 2 mil reais. Mas é um dinheiro que você não vê. Você vê na sua mão, mas ele voa. A gente ia para o shopping: "Ah, eu tô com dinheiro, eu vou comprar." Então, entrava numa loja e comprava roupas, não estava nem aí, porque é um dinheiro que vem fácil, então você não tem pena de gastar.

Hoje, eu não tenho nada de bens materiais. Não tenho algo que eu possa dizer: "Isso eu consegui com o dinheiro que eu ganhei vendendo meu corpo."

Muitas meninas entram nessa vida por ter tido filhos, então guardavam mais dinheiro porque pensavam no futuro. Algumas pagavam faculdade com esse dinheiro. Mas o meu desejo era gastar mesmo: comprar, sair, fazer o que eu quisesse com meu dinheiro.

Eu passei muitas situações de risco, uma delas foi quando eu fui pra outra cidade, com documento falso, arriscando ser presa. Foi iludida de que ganharia muito dinheiro, mas acabei ficando confinada numa casa. Quando consegui fugir dessa casa voltei pra minha cidade, mas lá a coisa ficou pior. Plor porque eu acabei me envolvendo com o cara que havia me agenciado e me levado pra capital.

Quando eu entrei nessa história com ele, já tinha nove meses que a Polícia Federal estava atrás dele e de outras pessoas da minha cidade, porque alguém denunciou. A polícia o enquadrou como chefe de quadrilha de tráfico de menores. Como o celular dele foi grampeado, eu acabei sendo envolvida, porque nesse período, mesmo morando na casa da minha mãe, ele arrumava clientes que ligavam pra mim.

Quando foi um dia, meu pai tinha saído pra trabalhar porque ele vendia peixe e tinha que levantar pro trabalho muito cedo. Acho que eram umas três e pouco da manhã. Os policiais federais bateram na minha porta. Minha mãe acordou e eles perguntaram se era a casa da Maria. Minha mãe já ficou assustada. O carro da Federal estava na minha porta! Então, minha mãe já começou a achar que era drogada. O policial disse: "Nós vamos ter que entrar pra fazer uma revista e sua filha vai ter que ir com a gente pra dar um depoimento pra juíza." Eram três policiais da Federal, a juíza, a assistente social e um cara filmando, que era porque, se eles achassem alguma coisa, ninguém podia dizer que foram eles que colocaram.

Eles entraram, minha mãe me acordou louca, desesperada: "Minha filha, pelo amor de Deus, tem uns policiais aí!" E eu: "Polícia?" Eu nunca na minha vida ia imaginar! De imediato, o que foi que eu imaginei? Eu tive um namorado que eu sabia que ele vendia droga, cocaína. Eu imaginei que ele teria sido preso e por eu já ter tido contato com ele, a polícia foi lá em casa pra saber se eu guardava alguma coisa pra ele. Eu imaginei isso.

Quando eu me levantei, eles já estavam dentro do casa. Ele disse: "Eu sou inspetor da Polícia Federal, viemos aqui pra fazer uma revista na sua casa."

A Polícia Federal não vai à casa de ninguém errada. Se eles vão, é porque eles sabem de alguma coisa. Um policial perguntou onde estavam as minhas coisas, eu disse: "Minhas coisas são guardadas nesse quarto." E minha mãe, louca. Ele: "Calmá, senhora, sua filha não vai ser presa. Nós simplesmente vamos leva-la porque ela tem que dar um depoimento pra juíza e a senhora vai ter que acompanhá-la por ela ser menor. Mas não se preocupe que nem você, nem sua filha vão ficar presas." Mas minha mãe louca, desesperada. E eu: "Calmá, mãe, eu não vou ser presa, não!" Ela: "Minha filha, por que esses homens estão aqui?" Eu disse: "Eu não brinquei, disse: 'Com dinheiro.' Ai, a juíza disse: 'Não! Lógico que a gente paga as contas com dinheiro, mas de onde você tira esse dinheiro?'"

Não teve jêlo, eles reviraram tudo. Ai, eu fui com eles. A assistente social foi quem conversou comigo primeiro e disse: "Olha, a casa caiu. Nós já sabemos de tudo." E eu: "De tudo o quê?" Eu neguei, neguei até não querer mais. Ela falou: "A gente já sabe. Você vai continuar negando? Nós temos provas aqui." Terve uma hora que eu não me aguentei mais e falei. Ai, ela me ofereceu a participação no projeto Viva Vida. Ela me disse: "Você vai ter que morar na capital e vai fazer esse curso na área de construção civil." Era o que eu sempre tive vontade! Era o meu sonho!

Só depois foi que eu fiquei sabendo que a operação da polícia era chamada de "Operação Arcanjo", que foram mais de não sei quantas meninas chamadas pra depor, que foram levadas como vítimas e que elas, os três aliciadores, já estavam presos.

Quando voltei pra casa, eu achei que não ia superar o drama que passei, eu achei que ia entrar realmente em depressão, porque foi horrível, horrível. Não porque a polícia esteve lá em casa, mas sim pelos vizinhos, pelas pessoas. Eu sempre trabalhei, sempre andava com pessoas da sociedade na cidade. Então, ninguém nunca imaginou. As outras meninas que foram levadas, todo mundo já sabia que elas se prostituíam.

Algumas pessoas desconfiavam que eu também fazia o mesmo, só que nunca tiveram certeza. Ai foi que todo mundo teve certeza. Então, eu fui o alvo da cidade. Todo mundo falava, todo mundo me julgava, como até hoje algumas pessoas me julgam. Todo mundo falava mal de mim.

Quando cheguei em casa, entrei pro quarto e fiquei. Eu passei um mês sem sair de dentro de casa. Nem na calçada eu ia. Um mês sem sair. E dentro de casa o clima era péssimo. Eu só me sentia bem quando não tinha ninguém em casa, porque, se meu pai ou minha mãe estivessem dentro de casa, eu não me sentia bem, sentia vergonha. A vergonha de eles ficarem sabendo. Se eu tivesse, por exemplo, só recebido ali uma intimação para comparecer na delegacia, beleza. Mas a vergonha da polícia ter ido lá em casa, foi demais. Eles deviam minha casa de pernas para o ar, reviraram tudo, tudo. Era a vergonha de meus pais terem descoberto, a vergonha de tudo.

Antes de acontecer aquilo, quando eu ia visitar meus pais, algumas pessoas vinham e me perguntavam sobre o meu trabalho de modelo e diziam: "É mentira,

é mentira, cadê as fotos, as fotos que você faz como modelo?" E eu sempre enganando, sempre enganando, inventava que havia perdido o álbum, inventava muitas coisas pra ver se ninguém desconfiava, mas elas sempre desconfiavam. "Agora todos sabem a verdade!"

Quando fui chamada para me inscrever no projeto Vira Vida, foi o começo de tudo de bom na minha vida. Eu vim novamente pra capital, só que agora pra realizar um sonho que começou na infância. Pra realizar esse sonho, eu tive que passar por muitos problemas, problemas que agora eu procuro esquecer.

Quando fui chamada para me inscrever no projeto Vira Vida, foi o começo de uma mudança. Mas durante um ano fui morar na casa de meus padrinhos, em outra cidade, próxima da capital. Lá recomencei a estudar, a fazer o primeiro ano do Ensino Médio. Ai eu recebi uma ligação do projeto Vira Vida: "Olha, a sua vaga já está garantida no curso de Assistente de Obras." Foi aí que eu comecei a pegar no pesado, acordava mais cedo pra ir pra capital, onde funcionava o Vira Vida. Eu tinha que pegar o ônibus muito cedo, todos os dias. O meu padrinho morava longe da parada do ônibus... Quando saía do curso do Vira Vida ia direto pro colégio. Chegava em casa 11 horas da noite, porque a aula no colégio era até 10 horas, eu tinha que esperar o ônibus que me levava de volta pra casa.

O curso de Assistente de Obras que eu fiz foi criado pra inserir as mulheres no mercado de trabalho na área da construção civil. Nesse curso, nós vimos de tudo, desde aprender a fazer o traço de cimento, até a pintura, o último acabamento da pintura. Hidráulica, elétrica, alvenaria, noções de desenhos técnicos, que é pra aprender a ler os projetos arquitetônicos. Eu gostei. Eu hoje faço estágio numa empresa de construção. Eu auxilio a técnica de edificações, auxilio o engenheiro, auxilio qualquer pessoa que me pedir ajuda na obra. Eu tô lá pra ajudar.

Foi pesado. Mas hoje, com 400 reais que ganho, eu tenho coisas que antes não tinha. Eu já tenho o meu notebook, que todo jovem tem vontade de ter um. Então hoje eu digo: "Meu Deus, 400 reais!" Tá vendo? Se a pessoa quiser, dá. Atualmente eu moro num pensionato na capital, onde tem só universitários, meninas que estudam, fazem faculdade, meninas de família. Eu reconheci um valor, depois que eu vim morar aqui, que eu não sabia que existia dentro de mim. Eu tô fazendo meu curso, a relação lá em casa melhorou 100%. A relação até com meu pai. Hoje ele liga pra mim: "Ah, filha, beijo!"

Eu me vejo uma pessoa valorizada. E, daqui pra frente, eu só quero mais ainda multiplicar esse valor. Jamais diminuí-lo, só multiplicar, e meu foco é dar orgulho para os meus pais. Porque eu penso assim: um dia eu os envergonhei, mas um dia eu também quero dar alegria. O Vira Vida na verdade devolveu a minha autoestima. Meu sonho é entrar na faculdade e meus pais me verem formada, irem pra formatura. Meu sonho hoje é isso, me formar pra poder dar uma vida melhor para os meus pais e construir uma família boa, construir um bom relacionamento.

## ANEXO 14 – Relato 10 – Poli.

## Poli,

22 anos, é aluna egressa do projeto VIRAVIDA, concluiu o Ensino Médio e está empregada numa empresa do ramo têxtil.



Desde pequena comecei a ser chamada de Poli, isso por causa do meu avô, que escutava pouco e trocava meu nome por Poli. Nome que minha família acabou adotando. Não sei se por causa desse nome feminino, só sei que desde criança me sinto mulher.

Minha família, que é evangélica, nunca me rejeitou por eu ser diferente. Preconceito eu sentia na escola e no bairro onde morava. Na escola, ouvia gozações, mas não me intimidava, nem mesmo quando corrigia o professor ou mostrava outro jeito de resolver um problema no quadro-negro. Comecei a estudar com 6 anos, parei quando concluí o Ensino Médio. Aprendi a ir pra escola sem medo dos empurrões, dos xingamentos. Sempre pedia a Deus para que me ajudasse a aguentar aquilo.

Por causa do preconceito, saía pouco de casa, não tinha amigos. Quando não estava na escola, eu cuidava dos meus irmãos menores, pra minha mãe trabalhar. Comecei a me travestir aos 12 anos e não parei mais. Quando terminei o Ensino Médio, resolvi fazer tatu que um ubíscucine deseja. Só queria saber de festa, de sexo e drogas. Comecei a sair, fui conhecendo pessoas que queriam fazer

programa comigo, isso me levou as drogas, porque os caras pagavam mais pra usar junto com eles. Aí fiquei viciada. Comecei com maconha, depois cheirei lóid, cocaina e acabei no crack.

Tudo que fiz foi por vontade própria. Saía com um grupo de travestis, mas eles nunca me influenciaram, nunca me ofereceram drogas. Eu que via os outros consumirem e achava bonito.

A primeira vez que saí por dinheiro foi estranho, mas ganhei 60 reais e gastei tudo com cigarro e álcool. Passei a viver uma vida sem limites, não tinha medo de nada. Tudo o que eu ganhava, gastava com farrá, com roupas. Meus clientes eram pessoas normais, empresários, policiais, advogados... Bom cliente pra mim era aquele por quem eu me sentia atraída, me satisfazia na cama e ainda me dava dinheiro. Com eles, conheci as drogas pesadas e acabei viciada. Quando estava sob o efeito das drogas, era muita loucurá! Via abelhas gigantes, via raios, pessoas mortas. Eram alucinações assustadoras.

Quando olho para trás, nem acredito como me arriscava tanto. Até já entrei em boca de fumo<sup>1</sup> para comprar droga em meio a um tiroteio entre facções rivais. Gostava quando levava os clientes para comprar, porque dependendo de quanto eles compravam, eu ganhava alguma. Quando andava sozinha pelas ruas de madrugada, pessoas jogavam pedras e latinha de cerveja em mim.

Vivia perigosamente. Um dia cheguei na boca para comprar droga e o cara não quis me vender porque eu estava devendo e ainda me ameaçou de morte. Minha ficha começou a cair no momento em que eu não conseguia mais dormir, não comia, não tinha energia para nada.

Depois que passei a ser ameaçada de morte pelo traficante, eu dizia pra mim mesma: "Tenho que parar!" Sabia que eu não podia culpar ninguém por estar naquela vida, culpava a mim mesma. Aquela vida foi uma escolha minha e não foi por falta de conselho, foi por vontade de fazer mesmo, por safadeza. Queria mudar de vida, mas não sabia como.

Um dia eu fiquei na fissura de querer fumar. Me deu vontade de roubar. Fui pra rua e encontrei uma pessoa que disse assim pra mim: "O Poli, tu não acha que essa vida pra tu está ruim demais, não? Tu já tá devendo pros traficantes, daqui a pouco vão te matar!" Esse dia era um sábado. No mesmo dia disse pra mim mesma: "Não, eu tenho que parar!" E quando eu quero uma coisa eu vou até o fim. Nesse dia eu resolvi mesmo parar de usar droga. Fui parando aos poucos. Passava 15 dias sem usar e depois voltava. Depois parava 20 dias aí eu usava de novo. Fui parando e pagando a dívida. Fui parando aos poucos. Depois de um tempo já não estava usando mais droga nenhuma, só bebendo e fumando o cigarro normal.

Minha mãe não sabia sobre a vida que eu levava, que eu me prostituía. Eu dizia que tinha um namorado que me dava as coisas. Ela só veio a saber quando entrei para o Viva Vida e contei tudo. Porque, nessa época, foi que um conselheiro

1. Boca de fumo: nome dado ao lugar onde a droga é vendida. Esses lugares são pontos de tráfico geralmente clandestinos, em bairros pobres das grandes cidades.

tutelar se interessou pelo meu caso e sugeriu que eu passasse pela seleção do projeto Vira Vida.

Quando o conselheiro me ligou e disse: "Ó Poli, você foi aceita no Projeto!", foi tudo para mim. Chorei, me emocionei. Disse pra mim mesma: "Pronto, a partir de hoje eu não vou mais sair com homem por dinheiro. Vou conhecer pessoas que gostem de mim, que queiram ficar comigo!" Entrei no projeto Vira Vida decidida a deixar a prostituição. Quando comecei mesmo a participar do Vira Vida, eu já não estava mais me prostituindo. No início foi difícil me adaptar à rotina. Faltava às aulas, chegava atrasada. Mas fui aprendendo a me organizar para chegar no horário, passar o dia todo lá estudando. Quando tinha a psicóloga, com as aulas que a gente tinha que falar sobre a nossa vida, eu já me sentia à vontade pra falar, porque todos estavam passando pela mesma coisa.

No Vira Vida, eu aprendi a respeitar as pessoas, porque eu não respeitava ninguém. Quando falavam comigo, eu queria falar mais alto, não sabia ouvir, queria falar mais do que todo mundo. Ah, e aprendi a me dar valor também, a ter responsabilidade, a recuperar os valores que eu perdi quando era adolescente. Acho que é uma vitória. Eu pensava que não conseguiria ir até o fim no Projeto, eu pensava que iria acabar desistindo. Várias pessoas que eu conheço desistiram. Essas pessoas me ligavam me chamando pra sair, tentaram me influenciar pra eu desistir. Só que eu já sabia o que eu queria, estava determinada a terminar o curso, a conseguir um emprego, um dia comprar minha casa, abrir um comércio próprio para mim... Eu estava determinada a fazer isso e não desisti.

Hoje sou uma pessoa mudada. Estou determinada a seguir estudando, ganhar dinheiro, comprar minha casa. Sonho em viajar, conhecer outros lugares, construir uma família com o meu companheiro, adotar uma criança.

Não gosto de relembrar o meu passado; me machuca falar dele. Mas eu não me sinto mal em contar a minha vida, porque hoje eu não tenho vergonha de dizer o que eu fazia. A vida que tenho agora é bem melhor! Sou a primeira travesti contratada na história da empresa onde trabalhei. Já recebi elogios do meu supervisor. Ele disse que sou líder e tenho futuro! Eu me vejo como uma mulher. Como uma pessoa responsável, que agora sabe o que quer. Estou decidida com o que quero fazer, sou uma pessoa que mudou a vida.

## ANEXO 15 – Relato 11 – Nilza.

## Nilza,

20 anos, é aluna do projeto VIRAVIDA e já concluiu o Ensino Médio.



Minha mãe é dona de casa, mas sempre trabalhou em restaurantes, pois cozinha muito bem. Meu pai, no momento, eu não sei o que ele está fazendo. Tenho três irmãos, sou a mais velha.

A casa onde eu morava era bem espaçosa, grande, murada. E o terreno também: o quintal era enorme, eu lembro que tinha muitas árvores. Do que eu gostava de fazer com meus irmãos era brincar, subir no pé de manga. Tinha um pé de manga muito grande e também tinha uma casinha feita debaixo do pé de maracujá, que meu pai tinha feito. Era cheia de maracujás; a gente gostava de ficar brincando embaixo, vindo as borboletas que pousavam ali.

A norma de casa era pra gente não brincar, a norma era pra estudar, até no recreio da escola. No recreio, era pra gente pegar um livro, pra gente ler; se não tinha livro, era pra ler o que estava escrito nas paredes da escola. A norma sempre foi essa, aí eu sempre seguia. Tinha que estar lendo alguma coisa ou fazendo alguma tarefa.

Sempre recebia elogios. Admiravam o jeito como eu prestava atenção. Lembro que eu sempre ficava nas primeiras cadeiras. Eu ficava quietinha, não

conversava com ninguém, fazia a tarefa. Minha mãe e meu pai saíam das reuniões da escola satisfeitos, porque eles recebiam elogios. Tive uma professora que marcou muito, porque ela sempre me elogiava, até a minha letra. Ah, mas naquela época minha letra era um garrancho. Eu chegava dizendo: "Mãe, a professora elogiou minha letra que é horrível." A mãe ficava até rindo.

Eu me lembro que uma vez eu não fui pra escola; estava em casa, doente. Só foi a minha irmã mais nova. Sei que ela, na hora do recreio, estava brincando com os colegas, passando de sala em sala, brincando de esconde-esconde. Meu pai tinha mania de observar a gente de cima do muro da escola. Nesse dia, ele olhou e a viu brincando, entrando de sala em sala. Ele chegou no portão do colégio, entrou, disse que queria que ela fosse pra casa naquele momento. Lá em casa, a cena foi horrível. Ele começou a brigar com ela, bateu nela, bateu com cipó de lamarindo, deixou-a despida, ficaram muitas marcas no corpo dela. A gente ficava chorando, olhando pra ela apantando, sem poder fazer nada, a mãe não estava em casa, ela trabalhava num bar. Eu chorava pela minha irmã, porque eu via que aquelas marcas no corpo dela não iam sarar nunca. Sararam, mas ficaram as cicatrizes no corpo dela.

A gente não sofria só de agressão física do meu pai. A verdade é que ele também abusava sexualmente de mim e de minha irmã. Comigo começou aos 4 anos. Ele dava burho, pegava nas nossas partes, acariciava a gente. Nessa idade ainda não violentava a gente. Mas com uns 10 anos, por aí, ele já queria penetrar. Quando a mãe não tava em casa, ele sempre queria que eu e minha irmã, ou uma das duas, dormíssemos junto com ele; ele dava a desculpa dizendo que não conseguia dormir só, aí tinha que estar uma de nós ou as duas perto dele.

Sentia muito ódio naquela época. Ódio, tristeza e vontade de contar para alguém. Mas ele sempre dizia que a gente não podia falar pra ninguém. Na hora em que ele abusava, ele machucava. Eu não queria, eu nem sabia o que era aquilo. No começo, a gente começou a desconfiar que tava acontecendo com nos duas, aí resolvemos contar uma pra outra. Nós sempre mantínhamos um plano, quando ele tentasse fazer com uma, a outra tentava atrapalhar, porque pra ele, uma não sabia o que estava acontecendo com a outra. Mas com o tempo ele descobriu e passou a abusar da gente uma na frente da outra mesmo.

Ele proibia a gente de ter amizade, proibia de sair, proibia de ir pra casa do parente, proibia até de brincar com as nossas próprias primas, proibia tudo. O nosso quarto não tinha porta exatamente por causa disso, ele queria que, tudo que acontecesse, a gente contasse pra ele. Não queria que tivesse nada de segredo entre nós. Acho que ele não deixava manter contato com ninguém exatamente pra gente não poder falar o que ele fazia com a gente.

Minha avó começou a perceber. Ela falava que era muito diferente esse cuidado que ele tinha, não parecia cuidado de pai, de dar banho, de querer que a gente desse beijo nele até quando ele estava bêbado na frente de todo mundo. Mas a mãe era cega, ela não enxergava, ela achava isso normal. Por ela não ter tido pai, por não ter recebido carinho de pai, ela achava que aquilo era normal. Pra mim, ali não tinha um canto onde ficasse segura. Era sempre ruim.



Principalmente quando a minha mãe saía. Se ela fosse para o centro da cidade, pra casa de uma amiga, pra casa dos parentes dele. Até quando ela ia ao comércio, se ele soubesse que ela ia demorar, ele aproveitava.

Mas teve a hora de dizer "chega"? Quando eu tinha 15 anos e a minha irmã 14. Ela resolveu contar pra mãe mesmo. A gente tinha medo de contar, lá vir televisão filmar, as pessoas iam apontar pra gente na rua, não iam nos poder ir pra escola por causa de vergonha. E a mãe ia se separar dele. A única coisa que a gente não queria era que os dois se separassem. Mas nesse dia, minha irmã chegou pra ela dizendo que o pai fazia aquelas coisas que saíam na televisão, nos jornais. A mãe começou a brigar, dizia que a gente estava inventando, que aquilo era uma coisa muito séria. Mas teve uma hora em que ela começou a acreditar. Foi lá pra cozinha, começou a amolar a faca, disse que ia matá-lo, na hora em que ele chegasse do trabalho. Quando vimos a mãe afiando faca, fomos acudi-la, tirar a faca dela pra esconder. Nós dizíamos pra mãe pra não falar nada pra ele, pois ele já tinha dito que, se a gente contasse, ia nos matar.

Depois de um tempo, ela foi se acalmando e nessa hora, ele chegou. Assim que chegou, percebeu que tinha alguma coisa ruim. Nós ficamos na frente de casa, esperando e ela lá dentro, conversando com ele. Ele confessou, só que botou a culpa em nós duas. Disse que a gente é que tá atrás dele, que o procurava. Nesse mesmo dia, ela telefonou pra família dele, reuniu todos na casa de uma das irmãs dele e contou. Eles disseram que ele deveria sair de casa imediatamente e que abafassem o caso. A mãe perguntou se ele queria sair logo de casa, ele disse que não, mas que ia pagar as contas deles primeiro e ia cair no mundo. Lembro do olhar dele nessa hora; foi como se falasse: "Eu vou me vingar, vocês não deveriam ter contado."

Minha mãe ficou tão nervosa que saiu, foi beber num bar. Minha madrinha passou na hora, a mãe conversou com ela, desabafou, disse o que estava acontecendo. Ela ficou horrorizada e brigou com ela: "Por que ela não tinha denunciado?". A minha madrinha foi e contou pra minha avó, mãe da minha mãe. Quando a minha avó ficou sabendo, imediatamente denunciou para o Conselho Tutelar. Eu lembro que foi um dia de sexta-feira, chegou uma carta lá em casa dizendo que era pra gente ir lá na segunda-feira, porque tinham recebido uma ligação anônima dizendo que duas meninas eram abusadas sexualmente e queriam realmente saber se isso era verdade.

A mãe chorou porque não queria que ninguém ficasse sabendo. Naquele dia, quando ele chegou de noite do trabalho e ela mostrou a intimação, ele começou a ficar desesperado. Ligaram para minhas tias, irmãs dele. Elas foram em casa, levaram a gente pra dormir na casa delas e uma das tias conseguiu um advogado pra ele.

Ele sempre botava a culpa na minha mãe, que a culpa também era dela. Quando foi na segunda-feira de manhã, ligaram pra minha mãe dizendo que tinham denunciado ele à polícia lá do bairro e que ele já estava preso. Foi levado para a DPCA e nós duas íamos de dar depoimento. Pegaram a gente, colocaram dentro dessa viatura, numa mesma viatura que ele tava, ele tava atrás. Os delegados, os

policiais, diziam que era pra ter calma, que ele ia ser preso, que ele não ia fazer mais nada com a gente. Nós tínhamos de dar depoimento, mas a gente não queria falar nada. Mas, se não falássemos, não ia ter prova contra ele. Depois que nós fizemos esse depoimento, fomos embora. Minutos depois, ligaram pra mãe dizendo que o advogado tinha ido à delegacia e o soltou, porque não tinham provas, que ele não foi pego em flagrante.

Quando ele foi solto, a mãe começou a se desesperar: "Agora ele virá atrás de nós!" E a vergonha que foi voltar para o bairro? Todo mundo batia na porta, queria conversar, e a mãe brigava, gritava com todo mundo, dizia que não queria conversar com ninguém, que era pra deixar a gente em paz.

Depois daquilo, nossa vida não ficou mais normal. Sempre recebíamos ligações: "As meninas têm que ir pra tal lugar dar depoimento." Sempre a mesma coisa, sempre falando a mesma coisa. Nós passamos pelo Programa Sentinela, que oferece assistência a jovens vítimas de violência, abuso e exploração sexual. E a gente tinha que ir pra DPCA toda semana, umas três vezes por semana, nós tínhamos que ir lá dar depoimento. E nada dele, continuava foragido. Nesse tempo, a mãe vendeu a casa onde a gente morava, fomos morar num bairro ao lado, onde nem todo mundo sabia, mas eu e minha irmã tínhamos vergonha de sair na rua, porque todo mundo olhava pra gente com desprezo.

Al me revoltou, comecei a virar roqueira. Eu não queria mais lembrar tudo o que aconteceu. Comecei a me envolver com pessoas erradas, comecei a fazer amizade com pessoas usuárias de drogas, com pessoas que roubavam. Eu passava noites e noites na rua, altas horas da madrugada sem fazer nada, brincando, ficava com todo mundo. Comecei a usar corrente, usar caveira, maquiagem preta, usar tudo preto. Foi quando eu comecei a desviar dos meus estudos, porque eu sempre fui uma menina exemplar, sempre fui daquela que tirava nota boa. E, naquela época, eu comecei a sair do meu caminho. Eu saía na rua com os roqueiros, bagunçava, quebrava, participava de vandalismo, entrava em igreja, xingava, gritava, batia, empurrava as pessoas dentro da igreja, passava na frente falando coisas de satanismo, comecei a me envolver com rituais satânicos.

Depois, encaminham a gente pra Casa de Zabelê, que é um projeto social. Todos os dias eu ia à tarde e minha irmã pela manhã. No começo, eu não me sentia muito bem, porque lá também tinha uma psicóloga e, nessa época, eu odiava psicólogo. Não queria conversar com eles, mexer nessas feridas. Naquela época, eu acho que não existia bondade em mim, não, eu queria mais era ver todo mundo na amargura. Tudo que eu sentisse ali, eu queria que todo mundo sentisse. Só que, com o tempo, mudou lá dentro, eles começaram a me mostrar a vida de outro jeito, eu comecei a mudar, fiz amizades que me ajudaram bastante.

Um tempo depois, me avisaram que pegaram o meu pai. Ele estava com outra mulher, estava com outra família. Prenderam ele, só que eu não sei qual o lugar em que ele está preso agora. Eu lembro que, na última audiência, ele estava muito gordo. Ele passou, olhou cada uma de nós com um olhar tão vazio. Eu acho que ele pegou uns 35 anos de pena. Depois disso, eu não tive mais notícia.

Hoje, aprendi a conviver com minha história, a me acostumar com ela. Não sinto mais mágoa dele, não sinto mais aquele rancor, aquele ódio que eu sentia. Eu só quero que ele pague o que fez. Que fique lá esse tempo para pensar no que fez.

Depois da Zabelê surgiu o Vira Vida. Chamaram minha mãe, disseram que uma de nós duas poderia se inscrever no projeto Vira Vida. Aí eles escolheram minha irmã. Eu acho que um ano depois, me chamaram e eu entrei no Projeto. No começo, eu não gostava. Sempre falava de família, e eu não gostava, porque eu não considerava que eu tinha uma família. Mas eles diziam que, se eu não me desse liberdade de querer conversar, de dizer o que eu estou sentindo com a minha mãe, eu nunca daria liberdade pra ela voltar a ter aquela amizade de novo, que eu gostaria de ter, mãe com filha. E eu acabei colocando isso em prática. Tentava falar pra minha mãe o que acontecia comigo. Ela dizia pra mim que ela era daquela maneira, ignorante, era briguenta, xingava demais, mas ela amava, por mais que ela não mostrasse pra gente, ela amava da maneira dela. E aí ela viu que eu estava mudando, eu comecei a pegar amizade com ela, novamente comecei a dizer: "Agora eu tenho uma mãe, uma mãe que possa me ouvir, uma mãe que eu digo 'eu quero fazer isso' e ela conversava comigo." E não era mais a primeira a me criticar, a primeira a jogar pedra. Agora ela é a primeira a me dar apoio, a primeira a dizer: "Não, se tu quer fazer, tu faz, mas não venha dizer que eu não avisei." Hoje em dia tenho uma relação muito boa com a minha mãe.

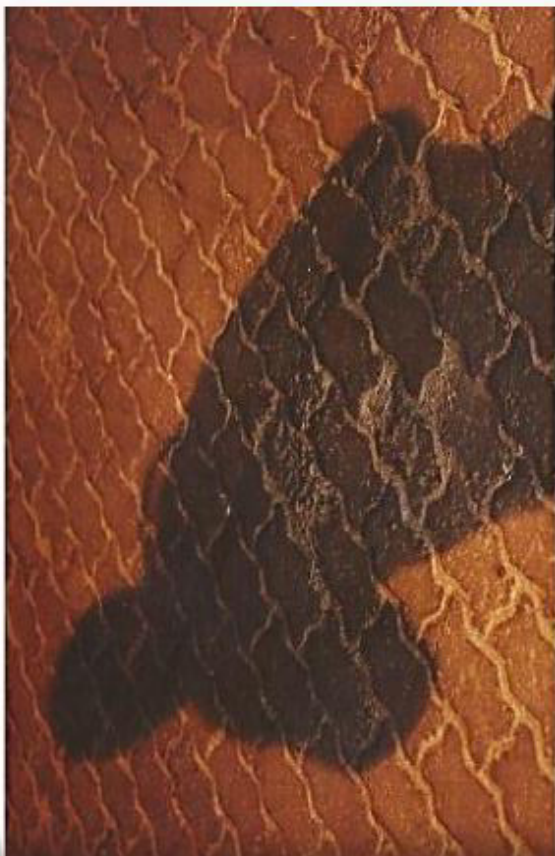
O curso no Vira Vida está encerrando. Eu já concluí meu Ensino Médio, vou fazer vestibular esse ano, meu sonho é me formar em Medicina, na área de cirurgia, e conseguir um emprego, dar uma vida digna pra minha mãe, ajudá-la. Eu não quero sair das asas da minha mãe de jeito nenhum, quero ficar do lado dela todo o tempo.

Eu me vejo uma pessoa muito diferente. Uma pessoa vitoriosa, guerreira. Eu me espelho muito na minha mãe, porque ela sofreu, ela não foi pro lado do meu pai, ficou do nosso lado. Meu maior sonho é me formar, ter minha casa própria, construir minha própria família. Não vou dizer que estou curada 100%. É um trauma que eu tenho, mas que eu olho pra trás e digo pra me dar mais força, pra seguir em frente: "Não, isso não deveria ter acontecido." Mas aconteceu, eu não vou voltar mais atrás e me culpar por causa disso. Eu tenho mais é que ter mais sucesso na minha vida e crescer como profissional também. E, um dia, conseguir realizar todos os meus sonhos.

## ANEXO 16 – Relato 12 – Josiel.

## Josiel,

21 anos, é aluno egresso do projeto VIRAVIDA, concluiu o Ensino Médio e está trabalhando como trainee no SENAI.



Meu nome é Josiel e eu nasci em janeiro de 1992, numa grande capital do Nordeste. Minha mãe é dona de casa e meu pai é vigia portuário. Ele se separou da minha mãe muito cedo, e ela partiu pra outro casamento. O meu pai também. Eles nunca conseguiram manter seus casamentos, estavam sempre trocando de relacionamentos. Em cada relacionamento, vinham mais filhos. Somos dez irmãos se somarmos todos.

Eu sempre morei com a minha avó. A casa, aliás, era de minha bisavó. Nela morávamos eu, a minha avó, minha tia e também a minha bisavó. E uma casa com dois quartos, uma cozinha, uma sala. Uma casinha simples. Ainda hoje eu moro com ela, só que eu tenho esposa e tenho uma filhinha. Mas logo, logo, eu vou sair, vou alugar o meu lugar, pra poder ter um cantinho pra minha família.

Da minha infância eu me lembro de jogar bola na escola, com latinha de refrigerante ou, então, com garrafa de refrigerante, que a gente chama aqui de pichulim, a garrafa pequena, que era redondinha. Era uma escola no bairro e foi lá onde eu aprendi a ler. Eu era esforçado, desde pequeno, sempre agarrei muito as oportunidades. Não tive muitas, mas, quando eu tinha, não deixava passar.

Fu me lembro que, da alfabetização, eu pulei logo para a terceira série, já que eu estudava muito.

O meu cotidiano quando criança era muito simples, era de casa pra escola, da escola pra casa. Minha avó não deixava sair na rua, por conta do medo de que eu ficasse vulnerável. O bairro onde eu morava era muito perigoso. Agora está até melhor. Naquela época era bem pior, o índice de criminalidade era grande e ela tinha medo de que eu me envolvesse com drogas.

E eu só consegui sair de casa quando comecei a trabalhar, quando tinha entre 13 e 14 anos. A minha avó fazia artesanato para vender. Ela confeccionava crochê. A gente mora perto da praia, aí onde ela ia vender seus artesanatos. Comecei a trabalhar na feira da praia, mas não com a minha avó. Na feira tem um centro de artesanato, eu trabalhava em outros estabelecimentos.

Trabalhava aí na feira, ajudando nas vendas. Quando eu não tinha trabalho, ficava por lá também, porque eu já tinha conseguido ter o acesso à liberdade, então não queria mais ficar em casa. Era bom, porque ganhava o meu dinheiro, eu me lembro de que eu fiquei bastante feliz com a nova situação.

Com mais liberdade para sair de casa, eu passei a jogar biloca<sup>1</sup> com as crianças na rua. Eu gostava muito, mas a falta de costume de brincar na rua e de experiência do convívio com adultos faziam de mim uma pessoa muito inocente. E foi aí que surgiram aqueles que aproveitaram de minha inocência, foi nesse ambiente da rua, da praia e seduzido pelo dinheiro, que as pessoas se aproveitaram de mim. Eles me pagavam pra fazer sexo oral em mim, eles procuravam muito isso.

Eu não me sentia muito bem, mas continuava. Depois de dois anos que isso vinha acontecendo, que eu pensei: "Não, vou parar com isso, isso não é legal, não gosto disso", eu acho que era por conta do dinheiro que eu fazia, mas não gostava.

Eu ganhava presente, eu eles me davam 30 reais, 20 reais... O que pra mim era bom, ajudava em casa, mas a questão não era essa. A questão era a falta de conhecimento do mundo. Eu ganhava dinheiro, chocolate, camisa, tênis, essas coisas. Eu acho que era para manter o meu silêncio que me davam isso.

Acontecia uma vez por semana, às vezes duas, não era tão frequente. Era no carro, davam volta no carro e acontecia isso. Eu gostei sempre de mulher, mas eram só homens que me procuravam. Eles pagavam pra fazer, no caso, sexo oral em mim. Eles é que faziam em mim, gostavam de pagar no meu órgão e ficar fazendo essas coisas.

Entrei no Vira Vida através da Aproce. Fiquei sabendo que estava tendo inscrição para os cursos profissionalizantes, através do projeto Vira Vida. Então, fui procurar saber, até que eu consegui me inscrever e entrei. O pessoal do Vira Vida

1. Biloca: nome dado ao jogo com bolinhas de gude que se joga e para de um círculo desenhado no chão. Ganha quem tiver mais blocos (bolinhas) no final.

recebe a gente super bem, porque sabe que os jovens que são encaminhados para o Vira Vida precisam de carinho; esses jovens têm medo de todo mundo, porque a sociedade os discrimina muito.

Durante o tempo em que fiquei no projeto Vira Vida, eu não faltou nenhum dia, nem cheguei atrasado. Todo dia eu estava lá; não faltava nem por doença, nem por nada. Eu estudei muito, pois estava motivado a estudar, era o que eu fazia quando era pequeno, quando vivia trancado em casa: estudava, estudava e estudava. Pelo menos quatro horas por dia. No Vira Vida, tem aulas de cidadania que nos deixam mais informados, mostram como é que funcionava a sociedade e quais são os nossos direitos.

Eu fiz o curso de Comunicação Digital, me formei com a melhor nota – aliás, a maior nota na época foi a minha. No Vira Vida, eu logo percebi que a maior mudança que estava acontecendo em mim foi o passar a acreditar mais em mim; eu vi que podia mudar a minha vida, vi que, para conseguir isso, eu tinha que ser um vencedor a cada dia, a cada dia tinha que ser melhor. Eu ia percebendo que isso estava acontecendo, então eu sentia que a cada dia eu estava melhor.

No Vira Vida, entrou todo mundo de um jeito; os que sabiam o que queriam agarravam aquela oportunidade e foram pra frente. Eu vi que meus colegas, como eu, que tiveram trajetórias de vida como a minha, estavam mudando, estavam melhorando, estavam se vestindo melhor, não falavam mais os palavrões que falavam antes. Vi que estavam mais sérios. Aquilo foi como se a gente tivesse passado por um processo de reciclagem, de reeducação.

Quando me formei no Vira Vida, consegui me manter no Projeto mais um pouco, aí surgiu uma oportunidade de bolsa de estudo. Eu pensei: "Vou fazer esse curso também, quero aproveitar mais essa oportunidade." Foi encaminhado pelo Vira Vida e consegui a bolsa no SENAI. Fiz o curso de Mecatrônica. Eu gostava muito de matemática. E sempre gostei dessa área de cálculo também; desde pequeno, eu gostava de ler e de resolver questões de matemática. Já na segunda série do Ensino Básico, eu sabia resolver cálculos usando as quatro operações. Eu era muito bom nisso.

Quando entrei no curso de Mecatrônica aqui, eu vi logo os alunos que eram os "olímpicos", eles usavam camisa escrita "Olimpiada do Conhecimento" e com o nome do competidor atrás. Eu achei bacana, e aí eu pensei: "Vixe, será que um dia eu posso chegar a esse nível?" Quando aconteceu a seleção pra Olimpiada de 2012, eu passei em terceiro lugar dos 12 selecionados para disputar a etapa estadual. Esses selecionados, após um período de treinamento, disputam a Olimpiada Estadual, os quatro vencedores da etapa estadual formam duas equipes para a disputa final, que em 2012 foi em São Paulo. A mecatrônica é uma área bem ampla; o profissional tem que ter domínio principalmente em programação e em pneumática. Por isso, para competir na "Olimpiada do Conhecimento", tem que ser em dupla: um com maior conhecimento em programação, que é a minha área, e o outro com domínio em pneumática. Eu encarei o treinamento, fui indo,

foi indo, foi indo... Sabendo que quem escreve a nossa história, somos nós, não são os outros. Eu precisava acreditar em mim pra conseguir chegar até lá. Aí eu consegui! Fiz a prova na etapa estadual, fiquei em segundo.

Na olimpiada, eu fui o responsável pelo planejamento na área de programação e o outro parceiro fez a parte elétrica e a parte mecânica. Eu e meu colega de equipe treinamos muito para a etapa final. A gente treinava de manhã, de tarde e de noite; feriado, dia de sábado e domingo; a gente ficava na unidade só com os vigias. O nosso professor também era muito comprometido e nos ajudou muito.

No primeiro dia da final, fizemos uma boa prova; no segundo dia, a gente deu uma caída; no terceiro, a gente subiu de novo, e, no quarto, a gente foi razoável. De todos os competidores do Brasil, ficamos em terceiro lugar! É uma sensação boa, você conseguir algo assim, que é resultado do seu esforço e que não vinha só do treinamento. Esforço que vinha desde lá dos meus 14 anos, por tudo o que eu passei. Era resultado do projeto Vira Vida, que me acolheu, do esforço que eu fiz para mudar a minha vida. A sensação de eu estar ali naquele ambiente, com os melhores alunos do Brasil, de saber que eu consegui me igualar a eles, os melhores programadores do Brasil, era uma sensação muito boa, muito boa, mesmo!

Quando a gente subiu no pódio, a gente pulou, gritou, sorriu. A gente vibrava tanto que até se machucou a gente se machucou. O meu cotovelo bateu nos lábios do meu parceiro, sangrou, mas ele nem ligou, a gente estava feliz. Quando eu estava lá no pódio, vendo que estava entre os melhores do país em mecatrônica, eu já sabia que eu era um profissional, que não ia faltar emprego pra mim.

Agora, eu estou no SENAI como trainee e estudando à noite em casa, sozinho, pra fazer vestibular, pra passar em Engenharia, que um dos meus sonhos também, desde criança, é ser engenheiro. Eu já sou técnico em mecatrônica e quero ser um engenheiro, um bom engenheiro.

Ao entrar na universidade, quero mostrar pras pessoas que dá, sim, pra gente virar a vida. Quero mostrar isso para os alunos do Vira Vida; eu converso muito com eles. Eles me perguntam: "Ah, eu quero também ir para a Olimpiada, como é que eu faço? Eu posso? É difícil?", eu digo: "É difícil, não é fácil, não; todo dia você tem que vencer. Como o pessoal diz aqui, todo dia você tem que matar um leão! Mas vocês conseguem, vocês têm potencial pra isso!"